

ALFA
Revista de Linguística

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Reitor

Sandro Roberto Valentini

Vice-reitor

Sergio Roberto Nobre

Pró-Reitor de Pesquisa

Carlos Frederico de Oliveira Graeff

Apoio:

PROPe
Pró-Reitoria de Pesquisa



Programa de Pós-Graduação em
Linguística e Língua Portuguesa

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

ALFA
Revista de Linguística

ISSN 1981-5794 (ONLINE)

Alfa	São Paulo	v.62	n.3	p.435-654	2018
------	-----------	------	-----	-----------	------

Alfa: Revista de Linguística
UNESP – Univ Estadual Paulista,
Pro-Reitoria de Pesquisa
Rua Quirino de Andrade, 215
01049-010 – São Paulo – SP
alfa@unesp.br

Editora responsável
Rosane de Andrade Berlinck

Editoria Executiva
Alessandra Del Ré
Erotilde Goreti Pezatti
Luciane de Paula
Odilon Helou Fleury Curado
Roberto Gomes Camacho

Revisão Geral
Ana Carolina Freitas Gentil Cangemi

Assessoria Técnica
Ana Paula Menezes Alves

Diagramação
Eron Pedroso Januskevitz

Assessoria de Informática
Luiz Borges

Capa
Adriana Bessa Damman

Conselho Editorial

Ângela Cecília Souza Rodrigues (USP), Ataliba Teixeira de Castilho (USP), Bento Carlos Dias da Silva (UNESP), Christian Hudelot (CNRS), Christian Lehmann (Universität Erfurt), Daniel Leonard Everett (University of Manchester), Dermeval da Hora (UFPA), Diana Luz Pessoa de Barros (USP), Edair Gorski (UFSC), Eduardo Calil (UFAL), Esmeralda Vailati Negrão (USP), Ester Miriam Scarpa (UNICAMP), Fábio Lopes da Silva (UFSC), Freda Indurski (UFRS), Gladis Massini Cagliari (UNESP), Helena Hatsue Nagamine Brandão (USP), Ieda Maria Alves (USP), Ingedore G. V. Koch (UNICAMP), Jacques Fontanille (Université de Limoges), Jacyntho Luís Brandão (UFMG), João Azenha Júnior (USP), João Wanderlei Geraldi (UNICAMP), John Lachlan Mackenzie (ILTEC), John Robert Schmitz (UNICAMP), José Borges Neto (UFPR), Kanavillil Rajagopalan (UNICAMP), Kees Hengeveld (Universidade de Amsterdã), Laurent Danon-Boileau (Paris V – CNRS), Leda Bisol (PUC-RS), Leonor Scliar Cabral (UFSC), Lúcia Teixeira (UFF), Luiz Carlos Travaglia (UFU), Maria Beatriz Nascimento Decat (UFMG), Maria Bernadete Marques Abaurre (UNICAMP), Maria Helena de Moura Neves (UNESP), Maria Luiza Braga (UFRJ), Maria Margarida Martins Salomão (UFJF), Maria Marta Pereira Scherre (UnB), Mariângela Rios de Oliveira (UFF), Renata Coelho Marchezan (UNESP), Roberta Pires de Oliveira (UFSC), Sérgio de Moura Menezes (UFRGS), Seung Hwa Lee (UFMG), Sírio Possenti (UNICAMP), Vera Lúcia Paredes Pereira da Silva (UFRJ), Zélia de Almeida Cardoso (USP).

Revisores da versão em Língua Inglesa

Álvaro Luiz Hattner (UNESP), Carlos Elísio Nascimento Da Silva, Deusa Maria De Souza-Pinheiro Passos (USP), Marileide Esqueda (UFU) e Marize Mattos Dall’Aglío-Hattner (UNESP).

Publicação quadrimestral/Quarterly publication

Alfa: Revista de Linguística / Universidade Estadual Paulista. – Vol. 1
(1962)–. – São Paulo : UNESP, 1962–

Quadrimestral
A partir de 2014 a publicação passa a ser apenas *Online*.
ISSN eletrônico: 1981-5794

Ficha catalográfica elaborada pela equipe da Biblioteca da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp – Araraquara.

Os artigos publicados na Alfa: Revista de Linguística são indexados por:

The articles published in Alfa: Revista de Linguística are indexed by:

BLL – Bibliography of Linguistic Literature; CLASE – Cich-Unam – Citas Latinoamericanas en Ciencias Sociales y Humanidades; Francis Database; IBZ – International Bibliography of Periodical Literature in the Humanities and Science Galé; LLBA – Linguistic and Language Behavior Abstracts; MLA – International Bibliography; ProQuest; SciELO – Scientific Electronic Library Online

EM PROL DA DIFUSÃO DO SABER CIENTÍFICO

Um dos fundamentos da prática científica é o compromisso com a difusão do conhecimento que ela produz. Existe consenso sobre o valor desse princípio – não há sentido em gerar conhecimento que não seja divulgado, publicizado e colocado em diálogo com a comunidade. Nesse movimento temos a medida do seu impacto, pelo que vem somar e desenvolver em relação às bases já estabelecidas, pelo que vem desafiar e renovar essas mesmas bases.

Essa avaliação coletiva é etapa que só ocorre porque existe uma intrincada estrutura, intermediária entre o cientista e seu leitor/destinatário, que viabiliza esse contato. Ela congrega indivíduos comprometidos com o desempenho de funções diversas – editores, pareceristas, revisores, tradutores, bibliotecários, técnicos em informação – que mobilizam saberes técnicos e acadêmicos num trabalho coletivo e articulado. Sem essa teia, os resultados das pesquisas não chegariam até seu destino de direito (e dever). Ou chegariam sem a chancela de qualificação que a estrutura de edição assegura.

Quero destacar a atuação inestimável dos pareceristas, cujo trabalho é o cerne desse processo. Em artigo recentemente publicado em *Career Column*, blog da revista *Nature*, Mathew Stiller-Reeve fala sobre como elaborar um parecer completo e efetivo (STILLER-REEVE, 2018). O autor oferece um conjunto de recomendações práticas para guiar sobretudo os iniciantes nessa atividade. A descrição diz bem do trabalho que nossos pares, generosamente, têm realizado, emprestando sua expertise e experiência para medir a qualidade das propostas subjacentes aos manuscritos submetidos e do modo como vêm expressas.

Ao apresentar este número 3 do volume 62, a nossa última edição de 2018, quero ressaltar o trabalho voluntário, comprometido e extremamente competente do corpo de pareceristas que compõem a equipe da Alfa. Se, como afirmam McPeck et al. (2009, p.157), a atividade de avaliação por pares tem uma “natureza reciprocamente altruísta”, nossa equipe segue à risca aquilo que os autores definiram como a “regra de ouro” dessa atividade: “avaliar para os outros como você gostaria que os outros avaliassem para você” (MCPEEK et al., 2009, p.157).

A presente edição mantém o caráter abrangente e representativo das reflexões de vanguarda nos estudos linguísticos que define a missão da Alfa. Oito artigos a compõem.

Os dois primeiros se situam no âmbito do discurso e do texto. Glushkova analisa o discurso científico-político-empresarial, tipo de discurso que se constitui a partir do diálogo do discurso científico com outras esferas de atividade. Sua abordagem comparativa entre as realidades brasileira e russa tanto vem validar o próprio modelo de

análise embasado nos estudos bakhtinianos, como revelar semelhanças entre realidades em princípio distantes e diversas. O segundo estudo, de Biar e Pinheiro, também explora o discurso político, mas para investigar processos de construção de sentido ali presentes. Tomando como *corpus* discursos de Fernando Collor de Mello durante a campanha presidencial de 1989, os autores se valem da Teoria da Mesclagem Conceptual para analisar o papel argumentativo de estratégias textuais como o emprego de paralelismos sintáticos.

O trabalho de Oliveira, por sua vez, tem como objetivo principal avaliar a relevância e adequação do uso do método de Análise das Redes Sociais de Interação como instrumento para uma descrição da realidade sociolinguística. A autora defende que esse método fornece uma descrição mais completa que aquela possível por meio do controle de macrocategorias sociais, tal como previsto no modelo clássico da Sociolinguística. O estudo testa o método pela sua aplicação no mapeamento da fala de adolescentes moradores de um distrito rural da cidade de Londrina-Paraná, mostrando os ganhos que pode trazer para a compreensão de processos de manutenção e mudança linguística.

O quarto artigo explora um material tão rico como ainda não esgotado – o que se considera a maior obra de Raphael Bluteau, seu *Vocabulario Portuguez, e Latino*. Bluteau foi um dos mais importantes lexicógrafos portugueses; seu *Vocabulario* foi o primeiro do gênero construído a partir de um *corpus* de referência (MURAKAWA, 2007). Da obra, Lopes e Cabral inventariam e analisam os brasileirismos ameríndios de base Tupí, do ponto de vista etimológico e quanto a sua estrutura léxico-gramatical, sistematizando-os, ainda, com base nos campos semânticos em que se inserem.

Em um estudo que tem como pano de fundo a interface entre a linguística e a computação, Rassi, Baptista, Vale e Mamede apresentam uma metodologia para a integração de construções com verbo-suporte do português brasileiro no analisador sintático automático XIP. O desafio de instrumentalizar os processadores automáticos de língua natural para a correta identificação e interpretação desse tipo de construção surge de seu comportamento sintático-semântico diferenciado frente às construções correspondentes com verbo pleno. A proposta metodológica resulta da análise de um conjunto robusto de dados de construções com o verbo suporte *dar* a partir dos pressupostos teórico-metodológicos da Léxico-Gramática.

Moura e Miliorini retomam um tema caro às discussões sobre a estrutura sintática das línguas – a distinção entre argumentos e adjuntos no âmbito da complementação verbal. Os autores têm por objetivo avaliar os principais testes sintático-semânticos propostos na literatura para permitir estabelecer essa distinção. Focalizando construções que envolvem principalmente os papéis temáticos de benefactivo e de locativo, por poderem ocorrer tanto com argumentos internos como adjuntos, os autores concluem pela inconsistência da maioria dos testes analisados, exceção feita ao teste de ‘retomada anafórica’.

Da sintaxe para a fonologia, articulada ao processo de aquisição da linguagem. Oliveira e Berti apresentam um estudo sobre a produção dos padrões silábicos de tipo CCV e CV em crianças com desenvolvimento fonológico típico e atípico. A análise

por oitiva, por medidas acústicas e ultrassonográficas dos dados de dez crianças apontou diferentes características nas sílabas produzidas, indicando que as crianças com desenvolvimento típico estão mais próximas da produção-alvo para esses padrões silábicos.

Encerrando esta edição, trazemos um estudo situado em uma área que é hoje fronteira do conhecimento linguístico – a Linguística das Línguas de Sinais. Mertzani examina a iconicidade diagramática da forma de mão Y em dados de duas línguas de sinais não-cognatas – a língua de sinais americana e a língua de sinais grega, identificando uma associação entre a forma de mão e referentes do mundo real.

Em um mundo em que a informação parece ser e estar muito facilmente acessível, cada vez mais é necessário que tenhamos critérios e instrumentos para avaliar a qualidade da informação que circula. Reiteramos aqui o compromisso da Alfa de continuar a servir de canal para a difusão da pesquisa séria, idônea, eticamente fundada, solidamente fundamentada e inovadora.

A todos proveitosas leituras-diálogos!

Rosane de Andrade BERLINCK¹

REFERÊNCIAS

McPEEK, M. A.; DeANGELIS, D. L.; SHAW, R. G.; MORRE, A. J.; RAUSHER, M. D.; STRONG, D. R.; ELLISON, A. M.; BARRETT, L.; RIESEBERG, L.; BREED, M. D.; SULLIVAN, J.; OSENBURG, C. W.; HOLYOAK, M.; ELGAR, M. A. The Golden Rule of Reviewing. **The American Naturalist**, v.173, n.5, p. 156-158, 2009.

MURAKAWA, C. de A. A. D. Raphael Bluteau: marco na lexicografia portuguesa de setecentos. In: MURAKAWA, C. de A. A.; GONÇALVES, M. F. (Orgs.). **Novas contribuições para o estudo da história e da historiografia da língua portuguesa**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2007. p.159-188.

STILLER-REEVE, M. How to write a thorough peer review. 2018. Disponível em: <<https://www.nature.com/articles/d41586-018-06991-0>>. Acesso em: 27 out. 2018.

¹ Universidade Estadual Paulista (UNESP), Departamento de Linguística, Araraquara, São Paulo, Brasil.berlinck@fclar.unesp.br. ORCID: 0000-0003-3420-5541

SUMÁRIO / CONTENTS

ARTIGOS ORIGINAIS/ORIGINAL ARTICLES

- Uma análise comparativa do discurso científico-político-empresarial no Brasil e na Rússia
A comparative analysis of the scientific-political-business discourse in Brazil and Russia
Maria Glushkova447
- “Com tanta eloquência, com tanta mentira”: repetição e recategorização em discursos de Fernando Collor
“Such eloquence, such falsehood”: repetition and recategorization in speeches delivered by Fernando Collor
Liana de Andrade Biar e Diogo Pinheiro469
- O perfil dos falantes pelo viés de suas redes de interação e a relação com a mudança linguística
The speakers’ profile from the viewpoint of their social networks and their association with linguistic change
Eliane Vitorino de Moura Oliveira487
- O “Vocabulario Portuguez, e Latino”, e brasílico, de Raphael Bluteau: análise dos brasileirismos ameríndios de base Tupí
The “Vocabulario Portuguez, e Latino”, of Raphael Bluteau: a brief study of Ameridian Brazilianisms based in Tupí
Jorge Domingues Lopes e Ana Suelly Arruda Câmara Cabral513
- Integração de predicados nominais em *parser*: uma experiência com as construções com o verbo-suporte *dar* em português brasileiro
Integration of nominal predicates into parser: an experimente with the construcitons with the support verb dar‘give’ in Brazilian Portuguese
Amanda Rassi, Jorge Baptista, Oto Vale e Nuno Mamede543
- Para compreender uma intuição: critérios para distinguir argumentos de adjuntos verbais
Towards a comprehension of an intuition: criteria for distinguishing verbal arguments and adjuncts
Heronides Moura e Rafaela Miliorini573
- Aquisição fonológica típica e atípica do padrão silábico CCV: dados acústicos e articulatórios
Typical and atypical phonological acquisition of CCV syllabic pattern: acoustic and articulatory data
Aline Mara de Oliveira e Larissa Cristina Berti591

- Sobre a iconicidade da forma de mão Y
On the iconicity of the Y-handshape
Maria Mertzani 613

- ÍNDICE DE ASSUNTOS 637

- *SUBJECTS INDEX* 639

- ÍNDICE DE AUTORES / *AUTHORS INDEX*..... 641

- NORMAS PARA APRESENTAÇÃO DE ORIGINAIS 643

ARTIGOS ORIGINAIS /
ORIGINAL ARTICLES

UMA ANÁLISE COMPARATIVA DO DISCURSO CIENTÍFICO-POLÍTICO-EMPRESARIAL NO BRASIL E NA RÚSSIA

Maria GLUSHKOVA*

- RESUMO: O objetivo desse artigo é descrever e analisar um tipo de discurso relativamente jovem: o discurso científico-político-empresarial, assim como mostrar exemplos dele em dois países, Brasil e Rússia. O artigo aborda o fenômeno do diálogo do discurso científico, na sociedade contemporânea, com outras esferas da atividade humana – a da política e a dos negócios, analisando assuntos pautados em dois fóruns de desenvolvimento econômico (em São Paulo e São Petersburgo). A pesquisa apoia-se nas ideias bakhtinianas sobre o diálogo e na análise discursiva e comparativa realizada pelo grupo CLESTHIA *axe sens et discours* da Université Sorbonne Nouvelle, em Paris. Um dos conceitos desenvolvidos por este grupo é o *tertium comparationis* (ou elemento de comparação), que é usado na análise deste trabalho. Os resultados apontam para a apropriação, por parte do discurso dos negócios, da autoridade conferida à ciência para validar práticas empresariais e, também, para a semelhança ideológica, fruto das relações produtivas globalizadas, que se estabeleceram nos dois países.
- PALAVRAS-CHAVE: Análise do discurso. Discurso científico-político-empresarial. Discurso científico tradicional. Comparação de discursos.

Introdução: apresentação da problemática e base teórica

A problemática da comparação de discursos, línguas e culturas está presente, em maior ou menor grau, nos estudos de diferentes universidades e centros de pesquisa do mundo, além de estar se tornando mais popular, sob a provável influência do internacionalismo e globalização mundial e do conseqüente aumento do contato e inter-relação entre os países nas áreas da ciência, da política e dos negócios. Neste artigo, abordamos algumas pesquisas francesas, brasileiras e russas relativas ao assunto.

Em uma época de globalização do comércio, é importante entender como funcionam as demais culturas. Um meio de alcançar esse entendimento é comparar o discurso de diferentes comunidades etnolinguísticas e observar o funcionamento, por exemplo, de conceitos econômicos tais como ‘diversidade’, ‘inclusão’ e ‘cooperação’ em uma

* Universidade de São Paulo (USP), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo - São Paulo - Brasil. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. maria.glushkova@yahoo.com. ORCID: 0000-0002-1922-4448

pluralidade de universos culturais. O tema dos eventos que analisaremos é economia, que é considerada uma ciência humana.

A finalidade principal deste artigo e dos meus estudos em geral é criar uma abordagem teórico-metodológica de inspiração bakhtiniana para a comparação de discursos em línguas e culturas diferentes. Neste trabalho, vamos considerar as bases teóricas brasileira¹, e russa (contamos com as teorias bakhtinianas desenvolvidas nas pesquisas tanto no Brasil quanto na Rússia) e francesa (Grupo de pesquisa *CLESTHIA*² *axe sens et discours* – Sorbonne Nouvelle, Paris 3). A partir dessa trajetória de pesquisa, pretendemos empreender uma análise comparativa dos dois eventos nas comunidades etnolinguísticas brasileira e russa.

A realização dessa tarefa está organizada do seguinte modo: apresentaremos a teoria bakhtiniana para uma análise comparativa de discursos e, na sequência, exporemos os princípios da análise comparativa de discursos formulada pelos pesquisadores do *CLESTHIA*. Como noção principal de comparação, usaremos o conceito de *tertium comparationis* desenvolvido pelo *CLESTHIA* *axe sens et discours*. Finalmente, realizaremos uma análise comparativa de “momentos cientificamente válidos”³ do discurso científico-político-empresarial em português e em russo, com vistas a evidenciarmos a validade e a produtividade do quadro teórico proposto. Estes momentos ou qualidades “cientificamente válidos” não são iguais ao conceito de *tertium comparationis*, mas funcionam como parâmetros de comparação para esta pesquisa.

A hipótese apresentada é que o discurso científico, na realidade moderna, está criando novas formas de relações dialógicas com outras esferas da atividade humana. Aqui, vamos observar o diálogo entre três dessas esferas: ciência, negócios e política. O *corpus* analisado neste artigo foi escolhido para demonstrar o diálogo e a mútua influência entre essas esferas no Brasil e na Rússia, mesmo que os discursos em ambos países não exerçam entre si uma influência forte e direta. Levando em conta as ideias de Bakhtin e do Círculo, vamos considerar a natureza dialógica da comunicação científica. O pensamento científico reflete-se numa ampla gama de gêneros⁴: isso permite que possamos comparar situações nas quais os gêneros do discurso científico não aparecem tão puros ou demarcados.

No texto de década 1920, “Para uma filosofia do ato”, Bakhtin (1993) menciona um ponto interessante para a atual pesquisa: o autor trata como o socialmente válido/significativo⁵ rege determinadas categorias como a estética, a ciência e a ética. Bakhtin fala sobre a categoria do “dever-ser”, que tenta definir em diálogo com Rickert e Husserl.

¹ Os estudos do Grupo de Pesquisa Diálogo, USP, do qual sou parte integrante.

² Centro de Pesquisa sobre os discursos cotidianos e especializados.

³ Expressão de Mikhail Bakhtin, explicada adiante.

⁴ Aqui, referimo-nos à noção russa “*retchev`ye jánry*”, que foi traduzida para o português como “gêneros discursivos” ou “gêneros do discurso”. Bakhtin trata sobre este fenômeno em 1952-1953: “Evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos gêneros do discurso” (BAKHTIN, 2003, p.261-262). Neste trabalho, vamos seguir a definição de Bakhtin.

⁵ Válido ou ‘significativo’, pois em russo é “*значимое*” (tradução minha).

Segundo Bakhtin (1993, p.22-23), o “dever-ser” é a categoria “capaz de fundar [...] a concretude histórica de um fato individual” e “surge apenas na correlação da verdade com nosso ato real de cognição [...]”. O autor continua:

[...] não existe dever estético, dever científico e ao lado deles o dever ético; há apenas aquilo que é esteticamente, teoricamente, *socialmente válido*, e tais validades podem ser reunidas pelo dever [...] essas asserções ganham sua validade no interior de uma unidade estética, científica ou sociológica: o dever ganha sua validade dentro da unidade da minha vida responsável única⁶ (BAKHTIN, 1993, p.22-23).

Em relação à mútua influência entre as esferas da vida humana, parece-me que podemos considerar não a influência direta dessas esferas entre si, mas a influência de suas qualidades *válidas* e significativas, de qualidades *cientificamente* ou *socialmente* válidas. Como estamos inaugurando esta área de pesquisa, teremos que adaptar teorias e metodologias já existentes. Para o atual estudo, por exemplo, faremos uma adaptação da mencionada teoria bakhtiniana, considerando que as características válidas/significativas mencionadas por Bakhtin equivalem, no discurso científico-político-empresarial, ao tema da comunicação realizada e ao status dos falantes. Neste artigo, será observado o modo de apresentação do tema em dois gêneros parecidos de dois países diferentes e meu estudo será relacionado a dois eixos da teoria bakhtiniana: às ideias do horizonte social e avaliações sociais e, também, à psicologia social e à ideologia do cotidiano. O primeiro me ajudará a analisar o material sob uma perspectiva ideológica, e o segundo a analisar a fala gravada e transcrita, que é diferente do texto – escrito e revisado pelo autor, por exemplo.

Segundo *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem* (1929):

Antes de mais nada, a psicologia social é justamente aquele universo de discursos verbais multiformes que abarca todas as formas e todos os tipos de criação ideológica estável: as conversas dos bastidores, a troca de opiniões no teatro, no concerto e em todo tipo de reuniões públicas, as conversas informais e eventuais, o modo de reagir verbalmente aos acontecimentos da vida e do dia a dia, *a maneira verbal interna de estar consciente sobre si mesmo e sobre a sua posição social* etc. etc. Na maioria das vezes a psicologia social se realiza nas mais diversas formas de enunciados, sob o modo de pequenos gêneros discursivos, sejam eles internos ou externos, que até o presente momento não foram estudados em absoluto. Todos esses discursos verbais estão correlacionados, é claro,

⁶ A ideia da unidade de categorias ou validades numa vida humana ou numa pessoa é desenvolvida em outra obra de Bakhtin (“Arte e Responsabilidade”) e tem correlação com a parte de análise deste artigo, onde trata-se sobre o status dos falantes.

com outros tipos de manifestação e interação por meio de signos: com a expressão facial, a gesticulação, os atos convencionais e assim por diante. *Todas essas formas de interação discursiva estão estreitamente ligadas às condições de dada situação social concreta, e reagem com extrema sensibilidade a todas as oscilações do meio social* (VOLÓCHINOV, 2017, p.107-108, grifos meus).

A proximidade das ênfases valorativas (avaliação positiva ou negativa de certos conceitos, como ‘inclusão’, ‘internacionalismo’ etc.) em gêneros parecidos (no caso deste estudo, o gênero ‘sessão de fórum económico’) na realidade moderna de dois países tão diferentes, mostra a possibilidade de falarmos sobre a semelhança ideológica dentro de uma temática específica, o que será demonstrado durante a análise.

A ideia da psicologia social me ajudará a analisar a fala oral e os parâmetros escolhidos – a saber, o modo de introdução do assunto da sessão (o tema) e a maneira de autoapresentação (o *status* dos falantes) – dentro da teoria do Círculo. Segundo Volóchinov (2017, p.107), a psicologia social se reflete e refrata em um “universo de discursos verbais multiformes” e também na “maneira verbal interna de estar consciente sobre si mesmo e sobre a sua posição social”. Este último ponto faz referência, na minha opinião, ao status dos falantes e à sua maneira de autoapresentação. A psicologia social, de acordo com a teoria de Pliekhánov e da maioria dos marxistas, na qual Volóchinov (2017, p.106-107) se baseia, é um

elo transitório entre o regime sociopolítico e a ideologia em sentido estrito (ciência, arte etc.), materializa-se na realidade como uma *interação verbal*. [...] As relações produtivas e o regime sociopolítico condicionado diretamente por elas determinam todos os possíveis contatos verbais entre as pessoas, todas as formas e os meios da comunicação verbal entre elas: no trabalho, na vida política, na criação ideológica. Já as condições, as formas e os tipos de comunicação discursiva, por sua vez, determinam tanto as formas quanto os temas dos discursos verbais.

Adiante, Volóchinov afirma: “É necessário estudar a psicologia social sob dois ângulos: primeiramente, do ponto de vista do seu *conteúdo*, ou seja, sob o prisma dos *temas* que são pertinentes a ela em algum momento; e, em segundo lugar, do ponto de vista *das formas e tipos de comunicação discursiva* em que esses temas se realizam” (op. cit., p.107-108)⁷. Nesta pesquisa, apresento um tipo de discurso que representa uma nova forma de comunicação, na qual se realizam temas pertinentes ao horizonte social da época moderna. Esta nova forma de comunicação parece sinalizar as mudanças socioeconômicas recentes, nas quais os novos modos de produção globalizados a

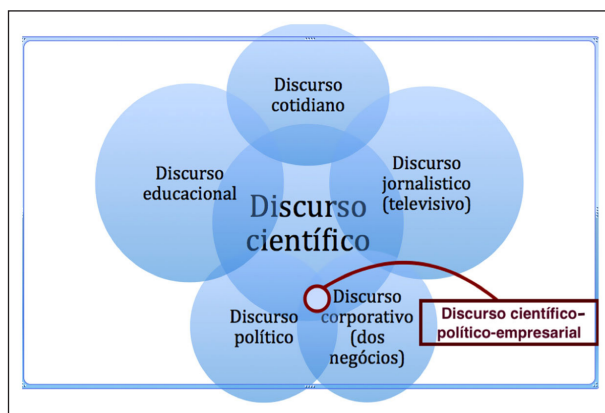
⁷ Mais adiante, tratando sobre a interação discursiva, Volóchinov aproxima a noção de ‘psicologia social’ à de ‘ideologia de cotidiano’, considerando que a palavra ‘ideologia’ é mais apropriada para o método sociológico que ‘psicologia’ (VOLÓCHINOV, 2017, p.201-227).

princípio buscam justificar suas práticas empresariais pelo envolvimento das temáticas científicas e da autoridade da ciência, como veremos adiante.

O discurso científico tradicional e as relações com outras esferas da atividade humana

Para expor o fenômeno da intersecção entre as esferas, precisamos eleger qual é o discurso central dentre elas, pois nessa pesquisa o foco é o discurso científico. Portanto, para explicar a natureza do discurso científico-político-empresarial, vou primeiramente mostrar como o discurso científico tradicional é entendido e, em seguida, descrever o discurso estudado. As relações do discurso científico com outras esferas da atividade humana estão ilustradas na imagem abaixo:

Imagem 1 – Relações entre a esfera científica e outras esferas da atividade humana.



Fonte: Elaboração própria.

A influência entre as seis esferas (do discurso científico, educacional, político, corporativo ou empresarial, jornalístico e cotidiano) é mútua, pois elas se constituem pelo diálogo entre si mesmas, entendido na acepção bakhtiniana como uma “relação axiológico-semântica” (GRILLO, 2013). Neste artigo, vamos observar somente as inter-relações entre os discursos científico, político e corporativo, que resultam no que designamos como o discurso científico-político-empresarial.

Para analisar essas inter-relações, coletei gravações de áudio e vídeo do discurso científico tradicional e do discurso científico-político-empresarial em textos orais (falas espontâneas) durante o período de 2010 a 2016. Inicialmente, mostrarei os critérios para a escolha do material de análise do discurso científico tradicional (que está representado no centro da Imagem 1), pois a lógica destes critérios influenciou a formação do *corpus* da atual pesquisa.

Os critérios de seleção das falas e debates no discurso científico tradicional foram os seguintes:

1. O tema da fala foi necessariamente científico. Dependendo da situação, os falantes mudaram de tema, mas na maioria dos exemplos voltaram ao tema científico. Todos os discursos deste estudo que sofreram influência da esfera científica manifestaram esse critério.

2. A localização: onde aconteceu a comunicação. No caso do discurso científico, este ocorreu nas instituições oficiais: universidades e centros de pesquisa. O discurso científico foi planejado segundo as regras dessas instituições. A comunicação foi feita para públicos profissionais das respectivas áreas e representou o discurso institucional (quando o comunicador fala como representante de uma determinada instituição social). Esse espaço comunicativo, como veremos, é socialmente orientado.

3. O status dos falantes – que no discurso científico é um critério de grande importância: nele, os falantes têm obrigatoriamente que ter títulos científicos. No material utilizado, a maioria dos registros são de professores e doutores, mas também há discussões propostas por doutorandos, considerados por mim como representantes do mundo científico, pois com a experiência da graduação e do mestrado, mostram interesse em desenvolver o campo profissional (acadêmico), obter o título profissional na área preferida e ter, assim, o direito à “voz” na ciência.

4. A presença de um público. O discurso científico não necessariamente acontece com a presença dele, pois os falantes podem discutir temas científicos sem ouvintes, mas a participação destes influi na formação do discurso, na escolha lexical e sintática e na formação da fala⁸. A maioria do material utilizado neste estudo representa situações com a presença de um público, consistindo de falas ou debates oficiais.

Alguns destes parâmetros (o status dos falantes e o modo de apresentação do tema) foram escolhidos como elemento de comparação entre os enunciados das diferentes culturas.

Podemos resumir as características da situação imediata de comunicação (VOLÓCHINOV, 2017) do discurso científico tradicional no seguinte quadro:

Quadro 1 – As características do discurso científico tradicional.

	Tema	Localização	Status dos falantes	Presença do público
Discurso científico tradicional	Científico	Universidades e centros de pesquisa	Títulos científicos	Sim

Fonte: Elaboração própria.

⁸ Sobre o impacto do ouvinte na formação do discurso, ler Bakhtin “O problema de gêneros do discurso” (2003), Volóchinov (1976 e 2017) “Discurso na vida e discurso na arte” e *Marxismo e filosofia da linguagem*.

O discurso científico tradicional é formado, criado e produzido pelos e para cientistas, atende à esfera científica e é destinado à “transferência de informação científica para o público preparado e interessado no assunto” (ROSENTAL, 1991, p.149, tradução minha⁹). A fala científica usa terminologias de suas respectivas áreas de pesquisa e os falantes citam livros e autores conhecidos pelo público-alvo. Esse tipo de discurso promove a aquisição e a preservação do conhecimento científico. Segundo a maioria dos pesquisadores russos, por exemplo, Kójjina (2008) e Kotiúrova (2011), o discurso científico tradicional russo tem as seguintes características: a lógica, a abstração, a generalização e a coerência. Também são observados os critérios da objetividade, tonalidade¹⁰ e do dialogismo¹¹. Contudo, fazendo a crítica dessa visão idealizada do discurso científico, a pesquisadora brasileira Maria José Coracini (1991, p.192) discute as dicotomias “objetivo/subjetivo” e “literal/metafórico”, considerando-as relativas e arbitrárias: “o que para um grupo social é subjetivo, para outro pode ser objetivo, e vice-versa; do mesmo modo, o que é metafórico para uns pode ser literal para outros, o que é verdade para uns pode não o ser para outros”. Aqui, vou considerar que o discurso científico tradicional não necessariamente tem todas as características mencionadas acima, mas tem a *tendência* de ser objetivo, lógico, abstrato etc. – ou melhor – tem a tendência de *parecer* objetivo, lógico, abstrato etc., usando estes critérios como estratégias de persuasão.

Discurso científico-político-empresarial

O discurso científico-político-empresarial é relativamente jovem e bem difundido no mundo moderno. Ele é uma espécie de síntese do discurso científico, empresarial e político e está presente em diferentes fóruns, congressos, mesas-redondas e outras reuniões onde participam não somente os representantes do mundo científico, mas também empresários, políticos e outras pessoas públicas das estruturas estatais e governamentais. Um exemplo disso é a discussão formal de um tema científico que acontece na presença do público (pode ser pela transmissão dos veículos de comunicação), mas fora das instituições científicas.

Encontramos exemplos do discurso científico-político-empresarial em diversos países do mundo. Os fóruns econômicos são uma forma de comunicação que está se popularizando, como o *World Economic Forum* (WEF)/*Fórum Econômico Mundial de Davos*, na Suíça, os encontros da *Asia-Pacific Economic Cooperation* APEC/*Cooperação Econômica Ásia-Pacífico* e a *Cúpula América do Sul-África* ASA. Há outros exemplos no Brasil, como o *Encontro Empresarial Brasil e Itália*, ocorrido em

⁹ “dlia pieriedátchi naútchnoi informátsii podgotóvlienni i zaintieriesóvannoi auditórii”.

¹⁰ O termo vem da escola da estilística funcional russa e refere-se ao “tom” da fala, ou seja, se mais categórico (ex.: “Sem dúvida, isto é verdade!”) ou menos categórico (“talvez”, “pode ser que...”, “eu acho que...”).

¹¹ O texto é escrito ou falado (orientado) levando em consideração a resposta ou percepção do leitor.

12/05/2011 em São Paulo, e o *Seminário Internacional Ítalo-Ibero-Brasileiro*, ocorrido entre 28 e 30/08/2014 na mesma cidade.

A comparação da situação imediata de comunicação do discurso científico-político-empresarial com o discurso científico tradicional está exposta no seguinte quadro:

Quadro 2 – A comparação do discurso científico-político-empresarial com o discurso científico tradicional.

	Tema	Localização	Status dos falantes	Presença de público
Discurso científico tradicional	Científico	Universidades e centros de pesquisa	Títulos científicos	Sim, cientistas.
Discurso científico-político-empresarial	Assemelha-se ao científico	Universidades, centros de pesquisa ou qualquer lugar típico de grandes eventos e encontros oficiais, às vezes sendo o espaço até mesmo construído especificamente para o fórum.	Os títulos científicos são facultativos	Sim, o público é diverso e inclui cientistas e representantes do mundo político e empresarial. A transmissão pelo rádio e televisão atrai uma vasta gama de ouvintes.

Fonte: Elaboração própria.

O tema das falas nesses fóruns é majoritariamente científico – ou podemos dizer que a tendência é formular o tema para *parecer* científico – e as palestras são oficiais e formais, com a presença de um público bem específico: a maioria dos ouvintes são especialistas no campo do tema ou tem interesse nele. Uma característica do discurso científico-político-empresarial ocorrido nesses eventos é a mudança do espaço, ou seja, a maioria ocorre fora das instituições científicas. Por exemplo, o evento *São Paulo Diverso*, sobre o qual trataremos adiante, aconteceu no Auditório Elis Regina, no Anhembi, em São Paulo, e o *Fórum Russo das Pequenas e Médias Empresas*, no Expocenter (em São Petersburgo), que foi construído especialmente para o evento.

Além disso, no discurso científico-político-empresarial participam pessoas de fora do mundo científico, que podem ser desde representantes de empresas, da área de negócios ou até de estruturas estatais e governamentais. O status dos participantes/debatedores mostra que esse tipo de discurso é constituído na inter-relação entre os discursos científico, político e de negócios: alguns temas abordados durante esses encontros eram análogos aos científicos, mas nem todos os falantes dessas reuniões eram acadêmicos.

Para efetuar a comparação entre os discursos ocorridos nos fóruns econômicos em São Paulo e São Petersburgo, relativos a duas comunidades etnolinguísticas e culturas tão distintas, aplicaremos em nossa metodologia o conceito de *tertium comparationis*, explicado a seguir.

Tertium comparationis e análise comparativa

O *tertium comparationis* é uma expressão da língua latina que significa “a terceira parte da comparação”, ou seja, é a qualidade comum entre os objetos da comparação: estes não têm necessariamente que ser idênticos, porém devem possuir pelo menos uma qualidade em comum (tradicionalmente referida como *tertium comparationis*). Estas qualidades equivalem aos “momentos válidos” da teoria de Bakhtin, exposta no início deste artigo. O conceito de *tertium comparationis* pode ser entendido como o ponto de proximidade dos objetos a serem comparados ou, pelo contrário, das diferenças existentes entre eles, como no caso de duas culturas e comunidades etnolinguísticas¹² distintas.

A noção de *tertium comparationis* é utilizada em parte significativa das abordagens teóricas que realizam análises comparativas de discurso, como é o caso dos pesquisadores do CLESTHIA axe sens et discours. Esse centro de pesquisa tem uma grande experiência em análises comparativas linguísticas, culturais e discursivas. No periódico francês «Les Carnets du Cediscor» (VON MÜNCHOW; RAKOTONOELINA, 2006, dentre outras), encontramos pesquisas comparativas acerca de diferentes culturas (francesa e inglesa, francesa e americana, francesa e russa etc.) baseadas na comparação de duas, três, quatro ou mais línguas e culturas simultaneamente. O problema da escolha de um *tertium comparationis* é discutido explícita ou implicitamente em quase todas as contribuições sobre a questão de comparação. Na maioria dos trabalhos dessa escola, o *tertium comparationis* é o gênero discursivo:

O gênero discursivo é usado com frequência como *tertium comparationis* na investigação contrastiva [...] Esta preferência pelo gênero do discurso é explicada pelas propriedades do último. O gênero discursivo é definido por Mikhail Bakhtin como um tipo relativamente estável de enunciado. (RIBEIRO, 2015, p.106, tradução minha)¹³.

Na verdade, segundo Claudel e Tréguer-Felten (VON MÜNCHOW, *Les Carnets du Cediscor*, 9, 2006, PSN, p.23-37), faz parte de um ponto de vista *etic* (utilizando

¹² Segundo J. C. Beacco (1992, p.17), definimos aqui comunidade etnolinguística como “uma comunidade de comunicação que coincide com uma comunidade linguística / nacional”.

¹³ Em francês: «Le genre discursif se présente très souvent comme *tertium comparationis* dans les recherches contrastives [...] Cette préférence pour le genre discursif s’explique par les propriétés de ce dernier. Le genre de discours est défini, par Mikhaïl Bakhtine, comme un type relativement stable d’énoncé”.

a terminologia de Pike¹⁴) que um tipo de gênero discursivo possa ser considerado provisoriamente como “o mesmo” em dois contextos linguísticos e culturas distintas. De acordo com Cislaru (2006), um mesmo potencial de referência semântica é um possível *tertium comparationis*. Esta teoria, contudo, ainda precisa de corroboração, que pode ser obtida no exercício da análise comparativa discursiva entre diferentes línguas e culturas.

Na análise comparativa discursiva, é importante salientar que “comparável” não significa “idêntico”, mas “que se aproxima”¹⁵ (op. cit, p.7-9). De fato, como destaca Traverso (2006), no *tertium comparationis* tudo deve estar sempre sujeito à comparação, inclusive as próprias ferramentas de comparação.

Para os pesquisadores franceses Patricia von Münchow e Florimond Rakotoelina (2006, p.9-17), “a tarefa mais importante dos estudos comparativos é a relação entre a descrição e a interpretação e, em particular, o estabelecimento de categorias interpretativas confiáveis para vincular os resultados da descrição aos valores culturais”¹⁶. O meu estudo adota esta perspectiva.

No caso da comparação entre os dois eventos analisados neste artigo, escolho como o *tertium comparationis* o gênero ‘sessão de fórum econômico’ e dois parâmetros dele: o *tema* da comunicação (mais precisamente as ênfases valorativas e as avaliações sociais no modo de introdução do tema em fala oral) e o *status* dos falantes (mais a autoapresentação dos falantes), que serão abordados a seguir. Dentro do contexto da fala oral, penso que o modo de introdução do tema traz elementos importantes à nossa proposta de análise por dois motivos: primeiro, porque remete à tradição russa de análise comparativa entre as culturas, e segundo porque diz respeito ao ‘horizonte social’ e às ‘avaliações sociais’ de Volóchinov.

Análise do corpus de pesquisa

O modo de introdução do tema foi escolhido como um parâmetro de comparação entre os discursos estudados. A complexidade da atual análise está no fato de que, na verdade, estamos comparando não somente os gêneros do discurso científico-político-empresarial em dois países diferentes, mas também introduzindo este novo tipo do discurso em comparação com o discurso científico tradicional. Ou seja, a

¹⁴ Kenneth Pike propôs, em 1967, a dicotomia *etic* / *emic* na antropologia e posteriormente na linguística como forma de abordar questões filosóficas sobre a própria natureza da objetividade. Na antropologia, na folclorística e nas ciências sociais e comportamentais, *emic* e *etic*, referem-se a dois tipos de pesquisa de campo realizados e pontos de vista obtidos: [1] *emic*, da perspectiva do sujeito, e *etic*, da perspectiva do observador. Deve-se admitir que em todos os níveis - desde a escolha do tipo discursivo até a construção do corpus e seleção das categorias de comparação - abordamos fenômenos que parecem se correlacionar, em todas as línguas e culturas estudadas, do ponto de vista *etic*, do observador.

¹⁵ Em francês: ...« comparable » ne veut pas dire « identique », mais « approchant ».

¹⁶ Em francês: «Le plus grand chantier des approches comparatives contemporaines reste sans doute l’articulation entre la description et l’interprétation et, en particulier, l’établissement des catégories interprétatives fiables, permettant de relier les résultats de la description à des valeurs culturelles répertoriées”.

comparação acontece em dois níveis. Aqui, a ideia principal é introduzir e explicar o discurso científico-político-empresarial em geral como fenômeno. Nesta pesquisa, não pretendo fazer uma comparação profunda do tema, assunto, conteúdo temático e das significações dos enunciados como sugeriu Volóchinov – o que pode ser uma ideia para outro artigo – mas quero comparar o modo de introduzir os temas do discurso científico-político-empresarial nos dois países e mostrar a tendência de aproximação entre o tema científico e o tema do discurso científico-político-empresarial. O modo de introduzir o tema numa palestra, sessão ou discussão é importante para os estudos da fala oral, pois está constituindo uma maneira de interação verbal.

Na teoria bakhtiniana, o tema é tratado como “o sentido da totalidade do enunciado” e é definido não apenas pelas formas linguísticas, mas também pelos aspectos extraverbiais da situação: “o tema do enunciado é tão concreto quanto o momento histórico ao qual pertence” (VOLÓCHINOV, 2017, p.227-228). No material estudado, encontramos proximidades entre os temas do discurso científico tradicional e do discurso científico-político-empresarial. O tema da fala no discurso científico-político-empresarial pode ser análogo ao da ciência tradicional e é introduzido de duas maneiras: primeiramente, no programa escrito do evento para nomear uma sessão ou palestra; em segundo lugar, pode ser anunciado pelo moderador, que está apresentando os falantes, para introduzir o tema aos ouvintes e agradecer os apoiadores. Alguns exemplos desse segundo modo de introdução do tema seguem abaixo:

Em *São Paulo Diverso*, material em português:

1. *Apresentadora 1 (jornalista): olá... boa tarde a todos... por favor... vamos tomar os lugares... sentando... então... nós já voltamos para dar continuidade aos painéis (do segundo fórum) São Paulo Diverso... Fórum do Desenvolvimento Econômico Inclusivo (...) eu quero lembrar que este segundo fórum São Paulo Diverso está sendo transmitido em tempo real pelo portal Áfricas de notícias... o portal é www.portalafricas.com.br... e o nosso tema neste próximo painel é “Empreendedorismo para a população afrodescendente... A relação com as grandes empresas e a oferta de microcrédito...;*

A moderadora chama a atenção do público para o início do evento e introduz os temas: empreendedorismo para a população afrodescendente, a relação com as grandes empresas e a oferta de microcrédito. Este tipo de introdução do tema é comum nos dois países. A seguir, outra palestrante, representante do Banco Itaú, se apresenta de maneira oficial e confirma sua competência para falar sobre o assunto. Aqui, a introdução do tema já se confunde com a competência, experiência prática e status do falante. A palestrante está introduzindo o assunto da comunicação através da sua experiência:

2. *Palestrante 1: (...) bom... boa tarde... então... assim primeiro obrigada pelo convite... obrigada pela oportunidade de compartilhar e também de trocar um pouco de experiência (...) eu queria falar um pouco - - acho que vou falar do tema que é mais o que todo mundo talvez espera que eu fale - - da questão do microcrédito (...) eu sou responsável pelas redes de sustentabilidade no banco já há 5 anos e assumi a operação que a gente chama de negócios inclusivos... onde está o microcrédito e está o programa com mulheres e outras coisas...;*

Para enfatizar sua competência num dos assuntos do evento, a saber, a oferta de microcrédito, a palestrante explica: “eu *sou responsável* pelas redes de sustentabilidade no banco já há 5 anos e *assumi a operação* que...”. Essa “consciência” sobre sua posição nos negócios tem a ver com a esfera da psicologia social, segundo Volóchinov. A palestrante mostra a sua experiência em palavras e, dessa maneira, a opinião dela é aceita como autoridade pelo público. Observando o desenvolvimento dos temas analisados durante a sessão, vemos que a primazia da experiência prática sobre o conhecimento teórico é comum neste tipo de discurso. No gênero ‘sessão de fórum econômico’, os dados relativos à autoridade da fala são marcados pela experiência na esfera dos negócios e não por conhecimento teórico, relativo a estudos/pesquisas minuciosamente realizadas, como é o caso do discurso científico tradicional.

A seguir, outro palestrante introduz o segundo tema da mesa, empreendedorismo para mulheres, e faz uma apresentação institucional do falante (um representante da empresa Dupont). Este tipo de apresentação e autoapresentação é típico para o discurso científico-político-empresarial nos dois países:

3. *Palestrante 2: (...) obrigado... boa tarde a todos... secretário Prestan... obrigado pelo convite... é um prazer estar aqui com vocês... a Dupont... a empresa americana - - apesar do nome ser francês - - de mais de 200 anos... e nós temos programas de diversidade e inclusão no mundo inteiro... e a melhor definição que eu tenho para isso é diversidade... é o mix... e a inclusão é fazer o mix funcionar...;*

Ao intitular-se como representante da Dupont, as ideias mostradas em sua fala podem ser consideradas como a posição oficial da empresa (E *nós temos* programas...) não somente no Brasil, mas “*no mundo inteiro*”. Na frase seguinte, o palestrante mostra que o tema abordado (a diversidade e a inclusão) já é bem comum e desenvolvido dentro da empresa que ele representa. Neste sentido, a Dupont pode ser considerada como um signo ideológico¹⁷ com um certo tema, conteúdo e ênfases valorativas, sendo algumas destas ênfases ‘diversidade’ e ‘inclusão’, consideradas qualidades positivas no mundo dos negócios em geral. Podemos dizer que nesse contexto a avaliação social das noções representadas é positiva.

Vamos comparar os exemplos do material brasileiro com o material em russo e observar como os temas são introduzidos, com quais ênfases valorativas e avaliações

¹⁷ Um signo ideológico é um fragmento material (ex: som, palavra, massa, cor), produto da interação social e que pode ser verbal. Ele “é determinado pelo horizonte social de uma época e de um grupo social” (VOLÓCHINOV, 2017, p.110).

sociais, e como os falantes são apresentados no *Fórum Russo das Pequenas e Médias Empresas*:

1. Moderador¹⁸ (Representante público autorizado da presidência da Federação Russa para a Proteção das Pequenas e Médias Empresas): (...)eu gostaria de começar nosso trabalho com isso... notar que o fórum deste ano... o nosso tradicional fórum de São Petersburgo... tem uma representação internacional muito grande... agora caminha em paralelo à plataforma com os finlandeses aqui... e estamos muito gratos que este ano os países latino-americanos estão representados em nível muito alto... hoje você pode ouvir - - e apresentamos os representantes de alto nível dos países - - mas o mais importante... são as pessoas que nos seus próprios países são responsáveis pelo desenvolvimento de pequenas e médias empresas... pelas exportações... a cooperação... e é para nós... é claro... uma grande honra...;

Neste trecho, o moderador promove o evento e apresenta os falantes (Hoje você pode ouvir os representantes *de alto nível* dos países...), introduz a região (América Latina) e os temas da sessão (*desenvolvimento de pequenas e médias empresas, exportações e cooperação*). A maneira de introdução do tema pode ser comparada com o primeiro exemplo do material brasileiro, os dois exemplos mostram uma maneira simples de introdução do tema, ou seja, o falante não junta a introdução com outras táticas retóricas ou argumentação, somente anuncia o tema. Chama a atenção que os dois falantes nestes exemplos não são palestrantes, mas moderadores; portanto, podemos considerar que o tipo mais neutro e oficial de introdução do tema faz parte do papel do moderador em ambos países.

No trecho seguinte, outra comunicadora se apresenta como uma funcionária oficial do Banco Yuniástrum e introduz o tema de sua fala, empreendedorismo para mulheres. A mesma maneira de se apresentar por vias institucionais e posição no mundo dos negócios já havia sido observada no material em português e, portanto, uma característica típica do discurso científico-político-empresarial tanto no Brasil quanto na Rússia.

2. Palestrante 1 (Primeira Vice-Presidente do Conselho do Banco Yuniástrum¹⁹): (...)boa tarde... caros colegas... caros amigos... no âmbito do programa federal de apoio ao desenvolvimento da pequena empresa... o Banco Yuniástrum destacou hoje uma orientação prioritária... este segmento promissor... especificamente

¹⁸ Em russo: Ia by khotiél natchát náchu rabótu... s togó teho... otmíétit teho... v etom godú na fórumie... náchiem sankt-pietierbúrjskom fórumie traditsiônnoe ótchien vysókoie miejdunaródnioie predstavítelstvo... vot sieitchás paraliélno idut i s finnami ploschiádka... zdies... i my ótchien blagodárny tehto v étom godú otchién vysókuiu / na vysókom úrovníe predstavlieny strány latínskoi amériki... Vy siegódnia smójjietie usly'chat i my priezientiúiem vysókogo úrovnia predstavítelei stran... no tehto sámoe glávnoie... ímiénno tiékh liudiei kotóryie v svoikh stránakh otvietcháiut za razvítie málogo i sríeniégo priedpriiátia... za éksport... za koopierátsiúu... i dlia nas eto koniétchno bolcháia tchiést...; Traduções minhas.

¹⁹ Yuniástrum Bank (Юниаструм Банк) - um dos maiores bancos russos (<https://www.uniastrium.ru>).

em relação a isso nós assinamos um acordo com Opóra²⁰... em estreita coordenação com Opóra Rossii criamos e agora já executamos ativamente novos produtos... produtos voltados para o apoio e desenvolvimento do empreendedorismo social em geral... e do empreendedorismo das mulheres em particular(...);

No trecho apresentado observamos a ênfase valorativa no progresso (*segmento promissor*) e experiência prática (*já executamos ativamente*).

Uma outra maneira de introduzir o tema da sessão é começá-la com a assinatura de um acordo ou convênio entre os participantes (os representantes das empresas ou estruturas estatais e governamentais). Podemos exemplificar com esta fala:

Moderador²¹ (Managing Partner da Agência Nacional de Estudos Financeiros): (...)
começamos nossa sessão com a assinatura de um acordo entre Opóra Rossii e Banco Yuniástrum... a assinatura do acordo para o apoio ao desenvolvimento empresarial das mulheres... isto é muito importante... uma iniciativa muito importante... e nós na verdade vamos celebrar essa assinatura(...);

Acima, o moderador introduz em uma frase alguns participantes da comunicação (os representantes oficiais de Opóra Rossii e Banco Yuniástrum), assim como o tema da sessão (empreendedorismo para mulheres). Essa forma de introduzir o tema da comunicação é recorrente no discurso científico-político-empresarial, mas não no discurso científico tradicional, o que pode ser indicativo da influência das outras esferas, a política e/ou empresarial, sobre a científica.

Sintetizando os temas abordados durante os dois eventos, temos: 1. desenvolvimento de pequenas e médias empresas, microcrédito, relação com as grandes empresas; 2. empreendedorismo social; 3. diversidade e inclusão; 4. desenvolvimento empresarial das mulheres. A coincidência dos quatro temas nos dois discursos de línguas e países diferentes justifica a comparação entre os enunciados escolhidos e aponta para a existência de semelhanças ideológicas, aproximando o modo de produção atual, globalizado, comum tanto ao Brasil quanto à Rússia.

Comparando agora os enunciados nas duas línguas, observemos as seguintes características referentes à introdução e desenvolvimento do tema no discurso científico-político-empresarial:

²⁰ Opóra Rossii (Опора России) - organização pública russa de pequena e média empresa (<http://opora.ru>).

²¹ Em russo: natchnióm náchu siéssiiu s podpisániia dogovóra miéjdu Opóroi Rossii i bánkom Iuniástrum... podpisániie dogovóra o poddiérjkie razvítiia jiénskogo priédprinimátelstva... eto ótchien vájno... i my na sámom diélie sobiráiemsia otmiétit éto podpisániie...

Quadro 3 – A comparação entre os enunciados em russo e em português.

	PORT	RUS
Apresentação institucional	Presentes nos exemplos das duas línguas. Em geral, é muito comum neste tipo de discurso se apresentar através do negócio ou companhia: da empresa Dupont ou do fórum de São Petersburgo, por exemplo.	
Internacionalismo, representação internacional	Sim, avaliação positiva: “e nós temos programas de diversidade e inclusão <i>no mundo inteiro</i> ” – como confirmação do direito de voz sobre o assunto.	Sim, avaliação positiva: “o nosso tradicional fórum de São Petersburgo tem uma <i>representação internacional muito grande</i> ”
Experiência profissional (prática) confere autoridade à fala	Sim, com frequência: “eu sou responsável pelas redes de sustentabilidade no banco <i>já há 5 anos</i> e assumi a operação que a gente chama de negócios inclusivos...”.	Sim, avaliação positiva: “em estreita coordenação com Opóra Rossíi criamos e agora <i>já executamos ativamente</i> novos produtos...”
Traços da oralidade dos falantes	A língua simula proximidade, familiaridade. O palestrante pode chamar a jornalista pelo nome no diminutivo – Claudinha. O palestrante agradece pessoalmente o secretário pelo convite e não menciona os organizadores do evento em geral, o que enfatiza a importância das relações pessoais no discurso brasileiro.	A língua é mais oficial e o estilo mais alto e formal, com mais ênfase nas palavras ‘ <i>muito importante</i> ’, ‘honra’, ‘alto nível’. Estas palavras circulam nas mesmas frases que os conceitos ‘desenvolvimento’ e ‘cooperação’, o que enfatiza uma avaliação positiva destes conceitos.

Fonte: Elaboração própria.

As observações feitas são baseadas não somente nos trechos citados neste artigo, mas no resultado da análise comparativa do material inteiro. O formato do artigo, infelizmente, não permite mostrar todos os exemplos. No resultado da comparação, vemos que as avaliações sociais dos conceitos econômicos tais como ‘diversidade’, ‘desenvolvimento’, ‘inclusão’ e ‘cooperação’ são positivos nos dois discursos. Saliento que não foram encontrados estudos específicos tratando das avaliações sociais destes conceitos na Rússia e no Brasil em geral.

Observando a interação verbal dos falantes e os traços de oralidade, vemos que a fala dos russos é mais formal e os falantes usam recursos do estilo mais elevado. A mim, parece que este ponto de análise tem a influência do estilo científico russo, pois parâmetros como ‘lógica’, ‘abstração’, ‘generalização’ e tentativa de parecer ‘objetivo’ aproximam os dois discursos na Rússia: o discurso científico-político-empresarial e o discurso científico tradicional (qualidade que influenciou a escolha do nome dado a esse novo tipo de discurso – *científico*-político-empresarial). Em comparação com a fala acadêmica, vemos uma grande ênfase na prática e experiência profissionais (pessoal

ou da empresa, instituição), o que pode ser considerado uma das mais importantes características do discurso científico-político-empresarial.

Os falantes no material brasileiro mostram a escolha de recursos estilísticos menos formais, procuram simular proximidade e familiaridade nas relações pessoais e dão igual ênfase à experiência prática. Essa observação é característica não somente do discurso estudado, mas em geral da interação verbal do brasileiro em comparação ao russo – ao menos esta é nossa hipótese até o momento. Mais estudos comparativos entre os dois países nos ajudariam a elucidar esta questão.

A proximidade entre o discurso estudado e o discurso científico tradicional é observada também no tema. Por um lado, os assuntos abordados durante os eventos analisados estão relacionados aos negócios e à economia, mas é possível encontrar temáticas muito parecidas na área acadêmica. Temas semelhantes aos mencionados acima podem aparecer em conferências, congressos e outros eventos científicos, conforme vemos abaixo. Os exemplos são do Brasil:

1. “A oferta de microcrédito para as pequenas e médias empresas” (São Paulo Diverso)

Confronte o artigo “Impacto do microcrédito junto ao empreendedor de pequenos negócios: o caso do Bancr/SC”²², Tales Andreassi, Fundação Getúlio Vargas, Revista administração em diálogo (RAD), PUC-SP, janeiro 2004.

2. “Empreendedorismo para mulheres” (São Paulo Diverso + Fórum Russo das Pequenas e Médias Empresas)

Confronte, por exemplo, a comunicação de Michele Maria Silva Franco, entre outras, “Empreendedorismo Feminino: Características Empreendedoras das Mulheres na Gestão das Micro e Pequenas empresas”, apresentada no VIII EGEPE (Encontro de Estudos em Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas), Goiânia, 2014²³.

3. “A diversidade e a inclusão nos negócios” (São Paulo Diverso)

Confronte o ciclo de conferências “Repensar o Brasil”, realizado no marco dos 70 anos da FEAUSP. Os temas que eram abordados nas conferências incluíram ‘Integridade corporativa no Brasil’ e ‘Desigualdade no Brasil’²⁴.

O evento estudado demonstra interesse em temática já abordada pela USP – sem comunicação direta entre os eventos, o que mostra que a temática é importante para as duas esferas no Brasil (científica e empresarial) no momento (ano 2016).

4. “Desenvolvimento de pequenas e médias empresas” (São Paulo Diverso + Fórum Russo das Pequenas e Médias Empresas)

Confronte o artigo “Desenvolvimento de pequenas e médias empresas em cluster”²⁵, Marcos Albertin, Márcio Soares Torres, Universidade Federal do Ceará.

²² <http://revistas.pucsp.br>. Acesso em: 12 out. 2016.

²³ <http://www.egepe.org.br>, Universidade de Passo Fundo. Acesso em: 12 out. 2016.

²⁴ O material usado foi pesquisado no site da própria faculdade FEA da USP: <http://www.fea.usp.br>. Acesso em: 12 out. 2016.

²⁵ <http://www.abepro.org.br>. Acesso em: 12 out. 2016.

A respeito do artigo científico sobre o desenvolvimento de pequenas e médias empresas, vemos que a temática é abordada em ambos países, sem haver ligação direta entre os autores da Universidade Federal do Ceará e organizadores ou palestrantes do *São Paulo Diverso* e *Fórum Russo das Pequenas e Médias Empresas*. Essa lista de comparação das temáticas é longa; para fazer uma síntese, observamos a proximidade entre a escolha e a formulação dos temas nos discursos científico tradicional e científico-político-empresarial, o que parece reforçar a nossa hipótese da semelhança entre as temáticas de ambos tipos de discurso e da mútua influência entre a esfera científica e a dos negócios no segundo caso.

Outro parâmetro de comparação entre os enunciados do discurso científico-político-empresarial é o *status* dos falantes, no qual podemos observar novamente a proximidade com o discurso científico tradicional. Foi observada também a tendência (quase uma moda) dos representantes das estruturas governamentais de adquirirem ou buscarem a obtenção de um título científico como o doutorado ou, pelo menos, o mestrado. Nesse sentido, podemos ver a interação entre os três campos envolvidos na formação do discurso: a esfera acadêmica, a política e o empreendedorismo. Na maioria dos eventos, os falantes representam essas três esferas e têm *status*, ou seja, possuem a titulação científica necessária para conferir credibilidade às suas falas. Às vezes, os falantes representam as três esferas simultaneamente, mostrando o claro diálogo entre elas. Essa ideia da mescla das esferas vai ao encontro de uma observação de Bakhtin sobre a unificação das diferentes esferas da atividade humana, que ocorre no indivíduo: “Os três campos da cultura humana – a ciência, a arte e a vida – só adquirem unidade no indivíduo que os incorpora à sua própria unidade...” (BAKHTIN, 2013, p.22). Em nosso material são observadas outras esferas (ciência, negócios, política e vida), mas a essência da comparação é a mesma.

Nesses eventos, encontramos duas possibilidades: primeiramente, podem reunir participantes com títulos e status de esferas diferentes; segundo, uma só pessoa pode reunir as esferas, apresentando-as simultaneamente (por exemplo, a ciência e os negócios ou ciência e política). Vemos exemplos do exposto acima no corpus deste artigo:

1. O status dos falantes é de áreas diferentes, mas eles tratam sobre o mesmo assunto e se reúnem na mesma sessão. No *Fórum Russo das Pequenas e Médias Empresas* encontramos representantes:

A. Do mundo acadêmico, como Dra, Yevgiénya Sóboleva e Andriéy Sharóv, que são doutores em direito;

B. Da esfera política e das estruturas estatais e governamentais, por exemplo, Jessy C. Petite-Frère, ministro do Comércio e Indústria no Haiti; Serguéy Movtchán, vice-governador de São Petersburgo e Yevguéniy Zhikh, porta-voz do Comitê Nacional para promover a cooperação econômica com os países latino-americanos em São Petersburgo e

C. Da área executiva, por exemplo, Alexánder Tarabtcév, diretor do departamento de comércio e operações de investimento; PJSC “OFC Bank”; Yevguéniy Doroféiev, diretor executivo de OOO “Metalloproduktciya”, e outros.

2. Segunda ocorrência (a presença de pelo menos duas ou três esferas – ciência, política e negócios – no *status* do mesmo participante): quando o palestrante ocupa dois cargos ou trabalha para o governo e para uma universidade simultaneamente, quando uma pessoa do mundo dos negócios possui titulação acadêmica etc. Em *São Paulo Diverso*, por exemplo, Claudia Alexandre²⁶ se apresenta da seguinte forma: “Radialista e apresentadora de TV; gestora em eventos (SENAC); docente da Fac. HOTECH; graduada em Comunicação Social-FIAM-SP; especialista em Ciências da Religião e mestrandia em Ciências da Religião (PUC-SP); pesquisa a cultura afro-brasileira (símbolo, rito e memória)”. A mesma ênfase na titulação acadêmica mostra uma outra palestrante do evento, Denise Hills: “Denise Hills é graduada em Administração de Empresas, com especialização em Economia pela FIPE – Fundação Instituto Pesquisas Econômicas da USP. Possui 24 anos de experiência no mercado financeiro, sempre atuando na área de Tesouraria, Asset Management, planejamento financeiro e Wealth Management...”²⁷.

Já no *Fórum Russo das Pequenas e Médias Empresas*²⁸, o moderador da sessão sobre a colaboração entre a Rússia e América Latina, Dr. Carlos E. Chanduvi-Suarez²⁹, combina em seu status duas esferas: dos negócios e acadêmica. Ele possui tanto o título de PhD em Advanced Materials quanto a posição de Chief, Latin America and the Caribbean Office UNIDO (United Nations Industrial Development Organization). Outro participante, Ricardo Bosnic Kusecic, subdiretor de desenvolvimento PROChile³⁰, em seu perfil oficial³¹ mostra duas esferas em diálogo: a dos negócios e a da ciência. Ele destaca a formação em três universidades: Escola de Administração Nacional da França (ENA), Universidades de Heidelberg e do Chile. A palestrante Manuela Gomes de Lima é chefe da unidade de inteligência de negócios e estratégia corporativa da APEX Brasil³². Ela publica também artigos com temas econômicos e científicos sobre sua área de estudos, dentre outras: “Comércio internacional e competitividade do Brasil: um estudo comparativo utilizando a metodologia Constant-Market-Share para o período 2000-2011” (DOI 10.1590/1982-3533.2015v24n2art7) em colaboração com Marcos Lélis, professor do Programa de Pós-Graduação em Economia da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, e André Moreira Cunha, professor do Departamento de Economia e Relações Internacionais³³.

²⁶ <http://claudinhaalexandre.blogspot.ru/2014/10/sao-paulo-diverso-forum-de.html>. Acesso em: 12 out. 2016.

²⁷ http://www.sustainablebrands.com/users/denise_hills#. Acesso em: 12 out. 2016.

²⁸ Traduções minhas.

²⁹ <http://www.latinomics.org>. Acesso em: 12 out. 2016.

³⁰ Instituição do Ministério dos Negócios Estrangeiros encarregado de “promover as exportações de bens e serviços chilenos, e contribuindo para a disseminação do investimento estrangeiro e promover o turismo”. <http://www.prochile.gob.cl>. Acesso em: 14 out. 2016.

³¹ <http://www.prochile.gob.cl>. Acesso em: 14 out. 2016.

³² “A Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos (Apex-Brasil) atua para promover os produtos e serviços brasileiros no exterior e atrair investimentos estrangeiros para setores estratégicos da economia brasileira.” <http://www.apexbrasil.com.br>. Acesso em: 14 out. 2016.

³³ “Brazil in face of Chinese rise: the risks of regressive specialization”, também em colaboração com Marcos Lélis e André Cunha, além de Julimar Bichara, professor da Universidade Autónoma de Madrid (Espanha).

Os exemplos apresentados mostram o diálogo entre as três esferas (dos negócios, da política e da ciência) no parâmetro do *status* dos falantes, que foi escolhido como o parâmetro da comparação entre os dois eventos no Brasil e na Rússia.

Considerações finais

O objetivo geral deste artigo foi descrever um tipo de discurso novo e popular na realidade mundial. Apesar de ser relativamente jovem, o discurso científico-político-empresarial é cada vez mais comum no mundo inteiro. Exemplos desse tipo de discurso são encontrados em fóruns econômicos, mesas-redondas, palestras e outros eventos oficiais, em que ocorre a intersecção entre esferas diferentes: a dos negócios (corporativa), a da política e a da ciência.

A segunda tarefa do estudo foi efetuar a comparação do discurso apresentado no Brasil e na Rússia. A abordagem teórico-metodológica foi de inspiração bakhtiniana e reuniu pesquisas do Brasil, França e Rússia. A parte francesa é representada pelas ideias do Grupo de pesquisa CLESTHIA e a noção *tertium comparationis*, desenvolvido por este grupo. A pesquisa aborda dois eixos da teoria bakhtiniana: a ideologia (observando as noções do ‘horizonte social’ e ‘avaliações sociais’) e a psicologia social, ou seja, ideologia do cotidiano.

As relações dialógicas (axiológicas-semânticas) entre as esferas da ciência, da política e dos negócios, segundo os dados analisados, podem ser observadas nos seguintes parâmetros: tema, localização do evento e status dos falantes. A análise destes parâmetros permite distinguir o discurso científico tradicional, considerando a natureza dialógica da comunicação científica em geral, do discurso científico-político-empresarial. O discurso científico-político-empresarial faz analogia ao tema científico, mas acontece fora das instituições científicas e com a participação de palestrantes de outras esferas (geralmente dos negócios ou da política). O *status* dos falantes sofre influência da esfera científica, pois no discurso científico-político-empresarial parte significativa dos palestrantes têm títulos científicos ou até mesmo representam instituições científicas. A partir desses parâmetros, são observadas as qualidades “cientificamente válidas” de Bakhtin, e duas delas – o tema análogo ao científico e a titulação científica – são consideradas parâmetros para efetuar a comparação.

Neste tipo de discurso, observamos a proximidade das ênfases valorativas em gêneros parecidos na realidade moderna dos dois países. Para os dois, a avaliação do ‘progresso’, ‘experiência prática’, dos conceitos ‘diversidade’, ‘desenvolvimento’, ‘inclusão’ e ‘cooperação’, ‘internacionalismo’ e ‘experiência profissional’ é positiva. A hipótese é que há semelhança ideológica “aparentada” por conta das relações econômicas globais que são comuns aos dois países, e que por sua vez afetam o regime sociopolítico e as interações verbais.

Há maneiras diferentes de apresentar o tema das comunicações orais: 1. escrito no programa do evento; 2. pelo moderador de uma discussão ou fala, e 3. com a assinatura

de um acordo ou convênio entre os participantes (os representantes das companhias ou estruturas estatais e governamentais). Os primeiros dois tipos de introdução ao tema são comuns nos dois discursos comparados neste artigo: o discurso científico tradicional e o discurso científico-político-empresarial. O terceiro é mais comum no discurso científico-político-empresarial, não tendo sido observado no discurso científico tradicional. O mais comum é introduzir o tema através da competência e da experiência prática dos falantes; no discurso científico-político-empresarial, a experiência prática confere mais autoridade ao falante que o conhecimento teórico, apesar de vários palestrantes buscarem títulos acadêmicos como forma de parecerem autoridades no assunto.

O discurso científico-político-empresarial pretende apropriar-se do status de confiabilidade que possuem os argumentos científicos no mundo moderno para validar práticas empresariais, não sendo necessariamente científico quando comparado ao discurso científico tradicional. A comparação dos temas do discurso científico-político-empresarial com os temas do discurso científico tradicional permite-nos confirmar que o tema da fala neste tipo de discurso tem a tendência de parecer científico. Os temas apresentados nos fóruns também são desenvolvidos pela ciência, porém a tônica científica investigativa/teórico-argumentativa não participa das falas. Na realidade, os temas são desenvolvidos de duas maneiras diferentes: no plano da ciência enquanto temática argumentativa e no plano empresarial enquanto prática. Os dados relativos à autoridade da fala são marcados no gênero ‘sessão de fórum econômico’ pela experiência na esfera dos negócios e não por conhecimento teórico acadêmico. Outro fator que merece atenção é que o cientista deve ser isento e rigoroso na análise de um vasto corpo de dados, ao passo que o palestrante não só não apresenta a mesma variedade e rigor, tratando normalmente dos próprios dados da empresa e de estatísticas que os corroboram, como não é isento, ou seja, o acento valorativo é sempre positivo para as próprias práticas empresariais que executa/representa. Daí podemos inferir que nesse gênero subordina-se a prática científica à empresarial.

Nos dois países, vemos que a maioria das apresentações e autoapresentações no discurso estudado é institucional, representando alguma instituição ou empresa. No discurso científico-político-empresarial os nomes das empresas (em geral são grandes e conhecidas) são o signo ideológico com certo tema, conteúdo e ênfases valorativas. Comparando os modos como se constituem as interações verbais no gênero ‘sessão de fórum econômico’ nos dois países, nota-se que, no Brasil, as situações de comunicação pretendem simular uma familiaridade no tratamento. Na Rússia, as situações de comunicação prezam pela formalidade e distanciamento.

Ao final deste estudo, podemos considerar que os temas dos eventos têm potencial para serem desenvolvidos pela ciência. Os palestrantes utilizam suas titulações acadêmicas para validar suas práticas, possivelmente devido ao status que a ciência alcançou no mundo contemporâneo como porta-voz de uma “verdade”. A mesma tendência é observada no Brasil e na Rússia.

A observação relevante, neste momento, é que a influência entre as três esferas trabalhadas neste artigo é mútua, porém assimétrica; e que elas entram em relações

dialógicas no sentido bakhtiniano. Por enquanto, buscamos uma metodologia que possibilite comparar discursos parecidos em línguas e comunidades etnolinguísticas diferentes. O assunto ainda precisa ser desenvolvido e aprofundado no futuro, angariando exemplos de outros discursos e línguas.

Agradecimentos

A pesquisa foi realizada com apoio da FAPESP, processo Nº 2015/10458-0.

GLUSHKOVA, M. A comparative analysis of scientific-political-business discourse in Brazil and Russia. *Alfa*, São Paulo, v.62, n.3, p.447-468, 2018.

- *ABSTRACT: The purpose of this article is to describe and analyze a relatively young type of discourse: scientific-political-business discourse and show examples of it in two countries, Brazil and Russia. The article discusses the phenomenon of the dialogue of scientific discourse in contemporary society with other spheres of human activity - those of politics and business - analyzing issues discussed in two forums of economic development (in São Paulo and St. Petersburg). The research is based on Bakhtinian ideas about dialogue and the discursive and comparative analysis carried out by CEDISCOR, the research group which is based in the University of Sorbonne Nouvelle in Paris. One of the concepts developed by this group is the tertium comparationis (or element of comparison), which is used in this analysis. The results point to the appropriation, by business discourse, of the authority given to science, which validates business practices and to the ideological similarity, fruit of the globalized productive relations, settled in both countries.*
- *KEYWORDS: Discourse analysis. Scientific-political-business discourse. Comparison of discourses.*

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. M. **Para uma filosofia do ato.** Texto completo da edição americana “Toward a Philosophy of the Act”. Austin: University of Texas Press, 1993. Translation and notes by Vadim Liapunov. Edited by Michael Holquist and Vadim Liapunov. Tradução de Carlos Alberto Faraco e Cristovão Tezza.

BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal.** Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal.** Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

BEACCO, J.-C. Les genres textuels dans l'analyse du discours: écriture légitime et communautés translingagères. **Langage**, v.26, n.105, p.8-27, 1992.

CISLARU, G. Noms de pays et autoreprésentation dans le discours des périodiques nationaux français, anglophones, roumanophones et russes. **Les Carnets du Cediscor**, n.9, p.131-144, 2006. Disponível em: <<http://cediscor.revues.org/669>>. Acesso em: 18 set. 2017.

CORACINI, M. J. **Um fazer persuasivo**. O Discurso Subjetivo da Ciência. São Paulo: Pontes, 1991.

GRILLO, S. V. C. **Divulgação científica**: linguagens, esferas e gêneros. 2013. 333 f. Tese parcial para (Livro docência em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

KÓJINA, M. N. **Stilístika rússkogo iazyká**. (Estilística da língua russa). Moscou: Flinta, 2008.

KOTIÚROVA, M. P. **Idiostilístika naúchnoi riétchi**. Náchi predstavliénii o rietchevói individuálnosti utchiónogo: monográfiia (*Idioestilística do discurso científico*. Nossas representações da individualidade discursiva do cientista: monografia). Perm: Perm. Gos. Universitiét, 2011.

RIBEIRO, M. P. **“Droite” et “gauche” dans les discours d’un événement electoral**. Une étude sémantique et contrastive des presses brésilienne et française. Les élections présidentielles de 2002 au Brésil et de 2007 en France. 2015. 498 f. Tese (Doutorado em Ciências da Linguagem) – Université Sorbonne Nouvelle, Paris, 2015.

ROSENTAL, D. E. et al. **Sovremiénni rússkii iazyk** (Língua russa contemporânea). Moscou: Víschaia chkóla, 1991.

TRAVERSO, V. Repères pour la comparaison d’interactions dans une perspective interculturelle. **Les Carnets du Cediscor**, n.9, 2006. [Não paginado]. Disponível em: <<http://cediscor.revues.org/617>>. Acesso em: 14 ago. 2017.

VOLÓCHINOV, V. N. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**: problemas do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução de S. Grillo e E. Volkova. São Paulo: Editora 34, 2017.

VON MÜNCHOW, P.; RAKOTONOELINA, F. Discours, cultures, comparaisons. Avant-propos. **Les Carnets du Cediscor**, n. 9, 2006. [Não paginado]. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/cediscor/65>>. Acesso em: 14 ago. 2017.

Recebido em 27 de setembro de 2017

Aprovado em 19 de fevereiro de 2018

“COM TANTA ELOQUÊNCIA, COM TANTA MENTIRA”: REPETIÇÃO E RECATEGORIZAÇÃO EM DISCURSOS DE FERNANDO COLLOR

Liana de Andrade BIAR*
Diogo PINHEIRO**

- **RESUMO:** No presente artigo, focalizamos um tipo específico de repetição saliente nos discursos políticos de campanha de Fernando Collor de Mello quando das eleições presidenciais de 1989: os paralelismos sintáticos. A partir de um olhar qualitativo e interpretativo para esse fenômeno, e apoiados pela Teoria da Mesclagem Conceptual (FAUCONNIER; TURNER, 2002), investigamos as funções dessa estratégia em um corpus constituído pelos três primeiros programas eleitorais levados ao ar pelo então candidato. Nossa análise sugere que os paralelismos sintáticos desempenham duas funções argumentativas importantes: de um lado, acionam um processo de recategorização de entidades conceptuais/discursivas; de outro, permitem apresentar o resultado desse processo como informação pressuposta, minimizando as chances de refutação e invisibilizando a perspectiva ideológica do que é dito. Essa lente cognitiva para os processos de construção de sentido nos permite mostrar os modos como a performance do ex-presidente atualiza certos lemas da comunicação de massa, aproximando os campos da política e do entretenimento.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Discurso Político. Paralelismo Sintático. Mesclagem Conceptual. Comunicação de Massa. Fernando Collor.

Introdução

As eleições brasileiras de 1989, além de marcarem o processo de redemocratização pós-golpe militar, apresentaram uma peculiaridade interacional importante: era a primeira vez, graças a um jejum de quase trinta anos sem eleições presidenciais diretas, que o então mais popular meio de comunicação de massa, a televisão, servia de agente e veículo de uma disputa política dessa grandeza. No Brasil desse período experimentavam-se novos modos de comunicação e marketing políticos alinhados com o que se convencionou chamar cultura e comunicação de massa. Neste artigo, debruçamo-

* Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, Rio de Janeiro – Rio de Janeiro – Brasil. Departamento de Letras. lianabiar@gmail.com. ORCID: 0000-0002-8673-8668

** Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Programa de Pós-graduação em Linguística, Rio de Janeiro, – Rio de Janeiro – Brasil. Departamento de Linguística e Filologia. diogopinheiro@letras.ufrj.br. ORCID: 0000-0002-9938-1864

nos sobre um mecanismo de construção de sentido recorrente na performance discursiva de Fernando Collor de Mello, o então candidato à presidência que, naquele contexto, dominou a disputa eleitoral.

Inicialmente desconhecido da maioria dos eleitores, e lançado por uma legenda partidária inexpressiva, Fernando Collor atingiu desde os primeiros meses de campanha o primeiro lugar de todas as pesquisas de intenção de voto, terminando eleito em segundo turno. Collor ocupou a presidência do país até 1992, quando renunciou após aprovação parlamentar de um processo de impeachment.

Conforme assinalado em Biar (2007)¹, um olhar qualitativo lançado sobre os programas eleitorais protagonizados por Collor à época logo repara a estrutura extremamente repetitiva dos discursos ali animados. No presente trabalho, focalizaremos um tipo específico de repetição sintática presente nesses discursos. Conforme pretendemos demonstrar, esse tipo de repetição, que se materializa em uma sintaxe paralelística, desempenha duas funções argumentativas importantes: de um lado, aciona um processo de recategorização de entidades conceituais/discursivas; de outro, permite apresentar o resultado desse processo como dado/pressuposto. Para desenvolver a análise, recorreremos à Teoria da Mesclagem Conceptual (FAUCONNIER; TURNER, 2002), arcabouço teórico que integra a empreitada mais ampla da Linguística Cognitiva.

O *corpus* construído para a análise que segue é composto dos três primeiros programas eleitorais televisivos apresentados por Fernando Collor ao longo do primeiro semestre de 1989. Tais programas, cada um com uma hora de duração, foram produzidos pelos partidos da coligação do candidato (PRN-PTR-PSC-PST) e o apresentam como protagonista. Os programas foram gravados em VHS à época da campanha, digitalizados em 2006 para fins de pesquisa, e em seguida transcritos conforme convenções adaptadas dos estudos interacionais². A escolha dos dados deve-se à importância de precisamente esses três programas na ascensão política de Collor. Segundo fontes de pesquisa eleitoral³, é após a exibição deles que o candidato dispara nas pesquisas, saindo de 9% para 32% das intenções de voto, atingindo o grau de projeção que o levou à eleição.

O artigo está organizado como segue. As próximas duas seções revisam brevemente a literatura relevante: enquanto a segunda seção focaliza os trabalhos de orientação discursiva sobre argumentação e repetição, a terceira seção se volta para alguns estudos de inclinação cognitivista que observam a relação entre argumentação e mesclagem conceptual. Em seguida, a quarta seção apresenta nossa análise para os paralelismos sintáticos nos discursos de Fernando Collor. Por fim, a quinta seção traz as considerações finais.

¹ Os dados explorados neste artigo foram analisados anteriormente em Biar (2007). O que fazemos neste artigo é uma nova análise de um dos fenômenos discursivos descritos na ocasião conforme compreensões recentes sobre a Teoria da Mesclagem Conceptual.

² Convenções de transcrição: palavra: (Alongamento de som); palavra- (corte abrupto no enunciado); PALAVRA (ênfase em uma sílaba ou palavra); palavra.. (pausa com menos de um segundo); palavra... (pausa maior que um segundo); °palavra° (Volume baixo); >palavra< (fala rápida); <palavra> (fala lenta).

³ Pesquisa IBOPE, divulgada em Abril de 1989; pesquisa IBOPE, divulgada em Maio de 1989; Pesquisa Datafolha, IBOPE e Gallup, divulgadas em Junho de 1989.

Repetição em textos argumentativos

Alguns autores já na década de 1990 se dedicaram a comentar o crescimento meteórico da candidatura de Fernando Collor a partir de estratégias de marketing empregadas pelo candidato na campanha eleitoral. Para Figueiredo et al. (1997), as eleições de 89 despertaram efetivamente a comunidade científica brasileira para a importância de se estudar as campanhas eleitorais como uma variável para os resultados políticos. Em uma muito famosa obra jornalística, também Conti (1999, p.14) chamou atenção para o senso acurado da campanha de Collor acerca da espetacularização necessária à nova política televisionada.

De fato, uma dimensão que não pode ser negligenciada para se compreender o “fenômeno Collor” é o ajuste bem-sucedido de sua campanha ao que tradicionalmente fica conhecido como cultura de massa, em outras palavras, as novas formas de comunicação e produção de sentido alinhadas à lógica da economia de mercado e do realinhamento das populações de países “desenvolvidos” como “público consumidor” (a esse respeito, ver, por exemplo, COSTA LIMA, 1990). Nesse sentido, as *mass media*, suportes e agentes tecnológicos dessas novas formas de comunicação, esmeram-se em encapsular seus contingentes de ofertas de produtos, serviços e informações em mensagens simples, rápidas, persistentes e multimodais, assimiláveis como entretenimento. A “era Collor” seria, então, um produto eficiente de quando os campos do consumo, do entretenimento e da política se sobrepõem.

Se, das características acima elencadas, a rapidez e a multimodalidade puderem ser associadas com tranquilidade ao cenário da comunicação de massa contemporânea, o mesmo não poderá ser dito sobre a simplicidade e a persistência, esta última patente em discursos que já foram caracterizados aqui como marcadamente repetidos, como os de Fernando Collor. Desde a retórica de Aristóteles, têm-se enfatizado que discursos públicos preparados tendem a reelaborar características que são próprias de uma “linguagem ordinária”. A arte oratória se apropria daquilo que poderia parecer empobrecedor e fatigante em benefício da clareza e da ilusão de espontaneidade. Nesse processo, inversões sintáticas, longos períodos e pronominalizações dão lugar a repetições e reformulações.

Essa também é a tese de estudos interacionistas clássicos como Tannen (1989) e Johnstone (1991). Para Tannen, estratégias como uso de repetições e paralelismos em discursos públicos recriam a fluidez, o envolvimento e a dramaticidade da conversa espontânea; além disso, repetir faz reduzir a densidade lexical do discurso, a quantidade de informação nova, otimizando o processamento. Já Johnstone focaliza especificamente o uso de paralelismos sintáticos em discursos públicos argumentativos árabes para oferecer uma explicação que toca em fatores culturais: segundo a autora, as repetições que reforçam uma ideia relacionam-se a uma característica inerente a práticas de argumentação em sociedades fortemente hierarquizadas, marcadas tradicionalmente por fundamentos religiosos, cuja retórica é baseada não em argumentos típicos da lógica ocidental, mas na reiteração da mesma ideia a partir

de estruturas formais e imagens diferentes. Nos discursos analisados por Johnstone, dizer de novo, e de novo, e de novo seria suficiente para produzir efeito de verdade. Além disso, a autora constata no uso de paralelismos sintáticos um recurso produtivo de reconstrução de categorias semânticas.

Este artigo lança foco, de maneira semelhante ao que faz Johnstone, sobre a força argumentativa dos paralelismos sintáticos, destacando especificamente a operação cognitiva que engendra recategorizações de entidades conceituais/discursivas. Para isso, algumas diferenças em relação aos trabalhos aqui apresentados são relevantes: (i) caso subentenda-se da tese de Johnstone uma suposta diferença entre textos árabes e ocidentais, mostraremos neste trabalho uma função semelhante também em discursos políticos ocidentalizados aqui encarnados na figura de Collor; (ii) lançaremos mão, como já ficou dito, de um arcabouço teórico fundamentado na teoria dos espaços mentais; (iii) acrescentaremos que a recategorização produzida por essa operação tem a peculiaridade de se apresentar como informação partilhada pelo interlocutor, criando impressão de consenso e incrementando seu poder persuasivo.

Mesclagem conceptual em textos argumentativos

A descoberta da operação cognitiva conhecida como *mesclagem conceptual*, bem como dos seus princípios reguladores (FAUCONNIER; TURNER, 1998, 2000, 2002, 2008), foi um bem-vindo subproduto do programa investigativo desenvolvido em torno da Teoria dos Espaços Mentais (FAUCONNIER, 1994, 1997; DANCYGIER; SWEETSER, 2005; OAKLEY; HOUGAARD, 2008). Resumidamente, espaços mentais são estruturas cognitivas efêmeras, presumivelmente associadas à memória de trabalho (FAUCONNIER, 2010), que permitem armazenar e manipular entidades conceituais ativadas a partir de estímulos linguísticos e não-linguísticos. Assim, uma sentença como “Na foto da posse da Dilma, o Temer não parece feliz⁴”, levará à construção de dois espaços mentais: um Espaço Base (ou Espaço da Realidade), no qual Dilma Rousseff e Michel Temer são representados no estado em que se encontram hoje (respectivamente, presidenta afastada e presidente em exercício), e um Espaço da Fotografia, que contém representações de Dilma e Temer no momento em que foram fotografados (isto é, na condição de presidenta e vice-presidente recém-eleitos, respectivamente). Crucialmente, a interpretação da sentença pressupõe que o ouvinte/leitor construa *links* entre os dois espaços mentais, o que permite capturar a ideia de que as “duas Dilmas” e os “dois Temers” são, em um sentido importante, a mesma pessoa.

No curso do desenvolvimento da Teoria dos Espaços Mentais, uma das descobertas mais interessantes, discutida pioneiramente já em Fauconier (1997, cap.6), foi a de que referentes incluídos em espaços mentais distintos podem ser projetados para um mesmo

⁴ Salvo nos casos em que a referência está explícita, as frases usadas para exemplificações nesta seção são inventadas e de responsabilidade dos autores. Neste último caso, trata-se de adaptações, ao contexto político brasileiro atual, de exemplos clássicos da literatura cognitivista.

espaço mental, de modo a serem integrados imaginativamente em um cenário único. Essa operação cognitiva, conhecida como *mesclagem conceptual*, pode ser ilustrada por uma sentença como “Se o Fernandinho Beira-Mar fosse do PSDB, ele estaria livre”. Como o leitor pode constatar, essa sentença não apenas promove a criação de dois espaços mentais – um referente à organização criminal Comando Vermelho, onde se encontra a representação de Fernandinho Beira-Mar, e outro referente ao partido político PSDB, onde se encontram as representações de diversos políticos conhecidos –, como dispara ainda a projeção seletiva de elementos desses dois espaços para um terceiro, conhecido como espaço-mescla, no qual Beira-Mar é representado como um político que, por ser filiado ao PSDB, segue em liberdade.

Por explicar a construção de cenários imaginativos e mundos contrafactuais, não surpreende que a operação de mesclagem conceptual tenha sido explorada em trabalhos que se debruçam sobre textos literários, humorísticos e persuasivos. Pinheiro e Nascimento (2010), por exemplo, argumentam que o efeito de compressão conceptual provocado pela mesclagem contribui para intensificar o poder argumentativo de textos pertencentes a diferentes gêneros – como no seguinte anúncio publicitário:

Figura 1 – Anúncio com mesclagem



Fonte: campaignsoftheworld.com.

Como se vê, a imagem acima representa uma relação sexual peculiar: embora pareça haver apenas duas pessoas envolvidas, é possível enxergar nela uma profusão de braços. O texto do anúncio esclarece o mistério: ao dormir com alguém, você está, indiretamente, se relacionando com todos os parceiros prévios dessa pessoa. O

interessante é que a imagem representa essas relações *como se* elas fossem diretas: se, no mundo real, cada indivíduo só se relaciona de forma indireta com os demais parceiros do seu parceiro, no mundo ficcional (mesclado) criado pela imagem, tudo se passa como se o homem e a mulher tivessem contato direto com os parceiros anteriores do outro. Pinheiro e Nascimento (2010) sustentam que a compressão de diversos cenários reais (uma sequência de relações sexuais individuais) em uma situação imaginária (uma relação única com múltiplos parceiros) conduz à experiência subjetiva de *insight global* (FAUCONNIER; TURNER, 2000, 2002), que faculta ao leitor a apreensão imediata e intuitiva do conteúdo veiculado, o que, por seu turno, aumenta as chances de que a recomendação da campanha (“Get tested for HIV”) seja acatada.

Em uma linha semelhante, Coulson e Pascual (2006) analisam, à luz da Teoria da Mesclagem Conceptual, textos difundidos por ativistas norte-americanos “pró-vida”, isto é, contrários à legalidade do aborto⁵. Seu objeto de análise são passagens como a seguinte:

(2) If you were born after 1973, about 30% of your friends and relatives are missing. Since the Supreme Court approved legal abortions 30 years ago, nearly 1 of every 3 babies was aborted. That means 43 million US children, teens, and young adults are missing. While we know how all of them disappeared, we will never know what they had to offer. Life. See what we’ve been missing.

Como explicam as autoras, o texto acima é parte de um comercial desenvolvido por uma organização sem fins lucrativos chamada Virtue Media. Nele, é possível ver uma mulher pousando no chão uma caixa de leite com a foto de uma criança desaparecida. Junto da foto, podem-se ver informações como idade e altura da criança, bem como a data e o local onde ela teria sido vista pela última vez. É somente depois dessa imagem que uma voz em off enuncia o texto em (2).

Segundo a análise de Coulson e Pascual (2006), o anúncio promove a mesclagem de elementos pertencentes a dois espaços mentais distintos: de um lado, o mundo real, no qual diversos fetos foram abortados ao longo dos anos (desde 1973); de outro, um mundo contrafactual, no qual esses mesmos fetos teriam nascido. A mesclagem pressupõe que cada um dos fetos abortados (espaço mental 1, mundo real) seja associado ao indivíduo em que eles supostamente teriam se transformado caso o aborto não tivesse ocorrido (espaço mental 2, mundo contrafactual). Uma vez estabelecido esse vínculo, esses referentes são projetados no espaço-mescla, resultando na criação de um mundo fictício povoado por “pessoas desaparecidas”⁶. Para as autoras, o reenquadramento de *fetos abortados* como *pessoas desaparecidas*, operado pelo processo de mesclagem, é o que torna o anúncio particularmente poderoso, na medida em que o faz evocar “respostas afetivas consistentes com seus propósitos argumentativos” (COULSON; PASCUAL, 2006, p.155).

⁵ O aborto é legal nos Estados Unidos desde 1973, graças a uma decisão da Suprema Corte.

⁶ O anúncio explora de maneira particularmente hábil a semântica do adjetivo *missing* (“desaparecido”, “ausente”, “faltando”).

Assim como os dois estudos resumidos nesta seção, este trabalho também recorre à Teoria da Mesclagem Conceptual para investigar o poder de persuasão em textos com finalidade argumentativa. Diferentemente daqueles trabalhos, porém, a análise apresentada aqui se volta, especificamente, para os casos em que a operação de mesclagem promove recategorização, inserindo certas entidades conceptuais/discursivas em categorias não esperadas. É para esses casos que nos voltamos na próxima seção.

Análise de dados: mesclagem e recategorização em discursos de Fernando Collor

Como a maior parte dos discursos proferidos para audiências amplas com finalidade persuasiva, os discursos de Fernando Collor analisados neste estudo reúnem um amplo leque de estratégias de repetição. Aqui, no entanto, iremos nos concentrar em apenas uma delas: o paralelismo sintático, caracterizado pela justaposição de pelo menos duas sequências textuais com estrutura gramatical idêntica. Tal como o definimos, o paralelismo sintático não pressupõe (necessariamente) reiteração de material lexical – o que importa é, tão-somente, a repetição da estrutura sentencial (ou parte dela).

A análise do *corpus* revelou que o discurso de Collor mobiliza dois tipos de paralelismos. No primeiro deles, elementos que pertencem a uma mesma categoria semântica estão justapostos em uma estrutura sintática comum, evocando uma mera enumeração de elementos em si mesmos associáveis, como se vê em negrito no exemplo (1):

(1) (...) e ouvir dos políticos
o que eles têm a oferecer,
como por exemplo,
uma solução **para a saúde,**
para a educação,
para o transporte,
para a alimentação,
para a dívida externa,
para a dívida externa,
para a dívida interna,
para a corrupção,
para a impunidade...

Neste artigo, porém, conforme anunciado na introdução, interessa-nos chamar atenção para um segundo tipo de estrutura paralelística, aquele que, ao justapor elementos que a princípio não apresentam uma correspondência categorial óbvia, engendram recategorização, como se vê em negrito no exemplo (2):

(2) [...] enquanto nós não tivermos partidos políticos consolidados..
partidos políticos de vergonha ((ênfase no gesto)),
que façam.. ((ênfase no gesto)),
que exercitem .. ((ênfase no gesto)) o discurso,
que nas épocas das campanhas eleitorais,
com tanta eloquência,
com tanta mentira, ((ênfase no gesto))
costumam colocar.

Proporemos aqui que esse tipo de paralelismo sintático serve, nos discursos analisados, a duas funções: (i) promover a recategorização de entidades conceptuais/discursivas e, ao mesmo tempo, (ii) apresentar o produto dessa recategorização como dado/pressuposto. As duas funções, logo se vê, são manifestamente contraditórias: de um lado, busca-se modificar o pertencimento categorial de uma entidade; de outro, busca-se apresentar a nova classificação como se ela fosse consensual ou, pelo menos, já estivesse previamente estabelecida. Ambas as funções, argumentamos, atuam no sentido de incrementar o poder argumentativo dos textos analisados.

No exemplo (2), a eloquência dos políticos “nas épocas das campanhas eleitorais” é identificada como “mentira”. Isso é interessante, em primeiro lugar, por não ser óbvio: afinal, nem todo discurso eloquente é mentiroso, e nem todo discurso mentiroso é eloquente. Dito de outro modo: nem a presença da propriedade ELOQUÊNCIA é condição necessária para a definição da categoria MENTIRA, nem o contrário é verdadeiro.

A passagem acima, no entanto, subverte essa lógica, na medida em que o orador parece sugerir que a eloquência de um discurso funciona como evidência externa de que seu conteúdo é inverídico. A interpretação dessa passagem implica, portanto, que o ouvinte/leitor passe a compreender a entidade abstrata ELOQUÊNCIA como parte integrante da categoria MENTIRA.

Mas como, exatamente, essa recategorização é levada a cabo? Para responder a essa pergunta, vale a pena considerar a análise de Fauconnier e Turner (2002, cap. 8) para sentenças do tipo “Paul é o pai de Sally” e “A vaidade é a areia movediça da razão”, que são tomadas como manifestações da construção gramatical hoje conhecida como XYZ. Para os autores, exemplos desse tipo promovem um processo de mesclagem conceptual que se inicia com o estabelecimento de dois espaços mentais: enquanto o primeiro (espaço 1) especifica entidades particulares (como PAUL e SALLY), o outro (espaço 2) prevê os papéis gerais (como PAI e FILHA)⁷. Estabelecidos esses espaços, os papéis e as entidades são mapeados entre si e então projetados no espaço-mescla. O interessante é notar que, embora a construção gramatical preveja três elementos nominais explícitos (referidos esquematicamente como X, Y e Z; por exemplo “Paul”, “pai” e “Sally”), o processo de mesclagem ativado por ela envolve quatro elementos

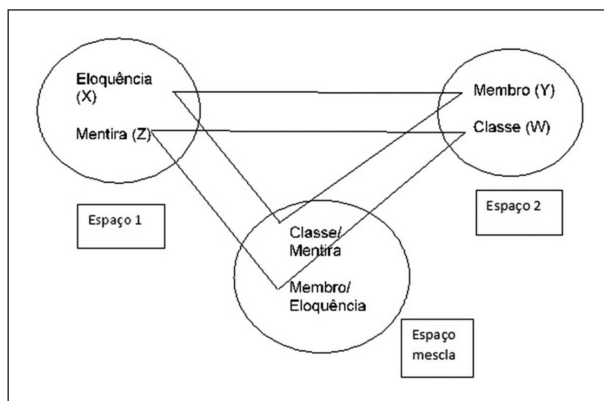
⁷ Note-se que, no segundo exemplo, a expressão “areia movediça” representa figurativamente o papel de *obstáculo oculto em uma travessia*.

conceptuais – de maneira que o quarto elemento, representado como W, deverá ser inferido pragmaticamente⁸. Como resultado do processo de mesclagem, emerge a interpretação de que existe um tipo específico de relação entre X (por exemplo, “Paul”) e Z (por exemplo, “Sally”).

Neste trabalho, gostaríamos de sugerir que estruturas sintáticas paralelísticas, como aquela de (2), disparam um processo de compressão papel-valor, via mesclagem conceptual, muito semelhante ao da construção XYZ. Mas com duas diferenças: em primeiro lugar, o paralelismo sintático especifica a existência de uma *relação classe-membro* (isto é, uma relação hiperonímica) entre as entidades envolvidas⁹; em segundo lugar, o paralelismo induz o leitor/ouvinte a *acomodar* a compressão papel-valor, construindo-a como informação previamente estabelecida¹⁰.

Consideremos, então, a passagem destacada em (2). Inicialmente, vale a pena sublinhar a semelhança entre os processos disparados e aqueles frequentemente associados à construção XYZ. Para isso, vejamos a representação do processo de mesclagem que subjaz à construção do sentido de (2):

Figura 2 – Representação do processo de mesclagem conceptual da sequência paralelística em (2)



Fonte: Elaboração própria.

A representação acima deixa bastante evidentes as semelhanças entre a construção XYZ e a estrutura sintática paralelística. Como se vê no diagrama, a sequência destacada em (2) também promove a construção de dois espaços mentais, de modo tal que um

⁸ Em “Paul é o pai de Sally”, o elemento W é o papel FILHA, como já dissemos; em “A vaidade é a areia movediça da razão”, trata-se do papel de viajante.

⁹ Quanto à construção XYZ, isso de modo algum é obrigatório (como se vê em “A vaidade é a areia movediça da razão”), ainda que seja possível (por exemplo, em uma sentença como “A abelha é o Einstein dos insetos”).

¹⁰ A noção de acomodação é usada, nos estudos de pressuposição, para fazer referência às situações em que uma informação é codificada como pressuposta mesmo não sendo de conhecimento do interlocutor (LAMBRECHT, 1994). A acomodação de pressuposição pode ser explorada internacionalmente para diferentes propósitos. Voltaremos a esse ponto em breve.

deles representa entidades particulares (a saber, ELOQUÊNCIA e MENTIRA) e o outro, papéis gerais (a saber, classe e membro). Além disso, também aqui as entidades são associadas aos seus respectivos papéis – isto é, estabelece-se uma correspondência entre elementos pertencentes a espaços mentais distintos – e então projetadas no espaço-mescla. E, por fim, a interpretação que emerge no espaço-mescla é largamente coincidente com aquela tipicamente associada à construção XYZ: trata-se do entendimento de que o elemento conceptual X (aqui, ELOQUÊNCIA) estabelece um tipo específico de relação com o elemento conceptual Z (aqui, MENTIRA).

Se as “acrobacias cognitivas” (FERRARI, 2012) que subjazem à construção do sentido de (2) são notavelmente semelhantes às do padrão XYZ, a forma linguística difere marcadamente de uma estrutura para a outra. A esse respeito, a diferença mais evidente reside no fato de que essa estrutura paralelística prevê apenas dois elementos nominais, correspondentes às variáveis X e Z, ao passo que a construção XYZ, como seu nome indica, requer ainda a especificação lexical do elemento Y. Aqui, tomamos essa diferença como evidência de que, no caso dos paralelismos, é a própria estrutura sintática que serve como pista para construção do espaço 2. Em outras palavras, a coincidência semântica é sugerida pela coincidência formal, ou seja, o ouvinte/leitor assume¹¹ que a repetição do padrão formal sinaliza a construção de um espaço mental no qual devem ser representados os papéis CLASSE e MEMBRO. Naturalmente, se o conteúdo do espaço 2 é sinalizado sintaticamente (e não lexicalmente), isso significa que ele não é modificável: a sintaxe paralelística aqui focalizada evoca a representação de uma relação do tipo hipônimo-hiperônimo. É precisamente esta a chave para o processo de recategorização disparado por essa construção: dada a ausência de representação lexical do elemento Y, o significado que emerge no espaço-mescla será sempre do tipo *X é um membro da classe definida por Z*¹². Assim, estamos sugerindo que, no exemplo (2), a interpretação resultante é a de que *a eloquência é uma forma de mentira*¹³.

Uma segunda diferença formal entre os dois padrões é a seguinte: no caso das estruturas paralelísticas, os elementos nominais correspondentes a X e Z não ocupam posições sintáticas distintas e não estão relacionados (nem indiretamente) por um verbo copulativo. Essa diferença tem uma implicação relevante: se, no caso da construção XYZ, o verbo de cópula é a pista linguística que dispara a projeção entre os espaços 1 e 2, no caso da estrutura paralelística essa tarefa irá caber, mais uma vez, à própria reiteração do padrão sintático.

¹¹ Naturalmente, não se trata de uma assunção consciente. Estamos aqui no terreno do conhecimento implícito e procedural.

¹² Com isso, queremos dizer que a estrutura paralelística não exibe um *slot* aberto que permita instanciar itens lexicais capazes de expressar diferentes tipos de relações. Neste sentido, o padrão analisado aqui se distingue da construção XYZ estudada por Fauconier e Turner (2002): enquanto esta promove a construção de *algum tipo* de relação entre X e Z, aquela específica a existência de uma *relação de membro-classe (ou hipônimo-hiperônimo)* entre X e Z.

¹³ Evidentemente, essa descrição não chega perto de esgotar os processos e conhecimentos mobilizados na construção do sentido da passagem destacada em (2): crucialmente, seria necessário considerar nosso conhecimento enciclopédico segundo o qual a mentira é uma propriedade frequente, ainda que não obrigatória, dos discursos eloquentes.

O fato de que a *relação de projeção entre os espaços 1 e 2* não é sinalizada diretamente por meio de um item lexical, mas inferida indiretamente a partir da estrutura paralelística, aponta para uma outra propriedade importante dessa construção: o fato de que a recategorização disparada por ela é construída como *pressuposta*. Isso quer dizer que, do ponto de vista pragmático sequências paralelísticas não *predicam* a existência de uma relação hiperonímica entre X e Z; em vez disso, elas *pressupõem* esse tipo de relação.

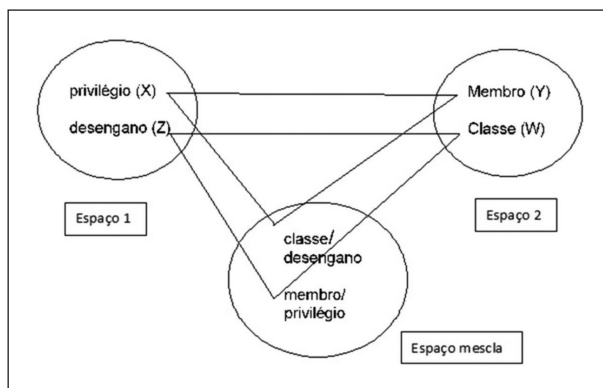
Naturalmente, numa situação interacional como a de (2), o orador não precisa de fato acreditar que seus interlocutores estão familiarizados com a conceptualização da eloquência como um tipo de mentira. Em vez disso, o que ele faz é explorar retoricamente essa relação de pertencimento categorial, codificando-a linguisticamente como informação pressuposta. Essa opção oferece uma vantagem retórica evidente: evitar que a (re)categorização proposta fique vulnerável a réplicas e contra-argumentos, isto é, evitar disputas em torno do sentido construído (ou melhor, insinuado) pela sequência paralelística. Caso o enunciador efetivamente *predicasse* a existência de uma relação necessária entre X e Z (“a eloquência dos políticos é uma forma de mentira”), acabaria por sinalizar uma abertura interacional para que essa proposição fosse negociada – e, possivelmente, recusada.

Vejamos agora um segundo exemplo em tudo semelhante ao primeiro:

(3) Temos que buscar a solidariedade,
temos que buscar a justiça social,
como pressupostos básicos da construção de uma nova sociedade,
de uma sociedade onde não haja tantos privilégios,
de uma sociedade onde não haja tantos desenganos,
de uma sociedade onde todos nós possamos conviver fraternalmente,
dentro do espírito solidário do cristianismo e do Partido Social Cristão.

No exemplo (3), podemos notar três estruturas paralelas. Nas três estruturas, observa-se um sintagma nominal (“uma sociedade”) modificado por uma sentença relativa. Comparando-se as duas primeiras estruturas, as semelhanças entre (3) e (2) saltam aos olhos: também aqui, temos uma sequência paralelística que pode ser produtivamente analisada como promotora de um processo de mesclagem conceptual que resulta em recategorização. No caso em tela, o espaço 1 contém os elementos PRIVILÉGIOS (X) e DESENGANOS (Z), ao passo que o espaço 2 contém os referentes ativados por *default* pela estrutura paralelística: MEMBRO (Y) e CLASSE (W). Com o mapeamento entre espaços mentais e a projeção seletiva dos referentes mapeados para o espaço-mescla, conforme se vê na figura 3, a interpretação resultante é a de que *os privilégios são uma forma de desengano*.

Figura 3 – Representação da primeira etapa do processo de mesclagem conceptual da sequência paralelística em (3)

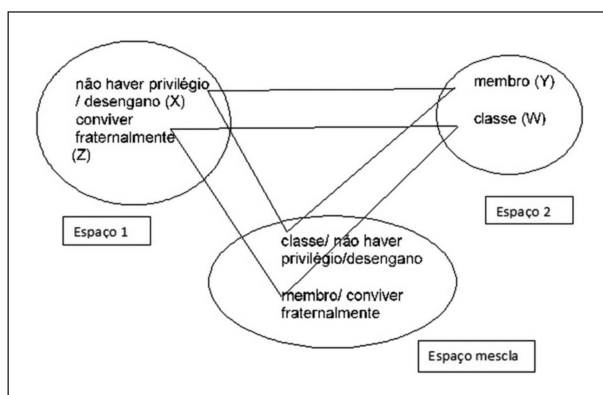


Fonte: Elaboração própria.

Mais uma vez, cabe observar que essa proposta de categorização não é óbvia: o desengano (desilusão, desapontamento, decepção) não é propriedade necessária da categoria definida pelo nome “privilégio”. Na verdade, em muitos contextos é possível que o referente PRIVILÉGIO seja enquadrado positivamente. Aqui, no entanto, a inserção dos dois nomes em uma mesma estrutura paralelística pode conduzir a um enquadramento negativo, convidando o ouvinte/leitor a associar a ideia de “privilégio” a noções como injustiça e desigualdade.

De maneira análoga, a terceira linha grifada no exemplo (3) se encontra em relação paralelística com as duas primeiras linhas do mesmo exemplo, conforme se observa na figura 4.

Figura 4 – Representação da segunda etapa do processo de mesclagem conceptual da sequência paralelística em (3)



Fonte: Elaboração própria.

Resumidamente, o que se vê na figura 4 é uma segunda etapa do processo de interpretação do exemplo (3). Tecnicamente, as figuras 3 e 4, somadas, configuram o que tem sido referido na literatura como um “*megablend*”, isto é, uma mesclagem recursiva na qual o espaço-mescla (ou seja, o *output*) de uma integração conceptual funciona como *input* de uma integração subsequente. Neste caso, o processo de mesclagem representado na figura 4 se sustenta sobre a fusão conceptual anteriormente efetivada entre os conceitos de PRIVILÉGIO e DESENGANO. Deriva daí a interpretação de que uma sociedade sem privilégios/desenganos é uma sociedade em que se convive fraternalmente.

Antes de concluir, vejamos mais dois exemplos de recategorização da mesma natureza:

(4) O Estado brasileiro, ((Collor olha para a câmera, que o focaliza em close))
como todos nós sabemos,
é gigantesco,
é irracional
e é ineficiente.

(5) [...] e que queiram nos auxiliar neste trabalho
de reconstruir o Brasil dentro dos preceitos **da eficiência,**
da moralidade,
da austeridade,
da justiça social.

Também nesses dois últimos casos, nota-se a presença de mais de dois elementos participando da estrutura paralelística. Em (4), trata-se de uma estrutura formada por um verbo copulativo seguido, nessa ordem, pelos adjetivos “gigantesco”, “racional” e “ineficiente”. Já em (5), trata-se de um adjunto adnominal em que a posição de complemento da preposição é ocupada respectivamente pelos SNs “a eficiência”, “a moralidade”, “a austeridade”, “a justiça social”.

Sobre o exemplo (4), cabe considerar que a existência de um Estado gigantesco, isto é, a existência de um grande conjunto de serviços, atividades e empresas controlados pela União, não necessariamente se relaciona à IRRACIONALIDADE. Essas são opiniões em geral ligadas à economia de mercado neoliberal que aparecem aqui travestidas de obviedades – mas que não serão tão óbvias para aqueles que creem na importância do papel regulador do Estado. No entanto, o ouvinte/leitor, via construção paralelística, é levado a acomodar hiperonimicamente a intervenção do Estado na economia como parte da categoria IRRACIONALIDADE. O mesmo acontece com a INEFICIÊNCIA, que também passa a abrigar hiperonimicamente o GIGANTISMO do Estado, em uma interpretação segundo a qual ser gigante é ser irracional e ser gigante/irracional é ser ineficiente.

Da mesma forma, sobre o exemplo (5)¹⁴, podemos pensar que não é verdade que a EFICIÊNCIA de um governo esteja *naturalmente* relacionada à adoção de medidas austeras – o que, na esfera econômica, em geral, se refere à contenção de gastos públicos com educação, saúde, previdência, etc. É a estrutura paralelística que instaura uma operação mental que faz associar a adoção de medidas morais, austeras e justas como um tipo de EFICIÊNCIA. Embora esses três termos paralelos à “eficiência” participem da relação membro/classe aqui sugerida, queremos destacar em (5) como, interessantemente, uma *proposta* específica e polêmica em relação à macroeconomia do país, como AUSTERIDADE, está embalada no mesmo pacote que MORALIDADE e JUSTIÇA SOCIAL. Apresentadas como estão, como consensos em torno da noção de eficiência, as propostas ficam fechadas à negociação e ao debate de ideias.

Em suma, o que fica evidente nos exemplos discutidos aqui – e em muitos outros exemplos presentes no *corpus* analisado – é que esse tipo de paralelismo sintático pode desempenhar um papel crucial em textos argumentativos. Afinal, ele se presta a uma função dupla e aparentemente contraditória: se, de um lado, promove a inserção de certas entidades conceptuais/discursivas em uma nova categoria (por exemplo, a eloquência como mentira; o privilégio como desengano; a eficiência como austeridade; o Estado gigantesco como irracionalidade), de outro, trata-se de uma estrutura formal que permite construir o produto dessa recategorização como informação pressuposta. Ambas as funções são bem-vindas quando se trata de incrementar o poder argumentativo de um discurso: enquanto a recategorização promove a conceptualização de um estado-de-coisas de maneira particularmente favorável para o enunciador, a estrutura de pressuposição minimiza as chances de que esse estado-de-coisas seja refutado.

Considerações finais

A literatura sobre repetição tem enfatizado uma série de propriedades que a tornam especialmente útil em textos orais com propósitos de persuasão: como esses trabalhos têm mostrado, a separação dos conteúdos discursivos em diversos enunciados simples e a própria reiteração desses conteúdos ao longo da enunciação atuam no sentido de facilitar o processamento e, assim, incrementar as possibilidades de êxito argumentativo (TANNEN, 1989; JOHNSTONE, 1991).

Neste artigo, esperamos ter contribuído com essa tradição de estudos ao chamar a atenção para um tipo específico de repetição, ao qual nos referimos como paralelismo sintático. Aqui, como contribuição teórica, sugerimos que o paralelismo sintático

¹⁴ Mais acima, observamos que um elemento crucial para o sucesso da estratégia retórica em foco aqui é a ausência de um verbo copulativo ligando os elementos que ocupam os papéis de hiperônimo e hipônimo na relação de categorização. Note-se que o exemplo (4), a despeito de exibir dois verbos copulativos, não contradiz essa generalização, dado que os verbos são parte integrante dos elementos relacionados entre si – o que significa que eles não desempenham a função de conectar esses elementos. Em outras palavras, a explicitação da relação efetivada – em (4), implicitamente – pelo paralelismo sintático implicaria uma formulação das seguintes linhas: *ser gigantesco é ser irracional*.

apresenta duas propriedades adicionais que o tornam eficaz do ponto de vista retórico: a função de recategorização e a possibilidade de codificar a informação nova como informação pressuposta. Para além disso, buscamos ainda descrever os processos cognitivos inconscientes que resultariam na recategorização conceptual/discursiva.

Do ponto de vista aplicado ao contexto do estudo, esperamos que uma lente voltada para os processos cognitivos de construção de sentido tenha nos permitido mostrar os modos como se materializa estrategicamente, na performance de Fernando Collor, o lema do “*make it easy*”, típico da lógica quantitativa que rege a comunicação de massa especialmente naquele momento histórico de redemocratização e de interseção entre os campos da política e do entretenimento. Mais do que constatar descritivamente a presença dos paralelismos sintáticos como recurso estilístico, procuramos demonstrar como esse recurso opera na argumentação política, invisibilizando a perspectiva ideológica do que é dito, criando pressupostos pacíficos e discursos monocórdicos.

BIAR, L.; PINHEIRO, D. “Such eloquence, such falsehood”: Repetition and recategorization in speeches delivered by Fernando Collor. *Alfa*, São Paulo, v.62, n.3, p.469-485, 2018.

- *ABSTRACT: This article focuses on a specific type of repetition that turns out to be particularly frequent in the political speeches delivered by Fernando Collor de Mello during the 1989 presidential campaign in Brazil: syntactic parallelisms. By adopting a qualitative and interpretive perspective on the phenomenon, we use the framework of Conceptual Blending Theory (FAUCONNIER; TURNER, 2002) in order to investigate the functions of this strategy in a corpus constituted by the first three electoral programs aired by the candidate. Our analysis suggests that syntactic parallelisms play two important argumentative roles: on the one hand, it triggers a process of recategorization of conceptual/discursive entities; on the other hand, it allows the speaker to present the result of this process as backgrounded information, thus reducing the likelihood of rebuttal and making underlying ideology invisible. By using such cognitive lens to look into the meaning-making processes, we show how the former president's performances manifests certain premises of mass communication, bringing closer together the fields of politics and entertainment.*
- *KEYWORDS: Political Discourse. Syntactic Parallelism. Conceptual Blending. Mass Media. Fernando Collor.*

REFERÊNCIAS

BIAR, L. A. **Água mole em pedra dura tanto bate até que fura**: uma análise sociocognitiva do uso das repetições no discurso de Fernando Collor. 2007. 148 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

CONTI, M. S. **Notícias do Planalto**: a imprensa e Fernando Collor. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

COULSON, S.; PASCUAL, E. For the sake of argument: Mourning the unborn and reviving the dead through conceptual blending. In: IBANÉZ, F. J. R. M. (Ed.). **Annual Review of Cognitive Linguistics**. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins, 2006. p.153-181.

COSTA LIMA, L. **Teoria da cultura de massa**. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1990.

DANCYGIER, B.; SWEETSER, E. **Mental spaces in grammar**: conditional constructions. Cambridge: University Press, 2005.

FAUCONNIER, G. **Mental spaces**: aspects of meaning construction in natural language. Cambridge: Cambridge University Press, 1994 [1985].

FAUCONNIER, G. **Mappings in thought and language**. Cambridge: University Press, 1997.

FAUCONNIER, G. Mental spaces. In: GEERAERTS, D.; CUYCKENS, H. **The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics**. Oxford: University Press, 2010. p.351-376.

FAUCONNIER, G.; TURNER, M. Conceptual integration networks. **Cognitive Science**, n.2, v.1, p.133-187, 1998.

FAUCONNIER, G.; TURNER, M. Compression and global insight. **Cognitive Linguistics**, n.11, v.3/4, p.283-304, 2000.

FAUCONNIER, G.; TURNER, M. **The way we think**: conceptual blending and the mind's hidden complexities. New York: Basic Books, 2002.

FAUCONNIER, G.; TURNER, M. Rethinking Metaphor. In: GIBBS, R.W. Jr. (Org.). **The Cambridge Handbook of Metaphor and Thought**. Cambridge: Cambridge University Press, 2008. p.53-66.

FERRARI, L. Acrobacias cognitivas: ponto de vista e subjetividade em redes construcionais. In: MOURA, H.; GABRIEL, R. (Org.). **Cognição na linguagem**. Florianópolis: Insular, 2012. p.43-62.

FIGUEIREDO, M.; ALDÉ, A.; DIAS, H.; JORGE, V. Estratégias de persuasão eleitoral: uma proposta metodológica para o estudo da propaganda eleitoral. **Opinião Pública**, n.4, v.3, p.182-203, 1997.

JOHNSTONE, B. **Repetition in arabic discourse**: paradigms, syntagms, and the ecology of language. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1991.

LAMBRECHT, K. **Information structure and sentence form**: topic, focus and the mental representation of referents. Cambridge: University Press, 1994.

OAKLEY, T.; HOUGAARD, A. **Mental spaces in discourse and interaction**. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins, 2008.

PINHEIRO, D.; NASCIMENTO, L. A retórica entre o discurso e a cognição: a mesclagem conceptual como estratégia argumentativa. **Fórum Linguístico**, n.2, v.7, p.01-22, 2010.

TANNEN, D. **Talking voices**: repetition, dialogue, and imagery in conversational discourse. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

Recebido em 04 de novembro de 2017

Aprovado em 23 de março de 2018

O PERFIL DOS FALANTES PELO VIÉS DE SUAS REDES DE INTERAÇÃO E A RELAÇÃO COM A MUDANÇA LINGUÍSTICA

Eliane Vitorino de Moura OLIVEIRA*

- **RESUMO:** Este trabalho mostra, por meio do mapeamento da fala de adolescentes oriundos de um distrito rural da cidade de Londrina, no Paraná, a Análise das Redes Sociais de Interação (social networks) - ARS, como um método analítico apropriado para o reconhecimento da realidade sociolinguística, uma vez que atua como um caminho eficiente para a obtenção de respostas sobre o comportamento linguístico de falantes, o que não é possível utilizando apenas as variáveis mais tradicionais (sexo, idade, classe social, escolaridade etc.). Utilizando o programa Egonet, software cuja função é quantificar os contatos pessoais, por meio da identificação de conexões e pontos dentro de redes egocêntricas, são apresentados mapas individuais das redes dos informantes, como um modelo apropriado de reconhecimento das referências linguísticas individuais. Pelo viés da Sociolinguística, no que concerne ao estudos da segunda onda, tendo como suporte teórico Milroy (1987 [1980]), Bortoni-Ricardo (2005, 2009, 2011 [1985], 2014), Coelho et al. (2015), entre outros, as discussões com enfoque nos resultados retratam a importância do trabalho com a ARS como um eficiente instrumento para os estudos da linguagem em geral, e sua relevância como um fator norteador no entendimento da manutenção e da mudança de falares como os analisados nesta pesquisa.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Redes Sociais de Interação; Sociolinguística; Manutenção e Mudança linguística.

Introdução

Ah, quando eu estou em algum lugar, assim, mais importante e com minha patroa, que ela fica pegano no meu pé, o trabalho dela, ela era professora lá, era professora da UEL, ela fica sempre me corrigindo ‘fala direito, fala direito’, aí, pra mim não ficá sendo chamada a atenção, daí eu fico meio que medino...¹ (Inf1)

* Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Arapiraca – Alagoas – Brasil. Curso de Letras Língua Portuguesa. eliane.oliveira@arapiraca.ufal.br. ORCID: 0000000206983795.

¹ Utilizamos a chave de transcrição grafemática proposta pelo Projeto Vertentes da UFBA, disponível em <http://www.vertentes.ufba.br/projeto/transcricao>

Nossa língua é nossa Pátria, já dizia Pessoa. Nossa marca, nossa identidade. Por meio dela, constituímos-nos como sujeitos. Interagimos, empoderamos, e, inclusive, oprimimos.

Sempre dentro do contrato social estabelecido na comunidade linguística, cada um faz uso da língua de modo único. Mas a interação concretizada pela fala também sofre influência. “Diga-me com quem andas e direi quem és”.

O texto em epígrafe é um exemplo. Trata-se da fala de uma informante de dezitoito anos, diarista, moradora em um Distrito na zona rural de Londrina, cujas redes de interação principais são trabalho e família. Em ambas as redes, os mais relevantes laços de interação se dão com indivíduos de maior acesso ao letramento literário. Por que uma menina, moradora em um distrito rural, com um trabalho que, comumente, compreende letramentos populares, apresenta uma fala diversa do que se espera encontrar na zona rural, já que não apresenta as variáveis associadas a esse tipo de expressão, como rotacismo e iotização, por exemplo? Ou seja, por que ela, e outros adolescentes inquiridos neste trabalho, mesmo morando em áreas rurais, distanciam-se da variedade radicular, em direção ao falar urbano? A resposta estaria em suas redes de interação? E ainda, que motivos levariam outros a manter sua expressão linguística próxima do falar rural? A influência dos pais? Dos vizinhos? Redes cuja fala distanciam-se demais do falar urbano?

Responder a tais questões é o que objetivamos neste trabalho e, para isso, investigamos interações com base em redes sociais de relacionamento, utilizando, como *corpus*, gravações de fala de dois grupos de adolescentes: um formado por residentes na zona central (ZCD) de um Distrito da cidade de Londrina, considerada mais urbana², e outro grupo formado por residentes na zona rural (ZRD) deste mesmo distrito, de acordo com a gravação de suas falas em resposta a um questionário sociolinguístico.

São vinte e quatro alunos do Ensino Médio de um colégio situado no citado Distrito, entre 15 e 18 anos, sendo doze meninas e doze meninos. Desses, seis meninas e seis meninos moram na área central do distrito; seis meninas e seis meninos residem em sua zona rural.

A opção pela adolescência deve-se ao fato de ela ser o período de transição entre a infância e a idade adulta, sendo, por isso, uma fase em que os falantes tendem a ser mais suscetíveis ao meio, uma vez que, consoante Netto (1968), costumam formar turmas e o grupo de companheiros passa a exercer grande influência sobre o comportamento do jovem, o que nos remete à importância das redes de interação social em que se inserem como determinantes na configuração de sua expressão linguística.

Em se tratando da constituição do *corpus*, após a aplicação de questionários, cujas perguntas tencionavam a conhecer a realidade social, econômica e cultural, a todas as turmas do Ensino Médio do colégio no qual aconteceu a pesquisa, foram selecionados

² Não trazemos aqui um aprofundamento sobre a questão rural e urbano. Maiores informações podem ser obtidas no trabalho completo *Se Maria vai com as outras, Maria fala como as outras?* Redes sociais e letramento na fala adolescente. 2015. 246f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?code=vtls000202173>

vinte e quatro alunos que correspondiam aos fatores previamente estipulados, como idade, local de moradia, participação no mercado de trabalho, participação de cursos extracurriculares, atuação em atividades religiosas ou sociais e acesso a bens culturais como cinema, teatro, leitura, viagens etc.

Selecionados, os vinte e quatro alunos foram novamente inquiridos, desta feita por meio de questionamentos visando a obter o maior tempo possível de sua fala vernácula, seguindo a proposta de Labov (2008 [1972]) de entrevista direcionada. Ao final, cada uma das vinte e quatro entrevistas foi transcrita de acordo com a chave de transcrição proposta pelo Projeto Vertentes da UFBA³, observando-se a incidência das seguintes variáveis: ausência de concordância verbal na 1ª e na 3ª pessoa do plural; a incidência de rotacismo; incidência de iotização, consideradas marcas do falar rural por Amaral (1982 [1920]), corroboradas por Bortoni-Ricardo (2011 [1985]).

No que tange às análises, orientamo-nos pela metodologia das redes de interação (*social networks*) (MILROY, 1987 [1980]), por entendermos, com Battisti (2014, p.96), que “na pesquisa sociolinguística, a análise de redes e práticas sociais pode esclarecer o papel das ligações entre as pessoas, da maior ou menor coesão dos grupos, da pressão dos pares e das identidades locais na variação e mudança linguística.”

O que trazemos aqui é um breve resultado da investigação das conexões cotidianas vividas por esses adolescentes, relatando seu papel para a manutenção da variedade rural, hipoteticamente comum à primeira rede de interação social dos sujeitos de pesquisa – a família –, ou para a mudança, em favor da variedade de prestígio, apregoada pelas agências difusoras da cultura hegemônica (escola, igreja, trabalho, mídias etc.).

Antes, porém, de apresentar tais resultados, tratamos das teorias que norteiam a pesquisa e servem como base para as análises e as conclusões do trabalho.

Redes Sociais de interação

Ainda que os relacionamentos locais sejam mais frequentes e o conhecimento entre membros de uma mesma comunidade de fala seja mútuo, as pessoas movem-se, aderem a diferentes movimentos, engajam-se a variados empreendimentos, inserem-se em outros grupos, adentram outras sociedades nas quais as relações identitárias têm lugar. Ou seja, há um sensível e tenaz vínculo entre as relações sociais e variação e mudança linguística.

Entender como as interações se dão e como propagam o novo ou estabilizam o conhecido é possível. Uma pesquisa sociolinguística, considerando o objeto pesquisado e os interesses nela envolvidos, pode levar em conta o desenvolvimento da língua em três pontos de observação: em comunidades de fala, em redes sociais de interação ou em comunidades de prática. Ainda que optar por um não signifique que os outros

³ Disponível em: http://www.aedi.ufpa.br/parfor/letras/images/documentos/atividadesadistancia_jan2016/jairfranciscocecim/chave%20de%20transcricao%20grafematica.pdf

domínios sejam desconsiderados, cada pesquisa tem suas especificidades. E “o que une todas essas abordagens é o foco na língua em seu contexto social.”, como vemos em Coelho et al. (2015, p.70).

Os trabalhos com base na Sociolinguística Variacionista estruturaram-se a partir do conceito de comunidade de fala proposto por Labov (2008 [1972], p.150), para quem “comunidade de fala não é definida por nenhuma concordância marcada no uso de elementos linguísticos, mas sim pela participação num conjunto de normas compartilhadas” (LABOV, 2008 [1972], p.150).

Em tal concepção, é a atitude compartilhada pelos falantes diante dos usos linguísticos que define uma comunidade de fala, e a uniformidade das normas compartilhadas acontece quando a variável linguística apresenta marcas sociais evidentes, significando que os falantes, muitas vezes, são conscientes dos usos linguísticos que fazem, como também são capazes de sobre eles emitir juízos de valor.

Tal compreensão acarretou questionamentos quanto à avaliação das variantes, em especial em relação a sua operacionalização, por não parecer ser possível determinar um número de formas linguísticas variáveis sobre as quais os usuários da língua teriam uma atitude uniforme, o que identificaria, segundo Labov, uma comunidade de fala.

Gumperz (1972), relativizando a generalização feita por Labov, concebe comunidade de fala como uma coletividade de encadeamentos sociais. Dessa maneira, aproxima-se da concepção adotada em estudos cuja metodologia visa a clarificar o vínculo existente entre padrões sociolinguísticos gerais e práticas locais, e propõe uma nova conceituação para a comunidade de fala, alicerçada pelas interações sociais entre pessoas e as conexões estabelecidas nessas interações, visto que, vivendo em sociedade, os indivíduos comumente adotam condutas paritárias às dos integrantes de seus grupos de interação, incluindo aí o comportamento linguístico.

Nessa linha, entram os trabalhos de Milroy (1987 [1980]), cujas pesquisas, desenvolvidas em três comunidades proletárias da cidade de Belfast, na Irlanda, introduzem o estudo das Redes Sociais de interação, bem como estabelecem os elementos conjuntivos dessa metodologia aos estudos da Sociolinguística.

Ao conceber as questões da variação e da mudança linguística como resultado da interação entre falantes inseridos em determinados contextos sociais e interacionais, a pesquisadora usa o conceito de Redes Sociais de interação, termo traduzido do inglês *Social Networks*, abordagem complementar que ajudar a esclarecer os mecanismos sociais cotidianos favoráveis à manutenção ou à mudança linguística, pois atua no sentido de explicar por que sujeitos com características tão próximas, como é o caso dos alunos pesquisados neste trabalho – mesma idade, escolaridade, estrato social e história de vida aproximados, entre outros fatores –, apresentam diferenças tão marcantes em sua expressão oral.

Bortoni-Ricardo (2011, p.15) define Redes Sociais de interação como “um conjunto de vínculos de todos os tipos entre os indivíduos em um grupo”. Na visão de Severo (2007), são meios de averiguação dos mecanismos presentes nas comunidades que facilitam ou dificultam a mudança, os quais também servem para

analisar o modo como os indivíduos usam os recursos da variabilidade linguística que lhes são disponíveis.

Severo (2007, p.5) esclarece que essa é uma noção advinda da Antropologia Social nas décadas de 1960 e 1970 e trazida para os estudos sobre a variação e a mudança, a fim de “explicar a relação entre os padrões da manutenção do vernáculo e os padrões de mudança linguística no decorrer do tempo”. Evans (2004) observa que há duas formas de olhar as redes sociais: um primeiro ponto de vista as vê como um sistema de relações pessoais com efeitos sobre os indivíduos; um segundo, entende-as como relações usadas pelas pessoas para atingir seus objetivos. A Sociolinguística se orienta pela primeira forma de olhar.

Essas redes representam os graus de contato entre indivíduos que se relacionam cotidianamente de acordo com propriedades como *multiplexity* (multiplexidade), condizente com o conteúdo da rede, e *density* (densidade), relacionada à estrutura da rede.

Em Milroy (1987[1980], p.50), lemos que “uma rede é considerada relativamente densa se um grande número de pessoas se ligam umas às outras de diferentes formas⁴⁷ (tradução nossa). Quanto maior for o número de pessoas que se conhecem internamente em um grupo, maior a densidade da rede, informa ainda Milroy (1987[1980]), pois, ao se relacionarem intensamente em sua rede, o contato com o exterior é minimizado, uma vez que cada indivíduo tem poucas possibilidades de usar suas relações para contatar pessoas e ser contactado por pessoas de fora dos limites do grupo. Em contrapartida, uma rede em que poucas pessoas se conhecem mutuamente é uma rede de tessitura frouxa, com pouca densidade.

Em relação à multiplexidade, a autora considera as características dos laços dentro das redes tão importantes quanto as próprias redes, uma vez que, mesmo estando dentro da mesma ordem, alguns laços podem estar mais sujeitos à influência externa que outros.

Dentro desse conceito, Milroy (1987 [1980]) faz uma bipartição entre multiplexidade e uniplexidade. Um vínculo será uniplexo quando um integrante da rede representar apenas um papel em relação ao outro, por exemplo, apenas “patrão” (em relação ao seu empregado). O grau de complexidade aqui é baixo, já que os papéis sociais exercidos pela mesma pessoa não são diversificados, devido aos restritos domínios de atividades sociais.

Por outro lado, será multiplexo quando assumir uma gama de papéis, por exemplo, sendo patrão, pode ser também vizinho, tio, pastor, entre outros. Bortoni-Ricardo (2011 [1985]) frisa a importância dos papéis sociais para a distinção entre rural e urbano, uma vez que, em localidades rurais, é comum o indivíduo exercer diversos papéis numa mesma comunidade de fala, o que gera uma dependência linguística entre os membros dessa comunidade, ao passo que, em localidades urbanas, os conhecidos podem ser vários, cada um com um papel bem marcado. A autora (2011 [1985], p.94) esclarece:

⁴ A network is said to be relatively dense if a large number of the persons to whom ego is linked are also linked to each other.

“enquanto o meio urbano caracteriza-se por um alto nível de densidade de relações de papéis, o ambiente em vilarejos apresenta um baixo nível desse tipo de densidade”.

Já nos estudos em Belfast, Milroy (1987[1980]) atenta para a configuração das redes sociais mediante laços sociais fortes ou fracos. O estabelecimento de laços fortes acontece por intermédio de vínculos rotineiros e contínuos com parentes, vizinhos e amigos, de modo que o alto nível de intimidade assegure contatos cotidianos. Laços fracos, em outra mão, decorrem de atividades várias, não intensas e sem ligas extremadas.

Esses espaços de interação entre os indivíduos são fundamentais para a apreensão da mudança e da manutenção de padrões linguísticos, pois abarcam mecanismos que podem ser tendenciosos tanto para facilitar como para dificultá-los. O fato de as redes serem densas ou frouxas implica diretamente nos costumes linguísticos, sobretudo no que concerne à manutenção e à inovação linguística.

Estabelecido o conceito de Redes de Interação e suas peculiaridades, cabe tratar de sua importância como método de análise.

AARS como método analítico.

Originalmente utilizada nos sistemas de telecomunicações e computação, a ARS procura estabelecer um meio objetivo de identificar conexões (laços ou relações) e pontos (nós ou atores) dentro de um sistema determinado e, com isso, representar padrões estruturais de relações, os quais tanto podem se apresentar como constantes ou como totalmente imprevisíveis e não lineares (FAZITO, 2002).

É uma metodologia aplicada ao estudo das relações entre entidades e objetos de qualquer natureza, em especial no que tange aos problemas complexos, como a manutenção e mudança linguística, por exemplo, e por isso viável para os estudos sociais.

De acordo com Hanneman e Ridle (2005), a ARS caracteriza-se fundamentalmente por sua ocupação com dados que expressam relações entre grupos diversos, ocasionando um deslocamento de foco analítico. A abordagem tradicional nas ciências humanas centra-se nos atributos individuais, ao passo que a ARS vislumbra as relações estabelecidas por esses indivíduos com demais participantes em determinado contexto social. Utilizar a ARS como método de análise é propício ao tratar da fala, ato individual, pois os indivíduos não são tratados como equi-iguais.

A quantificação das redes pode ser feita por alguns meios. Neste trabalho, utilizamos o programa Egonet, um *software* livre, disponível para ser baixado na internet⁵: criado por Christopher McCarty, da Universidade da Flórida – EUA, que quantifica os contatos de pessoa determinada, por meio da identificação de conexões e pontos dentro de sua rede pessoal, estabelecendo os padrões estruturais de sua interação e, com isso, definindo a constância.

⁵ Disponível em: <<https://sourceforge.net/projects/egonet/files/latest/download>>. Acesso em: 17 mar. 18.

Para obter o mapeamento das redes dos informantes, foi feito um questionário básico de três perguntas diretas: “Quais são as cinco pessoas mais importantes na sua vida? Quais foram as cinco pessoas com quem mais conversou desde o início da semana? Para quem você contaria um segredo?”. Obtidos os nomes, esses foram lançados no programa para a definição de quem se relaciona com quem na rede.

Cada informante foi convidado a responder a afinidade que cada membro de sua rede pessoal tinha com o outro. Exemplificando pela INF1: ela citou marido, avó, patroa, mãe e irmão, nessa ordem, como os membros de sua rede pessoal de interação. Questionamos se o marido, primeiro membro citado, interagira com avó, patroa, mãe e irmão; na sequência, se a avó se relacionava com o marido, patroa, mãe e irmão; assim sucessivamente e com todos os vinte e quatro adolescentes.

O resultado permite caracterizar as redes desses informantes, no que concerne à densidade e à complexidade, bem como a qualidade dos laços, se fortes ou fracos, o que é de fundamental importância para a manutenção ou a mudança do falar identitário em favor de uma outra variedade que se deseje alcançar, como a mudança do falar rural para o falar urbano.

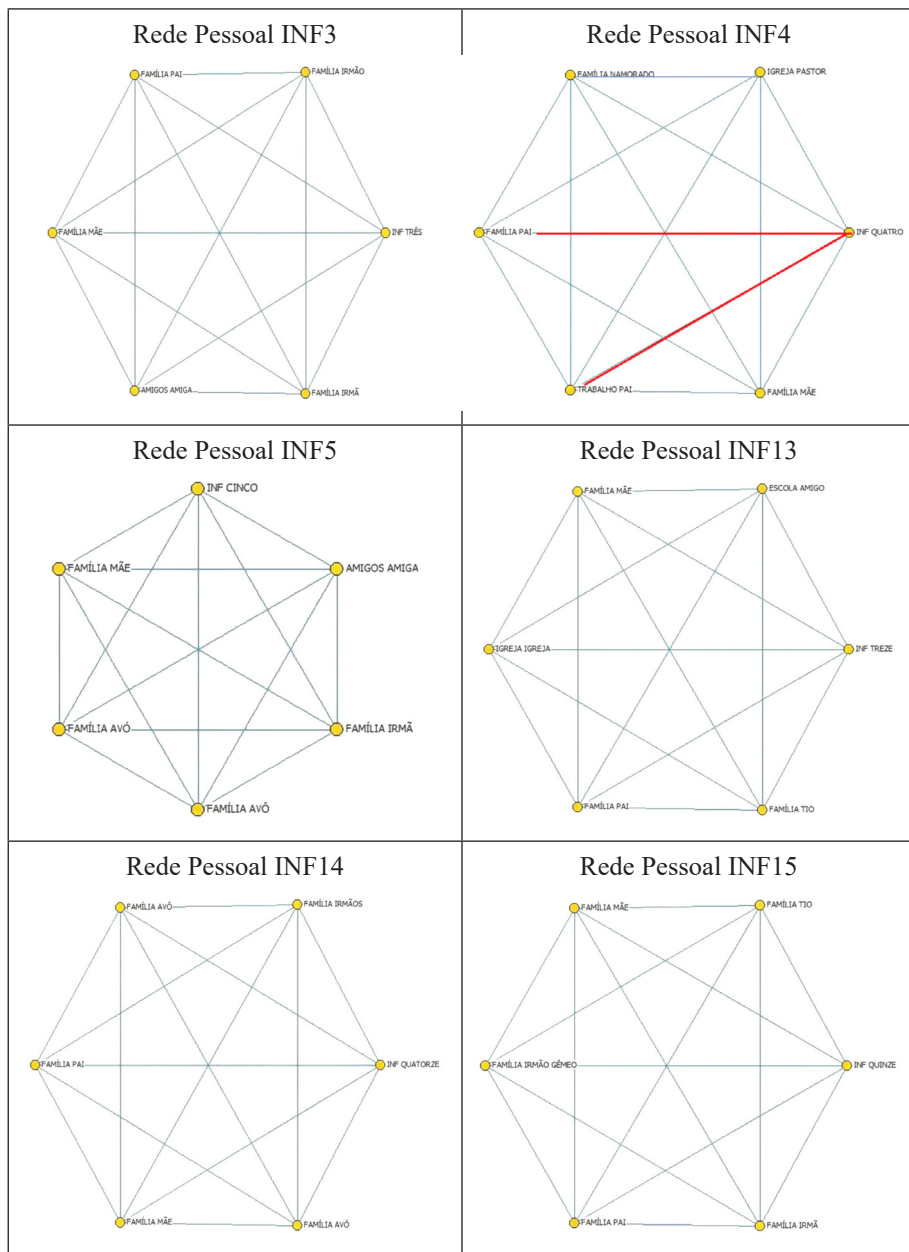
Ademais, conhecer os laços permite entender como as redes agem em relação ao desejo, consciente ou não, que o falante tem pela manutenção ou mudança. Em relação a isso, Bortoni-Ricardo (2014, p.130) assegura: “em comunidades de tessitura miúda, onde praticamente todas as pessoas interagem entre si, a pressão normativa é maior. Em comunidades de redes mais esparsas, de tessitura larga, a pressão normativa é menor”.

Na sequência, apresentamos mapas elaborados a partir do programa Egonet e algumas considerações sobre sua configuração:

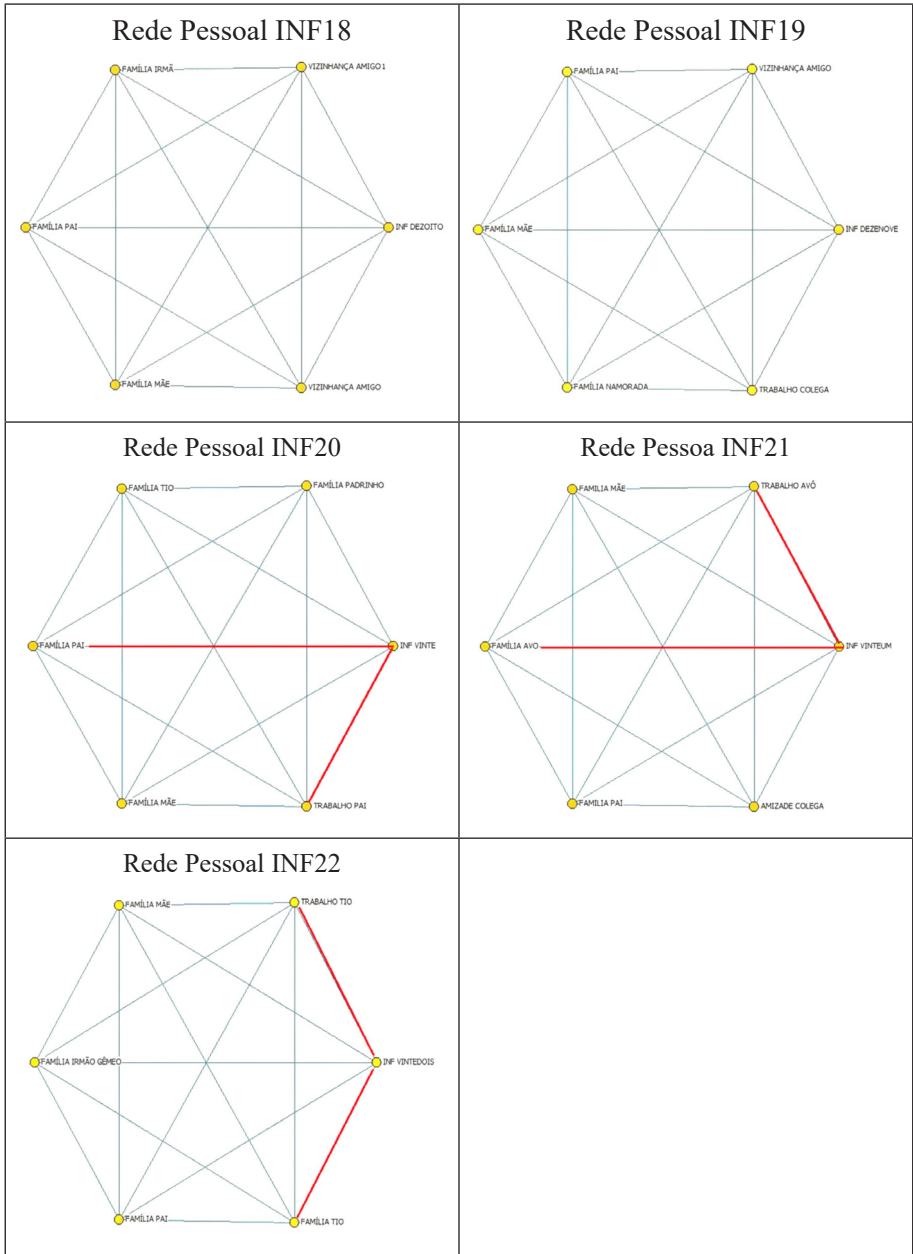
Configuração das redes sociais dos adolescentes do Distrito

Os mapas trazem a configuração das redes de interação dos alunos do distrito, as quais, para melhor visualização, estão separadas por grupos. Os primeiros apresentam mapas de redes fechadas. Na sequência, mapas com redes abertas. Um terceiro grupo traz redes intermediárias.

Figura 1 – Mapas de informantes com redes fechadas⁶.

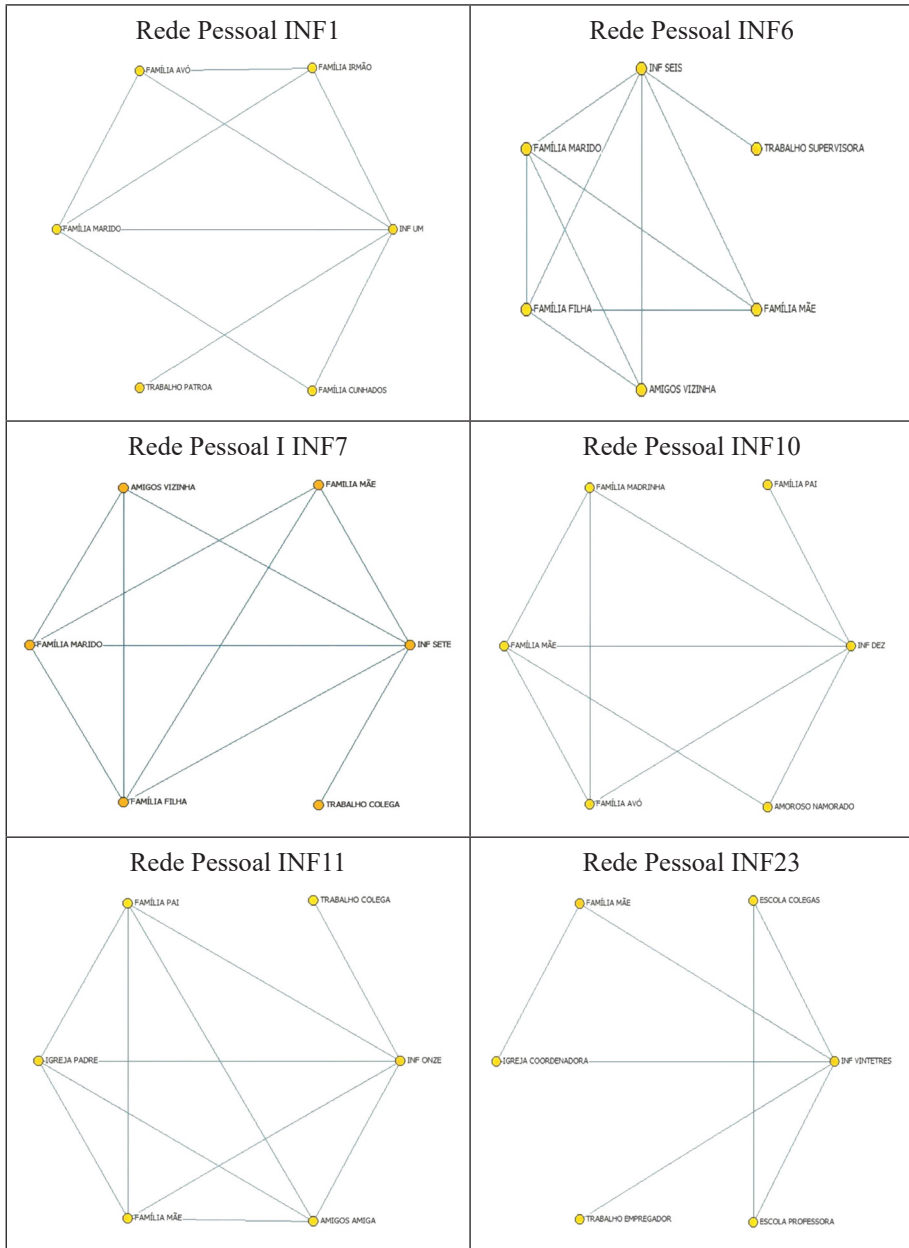


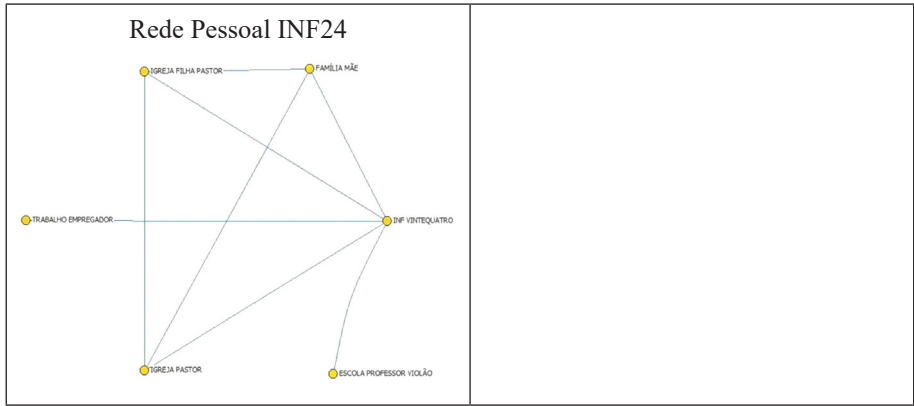
⁶ Os traços em vermelho mostram vínculos multiplexos.



Fonte: Elaboração própria.

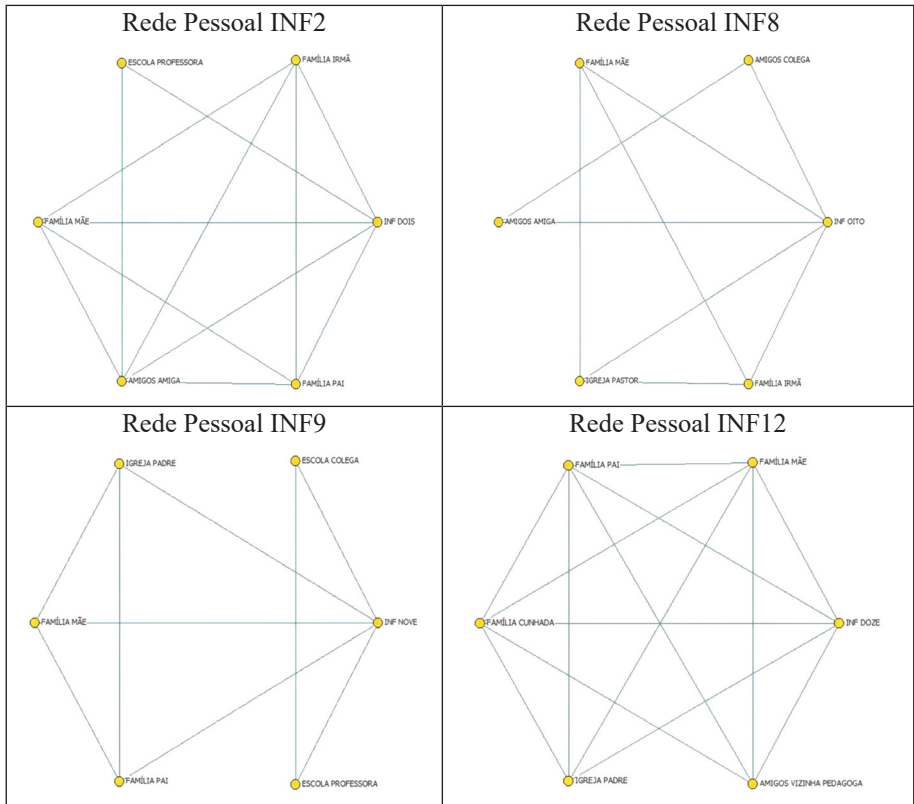
Figura 2 – Mapas de informantes com redes abertas.

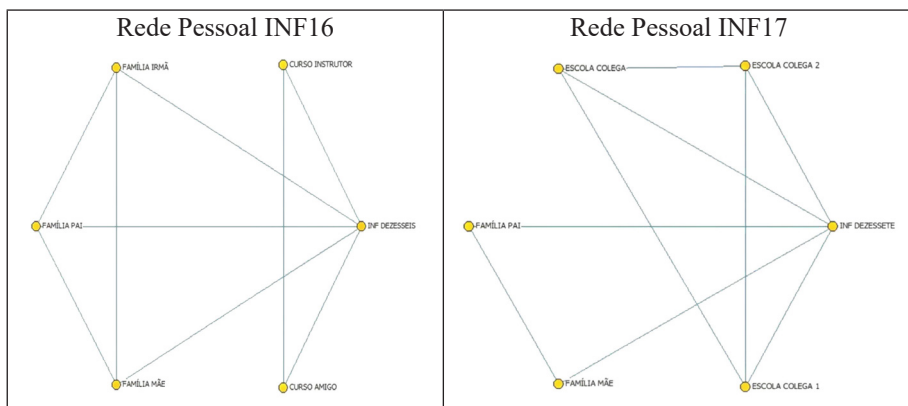




Fonte: Elaboração própria.

Figura 3 – Mapas de informantes com redes intermediárias (não são totalmente fechadas e não apresentam laços sem conexão).





Fonte: Elaboração própria.

O mapa de INF24 é o único a apresentar dois laços que não se cruzam. Dessa maneira, sua rede pessoal pode ser caracterizada como frouxa, uma vez que não apresenta redundância de vínculos e há mais de um laço fraco, uniplexo, que se abre para o contato exterior. Essa pode ser, por hipótese, a causa da aproximação com o falar urbano demonstrada por uma expressão sem as marcas de ruralidade analisadas neste trabalho, pois tais redes favorecem a adesão à cultura de prestígio e, com isso, a aproximação ao falar urbano.

Bortoni-Ricardo (2005, p.88) justifica tal postura ao relatar que

Quando o indivíduo consegue ascender socialmente, sua rede de interação torna-se mais heterogênea, e, conseqüentemente, de tessitura mais frouxa. O processo de difusão dialetal se intensifica, e o falante vai se aproximando da norma culta, adquirindo uma gama mais ampla de registros [...].

As redes de INF1, INF6, INF7, INF10, INF11 e INF23 trazem pelo menos um laço fraco, aberto para o exterior, além de não haver ligação entre todos os membros de sua rede pessoal. Podem, portanto, também se caracterizar como redes frouxas, que conseqüentemente sofrem grandes possibilidades de interferência externa. Associamos esse tipo de rede a uma prática linguística *rurbana*, ou seja, é possível que, em uma alocação final desses informantes no contínuo de urbanização⁷, posicionem-se em pontos rurbanos, mais próximos de um extremo ou de outro, mas não especificamente nos extremos ou polos.

⁷ A proposta de análise do português brasileiro por meio de contínuos é bem definida e explanada pela sua criadora, Stella Maris Bortoni-Ricardo, em sua obra de 2005, detalhada nas referências deste artigo, mas importa esclarecer que, para a autora, todos os falantes brasileiros podem ser inseridos em contínuos como o de urbanização, de oralidade e letramento e de monitoração estilística. Importa-nos, neste trabalho, o contínuo de urbanização. No polo esquerdo deste contínuo, encontram-se as variedades rurais isoladas; no polo direito, as variedades urbanas padronizadas; o que não pode ser alocado nesses polos, é considerado rurbano.

A rede relacionada ao trabalho, sempre relevante, pode ter características distintas, o que afeta a configuração linguística dos informantes. Como exemplo, temos INF7 e INF23. INF7, cujo local de trabalho é o próprio distrito, apresenta traços do falar rural, como o rotacismo em “Tem que sê *compreto*?”, ao passo que o INF23, que trabalha no maior centro comercial de Londrina, expressa-se bem próximo do falar urbano, mesmo nos últimos momentos da entrevista, em que, relaxado, já apresentava o seu vernáculo, como em: “aí ela dexô um pedido que era pra *cuidarmos* do filho mais novo dela que é o que mora em Santa Catarina”.

Tal discrepância na fala de informantes que têm a rede trabalho em suas interações pode ser respondida por fatores conjugados. Ainda utilizando INF7 e INF23, o local de trabalho e o grau de letramento dessas redes influenciam a mudança ou a manutenção do falar rural. INF7 trabalha em um mercado localizado na área urbana do distrito, tendo a função de remarcar preços e repor mercadorias. Ainda que seus patrões tenham um *status* social superior, também moram no distrito, e as colegas de trabalho são todas de lá. O acesso a eventos de letramento permeados pela variedade culta da língua é mínimo. Já INF23 trabalha na administração de um *shopping center*. Todos os seus colegas de trabalho interagem utilizando a variedade culta, quando não, um por meio de um falar rurbano situado bem próximo da ponta do contínuo de urbanização. Esses fatores são preponderantes na diferença marcante entre suas falas.

INF1 tem no trabalho uma motivação para a alternância de norma. Ela mesma, em sua entrevista, conta que uma de suas patroas, professora universitária aposentada, cobra-lhe um falar mais próximo do padrão. Em Bortoni-Ricardo (2011 [1985]), vemos que é possível associar este fato ao que Labov chama de “incongruência de *status*”, uma vez que a informante, na busca pelo uso do falar urbano, está adotando os valores de um grupo externo ao seu, que é sua referência, e, nessa busca, alterna entre o rural e o urbano, ficando no rurbano, como se vê em “Então, o que eu assisto mais é *os canais pagos*, né, eu gosto do History, eu gosto do de filmes, *todos os canal* de filme.”, expressão que apresenta concordância verbal e nominal fora do padrão hegemônico. Devido a esse contato com patroas diferentes, suas redes são frouxas e com laços uniplexos.

INF6 tem uma ligação com o trabalho, personificada na pessoa de sua supervisora, bastante forte. Sua rede é frouxa, com laços uniplexos na maioria das interações. A INF7 insere-se também em uma rede frouxa, já que existem laços com pontos de difusão.

Em relação a INF2, INF8, INF9, INF12, INF16 e INF17, ainda que a maioria dos laços seja interligada, há pontos desconectados, sem elos de coesão, como vimos em Milroy (1987 [1980]), o que possibilita a intervenção externa não categórica. Essa abertura caracteriza suas redes como relativamente densas e os laços como relativamente fortes, o que pode ser responsável pelo falar rurbano, pois as expressões ora estão mais próximas do falar urbano, ora do rural.

INF2, por exemplo, apresenta essa alternância, a exemplo de: “Ué, por causa que eu acho bem *bonito aquelas praia*, eu sempre tive vontade de *conhecê-las*.” A ausência de concordância nominal é um traço gradual⁸, conforme Bortoni-Ricardo (2004), por acontecer na fala descontraída da maioria dos falantes brasileiros, mas não é bem aceita socialmente e contrasta com a colocação pronominal orientada pela prescrição da norma padrão em *conhecê-las*.

Na fala de INF8, temos “*é ligaro né po um zero nove da policia e falo que tinha que, é um bicho perigoso dentro da casa que ia pegá ele*”. No primeiro uso do verbo na terceira pessoa do plural, há concordância, mas ocorre a desnasalização. Além disso, não ocorre, no segundo verbo, a concordância com a terceira pessoa do plural subentendida. Essa característica rurbana também é específica de zonas periféricas das grandes cidades, local em que a informante residiu por um período antes de morar na ZRD.

Por outro lado, as redes de INF3, INF4, INF5, INF13, INF14, INF15, INF18, INF19, INF20, INF21 e INF22 são densas, já que todos os membros interagem entre si. Como vimos em Milroy (1987 [1980]), a influência de fatores exteriores é dificultada pelos laços fortes, alguns com traços multiplexos. Todos os pontos são conectados. Suas redes são, portanto, de tessitura miúda. INF4, por exemplo, tem um laço característico das redes densas, que é a multiplexidade dos papéis: seu pai é também seu patrão. Os INF20, INF21 e INF22 têm em comum algum familiar representando mais de um papel em suas interações, marca de redes de tessitura miúda.

Após observar a configuração das redes dos informantes, passamos a discorrer acerca dos aspectos linguísticos que se inserem em suas interações, entendendo, com Amaral (1982 [1920]) e Bortoni-Ricardo (2011 [1985]), as variáveis: ausência da concordância verbal (doravante CV) na 1ª e na 3ª pessoa do plural, a Iotização e o Rotacismo como marcadores do falar rural.

Interpretando os dados

Os aspectos linguísticos analisados neste trabalho, como já mencionamos, são entendidos como marcadores do falar rural, mas estão presentes na fala de uma grande parte dos brasileiros, caracterizados como falantes rurbanos.

Nesse sentido, Bortoni-Ricardo (2009, p 52) esclarece que o falar rurbano é característico, além de entre os migrantes de origem rural, de “comunidades interioranas residentes em distritos ou núcleos semirurais, que estão submetidas à influência urbana[...]”, ou seja, em comunidades como a analisada neste trabalho.

⁸ Ainda tratando da análise do Português Brasileiro, Bortoni-Ricardo (2004) propõe uma classificação para os usos linguísticos. Segundo a autora, partindo da alocação no contínuo de urbanização, a fala dos brasileiros pode apresentar traços graduais ou descontínuos. Os graduais estão presentes na fala de todos os brasileiros em algum momento de sua interação; os traços descontínuos são as marcas dos falares populares, as quais que recebem maior carga de avaliação negativa, como as analisadas neste trabalho: ausência de CV, iotização e rotacismo.

Para orientar as análises, convém frisar que os vinte e quatro adolescentes pesquisados moram em uma localidade considerada rural, pelos conceitos do IBGE, com metade residindo na zona central do Distrito e metade vivendo em sítios e fazendas da região. Todos estão na mesma faixa etária e têm a escola como rede social de interação e agência de letramento comum. É possível considerar que se inserem em uma mesma comunidade de fala, de acordo com a conceituação dada por Gumperz (1972).

Ainda assim, ao compararmos a INF3 e o INF24, por exemplo, que têm a mesma idade, estão no mesmo ano escolar e moram na ZCD, notamos a marcante diferença na expressão linguística. Mesmo INF15 e INF22, irmãos gêmeos, têm diferenças em sua forma de usar a linguagem.

A configuração de suas redes sociais de interação pode orientar para o entendimento de tais diferenças, uma vez que pode ser determinante para as escolhas linguísticas praticadas pelos falantes, quer conscientemente, como marca de identidade ou de localismo, ou não.

Dessa maneira, passamos a discorrer acerca da presença ou ausência dos fatores linguísticos em análise neste trabalho e sua relação com a configuração das redes dos falantes. Começamos pela ausência da concordância verbal.

Concordância Verbal não padrão na 1ª Pessoa Plural e 3ª Pessoa do Plural

Entendida por Castilho (2010) como a conformidade morfológica entre uma classe, representada aqui pelo verbo, e seu escopo, representado pelo sujeito, a Concordância Verbal (CV) não padrão é um dos marcadores da fala de indivíduos de classes sociais menos favorecidas e, também, de moradores de zonas rurais, sendo um dos mais estigmatizados fatores linguísticos. Tal variante não foi produtiva na fala de apenas um dos adolescentes aqui analisados.

A tabela a seguir detalha melhor esses resultados:

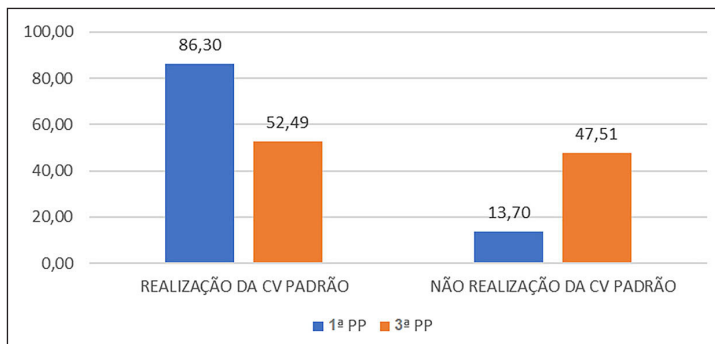
Tabela 1 – Realização de Concordância Verbal: frequência de usos⁹.

CONTEXTO	TOTAL DE OCORRÊNCIAS	CONCORDÂNCIA CANÔNICA	AUSÊNCIA DE CONCORDÂNCIA
1ª PP	73	63	10
3ª PP	301	158	143
TOTAL	374	221	153

Fonte: Elaboração própria.

⁹ Das 63 ocorrências de CV na 1ª PP, 33 são feitas com a forma pronominalizada “A Gente”.

Gráfico 1 – Realização de Concordância Verbal: frequência de usos.



Fonte: Elaboração própria.

Na análise do quadro e do gráfico, é possível perceber que, em contexto de 1ª pessoa do plural, a concordância padrão, ou canônica, ocorre com mais frequência. Já em terceira pessoa do plural, há um nivelamento maior, mas ainda com a concordância canônica acontecendo mais frequentemente, o que vai de encontro à caracterização do falar rural, cuja configuração, como mostra Amadel Amaral em seu *Dialeto Caipira* (1982 [1920]), é formada pela não realização da concordância verbal nos moldes da gramática normativa da língua portuguesa.

Diante disso, o desenho da realidade da fala dos adolescentes do Distrito pesquisado, apresentado apenas pela realização ou não da CV, mostra uma tendência para a difusão do falar hipoteticamente identitário a esses falantes, já que, mesmo com sua incidência na fala de todos os analisados, ela não ocorre em cem por cento dos contextos em que aparece.

Incidência da Iotização

Amaral (1982 [1920]) informa que o falante caipira vocaliza o “lh” em “i” em palavras como “espaiado, maio, muié, fio”, fato também constatado por Bortoni-Ricardo (2011 [1985]) entre falantes de Braslândia, quando relata ser a lateral palatal /ɲ/ vocalizada.

Bortoni-Ricardo (2011) e Aguilera (1999) associam tal fenômeno ao falar rural. Aguilera (1999, p. 158) afirma ser o processo “um traço predominante na fala rural ou inculta que se expande por todas as regiões brasileiras como se pode documentar pelos Atlas já publicados”. Já para Bortoni-Ricardo (2011 [1985]), a regra é produtiva “no caipira e em variedades *rurbanas*, funcionando como um típico traço descontínuo.” A autora lembra que, por ser um dos traços mais estigmatizados socialmente, entra no conceito de estereótipo incutido por Labov (2008 [1972]).

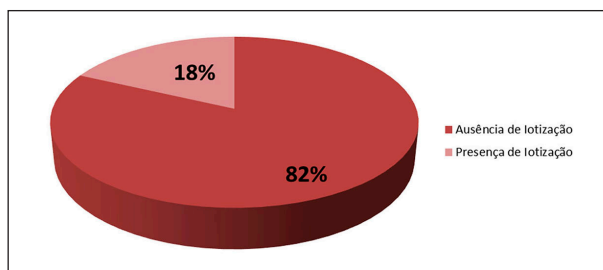
A tabela e o gráfico ilustram a realidade da iotização entre os informantes deste trabalho:

Tabela 2 – Incidência de Iotização.

CONTEXTO	OCORRÊNCIAS	PADRÃO	IOTIZAÇÃO
Trabalho e formas do verbo trabalhar	137	79,56%	20,44%
Espelho e formas do verbo espelhar	8	50,00%	50%
Velho, Velha e formas do verbo envelhecer	6	83,33%	16,67%
Filho, filha, afilhado e outras derivadas	35	71,43	58,57%
Melhor, derivadas e formas do verbo melhorar	39	97,43%	2,56%
Formas do verbo atrapalhar	4	100%	0
Formas do verbo espalhar	2	0	100%
Olho e formas do verbo olhar	33	51,51%	48,48%
Conselho e formas do verbo aconselhar	2	100%	0
Família e derivados	103	98,06%	1,94%
Maravilha e derivados	3	100%	0
Detalhe e derivados	2	100%	0
Orelha	4	75,00%	25,00%
Barulheira	1	0	100%
Vermelha	1	0	100%
Brincalhão	1	100%	0
Joelhada	1	100%	0
TOTAL	382	82,43	17,54

Fonte: Elaboração própria.

Gráfico 2 – Incidência de Iotização.



Fonte: Elaboração própria.

Pelo quadro, é possível conhecer os contextos propícios para a iotização presentes no corpus e o número de sua ocorrência entre os falantes pesquisados. Globalmente, é possível notar um direcionamento maior, em relação a esse fenômeno linguístico, para a difusão do falar rural, ainda que haja palavras cuja incidência indicariam certa resistência da iotização. Tal fator necessita, entretanto, de maiores estudos.

Incidência do Rotacismo

O rotacismo tem sido tradicionalmente descrito como a troca de um som lateral por um som rótico, troca-se o /l/ pelo /r/. Amaral (1982 [1920]) denomina o rotacismo de vício de pronúncia e classifica-o como um dos vícios mais produtivos no falar dos paulistas, inclusive dos que não tinham contato direto com o caipira.

Ainda que não como a mesma a nomenclatura, Bortoni-Ricardo (2011 [1972], p. 76) trata do caso quando assinala “a neutralização de /r/ e /l/”, a exemplo de: “inclusive – inclusive”, ou a total supressão da líquida, como em “oto – outro”.

O fenômeno do rotacismo se encontra analisado em dois contextos: i) em sílabas complexas, como pl-, cl-, bl-; ii) em palavras em coda interna, como alguma, cultura, folga, etc. Os quadros e os gráficos mostram os resultados.

Quadro 3 – Incidência de Rotacismo em Coda Interna.

CONTEXTO	TOTAL	PADRÃO	ROTACISMO
Alcoolizada	1	100%	0
Algo, alguém, algum, alguma (s)	203	96,55%	3,45%
Almoça, almoço	4	100%	0
Alta	2	100%	0
Analfabeta	4	100%	0
Asfaltano, asfalto	3	100%	0
Bolsa, bolsista	2	100%	0
Cacilda	1	100%	0
Cálculo	1	100%	0
Calma (o)	3	100%	0
Culpa, culpado	2	100%	0
Culta	1	100%	0
Cultiva	1	100%	0
Cultura	1	100%	0
Desculpa	1	100%	0
Dificuldade	1	100%	0
Faculdade	1	100%	0
Falta	10	100%	0
Filme	7	100%	0
Finalzinho	1	100%	0
Folga	2	100%	0
Humildade	1	100%	0
Igualzinho	1	100%	0
Julga, julgá, julgo	3	100%	0
Multa	1	100%	0
Multinacional	1	100%	0
Qualquer	11	100%	0
Resolve, resolveno, resolveu	3	100%	0
Salgado	1	100%	0
Salto	1	100%	0
Salva	1	100%	0
Selvagem	1	100%	0
Soltera	1	100%	0
Última (o)	6	83,33%	16,66%
Volta, voltá, voltando, volto, voltô	19	100%	0
TOTAL	300	98,33%	1,64%

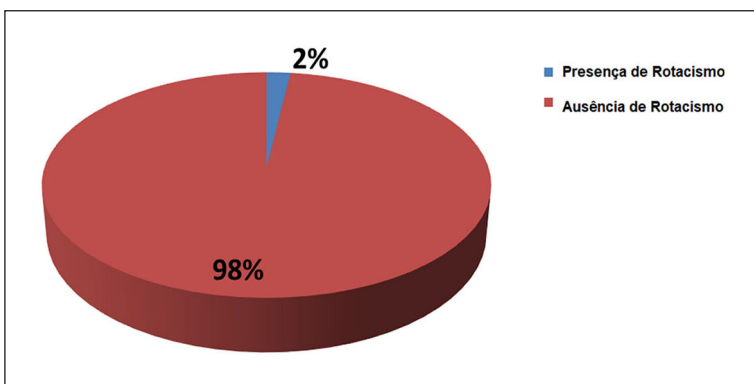
Fonte: Elaboração própria.

Quadro 4 – Incidência de Rotacismo em Sílabas complexas.

CONTEXTO	TOTAL	PADRÃO	ROTACISMO
Blocos	2	100%	0
Claro (a)	34	88,24%	12%
Completo	5	100%	0
Dupla	1	100%	0
Exemplo	7	57,14%	42,86%
Explicano, explicô, explicá	3	66,66%	33,34%
Explosão	1	100%	0
Flor	1	100%	0
Implícito	1	100%	0
Implusão	1	100%	0
Influência, influenciá	2	100%	0
Inglês	1	100%	0
Plantá, plantação, plantano	7	66,66%	33,34%
Plural	1	100%	0
Problema, poblema, probleminha	14	78,57%	21,43
Público	2	100%	0
Reclama	2	0	100%
Simples, simplesmente	3	66,66%	33,34%
Supletivo	1	100%	0
Tecla, Teclado	2	100%	0
TOTAL	91	81,32%	18,68%

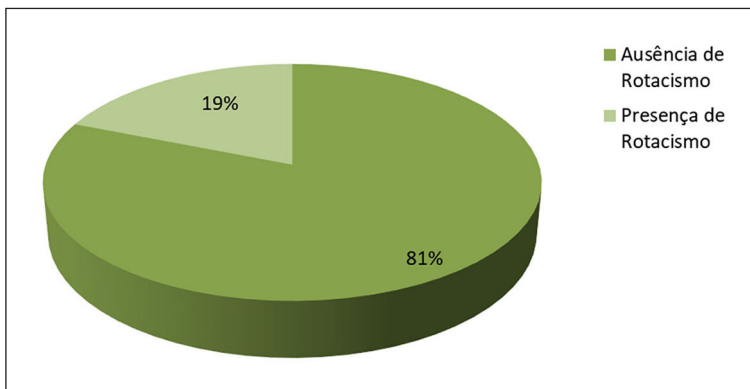
Fonte: Elaboração própria.

Gráfico 3 – Incidência Rotacismo em coda interna.



Fonte: Elaboração própria.

Gráfico 4 – Incidência Rotacismo em sílaba complexa



Fonte: Elaboração própria.

Tanto o quadro, expressando numericamente as incidências de rotacismo, como os gráficos, com a visualização dessa ocorrência ou não, mostram que tal fenômeno não é produtivo no falar dos adolescentes do Distrito, ainda que haja realização maior em contextos de sílaba complexa. Mais uma vez, pela análise global, observa-se um encaminhamento da expressão linguística em direção ao falar urbano, caracterizando um falar rural.

A observação geral dos dados, portanto, indica para a difusão do falar rural, independentemente da configuração das redes dos falantes. Uma análise mais individualizada poderá esclarecer melhor esses dados.

Considerações sobre os dados dos quadros

Os adolescentes inseridos em redes fechadas, tanto apresentaram grande incidência das marcas analisadas, como não apresentaram qualquer delas.

As falas da INF3 e do INF13, por exemplo, são marcadas por traços descontínuos, como a ausência de CV em “Elas que *faiz* você vivê mais” (INF3) ou “eles *aprende*, lá no passado, por isso que eles até *parô* de estudá” (INF13). A iotização aparece em todas as vezes em que ocorrem o substantivo *trabalho* ou as formas do verbo *trabalhar*, como em: “não, minha mãe *trabaia* em casa só” para a INF3. O INF13 apresenta, em quase todos os inícios das suas respostas, o marcador discursivo “óia”, iotização de “olha”, além de outros momentos, como em “Vai lá e assêste tevezinha com a *veinha*”, “*trabaia* como pedrero”. O rotacismo também aparece na fala de ambos, como em “as pessoa num *recrema*, ah, às vezes *recrema* do lugar” (INF3); “é muito raro vê *argum* jovem sertanejo por ai né” (INF13)

A falta de concordância verbal é comum aos informantes INF18, INF19, INF20, INF21 e INF22 como ocorre nesses excertos: “Eles *começa* a contá” (INF18); “as

família *gostava* muito da amizade delas” (INF19); “Sempre eles *tá* perto de mim” (INF20); “Meu pai e minha mãe *sabe* escrevê e lê tamém” (INF21); “tem ali no pasto lá, *nói joga* tamém” (INF22).

A iotização é produtiva nas falas dos INF18, INF20, INF21 e INF22, como em: “*Eis* tirar” (INF18) e “É, às vez *trabaio* num lugar, às vez no otro” (INF20); “que eu *trabaiava* lá, eu sempre *ia*” (INF21); “aham, sempre fala pra *trabaiá* assim (INF22)”

O rotacismo marca a fala de dois informantes, o INF19, como em: “O aluno *tá* resolveno um *pobrema*, um *pobrema* no quadro”, e o INF20 em: “ajudo no negócio de *prantação*, mais *trabaio* fixo eu num tenho.”, tendo o INF20 apresentado muitas dessas marcas.

A fala dos adolescentes inseridos em redes abertas mostra-se um pouco mais homogênea. Dos sete, apenas uma apresenta todas as marcas de ruralidade aqui analisadas.

Os informantes INF1, INF6, INF10, INF11 e INF23 limitam-se a não apresetar a CV padrão, como em “eu assisto mais *é* os canais pagos” (INF1); “elas *era*, duas amigas que *era* carne e unha” (INF6); “essa aqui *é* treis criança jogano bola na praia” (INF10); “São pessoas inteligente e que *aprendero* e *tá* usando o que *aprendeu*” (INF11); “daí eles num *entraro* num consenso” (INF23). O INF24 não apresenta nenhuma marca estigmatizada.

A INF7, em contrapartida, já na primeira resposta ao questionário, traz o rotacismo em sua expressão linguística, quando ela pergunta se o nome “tem que *sê compreto*”. Depois disso, a iotização e a falta de concordância verbal permeiam toda a conversa, como em: “por causo da minha *fia* né, eu tenho que dá o *exemplo*, né?”; “Eles sempre *trabaiô* muito né e num *lê*”.

Em relação às redes intermediárias, há incidência de todos os fatores linguísticos descontínuos observados neste trabalho na fala de duas adolescentes.

Para a INF2 e a INF9, a concordância não acontece na maioria das vezes em que é obrigatória, tanto na primeira quanto na terceira pessoa, como se vê em “Nóis tem uma mercearia lá onde que eu moro mesmo, aí *fica* os dois lá.” (INF2); meus pais *faiz* serviços gerais, eles *mexe* com gado assim” (INF9). O rotacismo aparece em sua expressão: “Pele *crara* (INF2); “Eles tinha um *probreminha*” (INF9). E a iotização em “na verdade, ele num *ia trabaiá* (INF2)” ou “tem tanta coisa pra puxá a *oreia* desse povo” (INF9).

Os INF8, INF12, INF16 e INF17 apresentam apenas passagens com o traço descontínuo referente à ausência de concordância verbal como em “mais agora, as otras que não, que sabem *falá* certo e *fala* assim, num sei, *deveria* *falá* do jeito que *sabe* né?” (INF8).; “ele é empregado, mais eles se *dá* bem” (INF12); “das coisas qui *tá* acontecendo no mundo, no Brasil” (INF16); “as pessoas mais chegadas, entre amigos assim, não *fala* certo, *fala* mais na *gíria* né qui *fala*” (INF17).

Com essa exemplificação, é possível observar maior tendência à difusão do falar rural em redes abertas. Os adolescentes inseridos nessas redes expressaram-se, em sua maioria, sem rotacismo e iotização, mas apresentaram ausência da concordância

verbal. Entretanto, uma das adolescentes apresenta uma configuração linguística ainda bem próxima do falar rural, denotando maior focalização. Para essa informante, a configuração da rede não foi relevante.

Em relação às redes fechadas, há tendência maior para a focalização, observando-se que a maioria dos informantes traz marcas de ruralidade em sua fala, o que leva a concluir a relevância dessas redes para uma relativa manutenção do falar rural. Mas, para quatro informantes, essa conclusão não é verdadeira.

Convém aqui melhor detalhar dois conceitos, antes de seguir com a discussão: focalização e difusão. Le Page (1980), propõe o conceito de difusão como resultado da mobilidade física e social dos falantes que se encontram em área de contato dialetal. Contrariamente, em comunidades estabelecidas há longo tempo onde não há contato dialetal, ocorre a focalização.

Esses conceitos, intrinsecamente ligados às caracterizações das redes sociais, têm implicação direta nos usos linguísticos, especialmente em relação à manutenção e à mudança linguística. As citadas pesquisas de Milroy (1980 [1987] e Bortoni-Ricardo (2011 [1985]); apontaram a disposição para a manutenção e a focalização do falar identitário em comunidades cujas redes são isoladas, devido à resistência pela mudança linguística. Em contrapartida, em redes abertas, foi caracterizada maior difusão.

Isso foi observado também em se tratando de redes intermediárias, cuja configuração estabelece uma leve tendência à difusão. Duas informantes apresentam todos os traços analisados e quatro só a ausência de concordância verbal.

O que pode ser marcante dessa análise é a incidência da concordância verbal fora dos padrões canônicos. Uns mais, outros menos, mas vinte e três dos pesquisados apresentaram tal marca estigmatizada. As análises aqui empreendidas não dão conta de responder a essa questão. Há que se aprofundar no assunto em trabalhos futuros.

No que tange à configuração das redes, é possível entender sua densidade ou frouxidão como fatores relevantes para mudança ou manutenção linguística, mais precisamente para a difusão ou focalização do falar rural, entretanto, tal conformação não é o único fator agindo neste sentido. A configuração das redes não é responsável por isso unicamente. Existem outros fatores permeando as escolhas linguísticas, os usos conscientes e inconscientes dos adolescentes do Distrito analisado.

Entendemos, com Araujo, Santos e Freitag (2014, p.102-103) que “se um indivíduo tem um grau de proximidade forte com um interlocutor e fraco com outro, seu comportamento linguístico na interação com cada um deles é, provavelmente, diferente em decorrência do tipo de relacionamento.” Dessa maneira, esse dado precisa ser considerado, uma vez que, ainda de acordo com a autora “o controle dessa variável nos permite verificar se de fato os diferentes usos linguísticos são decorrentes do grau de proximidade existente entre os informantes.”

Portanto, as questões abertas neste trabalho poderão ser solucionadas pela definição clara do ponto central das redes e pela clarificação do nível de proximidade entre os integrantes dessas redes. Dentro dessa análise, seguindo os estudos sobre Letramento propostos por Street (2014) [1970]), destacar os eventos de letramento comuns a essa

rede, analisando as práticas aí concernentes e como isso influencia na manutenção ou mudança do falar rural.

Uma conclusão inconcluída

Nas páginas anteriores, depois de apresentar as teorias que foram nossa base, buscamos estabelecer a configuração de mapas linguísticos de nossos informantes, e, por meio desse mapeamento, aliado a exemplos da incidência ou não de alguns fatores linguísticos entendidos como marcas do falar rural, entender as motivações para a manutenção desse falar, hipoteticamente identitário a todos, ou para a mudança em favor de uma expressão mais próxima da urbana. Em outras palavras, procuramos entender os motivos para a focalização ou a difusão do falar rural.

Nessas discussões, uma certeza: a não existência, entre os adolescentes do Distrito, de falantes rurais e falantes urbanos. Todos podem ser classificados como falantes urbanos e, com isso, ser alocados em pontos diversos do contínuo de urbanização, mas nenhum em seus polos.

Outro fator que se destacou e merece um estudo mais aprofundado: a não realização da concordância verbal padrão por parte de 96% dos falantes em, pelo menos, dois momentos de sua interação em que houve a ocorrência desse fenômeno. Que fatores estariam atuando para essa expressão? Como já mencionado, por tudo o que foi aqui aventado, não é possível responder a esta questão. Nosso trabalho futuro, certamente, será no sentido de buscar respostas a ela.

Por isso e por mais motivos há mais “inconclusões” que “conclusões” nessa conversa final. Estabelecer a configuração das redes sociais de interação dos adolescentes moradores em um Distrito da cidade de Londrina, por si só, não foi suficiente para entender a configuração de sua fala, embora tenha sido significativa, já que funcionou como um norte, como um caminho para orientar as discussões que poderão ser empreendidas a partir daqui.

Nossa discussão se iniciou com a menção da INF1 e questionamentos acerca de sua fala diversa do que se esperava ser encontrado na zona rural. Ao debruçarmos-nos sobre sua expressão, pudemos perceber as redes de interação atuando em sua configuração linguística. Sua relação com as patroas, falantes que podem estar inseridas em pontos bem próximos do polo urbano no contínuo de urbanização, ou com os cunhados, ambos com nível universitário e, portanto, considerados falantes cultos¹⁰, pode ser uma resposta a essa aproximação maior com o falar urbano apresentada pela adolescente.

Hipoteticamente, inserir-se em uma rede densa seria a resposta para o INF13 manter as marcas linguísticas que o aproximam do falante rural. A hipótese é refutada ao observarmos, por exemplo, a expressão linguística do INF15, cujas redes também têm uma conformação fechada, mas que se expressa sem incidência de iotização e

¹⁰ Conforme as especificações do projeto NURC.

rotacismo regular. O que os definiria são questões de identidade? Em ambos os casos, por intermédio das entrevistas, foi possível apreender uma afinidade identitária com os pais: o INF13, um pai analfabeto; o INF15, um pai alfabetizado, que se sobressai entre os demais integrantes de sua rede de interações. Uma hipótese que precisa ser testada.

A INF3 reside na ZCD, mas seu falar é um dos que mais se aproxima do falar rural. Sua rede densa, sem pontos quaisquer para o exterior, favorece a focalização de um falar muito próximo do rural. Os laços de sua rede podem, mais uma vez, estar no cerne dessa focalização: a mãe analfabeta, cujos eventos de letramento inserem-se em práticas desvalorizadas socialmente, é sua maior referência.

Outra informante que pode ter sua expressão respondida pelas práticas de letramento é a INF7. Moradora na ZCD, inserida no mercado de trabalho, apresenta todas as marcas do falar rural observadas neste artigo. Sua rede aberta deveria, por hipótese, favorecer a difusão. Ao contrário, ocorre a focalização, o que pode ser favorecido pelos eventos de letramento nos quais ela participa no interior desta rede, já que seu trabalho é no próprio distrito e seus colegas e patrões, além de seus familiares e amigos, são todos falantes do rurano próximo do rural.

O INF24, morador da ZCD, inserido numa rede aberta, cujo laço central parece ser o trabalho permeado por eventos de letramento hegemônico, é o único que se expressa mais proximamente ao falar urbano. Todas os laços de sua rede têm aproximação com a cultura mais bem aceita socialmente.

Esses exemplos servem para enfatizar a inconstância nas respostas.

É possível, no entanto e como mencionado anteriormente, ver o letramento das redes de interação como um possível foco favorecedor da mudança ou da manutenção linguística, ao direcionar os falares em favor ou não das agências hegemônicas. Mas, para isso, faz-se necessário estabelecer, indubitavelmente, os laços centrais de cada rede para, conhecendo a referência, entender a configuração da fala de cada um desses adolescentes. Em virtude do que foi aqui apresentado, a necessidade de novos estudos, como os realizados por Battisti (2014) é premente, o que não desmerece toda a pesquisa aqui empreendida, e, sim, coloca-a como um ponto de partida e um norte para trabalhos futuros, nossos e de outros que quiserem trilhar esses caminhos. O campo é profícuo. Basta começar.

OLIVEIRA, E. V. M., E. Profile of the speakers by the views of its interaction networks and linguistic change. *Alfa*, São Paulo, v.62, n.3, p.487-512, 2018.

- *ABSTRACT: This article shows, through the maps of the adolescent's speak come from a rural district of Londrina, Paraná, the social network analysis of interaction as an analytic method appropriately to recognize of the student's sociolinguistics reality, as it acts how an efficient way for answers impossible by the pattern variables (sex, age, social class, schooling etc.). By the Egonet program, software whose function is quantified the personal interaction by the identification to connection and dots in the egocentric nets, showing individual maps of the*

informant's nets, how a possible appropriate model of recognize of the individual linguistics references. By the Sociolinguistics view, especially in the second wave, having how theoretical support Leslie Milroy (1987 [1980]), Bortoni-Ricardo (2005, 2009, 2011 [1985], 2014), Coelho et al and others, the discussions with emphasis in the result give a certain the work with the ARS how an relevant instrument for the language studies in general and for the understanding of variation and change

- **KEYWORDS:** *Social Networks. Sociolinguistics. Variation and change.*

REFERÊNCIAS

AGUILERA, V. de A. Um estudo geolinguístico da iotização no português brasileiro. In: AGUILERA, V. de A. (Org.). **Português no Brasil: estudos fonéticos e fonológicos**. Londrina: Eduel, 1999.

AMARAL, A. **O dialeto caipira: gramática, vocabulário**. 4. ed. São Paulo: HUCITEC, 1982 [1920].

ARAUJO, A. S.; SANTOS, K. C.; FREITAG, R. M. K. Redes sociais, variação linguística e polidez: procedimentos de coleta de dados. In: FREITAG, R. M. K. (Org.). **Metodologia de coleta e manipulação de dados em sociolinguística**. São Paulo: Editora Edgar Blücher, 2014. p.99-115. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5151/BlucherOA-MCMDS-7cap>>. Acesso em: 14 abr. 2018.

BATTISTI, E. Redes sociais, identidade e variação linguística. In: FREITAG, R. M. K. (Org.). **Metodologia de coleta e manipulação de dados em Sociolinguística**. São Paulo: Editora Edgar Blucher, 2014. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5151/BlucherOA-MCMDS-7cap>>. Acesso em: 10 abr. 2018.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Nós chegemos na escola, e agora?** Sociolinguística e educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em língua materna: Sociolinguística em sala de aula**. 6. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Do campo para a cidade: estudo sociolinguístico de migração e redes sociais**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011 [1985].

BORTONI-RICARDO, S. M. **Manual de Sociolinguística**. São Paulo: Editora Contexto, 2014.

CASTILHO, A. T. de. **Nova gramática da língua portuguesa**. São Paulo: Contexto, 2010.

COELHO, I. L.; GORSKI, E. M.; SOUZA, C. M. N. de; MAY, G. H. **Para conhecer sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015.

EVANS, B. The role of social network in the acquisition of local dialect norms by Appalachian migrants in Ypsilanti, Michigan. **Language Variation and Change**, 16, p.153-167, 2004.

FAZITO, D. A análise das redes sociais e a migração: mito e realidade. **Anais... XIII Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP**, setembro de 2002. Disponível em: <<http://www.abep.org.br/publicacoes/index.php/anais/article/viewFile/1094/1058>>. Acesso em: 01 abr. 2014.

GUMPERZ, J. The speech community. In: GIGLIOLI, P. (Org.). **Language and social context**. Londres: Penguin Books, 1972.

HANNEMAN, R.; RIDLE, M. **Introduction to social network methods**. 2005. Disponível em: <<http://revista-redes.rediris.es/webredes/>>. Acesso em: 18 fev. 2014.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LE PAGE, R. Projection, focusing and diffusion. **York Papers in Linguistics**, University of York, v.9, p.9-32, 1980.

MILROY, L. **Language and social networks**. 2. ed. Oxford: Blackweel, 1987 [1980].

NETTO, S. P. **A psicologia da adolescência**. São Paulo: Ed. Livraria Pioneira, 1968.

SEVERO, C. G. A questão da identidade e o lócus da variação/mudança em diferentes abordagens Sociolinguística. **Revista Letra Magna**. Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura, n.7, p.1-9, 2. sem. 2007. Disponível em: <www.letramagna.com/variacaomudan%E7asocio.pdf>. Acesso em: 06 fev. 2011.

STREET, B. V. **Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2014 [1995].

Recebido em 8 de agosto de 2017

Aprovado em 3 de março de 2018

O “VOCABULARIO PORTUGUEZ, E LATINO”, E BRASÍLICO, DE RAPHAEL BLUTEAU: ANÁLISE DOS BRASILEIRISMOS AMERÍNDIOS DE BASE TUPÍ

Jorge Domingues LOPES*

Ana Suelly Arruda Câmara CABRAL**

- RESUMO: Trata-se de um breve estudo dos brasileirismos ameríndios de base Tupí, língua indígena brasileira, presentes no *Vocabulario Portuguez e Latino*, de Raphael Bluteau, obra publicada em oito volumes com dois suplementos, no início do século XVIII, em Portugal. Tais brasileirismos, assim classificados no interior de seus respectivos verbetes, são inventariados e analisados caso a caso em uma perspectiva etimológica, levando em consideração, inclusive, as possíveis fontes que subsidiaram a feitura desse material, assim como são analisados os elementos lexicográficos que compõem as respectivas microestruturas onde ocorrem tais vocábulos, buscando evidenciar suas particularidades léxico-estruturais. O estudo apresenta, ainda, uma síntese sobre os principais campos semânticos (dentre os quais foi possível identificar os campos *alimento, animal, corpo, espaço, etnônimo, objeto, qualidade, som, substância, título, vegetal*) desses vocábulos e propõe uma sistematização, sob a forma de um glossário, ordenado alfabeticamente, de todos os dados inventariados com a respectiva etimologia, quando possível.
- PALAVRAS-CHAVE: Vocabulario Portuguez, e Latino. Bluteau. Brasileirismos. Tupí Antigo.

“Do meu Vocabulario huns dizem, he demasiado, outros, he diminuto; huns dizem, muitos erros tem, dizem outros, para obra taõ vasta poucos saõ os erros; [...] huns me communicãõ seus reparos, e lhes fico obrigado pelo dezejo, que mostraõ da perfeiçaõ da obra; a todos, tirado o Author, manisfestaõ outros o que lhes pareceu mal, a estes naõ devo nada, porque o seu fim, naõ he aperfeiçoar, mas desacreditar a obra.”

Extraído da “Apologia do Autor do Vocabulario Portuguez, e Latino”
(BLUTEAU, Suppl. Parte II, 1728, p. 592).

* Universidade Federal do Pará (UFPA), Faculdade de Linguagem e Língua Portuguesa, Cametá – Pará – Brasil. jorgedomlopes@gmail.com. ORCID: 0000-0001-8897-0420

** Universidade de Brasília (UnB), Instituto de Letras, Brasília – Distrito Federal – Brasil. Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas. asacczoe@gmail.com. ORCID: 0000-0001-7212-9178

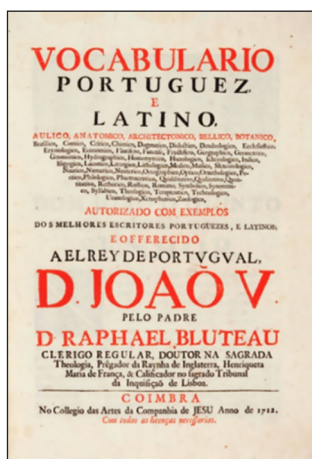
Introdução

Raphael Bluteau, ao comentar sobre a recepção de seu “Vocabulario Portuguez e Latino” (doravante *Vocabulario*), não só reconhece que sua obra, como é comum a obras dessa mesma natureza e proporção, apresenta imperfeições, mas também demonstra ter consciência do valor de seu trabalho e da qualidade do material que reuniu.

Não há como não se admirar com esse monumental trabalho de Bluteau, que, apesar de já se terem passado quase três séculos desde a sua primeira edição¹, ainda se revela com uma extraordinária qualidade e quantidade informacional e como produto lexicográfico e cultural a ser analisado sob vários aspectos.

De acordo com Silvestre (2001), Bluteau teria demorado cerca de meio século para concluir a construção desse vocabulário, e, durante esse período, teria contado com um conjunto de colaboradores. A obra somente veio a ser publicada na segunda década do século XVIII, sob o reinado de D. João V, a quem ela é dedicada. Esse mesmo autor destaca tanto a importância política que teve a publicação desse material, quanto o seu caráter inovador à época no campo da lexicografia portuguesa, excedendo em muito os outros dicionários até então produzidos (SILVESTRE, 2001).²

Figura 1 – Fac-símile da folha de rosto da 1ª edição do *Vocabulario*



Fonte: Bluteau (1712, folha de rosto).

¹ Composta em oito volumes, o *Vocabulario* foi publicado entre os anos de 1712 e 1721, com dois suplementos que datam de 1727 e 1728.

² O interesse por essa obra continua vivo em pleno século XXI e prova disso foi a excelente recepção que teve a notícia de que, em 2008, o *Vocabulario* havia sido digitalizado pelo Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo. O site original <<http://www.ieb.usp.br/online/dicionarios/Bluteau/imgbluteau.asp>> que abrigava o *Vocabulario* encontra-se inativo, mas é possível consultá-lo ainda on-line por meio da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin <<http://dicionarios.bbm.usp.br/pt-br/dicionario/edicao/1/>>.

Essa demora para concluir o *Vocabulario* não é apenas reflexo das dificuldades técnicas particulares de seu tempo e deste tipo de empreendimento, mas também do grandioso esforço necessário à compilação de dados de tão numerosas fontes, como pode ser atestado tanto no “Catalogo alphabetico, topographico e chronologico dos avtores portvgveses, citados pella mayor parte nesta obra” quanto no “Catalogo de outros livros portuguezes, cujo autor se dissimula, ou se ignora, tambem citados nesta obra” e na “Svmmaria notica dos antiquos autores latinos citados nesta obra...”.

Ao propor a construção de um vocabulário baseado em tantas fontes e caracterizado por tantos adjetivos (*Anatomico, Architectonico, Bellico, Botanico, Brasilico, Comico, Critico, Chimico, Dogmatico, Dialectico, Dendrologico, Ecclesiastico, Etymologico, Economico, Florifero, Forense, Fructifero, Geographico...*), Bluteau certamente buscava compilar o maior número possível de informações dos mais diferentes domínios do conhecimento, que haviam se acumulado e se tornado disponíveis como resultado do conhecimento acumulado por séculos, mas também devido ao contato dos europeus com povos de outros continentes, sobretudo a partir do século XV. Por isso, ele “[...] considerou um enorme caudal de palavras resultantes dos contactos com novas línguas e culturas” (SILVESTRE, 2001, p.8).³

O *Vocabulario Portuguez e Latino* de Bluteau é, ao mesmo tempo, um dicionário de língua portuguesa e um dicionário enciclopédico⁴, e aí o lugar do latim é bastante reduzido. O título do dicionário compreende 55 epítetos que nos informam sobre os domínios específicos do léxico repertoriado (anatomia, arquitetura, astronomia, botânica, direito, economia, geografia, história, matemáticas, medicina, música, física, teologia, zoologia, etc.) (CASTELEIRO, 2006, p.121, tradução nossa).⁵

Sem dúvida, esse material possui uma natureza enciclopédica, característica esta já destacada por Silvestre (2008), Nunes (2006) e Gonçalves (2006), para citar apenas alguns dos estudiosos ou críticos dessa obra; além disso, possui a particularidade de apresentar informações que seriam pouco comuns até mesmo em uma enciclopédia, como pode ser ilustrado com um fragmento do verbete ‘copaiba’, em que Bluteau não só dialoga com o leitor, mas também lhe apresenta uma receita detalhada para uso dessa substância:

³ De acordo com Biderman (2003, p.56), “O corpus com que Bluteau (1712) trabalhou totalizava 406 obras, aproximadamente, de autores dos séculos XVI a XVII”.

⁴ Para obter uma descrição mais detalhada da natureza e das características enciclopédicas do *Vocabulario*, consultar Gonçalves (2006, p.205-228) e Silvestre (2008, p.329-343).

⁵ Texto original: « Le Vocabulario Portuguez e Latino de Bluteau est à la fois un dictionnaire de la langue portugaise et un dictionnaire encyclopédique, la place du latin y étant très réduite. Le titre du dictionnaire comprend 55 épithètes qui nous renseignent sur les domaines spécifiques du lexique répertorié (anatomie, architecture, astronomie, botanique, droit, économie, géographie, histoire, mathématiques, médecine, musique, physique, théologie, zoologie, etc.) ».

COPAIBA, Copaíba. Planta, assi chamada dos Indios do Brasil, os do Perù lhe chamaõ Chilio Marabito. He mayor, que as Romeyras, & tem as folhas espessas, & miudas, humas redondas, outras ovadas. [...] *Sem embargo da brevidade, a que me obriga a vastidaõ desta obra, com zelo do bem cõmum, porey aqui o regimento, ou receyta deste oleo, feyta por hum Medico Arabe, que hum meu amigo me communicou em Lisboa, & que na minha opiniaõ só se acha nas maõs de alguns curiosos manuscrita.* Diz assi a receyta. Usaõ do oleo de Copaiba de tres maneyras. I. tomase pela bocca. 2. se applica por fora, como unguento, untando a parte enferma com elle... (Vol. 2 (C), p.530-531, grifo nosso).⁶

Observando ainda esse verbete, destacamos a presença de expressões locativas que situam espacialmente a procedência de pessoas, objetos e situações, como “do Perù” e “do Brasil”, este último correspondendo, nessa obra, a “Brasilico”, que muita importância tem nesta pesquisa. Esse mesmo adjetivo aparecerá ainda nos títulos de um conjunto de trabalhos sobre o Brasil, tais como as obras de: *Francisco de Brito Freire*, “História da Guerra **Brasilica**, Decada I. Lisboa, por João Galvão. Anno 1675. in Fol.” e “Relaçã da viagem, que fez ao Brasil a armada companhia, sendo o ditto Author General. Lisboa, por Henrique Valente. Anno 1657”; *P. Simam de Vasconcellos, da Companhia*, “Noticias curiosas **do Brasil**. Lisboa, por João da Costa. Anno 1668”; *Pedro de Magalhaens de Gandavo*, “Historia da Provincia de Santa Cruz **do Brasil**. Lisboa, por Antonio Gonçalves. Anno 1579”; *Simam Estac, o da Sylveira*, “Relação das cousas do Maranhão. Anno 1624. in Fol.”, de onde foram extraídos dados que foram usados no interior de microestruturas do material de Bluteau.

Desse modo, o *Vocabulario* se apresenta como um importante repositório de informações sobre a então colônia portuguesa na América⁷; e, como os dois séculos de ocupação já haviam produzido uma literatura razoável relacionada ao Brasil, bem como o intenso intercâmbio humano e comercial, o contato linguístico e as trocas linguísticas eram inevitáveis. Esse *Vocabulario* é, por isso, “[...] *Xenophonico*, de *Xenos*, Estranho, & *Phoni*, voz. Declara muitas vozes estranhas, que o commercio com o Brasil, India, & outras terras ultramarinas introduzio, se não na lingua, na Historia das conquistas de Portugal...” (BLUTEAU, 1712, na 32ª página não numerada do “Prologo do Autor”, na seção de dedicada “Ao Leitor Impertinente”)⁸. Além disso, “As trocas ocorrem rápida e fortemente e, em larga medida, com sucesso. Ao mesmo tempo, culturas se renovaram e se adaptaram, mas também se preservaram.” (PAIVA,

⁶ Todas as referências sem autor e data se referem ao *Vocabulario*. Nesses casos são informados o volume (de 1 a 8), a letra inicial do ordenamento (de A a Z) e a(s) página(s) onde se encontra(m) a(s) referência(s). Além disso, pode aparecer a abreviatura Supl. no caso de o dado ter sido extraído de um dos dois suplementos do *Vocabulario*.

⁷ Certamente o *Vocabulario* apresenta informações sobre muitos outros países, mas, neste trabalho, limitamo-nos às relacionadas ao Brasil.

⁸ No “Prologo do Autor”, Bluteau apresenta considerações sobre o conteúdo de sua obra destinando-a a diferentes leitores: o Benevolo, o Portuguez, o Estrangeiro, o Douto, o Indouto, o Pseudocritico, o Mofino e o Impertinente; é neste último que insere o comentário sobre o Brasil.

2006, p.99). Esse contato se reflete diretamente no corpus do *Vocabulário*, podendo ser observado, segundo Gonçalves (2006, p.213), na marca lexicográfica “termos do Brasil” ou “palavra do Brasil”⁹.

Gonçalves buscou situar a marca “termo do Brasil” e as demais marcas lexicográficas em grandes categorias, como “Termos de certos grupos sociais”, “Termo do vulgo”, “Termo chulo” e “Marcas diatócnicas ou de uso profissional” (dentre estas estão “Termo de pintor”, “Termo de caçador”, “Termo de moedeiro”, “Termo de agricultor”, entre outros), a fim de identificar qual a contribuição do *Vocabulário* para o estabelecimento de um “léxico brasileiro [dicionarizado por Bluteau] dos inícios do século XVIII” (GONÇALVES, 2006, p.205). Além disso, Gonçalves (2006) buscou descrever pormenorizadamente a composição da microestrutura do *Vocabulário* e as respectivas fontes usadas para abonar os verbetes que continham a marca “termo do Brasil”, o que contribuiu para melhor caracterizar o uso do elemento em análise. Logo, sob essa marca, há uma quantidade significativa de verbetes no *Vocabulário*, tais como ‘beiju’, ‘cachoeira’, ‘cacimbas’, ‘carimã’, ‘caroata’, ‘garafa’, ‘mingão’, ‘patiguã’, ‘tabôcas’. Entretanto, Gonçalves (2006) não tratou diretamente a questão dos brasileirismos, remetendo-nos, nesse caso, para trabalhos já realizados sobre esse assunto.¹⁰

Logo, considerando o conjunto dos diferentes estudos já realizados a partir do material do *Vocabulário*, uma perspectiva que pode contribuir para melhor conhecimento desse material é o estudo dos vocábulos de origem indígena que ele contém. Por isso, propomos a realizar neste estudo, um levantamento dos brasileirismos presentes nos volumes do *Vocabulário* em pauta, oriundos de uma língua indígena do Brasil, e, em ainda propor para cada um deles uma etimologia, buscando compreender em que medida eles contribuem para materializar o caráter “brasílico” dessa obra.

Os brasileirismos

O termo brasileirismo, usado para se referir a vocábulo próprio do português do Brasil, ou que expresse uma informação relacionada a esse país, neste trabalho, foi definido a partir da proposta por Rodrigues (1958-1959, p.1-54), a que melhor se adéqua aos fins desta pesquisa de base linguística. Para esse pesquisador, brasileirismos são: “[...] palavras próprias do português falado no Brasil, estranhas ao português europeu ou que neste penetraram provindo daquele, [constituídas] por vocábulos de origem ameríndia e africana” (Ibidem, p.1). Para identificar um brasileirismo de origem

⁹ Há também palavras relacionadas ao Brasil que são identificadas a partir de categorizações, como ‘planta do Brasil’, ‘erva do Brasil’, ‘árvore do Brasil’, ‘animal do Brasil’, entre outras (cf. GONÇALVES, 2013, p.213-214).

¹⁰ Os trabalhos citados por Gonçalves (2006, p.213) são Boléo (1943), Chaves de Melo (1981), Cunha (1987), Murakawa (2005, 2006), Pires de Oliveira (1999) e Silva Neto (1963). A maioria dessas referências, senão todas, tratam de brasileirismo num sentido bastante amplo, sem se deter especificamente nos de base ameríndia. A esta lista de trabalhos, acrescentamos outros que tratam do mesmo tema em diferentes perspectivas, são eles: Faulstich (2004, p.1-19); Ferraz (2004, p.1-8); Krieger (2012, p.391-400) e Moreira (2016, p.421-442).

indígena, deve-se considerar se “[...] são atestados na língua indígena a mesma forma e o mesmo sentido do brasileirismo em questão [...] [ou se] o brasileirismo provém evidentemente de um composto, cujos componentes são atestados na língua indígena (Ibidem, p.3). Esses critérios para identificação dos brasileirismos têm a vantagem de permitir a delimitação quanto à sua origem.

Portanto, uma questão relevante a ser definida é qual seria a língua-base dos brasileirismos a ser considerada nesta pesquisa. Para isso, partimos de um levantamento preliminar de verbetes que continham informações diretas ou indiretas sobre o Brasil, não importando se se tratavam, num primeiro momento, propriamente de brasileirismos oriundos ou não de línguas indígenas. Constituímos, assim, um corpus com 292 verbetes, no qual identificamos, grosso modo, três grandes categorias de verbetes, a partir da perspectiva como é apresentada a informação relacionada ao Brasil.

A primeira categoria abrange 77 verbetes desse conjunto que não possuem brasileirismos, mas que citam, sob a forma de abonação, obras relacionadas ao Brasil. Os vocábulos dessa categoria se referem sobretudo a termos náuticos e bélicos. Como exemplos de dados desse grupo temos:

ABORDADOR, Abordadôr. O que aborda. *Vid.* Abordar. Os *Abordadores* devem ser escolhidos. Britto, **Viagem do Brasil**. 313. (Vol. 1 (A), p.35, grifo nosso em negrito)

ANCOROTE, Ancorôte. *Vid.* Ancora. Dar fundo sobre os *Ancorotes*. Britto, **Hist. Brasilica** 130. (Vol. 1 (A), p.366, grifo nosso em negrito)

FRECHAR. Atirar com frechas. *Sagittare (o, avi, atum)* [...] Os Bugios, quando os *Frechaõ*, talvez lançaõ a maõ a algum páo secco, & atiraõ com elle. Vasconc. **Noticias do Brasil**. 286. (Vol. 4 (F), p.206, grifo nosso em negrito)

RANCHO. (Termo militar, & Nautico.) A companhia, que huns camaradas, Soldados, ou Marinheyros, fazem entre si em algum lugar particular real, ou do navio. [...] Britto, **viagem do Brasil**, pag. 139. (Vol. 7 (R), p.103)

A segunda categoria abrange 82 verbetes que fazem menção direta ao Brasil, quer seja no uso da marca lexicográfica (“Termo do Brasil”, por exemplo) quer seja no interior da definição (aqui denominada *descriptor*). Este conjunto também não contém brasileirismos na cabeça ou no corpo do verbete, tal é o caso, por exemplo, de:

CACHOEIRA. (**Termo do Brasil**) Assim como os moradores do Nilo chamaão Catadupas as aguas, que deste rio de altissimos montes se precipitaõ; assim **no Brasil** chamaão os Portuguezes *Cachoeiras* as aguas do rio de S. Francisco... (Vol. 2 (C), p.26, grifo nosso em negrito)

CHACINA. Chacina. Postas de carne salgada, que se guarda, & se cõservaõ ã pipa, tonel, ou outros vasos. *Salsamentum, i. Neut.* [...] A vasilha, em que se guarda a chacina. [...] A chacina, **que vem do Brasil** em barris he de postas. Outra chacina se faz em Portugal de bocados meudos para chouriços. &c... (Vol. 2 (C), p.265-266, grifo nosso em negrito)

LOUVA A DEOS. [...] Na vida do P. João de Almeida, livro 4. cap. 3. pag. 112. se dá ese mesmo nome a hũ **animal do Brasil**, do comprimento de hũ pequeno palmo, com seis pernas, & diz que com seus proprios olhos o vira nascer de huma vara delgada... (Vol. 5 (M), p.189, grifo nosso em negrito)

A última categoria inclui 126 vocábulos que, além de possuírem informação sobre o Brasil, empregam formas derivadas de línguas indígenas, especialmente do Tupí, ou seja, nesta categoria é que se localizam brasileirismos, tal como definido anteriormente. Essa categoria pode ser subdividida em dois grupos de verbetes: a) o que possui palavra(s) de origem ameríndia apenas no interior do verbete (71 do total); e b) o que possui, no próprio lema e, às vezes, também no interior do verbete, a palavra em língua indígena (55 neste caso), sobretudo as de origem Tupí (mesmo que já na forma aportuguesada). Para exemplificar o primeiro grupo temos:

EMA. Na segunda conferencia Academica, celebrada na livraria do Conde da Ericeyra, anno de 1696. se propoz, se a Ema, era o mesmo, que o Abestruz [...] parece, que Ema he a ave, a que o Gentio do Brasil chama ***Nhanduguacu***, como se vê na Histor. do Brasil de Jorge Marcgravio, lib. 5. cap. I. pag. 190... (Vol. 3 (E), p.34-35, grifo nosso em negrito)

MARIBONDA. Especie de vespa do Brasil. Os naturaes lhe chamão ***Cupueruçu***. Faz seu ninho em arvores na extremidade dos ramos. Segue, & persegue aos viandantes. No mesmo instante que assalta, pica, & logo voa. Faz a picada muita dor. (*Maribonda Lusitanis insectum*. Guilielm. Pison no Index. (Vol. 5 (M), p.331, grifo nosso em negrito)

ONÇA. [...] Animal. Não concordaõ os naturaes na descripção desta fera, ou porque daõ a diferentes especies de onças o mesmo nome, ou porque as onças tem suas diferenças, conforme as diferentes terras, onde se criaõ. A onça, a que o Gentio do Brasil chama ***Jaguarete***... (Vol. 6 (O), p.75-77, grifo nosso em negrito)

Quanto ao segundo grupo, temos:

AIPYI, Aipyi. Erva do Brasil, de cujas raizes fazem os Indios Paõ, & Vinho. Ha desta erva muitas especies. ***Aipyi quacũ, Aipyi jarandè, &c.***

O a que chamão *Aipyi Machaxera* he o melhor, mais saudavel, & mais gostoso. Vid. Vasconcel. Noticias do Brasil, pag. 246. (Vol. 1 (A), p.196, grifo nosso em negrito)

BIARIBY. Termo do Gentio do Brasil. He o assado daqueles Barbaros. Fazem na terra huma cova, cobremlhe o fundo com folhas de arvores, & logo lanção sobre estas a carne, ou peixe, que querem cozer, ou assar; cobremna de folhas, & despois disto, fazem fogo sobre a cova, até que se dão por satisfeitos; então a comem. Vasconcel. Notic. do Brasil, pag. 141. (Vol. 2 (B), p.116, grifo nosso em negrito)

CANGOERA, Cangoèra. Palavra do Gentio do Brasil. Huns fazê seus instrumentos Musicos de ossos de finados, a q̄ chamaõ *Cangoera*. Vasconc. Noticias do Brasil, 144. 145. (Vol. 2 (C), p.102, grifo nosso em negrito)

Como o que nos interessa aqui é estudar os vocábulos usados no português provenientes do Tupinambá ou Tupí Antigo¹¹, presentes no *Vocabulario* de Bluteau, o recorte do corpus considerou apenas os vocábulos que se enquadraram na terceira categoria.

A microestrutura do *Vocabulario*¹²

Dispostos no conjunto geral dos vocábulos da macroestrutura do *Vocabulario*, os verbetes que contêm brasileirismos não apresentam, em termos de estruturação, nenhuma especificidade que os distinga dos demais verbetes, o que pode ser visto ao compararmos os artigos, a seguir:

FAQUIR. Faquir. Palavra da Índia. He o nome dos, que na Índia fazem publicamente vida Penitente. Os superiores, ou Principaes delles cobrem o corpo com tres, ou quatro varas de panno de algodão de côr de laranja, & nos hombros trazem huma pelle de Tigre, que fica preza debaxo da barba... (Volume 4 (F), p. 33) [verbe sem brasileirismos]

IACARE, Iacaré, ou Jacaré. Nome que os do Brasil dão aos Crocodilos; [...] Naõ só nos rios, mas tambem em humas lagoas do Brasil há **Jacaré**s, muy semelhantes aos Crocodilos de Africa. Do sebo,

¹¹ Segundo Rodrigues (1958/1959, p.3-4): “Por tupinambá é designado o tupi antigo ou antiga língua geral, que assim se pode definir no espaço e no tempo: a língua falada na costa do Brasil pelos vários grupos de índios tupinambás que, nos séculos XVI e XVII, se estendiam desde altura de São Vicente, ao sul, até o Maranhão, ao norte, e que se acha registrada em documentos daqueles dois séculos, provenientes de vários pontos da costa.”

¹² Para uma descrição detalhada da composição da microestrutura do *Vocabulario*, consultar Gonçalves (2012, p.399-410; 2006, p.213-223), Silvestre (2008, p.199-270) e Nunes (2006, p.190-204).

& outras partes destes faz grande estimaçãõ, porque são medicinaes, & em lugar de almiscar servẽ de excellente cheiro. [...] Quando querem os Indios caçallo buscaõ hum entre todos, que seja innocente, & manso, a que elles chamaõ *Nheraniegma*. (Vol. 4 (I), p. 4-5, grifo nosso em negrito) [verbete com brasileirismos]

Em ambos os dados, a microestrutura básica é idêntica, constando de *Lema, Forma(s) Variante(s), Origem/Procedência, Definição/Descrição*. Assim, como não é possível identificar os brasileirismos por meio da estrutura do verbete, fica a análise do conteúdo como a única alternativa para depreendê-los do *Vocabulario*. Identificamos que a maioria dos brasileirismos vem precedida por expressões do tipo “O Gentio do Brasil lhe chama...” (Vol. 1 (A), p.116-117), “Chamão os Indios do Brasil ao...” (Vol. 1 (A), p.324), “Palavra do Gentio do Brasil” (Vol. 2 (C), p.102), “Na lingoa do Brasil, quer dizer...” (Vol. 2 (C), p.136-137), “os naturaes chamaõ...” (Vol. 3 (E), p.98), “chamaõlhe na lingoa da terra...” (Vol. 4 (I), p.4-5), “a que os Brasis chamaõ...” (Vol. 5 (M), p.286), “no Brasil se chama...” (Vol. 6 (P), p.236), “Na lingua Brasilica val o mesmo, que...” (Vol. 6 (P), p.438), “falla no Gentio daquella terra” (Vol. 7 (S), p.633). Quando o vocábulo ameríndio vem no Lema, não há, no geral, esse tipo de especificação, a não ser o da categoria/domínio a que pertence, seguido da definição do local, como, por exemplo, “Ave do Brasil” (Vol. 1 Supl. (A), p.49), “Planta do Brasil” (Vol. 2 (C), p.41), “Termo do Brasil” (Vol. 2 (C), p.157).

Dos quase 300 verbetes selecionados com informações ou bibliografia sobre o Brasil, 120 deles contêm brasileirismo(s)¹³ seja no Lema seja na Definição/Descrição, e deste último conjunto de vocábulos, conseguimos extrair um total de 167 brasileirismos, dos quais 33 ocupam a posição de Lema. Embora seja pouco esse total de ocorrências de brasileirismos, diante das mais de 43.000 entradas, não podemos esquecer de que estamos lidando com um material lexicográfico que tinha como foco a língua portuguesa de Portugal e o Latim, no início do século XVIII; e que o simples fato de Bluteau ter considerado não somente o uso de termos do Brasil, mas de tê-los elevado à posição de Lema, já revela que alguma importância esses vocábulos tinham já naquele contexto histórico-linguístico.

Há de se destacar ainda que, nos verbetes que contêm brasileirismos, raras são as menções diretas às fontes que apoiaram a sua inclusão no *Vocabulario*, apesar de o autor ter citado, no prólogo do primeiro volume, as obras a que recorreu, como Brito Freire (1657, 1675), Vasconcellos (1668), Gandavo (1576) e Sylveira (1974 [1624]) e ter fornecido uma lista de dicionários que o antecederam e, muito provavelmente, o subsidiaram. Dentre essas obras se encontram duas, que são dignas de citação:

¹³ Destes conjuntos de brasileirismos identificados na pesquisa, apenas constam no glossário, na parte final deste trabalho, vocábulos cuja etimologia foi estabelecida, deixando de fora as palavras: *coapsiba*, pao gamelo [Vol. 6 (P), p.228-230 Pão]; *ganabara*, nhiteroy, Rio de Janeiro [Vol. 4 (I), p. 11 Ianeiro]; e *tai-ibi*, cachorro do mato [Vol. 1 Supl. (C), p. 170 Cachorro].

“Diccionario Brasilico, do P. Manoel da Veiga” e “Diccionario Brasilico do P. Joseph Anchieta, da Ilha da Teneriffe, da Companhia de Jesus”.¹⁴

Por fim, não podemos esquecer de observar que Bluteau teve o cuidado de empregar em seu *Vocabulario* o recurso a remissivas, para garantir um caráter de coesão, não apresentando informações duplicadas, o que pode ser conferido nos verbetes a seguir:

GIBOYA. Cobra do Brasil de mōstruosa grandeza. *Vid.* Cobra de veado. (Vol. 4 (G), p. 64)

IBIRAPITANGA. Arvore. *Vid.* Pao Brasil. (Vol. 4 (I), p.19)

A construção das definições

Quanto às definições apresentadas nas microestruturas do *Vocabulário*, Gonçalves (2006, p.214) as descreveu com bastante minúcia:

[...] à entrada e à marca ‘termo do Brasil’ segue-se a definição genérica (planta, árvore, fruto, raiz, por ex.), completada por uma descrição (definição descritiva) assente na comparação das características físicas ou propriedades (cor, tamanho, formato, sabor, aroma, etc.) dos referentes com as de outros, bem conhecidos na Península Ibérica. A definição poderá compreender a menção da utilidade dos referentes descritos.

Essa estrutura de definição atendeu perfeitamente às intenções do autor em apresentar ao leitor-consultante, provavelmente de origem portuguesa, informações sobre uma realidade que a ele ainda parecia pouco comum. Além disso, sem dúvida, Bluteau não se absteve de citar muitas vezes as fontes que consultou, como comentamos acima, nem se questiona a sua autoria na construção dos textos das definições de seu *Vocabulário*, mas “[...] casos há em que o Autor não aponta qualquer fonte” (GONÇALVES, 2006, p.224). É exatamente neste ponto que uma questão precisa ser levantada: a da autoria de alguns textos.

Bluteau fez uso de uma bibliografia, não apenas para obter informações sobre determinados assuntos, mas chegou mesmo a transcrevê-los literalmente de suas fontes de pesquisa, não dando os devidos créditos aos autores dos textos. No caso dos brasileirismos, a título de exemplo, destacamos dois verbetes.

DEOS. He o Ente supremo, Ente por essencia, Ente, cuja essencia he ser, Ente independente, do qual todos os Entes dependem, Ente que he a fonte

¹⁴ Com relação a esse dicionário produzido por Anchieta, se ele de fato existiu, permanece até hoje desaparecido, como observa Ayrosa (1937, p.54): “De um vocabulário organizado pelo mesmo Anchieta, fala-se constantemente, sem que se tenha positado a sua existência, sem que se tenha indicado ao menos onde param os seus originaes”.

de todos os Entes, Ente que he principio, & fim de tudo [...] Porem nos Indios do Brasil entre as confusas ideas, que tem da Divindade, o temor lhe ensinou a compor o nome de Deos, porque chamaõ a Deos, Tupá, que quer dizer Excellencia espantosa, & desta mostraõ, que dependem; pela qual razaõ tem grande medo dos Trovoens, & relampagos, por que dizem, que são effeytos deste Tupá Superior; Por isso chamaõ ao trouaõ Tupa çanunga, que quer dizer estrondo feyto pela Excellencia superior, & ao relampago chamaõ Tupá beraba, que quer dizer resplendor feyto pela mesma. Mas a este temor servil he incõparavelmente superior o temor filial com que chamamos ao Criador... (Vol. 3 (D), p.64-65, grifo nosso com sublinhado).

Disse expressamente porque supposto que claramente por commum naõ reconhecem Deidade algũa; tem com tudo huns confusos vestigios de hũa Excellencia superior, a que chamaõ Tupá, que quer dizer Excellencia espantosa; & desta mostraõ que dependem; pella qual rezaõ tem grande medo dos trouoens, & relampagos, porque dizem que saõ effeitos deste Tupà superior, por isso chamaõ ao trouaõ Tupàçanunga, que quer dizer estrondo feito pella Excellencia superior; & ao relampago chamaõ Tupà beraba, que quer dizer, resplendor feito pella mesma. (VASCONCELLOS, 1668, p.176-177, grifo nosso com sublinhado).

Todo o trecho destacado no verbete ‘Deos’, de Bluteau, corresponde exatamente ao texto sublinhado de Vasconcellos (1668, p.176-177), apenas com pequenas alterações de grafia e acentuação de palavras. E, apesar de ser bastante longo esse verbete do *Vocabulario*, ele não faz menção direta à obra *Noticia do Basil*. Ainda nesse verbete, na parte que antecede o trecho transcrito literalmente, Bluteau apresenta uma interpretação da informação original e a reintroduz à sua maneira, ou seja, enquanto Vasconcellos menciona que os índios do Brasil “naõ reconhecem Deidade algũa; tem com tudo huns confusos vestigios de hũa Excellencia superior”, o autor do *Vocabulario* afirma que “entre as confusas ideas, que tem da Divindade, o temor lhe ensinou a compor o nome de Deos”.

Para o segundo exemplo, consideremos o verbete ‘Cobra’, do *Vocabulario*.

COBRA. Cõbra. Animal reptil, & aquatico. Distinguese da serpente, em que nada com a cabeça fõra da agoa. *Coluber, ri. Masc. Virg. Columel. Colubra, ae. Fem.* [...] Cõbra de Coraes, ou cõbra de coral. Outra cõbra do Brasyl. Tem a pèlle branca, como néve, & malhada de negro, & vermelho. O seu veneno he mortal, mas vagaroso; o remedio delle hé a cabeça da mesma cõbra machuca, & applicada a modo de emplasto. O Gentio lhe chama *Ibiboboca. Serpens colore niveo, nigris, rubrisque maculis varius.* (Vol. 2 (C), p.349-350, grifo nosso com sublinhado)

IBIBOBOCA Brasiliensibus, anguis pulcher, Lusitanis *Cobre de Corais* appellatur, duos pedes longus, pollicem autem crassus, *calore niveo, & nigris, rubrisque maculis variegatus*. Morsus illius venenatissimus, nom extemplo vitam depascitur, sed tarde se promover. (PISONIS, 1648, p.42-43, grifo nosso com sublinhado)

Parte desse verbete foi construída, ao que tudo indica, com informações extraídas da obra de Pisonis (1648), que não foi citado em momento algum do verbete. Observa-se que Bluteau ateve-se à transcrição quase literal da parte latina (como no original), tendo usado uma tradução para o português do texto-fonte. Inclusive, a grafia do brasileirismo é idêntica em uma e outra obra.

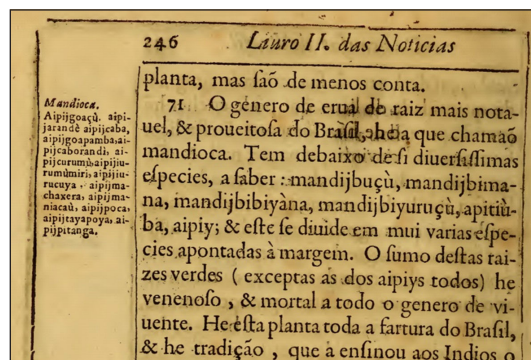
Diante dessas observações, constatamos que, para construir textos de alguns dos verbetes de seu *Vocabulario*, Bluteau recorreu, em grande parte, a textos de outros autores, ora transcrevendo-os literalmente ora adaptando-os.

Sobre a escrita dos brasileirismos

Bluteau, ao que tudo indica, certamente não fez pesquisa *in loco* no Brasil para colher material linguístico, recorrendo, como já mencionamos, a diversas fontes bibliográficas que o apoiaram não somente quanto à informação em si, necessária para construir as definições, descrições e abonações dos verbetes de seu *Vocabulario*, mas também preservou, em alguma medida, a escrita dos mesmos.

Provenientes do Tupinambá ou Tupí Antigo, esses vocábulos já possuíam uma forma escrita em suas fontes primárias, tomando, quase sempre, uma feição aportuguesada. Necessário era saber se, ao ser transplantada para o Vocabulário, essa escrita dos vocábulos ameríndios havia sido preservada ou não. Por isso, recorreremos aos dados constantes nas fontes e os comparamos com o material colhido do Vocabulario.

Figura 2 – Fac-símile de página do livro *Noticias cvriosas, e necessarias das covsas do Brasil*, de Simam de Vasconcellos



Fonte: Vasconcellos (1668, p.246).

Figura 3 – Fac-símile do verbete AIPYI, do Vocabulário

AIPYÍ, Aîpyî. Erva do Brasil, de cu-
jas raizes fazem os Indios Paõ, & Vi-
nho. Ha desta erva muitas especies. *Ai-
pyi quacû, Aipyi jarandê, &c.* O a que
chamão *Aipyi Macaxera* he o melhor,
mais saudavel, & mais gostoso. *Vid. Vas-
concel. Noticias do Brasil, pag. 246.*

Fonte: Bluteau (1712, p.196).

Figura 4 – Fac-símile do verbete MANDIÔCA, do Vocabulário

MANDIÔCA. Raiz como cinoura, cu
rabo, que he toda a fartura do Brasil.
Produz hum talo direito da altura de
hum homem, ornado de folhas reparti-
das a modo de estrellas. A flor, & a se-
mente são pequenas. Tem a Mandioca
debaixo de si nove especies, a saber, *Man-
diibabáará, Mandiibparati, Mandiibuçu,
Mandiibumana, Aipy Tapeçima, Ar-
pipoca, Manajupeba, & Macaxera.* O

Fonte: Bluteau (1716, p.286).

A partir dessa amostra de dados, pudemos comparar os seguintes vocábulos:

- ‘aipyi’ (Vasconcellos) / ‘aipyí’ ~ ‘aipy’ (Bluteau)

Esses dados demonstram, inicialmente, que não há uma padronização rigorosa no emprego das formas. No primeiro verbete ‘Aipyí’, ocorre a troca da posição da vogal anterior alta da última sílaba em relação à forma do texto-fonte de Vasconcellos. Já no segundo verbete, há coincidência total entre a escrita do texto-fonte e a do *Vocabulário* de Bluteau.

- ‘mandijbuçu’ (Vasconcellos) / ‘mandiibuçu’ (Bluteau)

Já neste segundo conjunto de dados, observamos duas diferenças, a primeira se refere à decisão de Bluteau de alterar ‘-ij-’ por ‘-ii-’; e a segunda, de não usar o acento gráfico na vogal final.

- ‘mandijbimana’ (Vasconcellos) / ‘mandiibumana’ (Bluteau)

Outra alteração pôde ser observada nestes dados, a da mudança da vogal anterior alta ‘-bi-’ pela vogal posterior alta ‘-bu-’.

▪ **‘aipijgoaçù’** (Vasconcellos) / **‘aipyi quacû’** (Bluteau)

Além da mudança de ‘-ij-’ para ‘-yi’, já mencionada acima, Bluteau divide o vocábulo em duas partes ‘aipyi’ e ‘quacû’, divergindo do proposto por Vasconcellos. Além disso, substitui a sílaba ‘-goa-’ por ‘qua-’, alteração que se constitui em um erro de interpretação da morfofonologia da língua indígena, já que o sufixo tem os alomorfes *-guasú* (seguindo tema terminado por vogal) e *-usú* (seguindo temas terminado por consoante), mas a forma subjacente de *-guasú* é /wasú/ e não /kwasú/. Há ainda a substituição do acento de ‘ù’ por ‘û’. Diante deste último dado e comparando-o com ‘mandijbuçù’, podemos levantar a hipótese de uma certa inconstância ou falta de cuidado na transcrição dos dados das fontes, considerando que não há contexto aparente que justifique a supressão ou substituição do acento grave do original.

▪ **‘aipijarandè’** (Vasconcellos) / **‘aipyi jarandè’** (Bluteau)

▪ **‘aipijmachaxera’** (Vasconcellos) / **‘aipyi machaxera’** ~ **‘aipiy macaxera’** (Bluteau)

As observações feitas para os dados anteriores já são suficientes para descrever as alterações presentes nos dados acima.

▪ **‘Tupàçanunga’** (Vasconcellos) / **‘Tupa çanunga’** (Bluteau)

Novamente Bluteau separa em duas partes o que em Vasconcellos é apenas um vocábulo. Já no dado ‘Tupà beraba’ (Vasconcellos), Bluteau mantém a grafia original, apenas alterando o acento do primeiro vocábulo ‘Tupà beraba’.

▪ **‘papay’** (Marcgravi) / **‘papai’** (Bluteau)

Outra mudança de grafia compreendida por Bluteau está no dado acima, em que o ‘y’ do vocábulo original é substituído por ‘i’. Essa ocorrência coincide com a que se observou em dados anteriores.

O vocabulário brasílico no Vocabulário de Bluteau

‘Brasilico’ é um dos 55 adjetivos do *Vocabulario* de Bluteau e, como vimos, ele justifica o uso deste termo, por parte dos verbetes conterem informações sobre o Brasil, mas também por ele fazer uso de vocábulos oriundos de línguas faladas no Brasil, os brasileirismos, em particular os de origem Tupí, que estão sendo analisados no presente estudo.

Assim, repertoriamos um conjunto de 167 desses vocábulos, que, para conhecimento e melhor percepção do conjunto de dados, resolvemos apresentá-los sob a forma de um pequeno glossário, ordenado alfabeticamente, com uma microestrutura própria, contendo os seguintes elementos dispostos nesta mesma ordem (exemplificados, a seguir, com as informações do verbete ‘caiatia’):

Lema: destacado em caixa alta com negrito, ele está na cabeça do verbete e apresenta as palavras do Tupinambá ou Tupí Antigo extraídas do Vocabulário; a grafia, na maioria das vezes, já está aportuguesada. P. ex.: **CAIATIA**.

Etimologia: colocada entre colchetes logo após o Lema, apresenta a(s) forma(s) do Tupinambá que teria(m) originado a palavra-entrada. Como principais fontes para identificar a etimologia dos brasileirismos, consultamos Ruiz de Montoya (1639; 1640), Lemos Barbosa (1951), Navarro (2013), Cunha (1998), Houaiss (2009) e, principalmente, Rodrigues (1958/1959), do qual aproveitamos ainda a estrutura de apresentação da etimologia, por exemplo: [T. *ka'ʔa* ‘mato’ + *ti* ‘ponta’ + *-a* ‘arg.’ = ‘mato pontudo’].¹⁵ Quando há mais de um verbete para o mesmo vocábulo, utilizamos *v.*, seguido das formas dos demais verbetes para remeter a estes. Usamos, quando necessário, um sinal de igualdade para a expressão do significado final dos vocábulos analisados etimologicamente. Algumas etimologias de vocábulos referentes a espécies animais ou vegetais são seguidas de uma tradução livre ou literal, mas a tradução de algumas delas consistem no seu nome científico, no seu gênero ou na família a que pertencem¹⁶.

Formas variantes: se houver variações do Lema (de forma ou de conteúdo), são colocadas, logo depois da Etimologia sem aplicação de efeito, as palavras variantes, também extraídas do Vocabulário. Por exemplo: *caacica*.

Definição: como definição do Lema, utilizou-se um fragmento retirado também do Vocabulário e escrito em Português, conservando-se, inclusive, sua grafia original, sem uso de recursos como itálico ou negrito, a não ser quando este recurso já estava presente no texto-base. Por exemplo: “erva de cóbras, [...] he erva commun, & rasteira, tem as suas folhas alguma semelhança com as da ortelaã, [...] & de hum verde escuro, com raminhos”. Essa definição pode ainda conter formas variantes do próprio português.

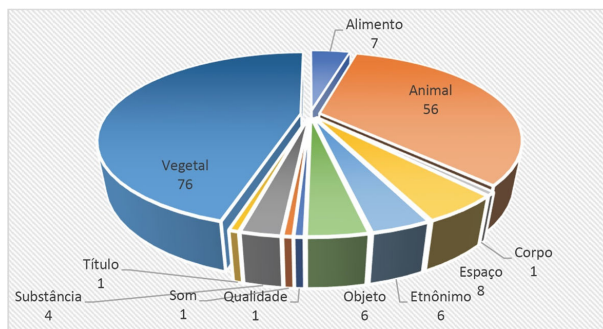
Fonte: apresentada entre colchetes, oferece a referência a um ou mais verbetes desse vocabulário de onde foi extraída a informação do Lema e é composta pelo número do Volume e respectiva letra de entrada da microestrutura do *Vocabulario* original. Além disso, cita a(s) página(s) onde se localiza o verbete-fonte, e o Lema. Em alguns casos, há menção ao Suplemento ou à segunda edição do Vocabulário. Por exemplo: [Vol. 2 (C), p. 349-350 COBRA].

¹⁵ Abreviaturas usadas no interior do *Vocabulario*: **arg.** ‘argumentativo’; **causat.** ‘causativo’; **esp.** ‘espécie’; **fam.** ‘família’; **gên.** ‘gênero’; **gen.hum.** ‘genérico-humano’; **hiper.** ‘hiperônimo’; **intens.** ‘intensivo’; **lit.** ‘literalmente’; **nom.ag.** ‘nominalizador de agente’; **nom.circ.** ‘nominalizador de circunstância’; **redupl.** ‘reduplicação’; **rel.** ‘relacional’; **retr.** ‘restrospectivo’; **v.** ‘ver’; **vol.** ‘volume’.

¹⁶ Para determinação dessa terminologia científica, utilizamos principalmente o *Dicionário dos animais do Brasil* (HERING, 1940), e o *Catálogo Taxonômico da Fauna do Brasil*, recurso eletrônico, disponível em: <<http://fauna.jbrj.gov.br/fauna/listaBrasil>>.

Para uma melhor compreensão do conteúdo desses brasileirismos que compõem o vocabulário brasílico extraído do *Vocabulario* de Bluteau, resolvemos verificar a que campos semânticos eles estavam associados, conforme pode ser observado no gráfico a seguir:

Gráfico 1 – Dados do Tupinambá que foram extraídos do Vocabulário classificados por campos semânticos



Fonte: Dados compilados pelos próprios autores da pesquisa.

A predominância de vocábulos do Tupinambá nos campos semânticos Animal e Vegetal se justifica não somente pelas fontes consultadas, mas também porque esses vocábulos começaram a circular em Portugal, devido ao intenso intercâmbio mantido entre Metrópole e Colônia, desde o século XV.

Glossário dos brasileirismos ameríndios no *Vocabulario* de Bluteau

O repertório apresentado a seguir reúne os vocábulos de origem Tupinambá/Tupí-Antigo registrados nos volumes do *Vocabulario* de Bluteau, uma obra que representa um marco na história dos estudos lexicográficos de língua Portuguesa (cf. GONÇALVES, 2006), por considerar como material lexical vocábulos de origem ameríndia e que aqui classificamos como brasileirismos.

acariçoba [T. > *aka'ri* ‘planta’ + *s*⁻¹⁷ ‘relacional’ + *-óβ* ‘folha’ + *-a* ‘arg.’ = ‘esp. da fam. das *Araliaceae*’] erva do capitaõ, he planta nodosa, com raizes por intervallos, com que se estende pelo chaõ [Vol. 1 Supl. (E), p. 390 ERVA]

aguaraciunha-acu [T. > *awa'ra* ‘planta’ + *-ki'ʔij* ‘pimenta’ + *-a'su* ‘intensivo’ = ‘esp. da fam. *Boraginaceae*’] fedegoso, [...] tem as folhas mais picantes, que as da ortiga. Todo o talo he cuberto de bicos, sempre verdes fedegoso [Vol. 1 Supl. (F), p. 423 FEDAGOSO]

¹⁷ Algumas construções do Tupí Antigo que consistiam em orações com predicados nominais como *gwakari s-óβ-a*, literalmente ‘*gwakari* é folhuda’ ou ‘*gwakari* tem folha’, ao serem aportuguesadas, foram lexicalizadas como simples nomes, tendo suas partes originais sido cristalizadas e, portanto, não mais segmentáveis.

aguaraquiya [T. > *awa'ra* 'planta' + *ki'ʔij* 'pimenta' + *-a* 'arg.' = 'planta, *Solanum piterocaulon*, fam. *Solanaceae*] pimenta de gallinha, planta do Brasil, herba do bicho, herba moura [Vol. 6 (P), p. 507-509 PIMENTA]

aguti [T. > *aku'ti* 'cotia', gên. *Dasyprocta*] cotia [Vol. 2 (C), p. 590 COTIA]

aipiy tapecima [T. > *ai'pi* 'aipim, macaxeira' + *ita* 'pedra' + *pesim-* 'lisa' + *-a* 'arg.' = 'aipim pedra lisa'] especie de mandiôca [Vol. 5 (M), p. 286 MANDIÔCA]

aipyi [T. > *ai'pi* 'aipim, macaxeira'], *aipyi*, erva do Brasil, de cujas raízes fazem os Indios Paõ aipim [Vol. 1 (A), p. 196 AIPYI / Vol. 5 (M), p. 286 MANDIÔCA]

aipyi machaxera [T. > *ai'pi* 'aipim' + *maka'ser* 'macaxeira' + *-a* 'arg.' = aipin macaxeira'], *aipyi machaxera*, erva do Brasil, de cujas raízes fazem os Indios Paõ [...] he o melhor, mais saudavel, & mais gostoso [Vol. 1 (A), p. 196 AIPYI / Vol. 5 (M), p. 286 MANDIÔCA]

aiuru [T. > *aju'ru* 'papagaio'] especie de papagayo [Vol. 6 (P), p. 236 PAPAGAYO]

aiurucuruca [T. > *aju'ru* 'papagaio' + *ku'ruk* 'resmungar' + *-a* 'arg.' = 'papagaio resmundador'] especie de papagayo [Vol. 6 (P), p. 236 PAPAGAYO]

ajuru juba [T. > *aju'ru* 'papagaio' + *juβ* 'amarelo' + *-a* 'arg.' = 'papagaio amarelo'] nome dado a diferentes nações que naquella terra habitão [Brasil] [Vol. 5 (M), p. 375-376 MAZOMBO]

ananas [T. > *na'na* 'abacaxi'] ananaz fruto do Brasil, he de feição de huma pinha de Portugal [Vol. 1 (A), p. 360 ANANAS]

andira [T. > *a'nir* 'angelim' + *-a* 'arg.' = 'angelim'] angelim [Vol. 1 (A), p. 374 ANGELIM]

anhima [T. > *aj'im* 'anhuma, ave, fam. *Anhimidae*' + *-a* 'arg.' = 'ave, fam. *Anhimidae*'] ave do Brasil, de rapina, he aquatica [Vol. 1 Supl. (A), p. 49 ANHIMA]

anhuyba-peabya [T. > *ajĩʔiβ* 'planta' + *-ape* 'casca' + *-aβi* 'diferente' = 'canela sassafraz, fam. das *Lauraceae*, lit. 'planta de casca diferente'] sassafraz do Brasil, sassafraz he hum pao cheyroso, aromatico, com algũa acrimonia [Vol. 7 (S), p. 504-505 SASSAFRÂZ]

aramaca [T. > *arama'sa* '*Arinectes maculatus*, fam. dos *Aquirídeos*'] cubricunha, peixe do mar, [...] [o] focinho [...] he de cor de pedra, tem de huma parte dous olhos, e da outra nenhum, vive entre as areas do mar [Vol. 1 Supl. (C), p. 276 CUBRICUNHA]

arara [T. > *a'rar* 'arara' + *-a* 'arg.' = 'arara'] he huma especie de Papagayo grande [Vol. 1 (A), p. 467 ARARA]

araticu [T. > *arati'ku* 'planta, fam. *Annonaceae*'] planta do Brasil, he arvore, muy fresca de tres especies [Vol. 1 (A), p. 467 ARATICU]

arpipoca [T. > *-ar(a)* 'espiga' + *-pi(r)* 'pele' + *-pok* 'espocar' + *-a* 'arg.' = 'espiga de pele espocada'] especie de mandiôca [Vol. 5 (M), p. 286 MANDIÔCA]

baepapina [T. > *mbaʔe* 'coisa' + *a'pin* 'pelado, raspado' + *-a* 'arg.' = 'coisa da cabeça pelada (ser mítico)'] outra especie de Tritão, q̄ he da figura, & do tamanho de hum menino, peyxe do mar do Brasil [Vol. 8 (T), p. 298 TRITAÕ]

beiju [T. > *mbe'ju* 'beiju'] pequenos bolos alvissimos, & delicadissimos [Vol. 2 (B), p. 87 BEIJU]

biariby [T. > *mbi* ‘nom.obj + -*ɔar* ‘pegar’ + *i’βi* ‘terra’ ‘assado em cova no chão’] he o assado daqueles Barbaros [Vol. 2 (B), p. 116 BIARIBY]

boicinininga [T. > *mboj* ‘cobra’ + *si’niŋ* ‘som metálico, repetitivo e forte’ + *-a* ‘arg.’ ‘cascavel’], *xenninga*, cóbra de cascavél [Vol. 2 (C), p. 349-350 COBRA / Vol. 1 Supl. (C), p. 205 CASCAVEL]

boiobi [T. > *mboj* ‘cobra’ + *o’βi* ‘verde/azul’ = ‘cobra verde, esp. da fam. *Colubridae*’] cóbra verde [Vol. 2 (C), p. 349-350 COBRA]

boitiapò [T. > *mboj* ‘cobra’ + *ti* ‘ponta’ + *a’po* ‘raiz’ = ‘cobra cipó, esp. da fam. *Colubridae*’] cóbra de cipó [Vol. 2 (C), p. 349-350 COBRA]

caapomonga [T. > *ka’ɔa* ‘mato’ + *po’moŋ* ‘viscoso’ + *-a* ‘arg.’ = ‘ora-pro-nobis, onze horas’] erva do vina, he erva do Brasil carapicos, carapitos [Vol. 1 Supl. (E), p. 390 ERVA]

caiatia [T. > *ka’ɔa* ‘mato’ + *ti* ‘ponta’ + *-a* ‘arg.’ = ‘mato pontudo’] *caacica*, erva de cóbras, [...] he erva commun, & rasteira, tem as suas folhas alguma semelhança com as da ortelã, [...] & de hum verde escuro, com raminhos [Vol. 2 (C), p. 349-350 COBRA]

caju [T. > *aka’ju* ‘caju’] caijù planta do Brasil. Desde a raiz atè a ultima vergôtea tem esta planta muitas utilidades [Vol. 2 (C), p. 41 CAJU]

camará [T. > *kama’ra* ‘erva do Brasil’] erva do Brasil, de que ha seis especies [Vol. 2 (C), p. 69 CAMARA]

cangoera [T. > *kaŋ* ‘osso’ + *-’wer* ‘retrospectivo’ + *-a* ‘arg.’ = ‘ossada’] instrumentos musicos feito de ossos de finados [Vol. 2 (C), p. 102 CANGOERA]

capiipuba [T. > *kapi’pi* ‘capim’ + *-’pub* ‘mole, maduro, podre’ + *-a* ‘arg.’ = ‘capim mole’] pè de gallinha, herva do Brasil [Vol. 6 (P), p. 331-338 PÊ]

caragoata, v. caroata [T. > *karagwa’ta* ‘planta, *Bromelia pinguin*’] planta do Brasil, tem varias, & notaveis especies, huma dellas he a verdadeira erva babosa medicinal [Vol. 2 (C), p. 135 CARAGOATA]

caramuru [T. > *karamu’ru* ‘lit. moreia, lampreia’] homem do fogo [Vol. 2 (C), p. 136-137 CARAMURU]

carapéba [T. > *aka’ra* ‘acará’ + *peβ* ‘chato’ + *-a* ‘arg.’ = ‘acará chato’] peixe do Brasil, chato, e largo [Vol. 1 Ed. 2 (C), p. 232 CARAPE’BA]

carapinimas [T. > *aka’ra* ‘acará’ + *-pi’nim* ‘acará malhado, com pintas’ + *-a* ‘arg.’ = ‘acará com pintas’] arvore do Brasil [Vol. 2 (C), p. 138 CARAPINIMAS]

carara pinima [T. > *sara’ra* ‘espécie de crustáceo/caranguejo’ + *pi’nim* ‘acará malhado, com pintas’ + *-a* ‘arg.’] marinheiro, especie de Camarão do Brasil [Vol. 5 (M), p. 333 MARINHEIRO]

çariguê, v. sariguê [T. *sari’wé* ‘sariguê, saruê, gambá do gên. *Didelphis*’] “A cauda do Çariguê he prestantissimo remedio para dores de rins.” Vasconcel. Noticias do Brasil, pag. 288. [Vol. 6 (P), p. 716 PRESTANTE]

carimã [T. > *kari’mã* ‘massa puba’] he o beijo, ou flor da farinha de pao [Vol. 1 Supl. (C), p. 201 CARIMÃ]

caroata v. caragoata [T. > *karawa’ta* ‘planta, *Eryngium sp.*’] caroata, termo do Brasil, cardo silvestre [Vol. 2 (C), p. 157 CAROATA]

ceixû [T. > *sej'fu* 'plêiade'] he o nome vulgar da constelação a que os Astronomos chamão Pleyadas [Vol. 7 (S), p. 633 SETTE-ESTRELLO]

cereiba [T. > *sere'ʔiβ* 'árvore típica de mangues, *Avicennia germinans (L.)*' + -a 'arg.'] especie de mangue [Vol. 5 (M), p. 292 MANGUE]

cereibuna [T. > *sere'ʔiβ* ~ *siri'ʔiβ* 'árvore típica de mangues, *Avicennia germinans (L.)*', lit. 'ávore de siri' + -'un 'preto' + -a 'arg.'] especie de mangue [Vol. 5 (M), p. 292 MANGUE]

cipó [T. > *isi'po* 'cipó'] he o nome commum [...] a todas as ervas grandes dos matos [Vol. 2 (C), p. 320 CIPÓ]

copaiba [T. > *kopa'ʔiβ* 'copaiba' + -a 'arg.' = 'planta, *Copaifera langsdorfii Desf.*] planta, assi chamada dos Indios do Brasil [Vol. 2 (C), p. 530-531 COPAIBA]

corica [T. > *ku'rik* 'curica' + -a 'arg.' = 'ave, *Pionopsitta caica*'] he huma casta de Papagayo, vestido de huma penna verde escura, & tem a cabeça azul, de côr de Rosmaninho [Vol. 2 (C), p. 549 Corica]

cuiriri [T. > *su'iri'ri* 'beija-flor-de-coroa'] v. pitanga guacu [Vol. 2 (B), p. 98 BEMTERE]

cupuerçu [T. > *kap* 'nome genérico de vespas' + -'wer 'retr.' + -u'su 'intens.' = 'espécie de abelha', 'lit. ex-caba grande'] especie de vespa do Brasil [Vol. 5 (M), p. 331 MARIBONDA]

cuya [T. *kúja*, '*kuj* 'cuia' + -a 'arg.' = 'cuia'] vaso de barro, em que bebe o Gentio do Brasil cuia [Vol. 2 (C), p. 648 CUYA]

embuayembo [T. *ambuʔajembó*, *ambu'ʔa* 'embuá' + *je'mbo* 'ramo, erva' = 'planta, fam. *Polypodiaceae*] herba do Brasil [Vol. 6 (O), p. 30 OCCOEMBO]

giboya [T. *jibója*, *ji'boj* 'cobra jiboia' + -a 'arg.' = 'jiboia, *Boa constrictor*'] *boiguacú*, *boyacú*, cóbra de veado gibóya, cóbra boy [Vol. 2 (C), p. 349-350 GIBOYA / Vol. 4 (G), p. 64 COBRA / Vol. 7 (Q), p. 75 QUOJA]

goanhambig, v. guainumbi [T. > *gwajnu'mbi* 'beija-flor'] nome geral de hum Passarinho do Brasil [Vol. 4 (G), p. 85 GOANHAMBIG]

goaracyaba [T. > *gwarasy'afβ* 'esp. de beija-flor' + -a 'arg.' = 'espécie de beija-flor'] *guaracyaba*, rayo do Sol, especie de hum Passarinho do Brasil [Vol. 4 (G), p. 85 GOANHAMBIG / Vol. 6 (P), p. 494 PICAFLÔR]

guabiporacaiba [T. > *wa'βi* 'algo comestível, alimento' + *por* 'conteúdo' + *a'ka* 'amargo' + *a'ib* 'ruim' + -a 'arg.' = 'pão podre'] pao podre [Vol. 6 (P), p. 228-230 PÃO]

guaibi coara [T. > *wai'βi* 'velha' + *kwar* 'buraco' + -a 'arg.' = 'esp. de peixe'] buraco de velha, hum peixe do Brasil [Vol. 1 Supl. (B), p. 161 BURACO]

guainumbi [T. > *wajnu'mbi* 'beija-flor'] *aratica*, *aratarataguacu*, pegafôr, ave do Brasil, picafôr [Vol. 6 (P), p. 364 PEGAFLÔR / Vol. 6 (P), p. 494 PICAFLÔR]

guaparaiba [T. > *gwapare'ʔiβ* 'variedade de planta de mangue' + -a 'arg.' = variedade de planta de mangue'] *guaparumbo*, especie de mangue [Vol. 5 (M), p. 292 MANGUE]

guaperva [T. *waperu'a* 'peixe porco'] *piraaça*, peixe porco [Vol. 6 (P), p. 618 PORCO]

guaraz [T. > *wa'ra* 'ave guará, *Eudocimus ruber*'] passaro Bras. [Vol. 1 Ed. 2 (G), p. 673 GUARAZ]

guebucu [T. > *wēβ* ‘aguilhão-bandeira’ + *-u’su* ‘intens.’ ‘aguilhão-bandeira grande’] bicuda, peixe do Brasil [Vol. 1 Supl. (B), p. 133 BICUDA]

guireapecoça [T. > *wi’rape* ‘galinha’ + *asok* ‘larvas, vermes que dão em frutas’ + *-a* arg. ‘corós, comida de galinha’] pao de galinha [Vol. 6 (P), p. 228-230 PÃO]

iaboticaba [T. > *jaβoti’kaβ* ‘jaboticaba’ + *-a* ‘arg.’ = ‘jaboticaba’] arvore do Brasil. Seu fruto nasce no mesmo pao da Arvore desde a rais até o ultimo das vergontas [Vol. 4 (I), p. 4 IABOTICABA]

iacarandá [T. > *jakara’nda* ‘planta pertencente à fam. *Bignoniaceae*’] arvore do Brasil de duas especies, branca, & negra, jacarandá [Vol. 4 (I), p. 4 IACARANDA]

iacaré [T. > *jaka’re*], *iacare*, *jacarê*, *jacaréo*, crocodilo cayman [Vol. 4 (I), p. 4-5 IACARE]

iamacaru [T. > *jamaka’ru* ‘planta, fam. *Cactaceae*, gên. *Cactus*’], *iamacaru*, *iaracaty*, planta do Brasil, he genero de Cardo agreste [Vol. 4 (I), p. 8-9 IAMACARU]

iaracaty [T. > *ja’raka’ty*] v. *iamacaru* [Vol. 4 (I), p. 8-9 IAMACARU]

ibiboboca [T. > *iβiβoβóka* = *i’βi* ‘terra’ + *βok* ‘espécie de cobra coral’ + *-a* ‘arg.’ = ‘*Micrurus ibiboboca*’], cóbra de coraes, cóbra de coral [Vol. 2 (C), p. 349-350 COBRA]

ibira babaca [T. > *iβi’ra* ‘madeira’ + *-βaβak* ‘(re)virar’ + *-a* ‘arg.’ = ‘madeira revirada’], *ibira parangana*, engenho de açucar [Vol. 1 (A), p. 116-117 AC,UCAR]

ibira parangana [T. > *βi’ra* ‘madeira’ + *-pa’rang* ‘resvalar’ + *-a* ‘arg.’ = ‘madeira deslizante’] v. *ibira babaca* [Vol. 1 (A), p. 116-117 AC,UCAR]

ibirapitanga [T. > *iβi’ra* ‘madeira’ + *-pi’taj* ‘vermelho’ + *-a* ‘arg.’ = ‘pau-brasil’], arvore, Pao Brasil, [...] tem a casca fusca, armada de pequenos espinhos, ramos, & folhas opostas humas às outras, & flores a modo de bolotas, mas ocas [Vol. 4 (I), p. 19 IBIRAPITANGA / Vol. 6 (P), p. 228-230 PÃO]

ibirarema [T. > *iβi’ra* ‘madeira’ + *rem* ‘fedorento’ + *-a* ‘arg.’ = ‘madeira fedorenta’], *tipi*, pao d’alho cipó d’alho [Vol. 6 (P), p. 228-230 PÃO]

ibyara [T. > *iβiar* ‘espécie de cobra’ + *-a* ‘arg.’ = ‘cobra do gênero *Anfisbênia*’], *boyguacu*, *bodty*, cóbra de duas cabeças [ou] cóbra cêga, huma serpente do Brasil [Vol. 2 (C), p. 349-350 COBRA / Vol. 1 Supl. (C), p. 212 CEGA]

ierepemonga [T. > *jerepe’monga* ‘espécie de serpente aquática’], *jerepemonga*, serpente marinha do Brasil, a qual muytas vezes está immoveel debaixo da agoa [Vol. 4 (I), p. 39 IEREPEMONGA / Vol. 1 Ed. 2 (J), p. 743 JEREPEMONGA]

igacaba [T. > *ʔi* ‘água, líquido’ + *-a’saβ* ‘atravessar’ + *-a* ‘arg.’ = ‘água atravessada’ ou ‘talha de fazer cauim’] talha grande [Vol. 1 Ed. 2 (G), p. 691 IGACABA]

igara [T. > *i’(g)ar* ‘canoa’ + *-a* ‘arg.’] canoa [Vol. 1 Supl. (I), p. 512 IGARVANA]

igbanemixama [T. > *iranamixama* ‘planta, *Eugenia brasiliensis* Lam., fam. *Myrtaceae*’], *igranamixana*, *igranemixama*, arvore do Brasil, que tem fruto a modo de ameixas çaragoçanas grumixana [Vol. 1 Supl. (I), p. 512 IGRANEMIXAMA]

igranamixama [T. > *iranami’xana*] v. *igbanemixama*

inimboja [T. > *ini’mboj* ‘planta, *Muricatis siliquis*’ + *-a* ‘arg.’] silva de praya, planta do Brasil [Vol. 7 (S), p. 645 SILVA]

invira [T. > *i'mbir* 'que tem fibra' + *-a* 'arg.' 'embira, envira'] erva do Brasil [Vol. 4 (I), p. 186 INVIRA]

ipeçu [T. > *ipe'kũ* 'espécie de pato'] cortapao, passaro do Brasil [Vol. 1 Supl. (C), p. 264 CORTAPAO]

iperuquiba [T. > *ipe'ru'kiβ* 'peixe-pegador; peixe-piolho (An.)' + *-a* 'arg.' = 'peixe piolho'], *piraquiba*, pegadôr, peixe do mar Oceano [Vol. 6 (P), p. 364 PEGADÔR / Vol. 6 (P), p. 494 PICAFLÔR]

ipupiapia [T. > *ipupia* 'ser mítico que habita as águas' + *pia* 'redupl.' = 'ser mítico que habita as águas,'] *ypupiapia*, outra casta de peixe molher tritoens [Vol. 5 (M), p. 543-546 MOLHER / Vol. 8 (T), p. 298 TRITAÕ]

jacape [T. > *jasapé*, *sapé* 'planta, gên. *Imperata brasiliensis*'], *sape*, herva do Brasil [Vol. 2 Supl. (S), p. 197 SAPE]

jacapucaya [T. > *jasapu'kaj*, *sapukaj* 'sapucaia, *Lecythis pisonis*' + *-a* 'arg.' = 'sapucaia'] madeira durissima [Vol. 1 (A), p. 116-117 AC,UCAR]

jagua caguare [T. > *ja'(g)wasaka're* 'peixe jaquetá'] hum peixe, [...] tem a boca muito pequena, respectivamente ao corpo; negreja a cabeça, alveja a barriga, e tira a azul [Vol. 1 Supl. (J), p. 509 JAQUETA]

jaguacati guacu [T. > *ja'waka'ti* 'martim pescador, *Megaceryle torquata*' + *-gwasu* 'intens.' 'martim-pescador-grande'] papapeixe, ave do Brasil [Vol. 6 (P), p. 237 PAPAPEIXE]

jaguara [T. > *ja'war* 'onça' + *-a* 'arg.' = 'onça, cachorro'] especie de onça [...] do tamanho de hum lobo [Vol. 6 (O), p. 75-77 ONÇA]

jaguarete [T. > *ja'war* 'onça' + *-e'te* 'genuíno'+ *-a* 'arg.' = 'onça'] onça, [...] especie de tygre, do tamanho de hum novillo de hum anno [Vol. 6 (O), p. 75-77 ONÇA]

jamacaru [T. > *jamaka'ru*] v. iamacaru [Vol. 4 (I), p. 8-9 IAMACARU]

jauarandim [T. > *jawara'ndi* 'erva paripabora, *Piper umbellatum*'] raiz Brasil officinal. [Vol. 1 Ed. 2 (J), p. 742 JAUARANDIM]

jerepemonga [T. > *je'repe'monga*] v. ierepemonga [Vol. 1 Ed. 2 (J), p. 743 JEREPEMONGA]

jeriçucu [T. > *je'riku'ru* 'batata-purga', *Ipomoea altissima* M., também chamada baririçó, batatinha amarela e jalapão, bem como raiz de jeriçuçu, jalapa, e ruibarbo branco'] batata de purga [Vol. 5 (M), p. 381 MECHOACAÕ]

jubé [T. > *ju'βe* 'ideofone usado para chamar jacaré'] voz com que os Indios chamam os iacarés [Vol. 4 (I), p. 4-5 IACARE]

macaxera [T. > *maka'ser* 'mandioca doce, *Manihot esculenta*' + *-a* 'arg.' = 'macaxeira'] especie de mandiôca [Vol. 5 (M), p. 286 MANDIÔCA]

manajupeba [T. > *ma'ni* 'mandioca' + *juβ* 'amarelo' + *'peb* 'chato' + *-a* 'arg.' = 'lit. mandioca amarela chata'] especie de mandiôca [Vol. 5 (M), p. 286 MANDIÔCA]

mandiibabárá [T. > *man'diʔiβ* 'mandioca de caule aberto' + *-a'βa* 'abrir' + *-a'ra* 'espiga' = 'lit. mandioca de espiga aberta'] especie de mandiôca [Vol. 5 (M), p. 286 MANDIÔCA]

mandiibparati [T. > *man'diʔiβ/ma'niʔiβ* 'caule da planta mandioca' + *parati* 'espécie de mandioca' = 'lit. mandioca de caule parati'] especie de mandiôca [Vol. 5 (M), p. 286 MANDIÔCA]

mandiibuçu [T. > *man'diʔiβ* 'caule da planta mandioca' + *u'su* 'intensivo' = 'lit. mandioca de caule grande'] especie de mandiôca [Vol. 5 (M), p. 286 MANDIÔCA]

mandiibumana [T. > *man'diʔiβ* 'caule da planta mandioca' + *uman* 'grande' + *-a* 'arg.' = lit. 'mandioca de caule grande'] especie de mandiôca [Vol. 5 (M), p. 286 MANDIÔCA]

mandiôca [T. > *mandi'ʔok / mani'ok* 'mandioca' + *-a* 'arg.' = 'mandioca'] raiz como cinoura, ou nabo, que he toda a fartura do Brasil [Vol. 5 (M), p. 286 MANDIÔCA]

manipoy [T. > *manipoj*] fruto do jacarandá [Vol. 4 (I), p. 4 JACARANDA]

maracujâ [T. > *maraku'ja* 'maracujá, *Passiflora edulis*'] maracujâ, [...] he huma fruta, que vem do Brasil [Vol. 5 (M), p. 317-318 MARACUJA / Vol. 2 Supl. (O), p. 87 ÔCULO]

maracujâ gwaçu [T. > *maraku'ja* 'maracujá, *Passiflora edulis*' + *-gwa'su* 'intens.' = 'maracujá grande'] especie de maracujâ [Vol. 5 (M), p. 317-318 MARACUJA]

maracujâ-etê [T. > *maraku'ja* 'maracujá, *Passiflora edulis*' + *-e'ê* 'genuíno' = 'maracujá verdadeiro'] especie de maracujâ [Vol. 5 (M), p. 317-318 MARACUJA]

maracujâ-mirî [T. > *maraku'ja* 'maracujá, *Passiflora edulis*' + *mi'rî* 'pequeno' = 'maracujá pequeno'] merî, mirî especie de maracujâ [Vol. 5 (M), p. 317-318 MARACUJA / Vol. 2 Supl. (M), p. 37-38 MERÎ]

maracujâ-mixîra [T. > *maraku'ja* 'maracujá, *Passiflora edulis*' + *mi'fir* 'assado' + *-a* 'arg.' = 'maracuja assado'] especie de maracujâ [Vol. 5 (M), p. 317-318 MARACUJA]

maracujâ-perôba [T. > *maraku'ja* 'maracujá, *Passiflora edulis*' + *pe* 'chato' + *roβ* 'amargo' + *-a* 'arg.' = 'lit. maracujá chato amargo'] especie de maracujâ [Vol. 5 (M), p. 317-318 MARACUJA]

maracujâ-piruna [T. > *maraku'ja* 'maracujá, *Passiflora edulis*' + *pi'r* 'pele' + *-un* 'preto' + *-a* 'arg.' = 'maracuja de pele preta'] especie de maracujâ [Vol. 5 (M), p. 317-318 MARACUJA]

maracujâ-satâ [T. > *maraku'ja* 'maracujá, *Passiflora edulis*' + *s-* 'relacional' + *a'ta* 'fogo' = 'lit. maracujá que tem fogo'] especie de maracujâ [Vol. 5 (M), p. 317-318 MARACUJA]

miry [T. > *miri* 'fruto de uma planta'] he como perinhas, & tem o sabor de Sanjoaneiras de Portugal [Vol. 4 (G), p. 87 GOIABEIRA]

nhamdu [T. > *ja'ndu ~ jandi* 'espécie de pimenta'] he hum arbusto, cujas folhas nascem huma, e huma, separada da outra, e da figura do coração [Vol. 1 Supl. (B), p. 130 BETRE]

nhandi [T. > *ja'ndi ~ jandu* 'espécie de pimenta'] pimenta dos Indios [Vol. 6 (P), p. 507-509 PIMENTA]

nhanduguacu [T. > *ja'ndu* 'ema' + *-gwa'su* 'intens.' 'ema grande'] ema [Vol. 3 (E), p. 34-35 EMA]

nheraniegma [T. > *jeraneʔim* 'inocente, manso' + *-a* 'arg.' = 'jacará manso'] jacaré innocente, & manso iacaré [Vol. 4 (I), p. 4-5 IACARE]

paca [T. > *'pak* 'paca' + *-a* 'arg.' = 'paca, *Cuniculus paca*'] animal do Brasil [Vol. 6 (P), p. 169 PACA]

pacoba [T. > *paʔa'koβ* ~ *pa'koβ* + *-a* 'arg.' 'banana'] *pacobete*, he huma planta do Brasil, cujas folhas chegaõ a ter de comprimento vinte palmos [Vol. 6 (P), p. 173 PACOBA / Vol. 6 (P), p. 561 POÇO]

pacobete [T. > *pa'koβ* 'banana' + *-e'te* 'genuíno' = 'banana verdadeira'] arvore natural do Congo, que tambem se cria no Brasil [Vol. 6 (P), p. 173 PACOIRA]

pará [T. > *pa'ra* 'rio'] rio [Vol. 6 (P), p. 438 PERNAMBUCO]

paraguassu [T. > *pa'ra* 'rio' + *-gwa'su* 'intensivo' 'rio grande'] graõ Pará [Vol. 1 (A), p. 322-324 AMAZONA]

paranaguazu [T. > *para'na* 'rio, mar' + *-gwa'su* 'intensivo' = 'rio grande'] o Rio da Prata [Vol. 6 (P), p. 670 PRATA]

pequea [T. > *peki'ʔa* 'árvore pequi, esp. da fam. *Caryocaraceae*'] setim, pao de hũa planta [Vol. 7 (S), p. 623 SETÍM]

piasáva [T. > *pia'saβ* 'piaçaba' + *-a* 'arg.' = 'planta, *Attalea funifer* Mart.'] juncos pretos, que vem do Brasil [Vol. 6 (P), p. 493 PIASÁVA]

piraça [T. > *pi'ra'ka* 'pi'ra 'peixe' + *ak'a* 'chifre' = 'peixe-chifrudo'] v. guaperva [Vol. 6 (P), p. 618 PORCO]

pirajurumenbeca [T. > *pi'ra* 'peixe' (hiperônimo) + *-juru* 'boca' + *-membek* 'mole' + *-a* 'arg.' = 'peixe (de) boca-mole'] bocamolle, peixe do Brasil [Vol. 1 Supl. (B), p. 144 BOCAMOLLE]

pirapuama repoti [T. > *pi'ra* 'peixe' (hiper.) + *-pu'ʔam* 'levantado' + *-a* 'arg.' + *r-* 'rel.' + *epo'ti* 'fezes'/'fezes de baleia'] ambar, [...] que val tanto, como *pasto, que sobe à praya por vomitos* [Vol. 1 (A), p. 324 AMBAR]

piraquiba [T. > *pi'ra* 'peixe' + *'kyβ* 'piolho' + *-a* 'arg.' = 'peixe piolho'] v. iperuquiba [Vol. 6 (P), p. 364 PEGADÔR]

pitanga guacu [T. > *pi'taŋ* 'bem-te-vi-de-coroa, esp. da fam. *Tyrannidae*' + *-gwa'su* 'intens.' = 'bem-te-vi-de-coroa-grande', *cuiriri, pitangua guacu*, bemtere, [...] passaro do Brasil [Vol. 2 (B), p. 98 BEMTERE / Vol. 1 Supl. (B), p. 125 BEMTERE]

poteingi [T. > *po'ti* 'camarão' + *ʔi* 'água, rio' = 'rio dos camarões'] Rio Grande, Rio da America Meridional, no Brasil [Vol. 7 (R), p. 339 RIO]

potigoâras [T. > *po'ti* 'camarão' + *ʔu* 'ingerir' + *-ar* 'nom.ag' + *-a* 'arg.' = 'comedores de camarão'] potigoâres indios do Brasil, que senhoreáãõ principalmente a Capitania de Pernambuco, & Itamaracá [Vol. 6 (P), p. 655 POTIGOÂRAS]

puraque [T. > *pura'ke* 'peixe elétrico, *Lectrophorus eletricus*'] viola, peyxe dos mares do Brasil, he largo, pouco grosso, & cartilaginoso [Vol. 8 (T), p. 508 VIOLA]

quity [T. > *qui'ti* 'planta, esp. da fam. *Sapindaceae*'] arvore do Brasil, os Portuguezes do Brasil chamaõ sabão ao fruto dessa árvore pao de sabão [Vol. 7 (S), p. 407 SABAÕ]

quiyà [T. > *ki'ʔj* 'pimenta' + *-a* 'arg.'] pimenta da terra [Vol. 6 (P), p. 507-509 PIMENTA]

quoaracyaba, v. goaracyaba [T. > *gwarasy'ab* 'esp. de beija-flor' + *-a* 'arg.'] *guaracigaba*, cabelo do Sol, especie de hum Passarinho do Brasil [Vol. 4 (G), p. 85 GOANHAMBIG / Vol. 6 (P), p. 494 PICAFLÔR]

sagui [T. > *sa'gwi* 'esp. da fam. *Didelphidae*'] *çagui*, especie de bugio pequeno, que tem cauda comprida, & na cabeça huns cabellos a modo de patas [Vol. 7 (S), p. 428 SAGUI]

sapucaya [T. > *jasapu'kaj*, *sapu'kaj* 'sapucaia' + *-a* 'arg.' = 'árvore, fam. das *Lecythidaceae*'], *çapucaya*, planta do Brasil, he arvore de tronco alto, & ordinariamente muyto grosso [Vol. 7 (S), p. 494 SAPUCAYA]

sariguê v. *çariguê* [T. > *sari'gwe* 'sariguê, saruê, gambá do gên. *Didelphis*'], *çariguê*, *çarigoè*, animal do Brasil, he do tamanho de hũ grande cachorro; cabeça de raposa, focinho agudo; dentes, & barba à maneyra de gato [Vol. 7 (S), p. 502 SARIGUÊ]

tabôcas [T. > *ta'βok* 'taquara' + *-a* 'arg.' = 'taboca'] são hũas canas bravas, mais grossas, que as de Portugal, rodeadas de puas, tão agudas, & solidas, qua as não despona qualquer opposição [Vol. 8 (T), p. 10 TABÔCAS]

tamendua [T. > *tamandu'ʔa* 'tamanduá, esp. da fam. *Myrmecophagidae*'], *tamanduà*, *tomandua*, animal do Brasil, quasi do feito de caõ, ou de raposa, mas tem o focinho muito comprido, como tambem a lingua [Vol. 8 (T), p. 34-35 TAMENDUA]

tamoata [T. > *tamo'a* 'ta'peixe, fam. dos *Calictiideos*'] soldado, peyxe do Brasil [Vol. 7 (S), p. 700-701 SOLDADO]

tangara [T. > *taŋa'ra* 'ave, fam. dos *Piprídeos* (*Chiroxiphia caudata*)'] ave do Brasil, tem hum com o barrete na cabeça de laranjado finissimo [Vol. 8 (T), p. 36 TANGARA]

tangaraca [T. > *taŋara'ka* 'erva, *Ciphoelis mellioefolia*'] erva do rato, ha de tres especies [Vol. 1 Supl. (E), p. 390 ERVA]

tapijere [T. > *tapi'ŋir* 'anta, *Tapirus terrestris*' + *-e'ŋe* 'verdadeiro' = 'anta verdadeira'] *tapijere*, anta [Vol. 1 (A), p. 395 ANTA]

tapuyas [T. > *tapi'ŋij* 'inimigo' + *-a* 'arg.' = 'inimigo, índios de outras etnias'] gentios mais barbaros da America [Vol. 7 (R), p. 339 RIO]

tatu [T. > *ta'tu* 'tatu, fam. *Dasypodidae*'] *tatupeba*, encubertado [Vol. 3 (E), p. 98 ENCUBERTADO]

temacujá unâ [T. > *temacu'ja* 'esp. da fam. *Passifloraceae*' + *-un* 'preto' + *-a* 'arg.' = 'especie de maracujá [Vol. 5 (M), p. 317-318 MARACUJA]

tipiti [T. > *tepi'ti* 'prensa de mandioca'] certo genero de prensa [Vol. 2 (C), p. 41 CAJU]

tobâ [T. > *t-* 'gen.hum.' + *o'wa* 'face' = 'face humana'] rosto [Vol. 8 (T), p. 182 TOBAYARÂS]

tobayarâs [T. > *t-* 'gen.hum.' + *-oβa* 'face' + *-jar* 'dono' + *-a* 'arg.' = 'dono de face umana', ou 'cunhado'], *tobayaras* são os Indios principaes do Brasil, [...] são os *senhores do rosto da terra* [Vol. 8 (T), p. 182 TOBAYARÂS]

toucan [T. > *tu'kan* 'tucano' + *-a* 'arg.' = 'tucano'] *tucana*, ave do Brasil. O tamanho do seu corpo he entre Merlo, & Pega; [...] tem o bico de alguns dous palmos de comprido [Vol. 8 (T), p. 223-224 TOUCAN]

tui [T. > *tu'ŋi* 'periquito'], *tuins*, especie de papagayo, [...] casta de Papagayos do Brasil, pequenos, & estimados [Vol. 6 (P), p. 236 PAPAGAYO / Vol. 8 (T), p. 323 TUINS]

tuiete [T. > *tu'ŋi* 'perequito' + *-e'ŋe* 'perequito verdadeiro'] especie de papagayo [Vol. 6 (P), p. 236 PAPAGAYO]

tuipara [T. > *tu'ŋi* 'especie de papagaio' + *par* 'torto' + *-a* 'arg.' = 'especie de papagaio'] especie de papagayo [Vol. 6 (P), p. 236 PAPAGAYO]

tujúco [T. > *tu'juk* 'tijuco' + *-a* 'arg.' = 'certa erva'] certa herva do Brasil [Vol. 8 (T), p. 323 TUIÚCO]

tupá [T. > *tu'pã* 'raio/trovão'] Tupã Excellencia espantosa Deos [Vol. 3 (D), p. 64-65 DEOS]

tupá beraba > [T. *tu'pã* 'raio/trovão' + *βe'raβ* 'brilhar, resplandecer; brilhante, resplandecente' + *-a* 'arg.', 'raio resplandecente'] resplendor feyto pela Excellencia superior rayo [Vol. 3 (D), p. 64-65 DEOS]

tupâçaminga [T. > *tu'pa* 'raio/trovão' + *si'niy* 'som metálico, ressoar, ecoar, retinir' + *-a* 'arg.', 'trovão ressoante'], *tupa çanunga*, estrondo feyto pela Excellencia superior trovaõ [Vol. 1 (A), p. 630-631 ATHEISTA / Vol. 3 (D), p. 64-65 DEOS]

tupygoaes [T. > *tupi'gwara* 'os originários, procedentes dos Tupi'] nação do Brasil [Vol. 8 (T), p. 327 TUPYGOAES]

tupynamba [T. > *tupina'mba* 'tupinambás (ou teniiminós, tupiniquins, potiguaras, etc., indígenas que habitavam o litoral brasileiro do Rio de Janeiro ao Pará, adentrando o Tocantantis', nos séculos XVI e XVII)] nação do Brasil [Vol. 8 (T), p. 327 TUPYGOAES]

typyrati [T. > *ty'pyra'ti* 'farinha de mandioca crua'] casta de farinha do Brasil farinha crua [Vol. 2 (B), p. 87 BEJU]

umbu [T. > *u'mbu, i'mbu* 'planta, *Phytolacca dioica, Spondias purpurea*'] planta do Brasil, tem fruto a modo de ameyxas, & as raizes como balancias esponjosas, servem de comer, & beber aos caminhantes sequiosos [Vol. 8 (U), p. 545 UMBU]

urumbera [T. > *uru'mber* 'esp. de *Cactaceae*, gên. *Cactus*' + *-a* 'arg.' = 'espécie de cactus'] planta do Brasil, & especie de *Jamacarù*, ou de *Cardo agreste* [Vol. 8 (U), p. 593 URUMBERA]

viatã [T. > *u?i* 'farinha' + *-atã* 'duro' = 'farinha dura'] casta de farinha do Brasil farinha torrada [Vol. 8 (T), p. 532 VITINGGA]

viêçacoatinga [T. > *u?i* 'farinha' + *esakwa* 'órbita dos olhos' + *tij* 'branco' + *-a* 'arg.' = 'farinha olho branco'] casta de farinha do Brasil farinha seca [Vol. 8 (T), p. 532 VITINGGA]

vimoyipabã [T. > *u'i* 'farinha' + *mo-* 'causat.' + *ji'p* 'estar cozido, assado, torrado' + *-aβ* 'nom.circ.' + *-a* 'arg.' = 'recipiente de torrar farinha'] alguidares de barro, ou metal [Vol. 5 (M), p. 286 MANDIÔCA]

vitingga [T. > *u'i* 'farinha de mandioca' + *tij* 'branco' + *-a* 'arg.' = 'farinha branca'] casta de farinha do Brasil farinha fresca [Vol. 8 (T), p. 532 VITINGGA]

yapu [T. > *ja'pĩ, japu* 'ave, *Icteridae Psarocolius*'] passaro do Brasil [Vol. 2 Supl. (Y), p. 321 YAPU]

yara [T. > *jar* 'senhor, dono' + *-a* 'arg.' = 'dono, senhor'] senhores [Vol. 8 (T), p. 182 TOBAYARÂS]

yetîm [T. > *jati?ũ* 'inseto, fam. *Culicidae*, conhecido como pernilongo'] insecto, que no Brasil se gera do Ar muito subtil da America [Vol. 2 Supl. (Y), p. 321 YETÎM]

zabucaes v. jacapucaya, sapucaya [T. *japu'kaj* = 'árvore, fam. das *Lecythidaceae*'], são arvores do Brasil, nas quaes se crião vasos tamanhos, como grandes cocos [Vol. 8 (Z), p. 625 ZABUCAES]

Considerações finais

O levantamento e sistematização dos vocábulos de origem indígena presentes nos volumes do *Vocabulario* de Bluteau permitiu determinar que o adjetivo ‘brasílico’ atribuído ao *Vocabulario* é bastante adequado para a obra, uma vez que considera não somente informações sobre o Brasil, mas também inclui vocábulos oriundos de línguas indígenas brasileiras, como o Tupinambá/Tupí Antigo, com o qual os europeus estabeleceram os primeiros contatos no século XVI e que se intensificaram nos dois primeiros séculos da ocupação colonial no país.

A presença de brasileirismos numa obra lexicográfica portuguesa do início do século XVIII aponta para o fato do quanto já se havia estabelecido um contato linguístico entre a Europa e a América, não se podendo negar a influência linguística que a então Colônia exercia sobre a Metrópole.

Apesar de ainda tímida presença de brasileirismos ameríndios nas entradas do *Vocabulario*, eles se fizeram presentes como testemunhas de um mundo novo, ainda sendo descoberto e, mais que isso, do inestimável conhecimento que os indígenas da costa atlântica brasileira tinham da fauna e da flora local e do muito que sobre elas transmitiram aos europeus. Os vocábulos do Tupinambá/Tupí-Antigo presentes no *Vocabulario* de Bluteau são prova do reconhecimento da forte influência que as línguas indígenas teriam na formação do português transplantado e que se desenvolvia em terras do Brasil.

LOPES, J.; CABRAL, A. The “Vocabulario Portuguez, and Latino”, and Brazilian of Raphael Bluteau: analysis of the Amerindian Brazilianisms of Tupí basis. *Alfa*, São Paulo, v.62, n.3, p.513-542, 2018.

- *ABSTRACT: This is a brief study of Amerindian Brazilianisms based in Tupí, a Brazilian indigenous language, present in Raphael Bluteau’s Vocabulario Portuguez e Latino, a work published in Portugal in the early eighteenth century in eight volumes with two supplements. Such Brazilianisms are classified within their respective entries and inventoried and analyzed case by case from an etymological perspective. Bluteau also took into consideration possible sources as well as lexicographic elements that make up the microstructures where such words occur, seeking to highlight their lexical-structural peculiarities. The study also presents a synthesis on the main semantic fields (among which it was possible to identify: food, animal, body, space, ethnonym, object, quality, sound, substance, title and vegetable fields) of these terms and proposes a systematization, in the form of an alphabetically ordered glossary of all inventoried data, with the respective ethymology, when possible.*
- *KEYWORDS: Vocabulario Portuguez, and Latin. Bluteau. Brazilianisms. Old Tupi.*

REFERÊNCIAS

AYROSA, P. O Caderno da Lingua ou Vocabulario Portuguez-Tupi de Frei João de Arronches (1739): Notas e commentarios á margem de um manuscrito do sec. XVIII. **Revista do Museu Paulista**, São Paulo, t. XXI, p.49-322, 1937.

BIDERMAN, M. T. C. Dicionários do Português: da tradição à contemporaneidade. **Alfa**, São Paulo, v.47, n.1, p.53-69, 2003.

BOLÉO, M. P. **Brasileirismos: problemas de método**. Coimbra: Editora Coimbra, 1943.

BLUTEAU, R. **Vocabulario Portuguez, e Latino**, Aulico, Anatomico, Architectonico, Bellico, Botanico, Brasilico, Comico, Critico, Chimico, Dogmatico, Dialectico, Dendrologico, Ecclesiastico, Etymologico, Economico, Florifero, Forense, Fructifero, Geographico, Geometrico, Gnomonico, Hydrographico, Homonymico, Hierologico, Ithyologico, Indico, Isagogico, Laconico, Liturgico, Lithologico, Medico, Musico, Meteorologico, Nautico, Numerico, Neoterico, Ortographico, Optico, Ornithologico, Poetico, Philologico, Pharmaceutico, Quidditativo, Qualitativo, Quantitativo, Rhetorico, Rustico, Romano; Symbolico, Synonimico, Syllabico, Theologico, Terapeutico, Technologico, Uranologico, Xenophonico, Zoologico... Primeiros volumes publicados em Coimbra, no Colégio das Artes da Companhia de Jesus: I (1712); II (1712); III (1713); IV (1713); os demais foram impressos em Lisboa, em diferentes casas tipográficas: na Oficina de Pascoal da Silva: V (1716), VI (1720), VII (1720), VIII (1721); na Oficina de José António da Silva: Suplemento, Parte I (1727); na Patriarcal Oficina da Música: Suplemento, Parte II (1728). Disponível em: <<http://purl.pt/13969>>. Acesso em: 20 abr. 2014.

BRITO FREIRE, F. de. **Relação da viagem, que fez ao Estado do Brazil a Armada da Cõpanhia, anno 1655**. Lisboa: Officina de Henrique Valente de Oliveira, 1657.

CHAVES DE MELO, G. **A língua do Brasil**. Rio de Janeiro: Padrão, 1981.

CASTELEIRO, J. M. Les dictionnaires Portugais. **Dix-huitième siècle**, n.38, p.119-134, 2006. Disponível em: <<https://www.cairn.info/revue-dix-huitieme-siecle-2006-1-page-119.htm>>. Acesso em: 29 out. 2016.

CUNHA, A. G. da. **Dicionário histórico das palavras portuguesas de origem tupi**. 4. ed. São Paulo: Cia. Melhoramentos; Brasília, DF: Universidade de Brasília, 1998.

CUNHA, C. **Que é um brasileiro?** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1987.

FAULSTICH, E. Duas questões em discussão; o que são brasileirismos nos dicionários de Língua Portuguesa? Existem brasileirismos terminológicos. In: JORNADA SOBRE “VARIACIÓN GEOLECTAL I TERMINOLOGIA”, Barcelona, 2004. p.1-19. Disponível em: <http://www.realiter.net/wp-content/uploads/2013/07/Duas-questões-em-discussão-o-que-são-brasileirismos-nos-dicionários-de-Língua-Portuguesa_-Existem-brasileirismos-terminológicos_1.pdf>. Acesso em: 09 mar. 2018.

FERRAZ, A. P. Formação de palavras no português do Brasil: a questão dos brasileirismos. In: ENCONTRO CELSUL – Círculo de Estudos Lingüísticos do Sul, 6., Florianópolis, 3-5 nov. 2004. **Anais...** Florianópolis: CELSUL, 2004. p.1-8. Disponível em: <http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/CELSUL_VI/Individuais/FORMAÇÃO DE PALAVRAS NO PORTUGUÊS DO BRASIL A QUESTÃO DOS BRASILEIRISMOS.pdf>. Acesso em: 09 mar. 2018.

FREIRE, F. de B. **Nova Lusitania, historia da guerra brasilica...** Por Francisco de Brito Freyre. Decada primeira. Lisboa: na officina de Joam Galram, 1675. [16], 460, [40] p., front.: il.; 2º (35 cm).

GANDAVO, P. de M. **Historia da prouincia sa[n]cta Cruz a que vulgarme[n]te chamamos Brasil / feita por Pero de Magalhães de Gandauo, dirigida ao muito Illsre s[e]nhor Dom Lionis P[ereir]a governador que foy de Malaca & das mais partes do Sul na India.** Impresso em Lisboa: na officina de Antonio Gonsaluez : vendense em casa de João lopez liureiro na rua noua, 1576. 48 f.: il.; 4º (18 cm).

GONÇALVES, M. F. A marca lexicográfica “Termo do Brasil” no Vocabulario Portuguez e Latino de D. Rafael Bluteau. **Alfa**, São Paulo, v.50, n.2, p.205-228, 2006.

HOUAISS Eletrônico. Dicionário da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. 1 CD-ROM.

IHERING, R. von. **Dicionário dos animais do Brasil.** São Paulo: Difel, 1940.

KRIEGER, M. da G. O léxico do português do Brasil em dicionários. In: LOBO, T., CARNEIRO, Z.; SOLEDADE, J.; ALMEIDA, A.; RIBEIRO, S. (Orgs.). **Rosae:** linguística histórica, história das línguas e outras histórias. Salvador: EDUFBA, 2012. p.391-400.

LEMOS BARBOSA, A. **Pequeno vocabulário Tupi-Português.** Rio de Janeiro: Livraria São José, 1951.

LUSA. Primeiro dicionário da língua portuguesa disponível na Internet. **Público**, pág. Ípsilon, 06 jun. 2008. Disponível em: <<https://www.publico.pt/2008/06/06/culturaipsilon/noticia/primeiro-dicionario-da-lingua-portuguesa-disponivel-na-internet-1331510>>. Acesso em: 15 fev. 2015.

MARCGRAVI, G. **Historiae rerum natvralivm brasiliae.** Lugdun. Batavorum, apud Franciscus Hackium et Amstelodami apud Lud, 1648.

MOREIRA, B. E. da C. Redescobrimo os brasileirismos. **Filologia e Linguística Portuguesa**, São Paulo, v.18, n.2, p.421-442, ago./dez. 2016. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2176-9419.v18i2p421-442>>. Acesso em: 09 mar. 2018.

MURAKAWA, C. A. A. Brasileirismo: um registro lexicográfico desde o século XVIII. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE

LINGUÍSTICA, 20., 2004, Lisboa. **Actas...** Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística, 2005. p.745-755.

MURAKAWA, C. A. A. **António de Moraes Silva**: lexicógrafo da língua portuguesa. Araraquara: Cultura Acadêmica, 2006.

NAVARRO, E. de A. **Tupi antigo**: a língua indígena clássica do Brasil. São Paulo: Global, 2013.

NUNES, J. H. **Dicionários no Brasil**: Análise e História do Século XVI ao XIX. São Paulo: Fapesp; São José do Rio Preto: Faperp, 2006.

PAIVA, E. F. Trânsito de culturas e circulação de objetos no mundo português – séculos XVI a XVIII. In: PAIVA, E. **Brasil-Portugal**: sociedades, culturas e formas de governar no mundo português (séculos XVI-XVIII). São Paulo: Annablume, 2006. p.99-122.

PIRES DE OLIVEIRA, A. M. P. **O português do Brasil**: brasileirismos e regionalismos. 1999. 490 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 1999.

PISONIS, G. **Medicina Brasiliensi**. Lugdun. Batavorum, apud Franciscus Hackium et Amstelodami apud Lud, 1648.

RODRIGUES, A. D. Contribuição para a etimologia dos brasileirismos. **Revista Portuguesa de Filologia**, Coimbra, v.IX, tomos I e II, p.1-54, 1958-1959.

RUIZ DE MONTOYA, A. **Tesoro de la lengva gvarani**. Madrid: Iuan Sanches, 1639.

RUIZ DE MONTOYA, A. **Arte, y bocabvlario de la lengva gvarani**. Madrid: Iuan Sanches, 1640.

SILVA NETO, S. **Introdução ao estudo do português no Brasil**. 2. ed. aum. e rev. Rio de Janeiro: INL, 1963.

SILVESTRE, J. P. O Vocabulário Português, e Latino: principais características da obra lexicográfica de Rafael Bluteau. In: ENCONTRO DICIONÁRIOS DA LÍNGUA PORTUGUESA – PATRIMÓNIO E RENOVACÃO, 1., 20-22 ago. 2001. Disponível em: <http://clp.dlc.ua.pt/Publicacoes/vocabulario_principais_caracteristicas.pdf>. Acesso em: 21 ago. 2014.

SILVESTRE, J. P. Vocabulário Português, e Latino de Rafael Bluteau. In: VERDELHO, T.; SILVESTRE, J. P. (Orgs.). **Dicionarística portuguesa**: inventariação e estudo do património lexicográfico. Aveiro: Universidade de Aveiro, 2007. p.123-129.

SILVESTRE, J. P. **Bluteau e as origens da lexicografia moderna**. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2008.

SYLVEIRA, S. E. da. **Relação Sumaria das Cousas do Maranhão**. Escripita pello capitão Symao Estácio da Sylveira. Dirigida aos pobres deste Reyno de Portugal”, Anais da Biblioteca Nacional, v.94, fl.43, 1974 [1624].

USP. **Dicionário Raphael Bluteau**. São Paulo: Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, 2008. Disponível em: <<http://dicionarios.bbm.usp.br/pt-br/dicionario/edicao/1>>. Acesso em: 14 jun. 2016.

VASCONCELLOS, S. de. **Noticias cyriosas, e necessarias das covsas do Brasil**. Lisboa: Oficina de Ioam da Costa, 1668.

Recebido em 10 de março de 2017

Aprovado em 10 de julho de 2018

INTEGRAÇÃO DE PREDICADOS NOMINAIS EM *PARSER*: UMA EXPERIÊNCIA COM AS CONSTRUÇÕES COM O VERBO-SUORTE *DAR* EM PORTUGUÊS BRASILEIRO

Amanda RASSI*
Jorge BAPTISTA**
Oto VALE***
Nuno MAMEDE****

- **RESUMO:** Este artigo descreve a metodologia para a integração de predicados nominais, do tipo construções com verbo-suporte (*CVS*), no analisador sintático automático XIP, que é utilizado pela cadeia de processamento do Português STRING. Trata-se, mais especificamente, de 580 *CVS* com o verbo *dar* e um nome predicativo, cujas propriedades sintático-semânticas foram descritas, formalizadas e, em seguida, integradas à gramática do XIP, por meio de regras, a fim de extrair a dependência *SUPPORT* entre o nome predicativo (*Npred*) e o verbo-suporte (*Vsup*). A necessidade de tratar automaticamente as *CVS* decorre do fato de que elas são diferentes de construções com verbo pleno, possuem estruturas sintáticas complexas, possuem propriedades sintático-semânticas específicas e admitem transformações sintáticas sistemáticas, ainda que lexicalmente determinadas. O conceito de *CVS*, bem como a abordagem léxico-sintática adotada, segue os princípios teóricos e metodológicos do Léxico-Gramática. Como resultado da integração desses dados ao *parser* XIP, o sistema atingiu precisão de 85%, abrangência de 87%, acurácia de 80% e medida-F de 86%.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Verbo-suporte. Nome predicativo. Construção com verbo-suporte. Verbo-operador causativo. *Parser* XIP.

Introdução

As construções com verbo-suporte (*CVS*) são predicados nominais formados por um verbo-suporte (*Vsup*) e um nome predicativo (*Npred*). Nesse sentido, para identificar

* Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), Centro de Educação e Ciências Humanas, São Carlos – São Paulo – Brasil. Departamento de Letras. amandarassi85@gmail.com. ORCID: 0000-0001-5314-1868

** Universidade do Algarve (UALg), Gambelas – Faro – Portugal. jbaptis@ualg.pt. ORCID: 0000-0003-4603-4364

*** Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), Centro de Educação e Ciências Humanas, São Carlos – São Paulo – Brasil. Departamento de Letras. otovale@ufscar.br. ORCID: 0000-0002-0091-8079

**** Instituto de Engenharia de Sistemas e Computadores (INESC), Investigação e Desenvolvimento. Lisboa – Portugal. nuno.mamede@l2f.inesc-id.pt. ORCID: 0000-0001-6033-158X

uma *CVS*, é necessário identificar tanto os verbos que podem funcionar como *Vsup* quanto os nomes predicativos que com eles se constroem. Neste trabalho, adotamos a noção de verbo-suporte da gramática transformacional de operadores de Harris (1991) e da abordagem do Léxico-Gramática (GROSS, 1975, 1981).

Além do conceito de *CVS*, há também diferentes testes que podem ser usados para identificar essas construções (RANCHHOD, 1990; BAPTISTA, 2005). O principal teste, que representa uma propriedade necessária e suficiente das *CVS*, é a estreita relação entre o *Npred* e tipicamente o sujeito¹ da construção (e.g. *Pelé deu um chute na bola*, interditando a construção **Pelé deu o chute do Neymar na bola*). Essa relação é da mesma natureza semântica que a relação existente entre o verbo e seu sujeito, em um predicado verbal (e.g. *Pelé chutou a bola*).

Além desse teste, há outros que podem ser indicativos de *CVS*, como a substituição da construção com *Vsup* por um verbo pleno correspondente (como *dar um abraço* = *abraçar*, ou *dar um beijo* = *beijar*); as restrições sobre os determinantes (como *Ana deu uma passeada no parque*, interditando a construção **Ana deu minha passeada no parque*); a descida do advérbio, que permite que um advérbio de uma construção verbal “desça” para a posição de adjetivo numa construção nominal (e.g. *Rui chutou fortemente a bola* = *Rui deu um chute forte na bola*); dentre outros testes.

Para uma visão mais geral sobre *CVS*, veja-se, entre outros, Gross (1981, 1994, 1998), Giry-Schneider (1978, 1987), Meunier (1981), Vivès (1983), Ranchhod (1990), Baptista (2005). A literatura oferece pelo menos duas abordagens distintas para esse fenômeno: (i) uma que considera as *CVS* como um bloco cujos constituintes são relativamente fixos, como um subtipo de expressões multi-palavras (*multi-word expressions*), tais como as palavras compostas e as expressões idiomáticas (CALZOLARI et al., 2002; SAG et al., 2002; DIAB; BHUTADA, 2009); (ii) e outra que considera as *CVS* como uma estrutura sintática complexa que segue as mesmas regras da gramática geral da língua, mas possui propriedades específicas e admite transformações sintáticas sistemáticas. Essa segunda abordagem, na qual este trabalho se insere, reconhece e descreve as redes de relações sintáticas existentes entre os constituintes de uma *CVS*.

As *CVS*, por serem fenômenos complexos, levantam uma série de desafios para seu processamento automático, como por exemplo as *CVS* nem sempre são resultantes de nominalizações; nem sempre o *Vsup* da *CVS* está explícito na frase; as construções nominais não mantêm necessariamente a mesma rede argumental de suas construções verbais equivalentes *etc.* Em decorrência disso, os analisadores sintáticos, em geral, não tratam esse fenômeno.

Os *parsers* (analisadores sintáticos automáticos) de referência, disponíveis para o Português, tais como o *Palavras* (BICK, 2000) e o *LX-parser* (SILVA et al., 2010), não dispõem ainda de informações sobre predicados nominais formados por *Vsup* e

¹ Diz-se que que a relação se dá entre o *Npred* e o sujeito, tipicamente, porque, nas construções *standard*, como em *A Ana deu um beijo no Rui*, essa relação se verifica entre o *Npred* *beijo* e o sujeito (*Ana*). Por outro lado, em construções conversas, tal como *O Rui recebeu um beijo da Ana*, essa mesma relação se verifica entre o *Npred* *beijo* e o complemento (*Ana*).

Npred. Há diferentes tipos de predicados nominais, mas, neste trabalho, trataremos especificamente das construções nominais cujo núcleo predicador está no nome (chamado nome predicativo) e este nome é auxiliado por um verbo (chamado verbo-suporte).

Nesse sentido, desenvolvemos uma análise linguística sistemática das *CVS*, adotamos uma formalização dos dados baseada na proposta do Léxico-Gramática (GROSS, 1975, 1981), inserimos os dados em uma cadeia de processamento do Português, a STRING (MAMEDE et al., 2012), e avaliamos o resultado do sistema com base na anotação manual de um *corpus*.

A análise, descrição e classificação dos dados foram feitas em três trabalhos diferentes: 1.815 predicados nominais formados pelo verbo-suporte *fazer* (BARROS, 2014); 2.273 predicados nominais com o verbo-suporte *ter* (SANTOS, 2015); e 1.489 predicados nominais com o verbo-suporte *dar* (RASSI, 2015) Todos esses dados vêm sendo sistematicamente analisados, descritos e formalizados em matrizes do Léxico-Gramática (L-G) das construções nominais do Português.

No L-G, a descrição dos fenômenos linguísticos é apresentada no formato de matrizes binárias: as linhas contêm as entradas lexicais (neste caso, os *Npred*) e as colunas representam as propriedades sintático-semânticas de cada entrada. Por exemplo, cada nome predicativo impõe restrições distribucionais ao tipo de argumentos, à preposição que introduz os complementos essenciais e ao determinante do nome predicativo; a matriz também codifica os verbos-suporte *standard* e conversos, bem como suas variantes aspectuais e/ou estilísticas; codifica os papéis temáticos dos argumentos; a possibilidade de aceitar ou não a conversão, a passiva, a simetria, dentre outras propriedades.

Apesar de haver descrições dos predicados nominais com os verbos *fazer*, *ter* e *dar*, este trabalho apresenta apenas os resultados da integração das construções nominais com o verbo-suporte *dar* na STRING.

A STRING é uma cadeia de processamento do Português, com uma estrutura modular, que executa as principais tarefas básicas de Processamento de Língua Natural (PLN), como a tokenização, a segmentação textual, a etiquetagem das partes-do-discurso (*POS tagging*), a desambiguação morfossintática, a análise sintática superficial (*chunking*), a análise sintática profunda, nomeadamente como a extração de dependências (sujeito, complemento *etc.*), dentre outras tarefas. A STRING usa o *parser* XIP (*Xerox Incremental Parser*), que é um analisador sintático baseado em regras e em estatística (MOKHTAR et al., 2002).

Os dados das construções com o verbo-suporte *dar* foram integrados na cadeia de processamento, como um dos componentes da gramática do Português, implementada no XIP. Isso foi feito sob a forma de regras léxico-sintáticas de extração de dependências, a fim de extrair automaticamente a dependência a que chamamos *SUPPORT* entre o *Vsup* e o *Npred* e entre o *Npred* e seus argumentos.

Em trabalho anterior (RASSI et al., 2015), descrevemos uma proposta geral para a extração de eventos e de dependências associados às construções com *Vsup* na

STRING. Naquele trabalho, indicamos a estratégia de implementação das construções com verbo-suporte. Recorde-se que as *CVS* podem formar construções *standard* (*A Ana deu um beijo no Rui* - SUPPORT [vsup-standard]), de orientação semântica ativa, ou construções conversas (*O Rui recebeu um beijo da Ana* - SUPPORT [vsup-converse]), de orientação semântica passiva.

Neste trabalho, descreveremos especialmente os resultados do processamento automático das *CVS* com o *Vsup dar* na STRING, comparando-os com a anotação manual de uma amostra do *corpus* PLN.Br Full (BRUCKSCHEN et al., 2008). A amostra total conta com 2.646 frases extraídas aleatoriamente do PLN.Br Full, com candidatos a pares de *Vsup* e *Npred*. Neste trabalho, no entanto, referimos apenas 580 frases dessa amostra total, que correspondem às frases com o verbo *dar* e suas variantes.

Estado da arte

Grande parte dos trabalhos que descrevem tarefas automáticas relacionadas às *CVS* tratam da identificação ou extração dessas construções a partir de *corpora*, seja com base em padrões lexicais (por meio de expressões regulares), seja com base na anotação manual de *corpus* e aprendizado de máquina.

Grefenstette e Teufel (1995) apresentam um método de identificação dos verbos-suporte a partir de um *corpus* não-etiquetado, pela comparação dos argumentos ligados às formas verbais e às potenciais formas nominalizadas, ou seja, transfere-se a rede argumental das construções verbais para os potenciais candidatos a construção nominal. Os autores buscam encontrar os verbos-suporte mais prováveis para cada nome predicativo, mas considerando apenas os *Npred* que são nominalizações. Sabe-se que muitos *Npred* são nominalizações de verbos, tais como nos pares *abraço=abraçar*, *apresentação=apresentar*, *chute=chutar* etc., mas há também *Npred* que são chamados *nomes predicativos autônomos*, que não são derivados de verbos, tais como *greve*, *sermão*, *cólica*, etc. Assim, o método apresentado pelos autores não captura os *Npred* autônomos. Naquele trabalho, Grefenstette e Teufel (1995) extraíram de *corpus* em inglês 6.704 sentenças com candidatos a verbos-suporte e candidatos a nominalizações, produzindo uma lista de potenciais construções com verbos-suporte que ocorrem com as formas nominalizadas. Além de desconsiderar os *Npred* autônomos, outro problema dessa abordagem consistiu em se considerar que a construção nominal mantém a mesma rede argumental que a construção verbal equivalente, o que nem sempre se verifica.

Para o espanhol, Páez (2014) extraiu de um *corpus* 81.274 frases com candidatos a *CVS*, dos quais os verbos-suporte mais representativos são *tener* (*ter*), *hacer* (*fazer*) e *dar* (*dar*). A autora extraiu também automaticamente as combinações de qualquer nome e 12 verbos, variantes dos *Vsup tener*, *hacer* ou *dar*. Em seguida, ordenou as principais combinações de verbo e nome por frequência e calculou a probabilidade de co-ocorrência de tal verbo com tal nome, usando três medidas de associação (*log-likelihood*, *Student's T-score* e *Maximum likelihood estimator*). Ao fim da tarefa,

a autora elencou as 15 *CVS* mais recorrentes em espanhol, de acordo com as medidas de associação utilizadas e concluiu que cerca de 69% das *CVS* dessa lista foram corretamente identificadas.

Na literatura, encontramos outros trabalhos, como o de Paez (2014), que partem de uma lista prévia de verbos que podem funcionar como *Vsup* ou uma lista de nomes que podem funcionar como *Npred*. A proposta de Duran et al. (2011) se diferencia dessas abordagens por partir dos padrões sintáticos de combinações de categorias gramaticais para encontrar *CVS*, como por exemplo V N PRP (*abrir mão de*), V PRP N (*deixar de lado*), V DET N PRP (*virar as costas para*), V DET ADV (*dar o fora*), V ADV (*ir atrás*), V PRP ADV (*dar para trás*), V ADJ (*dar duro*)².

Usando esse método, Duran et al. (2011) conseguiram identificar 773 predicados complexos, que foram, em seguida, anotados manualmente. Segundo os autores, esses predicados complexos incluem (mas não se limitam a) *CVS*, a que os autores chamam construções com *verbo leve*³. Consideramos, no entanto, que a utilização de expressões regulares com combinações de categorias gramaticais não será a abordagem mais adequada para a identificação exclusiva de *CVS*, pois as *CVS*, via de regra, são formadas por V (DET) N, o que é sintaticamente idêntico às estruturas dos predicados verbais, compostos por um verbo pleno (V), seguido de um objeto direto (N), que pode ou não ser introduzido por determinante (DET).

Por outro lado, há também trabalhos que objetivam processar (e não apenas identificar) essas construções. Cite-se, por exemplo, Barreiro et al. (2014), que avaliaram dois sistemas de tradução automática, o OpenLogos (baseado em regras) e o Google Translate (baseado em redes neurais), na tarefa de traduzir construções com verbo-suporte em cinco línguas: francês, alemão, italiano, português e espanhol. Para realizar os experimentos e a avaliação, os autores produziram um conjunto de 100 frases que analisaram como *CVS*⁴ e o anotaram manualmente. Como resultado da avaliação dos dois sistemas, os autores concluíram que o Google Translate traduz melhor as *CVS* do que o OpenLogos, atribuindo esse resultado ao seu rico conhecimento lexical.

No presente trabalho, com o intuito de contribuir para as tarefas de processamento das *CVS* e visando a preencher as lacunas para sua identificação automática, apresentamos a metodologia e os resultados da integração das *CVS* com o *Vsup dar* na STRING, por meio do *parser* XIP. Os resultados da performance desse sistema foram avaliados comparativamente com um *corpus* de referência, anotado manual e independentemente.

² ADJ = adjetivo, ADV = advérbio, DET = determinante, N = nome, PRP = preposição e V = verbo.

³ As *CVS* são também referidas na literatura como *construções com verbo leve* (SCHER, 2004; DURAN et al., 2011; TU; ROTH, 2011; BUTT; GEUDER, 2001; ISTVÁN; VINCZE; FARKAS, 2013). Os termos *verbo leve* e *verbo-suporte* são comumente interpretados como sinônimos, porém há diferenças conceituais entre as nomenclaturas. Adotamos o conceito de verbo-suporte por considerarmos que o verbo serve para “suportar” as marcas de número, pessoa, tempo, modo e aspecto.

⁴ Em rigor, nem todas as construções listadas pelos autores são construções nominais com *Vsup*, incluindo-se nelas igualmente construções adjetivais, preposicionais e até frases com verbo-operador.

Construção do *corpus* de referência para as CVS

Nesta seção, explicaremos brevemente os procedimentos adotados para a constituição do *corpus* de referência, sua anotação e a seleção de uma subamostra a ser processada na STRING. Todo o processo de construção e de anotação do *corpus* já foi abordado pormenorizadamente em trabalho anterior (RASSI et al., 2015).

As matrizes do Léxico-Gramática (nomes predicativos e verbos-suporte *fazer, ter e dar*) foram intersectadas com grafos de referência do Unitex⁵, a fim de procurar sistematicamente no *corpus* PLN.Br todas as possíveis combinações de um dos verbos-suporte com um dos nomes predicativos, considerando-se apenas as combinações previstas nas matrizes. Por meio dessa metodologia, foram identificadas, no *corpus*, 121.198 frases com pares de candidatos {*Vsup, Npred*}, isto é, frases em que ocorre simultaneamente um potencial *Vsup* e um nome predicativo.

Selecionamos uma amostra dessas 121.198 frases, proporcional à quantidade de ocorrências de cada par {*Vsup, Npred*}. A amostra é composta por 2.646 frases e corresponde a 2,18% do total de frases. Essa seleção recuperou pelo menos um caso de todos os pares {*Vsup, Npred*} que tenham, pelo menos, 21 ocorrências. A Tabela 1 resume as principais informações sobre o *corpus* e a amostra selecionada.

Tabela 1 – Dados da amostra comparativamente aos dados do *corpus*.

	<i>Corpus</i>	Amostra	%
Pares { <i>Vsup, Npred</i> } (nº de frases)	121.198	2.646	2,18%
Pares { <i>Vsup, Npred</i> } diferentes	4.668	1.130	24,2%

Fonte: Elaboração própria.

A amostra conta com 1.130 pares diferentes de {*Vsup, Npred*}, o que corresponde a 24,2% do *corpus*, que é composto por 4.668 pares diferentes.

A anotação das 2.646 frases com candidatos a CVS foi feita manualmente por 5 anotadores falantes nativos do Português e especialistas em CVS. Para tal, adaptou-se uma ferramenta de anotação de *corpora* já existente (SUÍSSAS, 2014). A anotação consistiu em assinalar, para cada frase, um código (convencional) que corresponde ao tipo de construção sintática indicada pelo par {*Vsup, Npred*} que aparece entre parênteses no início de cada frase. Cada anotador escolhe uma das etiquetas disponíveis:

CVS-STANDARD - para as construções com verbo-suporte standard

Ex.: (*dar, tapa*) *Ana deu um tapa em Rui.*

CVS-CONVERSE - para as construções com verbo-suporte converso

Ex.: (*levar, tapa*) *Rui levou um tapa da Ana.*

⁵ O Unitex é um conjunto de softwares que permitem o processamento textual de grandes *corpora*, disponível em: <http://www-igm.univ-mlv.fr/~unitex/>

VOPC - para as construções com verbo operador causativo

Ex.: (*dar,medo*) *O vento sombrio deu medo em Ana.*

Ex.: (*fazer,medo*) *O vento sombrio fez com que Ana tivesse medo.*

OTHER - para qualquer outro tipo de construção

Ex.: (*fazer,academia*) *Rui fez (=construiu) uma academia.* [verbo pleno]

Ex.: (*dar, tiro*) *O governo deu um tiro no próprio pé.* [expressão fixa]

Ex.: (*ter, controle*) *Rui tem Max sob seu controle.* [verbo-operador de ligação]

Ao final do processo, as anotações foram tabuladas em 5 colunas e, em seguida, comparadas com auxílio à ferramenta ReCal 0.1 Alpha for3+ Coders⁶, para calcular a concordância entre os anotadores. A concordância média entre os 5 anotadores foi de 80,8%. A ferramenta calcula igualmente o coeficiente Kappa (COHEN, 1960), que é uma medida estatística que avalia a concordância entre pares de avaliadores, também chamada de *inter-annotator agreement* ou *inter-rater agreement*. A média do Cohen's Kappa atribuída à anotação foi de 0.604.

A partir da anotação manual das 2.646 frases, foram selecionadas aquelas que tiveram concordância igual ou superior a 60%, ou seja, aquelas em que 3 ou mais anotadores atribuíram a mesma etiqueta. A Tabela 2 apresenta o número de frases por grau de concordância entre os anotadores, na amostra geral.

Tabela 2 – Distribuição de frases por grau de concordância entre anotadores, na amostra geral.

Concordância	Nº de frases	% de frases
2 anotadores	44	1,7%
3 anotadores	326	12,3%
4 anotadores	627	23,7%
5 anotadores	1574	59,5%
*frases com erro	75	2,8%
TOTAL	2.646	100%

Fonte: Elaboração própria.

Como se verifica, as frases anotadas pela totalidade dos anotadores correspondem a quase 60%. Somando-se as frases anotadas com a mesma etiqueta pela maioria dos anotadores (3 ou mais), a concordância corresponde a 95,5% do total, o que representa um bom resultado.

Selecionamos, do conjunto total da amostra, todas as frases que tinham o verbo *dar* ou uma de suas variantes *standard* (*dar, aplicar, conceder, fazer*) ou conversa (*ter, receber, levar e tomar*) e um nome predicativo e que tinham sido anotadas com a mesma etiqueta por, pelo menos, 3 anotadores. Nesse sentido, foram selecionadas 580 frases

⁶ Disponível em: <http://dfreelon.org/recal/recal3.php#result1>

(22% da amostra geral) para comporem uma subamostra e serem, posteriormente, analisadas na STRING.

A Tabela 3 apresenta a distribuição das frases dessa subamostra, por nível de concordância entre os anotadores.

Tabela 3 – Distribuição de frases por nível de concordância entre anotadores, na subamostra.

Concordância	Nº de frases	% de frases
3 anotadores	95	16,4%
4 anotadores	137	23,6%
5 anotadores	337	58,1%
*frases com erro	11	1,9%
TOTAL	580	100%

Fonte: Elaboração própria.

Na Tabela 3, não indicamos as frases com concordância entre 2 anotadores porque essas sentenças não foram selecionadas para a subamostra. Como se pode perceber, a distribuição das frases por grau de concordância entre anotadores da subamostra (Tabela 3) é praticamente proporcional à sua distribuição na amostra global (Tabela 2).

Pode-se analisar também a distribuição das frases por categoria (ou etiqueta) atribuída pela maioria dos anotadores. A Tabela 4 mostra a distribuição de frases da subamostra, discriminando as porcentagens por categoria.

Tabela 4 – Quantidade de frases por grau de concordância e por categoria.

	3 anotadores	4 anotadores	5 anotadores	TOTAL	%
STANDARD	42	78	227	347	59,82%
CONVERSE	35	38	77	150	25,86%
OTHER	15	21	33	69	11,89%
VOPC	3	0	0	3	0,51%
*frases com erro	---	---	---	11	1,89%
TOTAL por %	95	137	337	580	100%

Fonte: Elaboração própria.

Como se nota, a categoria de SUPPORT[vsup-standard] é a mais consensual entre os anotadores, correspondendo a quase 60%, seguida da categoria SUPPORT[vsup-converse], com cerca de 25%. Os casos restantes somam-se 14,29%.

Integração dos dados na STRING

Seguindo a estratégia delineada em trabalho anterior (RASSI *et al.*, 2015), foi construído um conjunto de programas que convertem automaticamente as informações constantes na matriz do L-G (das construções com *dar*) em regras de extração de dependências que o XIP usa para determinar as relações sintáticas entre o *Vsup* e o *Npred*. Recorde-se que se consideram dois tipos de relação de dependência: `SUPPORT[vsup-standard]` e `SUPPORT[vsup-converse]`. Essas regras abrangem igualmente os casos com o verbo-operador causativo (dependência `VOP-CAUSE`), contudo, nas construções com *dar*, essa categoria praticamente não ocorre (apenas 3 casos), pelo que não a referiremos aqui. Assim, por exemplo, com base na informação da entrada de *beijo*, o sistema gera a seguinte regra (Fig. 1):

Figura 1 – Primeira regra de extração da dependência `SUPPORT[vsup-standard]` para o *Npred beijo*.

```
if (VDOMAIN(#1,#2[lemma:"dar"])&
  (MOD[post,relat](#3[lemma:"beijo"],#2) ||
  CDIR(#2[transf-passiva:~],#3[lemma:"beijo"]) ||
  SUBJ(#2[transf-passiva],#3[lemma:"beijo"]) ||
  (ANTECEDENT[relat](#3[lemma:"beijo"],#4[pronrel])&SUBJ(#2[transf-passiva],#4))&
  ~SUPPORT[vsup-standard](#3,#2) )
  SUPPORT[vsup-standard=+](#3,#2)
```

Fonte: Elaboração própria.

As regras de dependência são constituídas essencialmente de duas partes: num primeiro momento, enunciam-se as condições (`if`) que se têm de verificar para que seja extraída uma dependência; em seguida, explicita-se a dependência a extrair. Neste caso (Fig. 1), a regra determina primeiro uma variável (`#2`) cujo lema é o do verbo-suporte (`[lemma:"dar"]`); em seguida, um conjunto de condições em alternativa (`||`) são enunciadas:

- a primeira condição (linha 2 da Fig. 1) corresponde à situação em que a *CVS* sofre uma relativização, o que é capturado pela dependência `MOD[post,relat]` entre o verbo-suporte (no caso, um participípio passado) e o nome predicativo que é antecedente do pronome relativo;
- a segunda condição (linha 3) diz que a regra dispara se o nome *beijo* estiver numa relação de complemento direto (cuja dependência é `CDIR`) do verbo *dar*, e este não tiver sido marcado com o traço `[transf-passiva]`, que é introduzido previamente quando uma estrutura passiva é identificada;
- a terceira condição (linha 4) é oposta à anterior, identificando uma relação de sujeito (cuja dependência é `SUBJ`) entre o nome predicativo e o verbo-suporte, quando este se encontra na construção passiva;

- a condição seguinte (linha 5) aplica-se quando o sujeito da construção passiva tem como antecedente o pronome relativo (#4 [pronrel]), o qual é então sujeito do verbo-suporte empregue na passiva.
- Finalmente (na linha 6), a regra verifica se ainda não foi extraída a dependência de SUPPORT [vsup-standard] entre *beijo* e *dar*.

Se alguma dessas condições se verificar, a regra dispara e a dependência SUPPORT [vsup-standard] é extraída.

Além dessa regra, a STRING gera também regras para o caso de construções passivas reduzidas (como em *O beijo dado por Rui à Ana*), em que o *Vsup* está apagado:

Figura 2 – Segunda regra de extração da dependência SUPPORT [vsup-standard] para o *Npred beijo*.

```
|pastpart#2[lemma:"dar",pass-ser=+]|
if (MOD(#3[lemma:"beijo"],#2) & ~SUPPORT[vsup-standard] (#3,#2) )
SUPPORT[vsup-standard=+] (#3,#2)
```

Fonte: Elaboração própria.

Essa regra difere da anterior pela declaração de contexto, assinalada entre barras verticais (|), na primeira linha. Essa regra acrescenta ao participio passado de *dar* o traço de passiva com *ser* (pass-ser=+). Esse participio deve estar modificando o nome predicativo. Essa regra dispara apenas se a anterior não tiver disparado.

As duas regras anteriores servem para extrair a dependência de SUPPORT [vsup-standard] das *CVS*. Nos casos em que a *CVS* admite conversão, informação que está codificada na matriz do L-G, a STRING também gera as regras de extração da dependência SUPPORT [vsup-converse] (Fig. 3) para capturar frases como *A Ana recebeu um beijo do Rui*.

Figura 3 – Primeira e segunda regras de extração da dependência SUPPORT [vsup-converse] para o *Npred beijo*.

```
if (VDOMAIN(#1,#2[lemma:"receber"]) & (MOD[post,relat] (#3[lemma:"beijo"],#2) ||
CDIR(#2[transf-passiva:~],#3[lemma:"beijo"]) ||
SUBJ(#2[transf-passiva],#3[lemma:"beijo"]) ||
(ANTECEDENT[relat] (#3[lemma:"beijo"],#4[pronrel]) & SUBJ(#2[transf-passiva],#4))) &
~SUPPORT[vsup-converse] (#3,#2) )
SUPPORT[vsup-converse=+] (#3,#2)

|pastpart#2[lemma:"receber",pass-ser=+]|
if (MOD(#3[lemma:"beijo"],#2) & ~SUPPORT[vsup-converse] (#3,#2) )
SUPPORT[vsup-converse=+] (#3,#2)
```

Fonte: Elaboração própria.

A diferença entre essas duas regras (Fig. 3) e as anteriores (Fig. 1 e 2) é basicamente o lema do verbo, que passa a ser *receber* e, conseqüentemente, a dependência passa a ser SUPPORT [vsup-converse] em vez de SUPPORT [vsup-standard]. Para mais informações sobre o funcionamento das regras de dependência do XIP, veja-se Mamede *et al.* (2012).

Avaliação

A subamostra das frases (com *dar* e suas variantes) selecionada a partir do conjunto de *CVS* manualmente anotadas foi processada na cadeia STRING e a saída do sistema foi analisada por comparação com o *corpus* de referência. Os resultados são apresentados na Tabela 5:

Tabela 5 – Primeira avaliação da performance do sistema⁷.

VP	FP	FN	VN	Precisão	Cobertura	Acurácia	Medida-F
350	91	114	25	79%	75%	65%	77%

Fonte: Elaboração própria.

Utilizam-se na avaliação as métricas habituais de *precisão*, que mede a fração de instâncias relevantes encontradas corretamente ($VP/(VP+FP)$), *cobertura*, que mede a fração de instâncias relevantes que foram encontradas ($VP/(VP+FN)$), *acurácia*, que calcula a combinação da precisão com os erros sistemáticos ($(VP+VN)/(VP+VN+FP+FN)$) e *medida-F*, que é a média harmônica entre a precisão e a cobertura ($2PR/(P+R)$).

Das 580 frases analisadas, a STRING extraiu corretamente a dependência de 350 frases (VP), extraiu incorretamente a dependência de 91 frases (FP) e não extraiu dependência alguma de outras 139 frases, das quais 114 deveriam ter sido extraídas (FN) e 25, de fato, não deveriam ter sido extraídas (VN).

Além desses resultados, o sistema capturou outras 47 dependências que não tinham sido anotadas na referência, já que envolvem pares de palavras que não eram o alvo da frase extraída do *corpus*, como por exemplo: *O varejo, em contrapartida, pode dar descontos no valor cobrado à indústria por determinado espaço na loja.* O par-alvo a ser anotado era {*dar, valor*}, porém, neste caso, não há qualquer relação entre *dar* e *valor*, pelo que os anotadores não o assinalaram. Por outro lado, o verbo *dar* é suporte de *desconto*, o que a STRING capturou bem. Como a dependência (*dar, desconto*) não estava na referência, o *corpus* de referência foi corrigido, acrescentando-lhe as dependências em falta, para serem levadas em conta em um segundo momento da avaliação.

⁷ Considere-se VP = verdadeiros-positivos, FP = falsos-positivos, FN = falsos-negativos e VN = verdadeiros-negativos

A seguir, apresenta-se a análise dos principais problemas identificados na saída do sistema. Após proceder à análise, corrigimos os dados do Léxico-Gramática e processamos o *corpus* novamente. Os resultados da segunda avaliação serão apresentados posteriormente.

Análise de erros

a) Falsos-Positivos

Os Falsos-Positivos (FP) correspondem aos casos em que: (i) o sistema extraiu a dependência errada, como nos casos de ambiguidade entre *SUPPORT*[*v_{sup}-standard*] e *SUPPORT*[*v_{sup}-converse*], ou (ii) extraiu a dependência entre um par de palavras que não possui relação de suporte, por problemas de processamento sintático ou de desambiguação morfossintática. Os dois casos serão analisados em pormenores:

(i) Ambiguidade entre *CVS-standard* e *CVS-conversa*

Tipicamente, o verbo-suporte *dar* é selecionado para formar construções *standard* (de orientação ativa). Por outro lado, o verbo-suporte *receber* é selecionado pelos mesmos nomes predicativos para formar construções tipicamente conversas (de orientação passiva); daí o *V_{sup} dar* ser considerado um verbo-suporte *standard* e o *V_{sup} receber* ser considerado um verbo-suporte converso. Há, no entanto, outros verbos - como *ter*, por exemplo - que tanto podem entrar em construções *standard* quanto em construções conversas.

(1)⁸ [**Exemplo construído**]: *O Jô Soares (deu + teve) sua participação no Programa da Hebe.*

(2) [**Exemplo construído**]: *O Programa da Hebe (recebeu + teve) a participação do Jô Soares.*

A primeira frase é tipicamente uma construção *standard*, ao passo que a segunda frase é tipicamente uma construção conversas. Ambas podem ser formadas pelo verbo *ter* e o mesmo nome predicativo *participação*. Portanto, o verbo *ter* estava codificado na matriz do L-G como uma variante *standard* de *dar* e também como uma variante conversas de *receber*. Decidiu-se adotar sistematicamente a dependência

⁸ A maioria dos exemplos apresentados neste artigo foram retirados da subamostra do *corpus*, ou seja, são textos reais. Em situações específicas, utilizamos exemplos construídos/fabricados, seguindo os moldes do L-G, para tornar certos fenômenos mais evidentes. Os exemplos construídos serão antecidos da notação [**Exemplo construído**]. Nos casos de simplificação de exemplos reais, usaremos a notação [**Exemplo simplificado**]. Já os exemplos reais retirados do *corpus* serão antecidos do par-alvo que foi anotado manualmente (*V_{sup}*, *N_{pred}*).

SUPPORT [vsup-standard], em detrimento da SUPPORT [vsup-converse], nos casos de ambiguidade de classificação, em que o verbo tanto pode funcionar como suporte *standard* quando como suporte converso de um mesmo *Npred*. Isso é feito no XIP por uma regra de “limpeza” que remove as dependências duplicadas.

Essa decisão conduziu a alguns erros de classificação, como por exemplo nos casos apresentados a seguir, que foram etiquetados pela STRING como SUPPORT [vsup-standard], e foram marcados pela maioria ou totalidade dos anotadores como SUPPORT [vsup-converse].

(3) (**ter, participação**) *A mesa-redonda, com início às 14h, terá a participação do historiador José Murilo de Carvalho, da UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro), e dos cientistas políticos Renato Lessa e César Guimarães, ambos do Iuperj.*
SUPPORT[vsup-standard](participação,terá)

(4) (**ter, prazo**) *Martins disse ter decidido indiciar Teixeira indiferentemente do resultado da perícia técnica no caminhão, que tem prazo de 30 dias a partir do acidente para ser concluída. , ‘Não dá para acreditar que alguém possa dirigir um caminhão desse tipo e não perceber que a caçamba está levantada’, disse.*
SUPPORT[vsup-standard](prazo,tem)

(5) (**ter, voto**) *O PMDB conta com 5 integrantes, mas terá um voto a menos se Juvêncio estiver na presidência.*
SUPPORT[vsup-standard](voto,terá)

(6) (**ter, prejuízo**) *Pará deve ter prejuízo com jogo do Brasil.*
SUPPORT[vsup-standard](prejuízo,ter)

Por outro lado, há também os casos que a STRING classificou como SUPPORT [vsup-converse], ao passo que a maioria dos anotadores humanos considerou como SUPPORT [vsup-standard]. É o caso de construções com o *Vsup ter* e os seguintes nomes predicativos: *acordo, alvará, apelido, apresentação, cargo, conhecimento, destino, dica, explicação, financiamento, importância, informação, início, liberdade, limitação, motivo, nome, nota, orientação, ponto, prioridade, privilégio, redução, renda, sinal, título e treinamento.*

Esses nomes predicativos, associados ao *Vsup ter*, ao mesmo tempo em que podem formar construções *standard* (7), também podem ser o resultado de uma conversão de outra construção com o verbo-suporte *standard dar* (8):

(7) [Exemplo construído]: *A Ana tem um vasto conhecimento sobre geografia.*

(8) [Exemplo construído]: *A Ana deu conhecimento neste documento.*

[Conversão] = *Este documento teve o conhecimento da Ana.*

Como se pode perceber, (7) e (8) são construções *standard* diferentes; trata-se de dois nomes predicativos diferentes: uma se refere a uma qualidade ou capacidade intelectual, e a outra construção se refere ao ato de assinar, visar um documento. Por serem construções diferentes, a única que está alistada na matriz do L-G utilizada neste trabalho é a construção com *dar*, cuja conversão se faz com *ter*. A construção (7) também é uma construção de base, mas não com o verbo *dar*, por isso, deverá ser descrita em outra matriz que leve em consideração as construções nominais de base com o *Vsup ter*.

Quando ambas as construções estão disponíveis na matriz, temos os casos de ambiguidade, que faz com que duas regras disparem. Nesses casos, atua a regra de “limpeza” referida anteriormente.

Há ainda outras frases que também foram marcadas pela STRING como SUPPORT [v_{sup}-standard], e que foram etiquetadas pela maioria ou totalidade dos anotadores como construção com verbo-operador causativo (VOP-CAUSE):

(10) (**dar, sorte**) *Colocar roupa branca e pular sete ondas dão sorte porque são rituais para atrair coisas boas e, se você acredita, funcionam.* “.

(11) (**dar, prejuízo**) *Fraude on-line dá prejuízo de R\$ 100 mi.*

(12) (**dar, voto**) *Motivo: administra o orçamento para construção de casas populares, que é polpudo e dá votos.*

As construções do tipo *dar sorte*, *dar prejuízo* e *dar voto* são naturalmente aceitáveis, em outras situações, como construções *standard*, daí terem sido assim classificadas na matriz do L-G:

(13) [**Exemplo construído**]: *A Ana deu sorte na loteria.*

(14) [**Exemplo construído**]: *A empresa da Ana deu prejuízo durante todo o ano.*

(15) [**Exemplo construído**]: *A Ana deu seu voto para o candidato da oposição.*

Nesses casos, a identificação dos papéis temáticos dos argumentos poderia auxiliar na desambiguação das regras de dependência (*standard* ou *converso*) a extrair. Em (10), se o sujeito (*colocar roupa branca e pular sete ondas*) fosse corretamente etiquetado com o papel temático de causa, isso seria um indicativo de que a construção é causativa, e não uma *CVS*. Já o exemplo (11) é ambíguo, apesar de ter sido anotado pela maioria dos anotadores humanos como uma construção causativa. Ele é ambíguo porque permite duas interpretações diferentes: (i) a fraude on-line teve um prejuízo; ou (ii) a fraude on-line causou um prejuízo a alguém. Em (12), o sujeito de *dá votos* é o *orçamento*, o que significa que o orçamento é a causa que faz com que alguém tenha votos.

Apesar de os papéis semânticos terem sido codificados na matriz do L-G, essas informações não foram usadas no processo de extração da dependência SUPPORT porque o módulo de extração automática de papéis temáticos (ou papéis semânticos) da STRING não apresenta ainda bons resultados.

(ii) Problemas de processamento sintático ou de desambiguação morfossintática

Algumas frases foram incorretamente etiquetadas pela STRING como SUPPORT [vsup-standard], por problemas de processamento sintático. Esperava-se que o sistema reconhecesse uma relação de dependência entre um verbo e um nome, e ele reconheceu a relação entre outro verbo e/ou outro nome, como em:

(16) (**dar, aula**) *Ela dirige atualmente a Companhia Os Bobos da Corte, criada há dois anos, e dá aulas de voz e interpretação na Escola de Teatro da Universidade Federal da Bahia.*

SUPPORT [vsup-standard] (aulas,dá)

SUPPORT [vsup-standard] (interpretação,dá)

(17) (**ter, vantagem**) *Essa solução teria a vantagem de rapidez e rentabilidade, trazendo ao Tesouro receita maior e evitando disputas jurídicas inerentes ao processo de cisão de ativos.*

SUPPORT [vsup-standard] (vantagem,teria)

SUPPORT [vsup-standard] (rentabilidade,teria)

O par-alvo, cuja dependência deveria ter sido extraída é (*dar, aula*) e (*ter, vantagem*), respectivamente em (16) e (17). Além de extrair corretamente essas duas dependências, o sistema reconheceu também a dependência entre *dá* e *interpretação* (16) e entre *teria* e *rentabilidade* (17). Nesses casos, há um problema de coordenação de grupos nominais e de extração apropriada da dependência de CDIR. A cadeia analisou (16) como uma coordenação entre *aulas* e *interpretação*, e não entre *voz* e *interpretação*, considerando-se a coordenação entre dois complementos diretos do verbo *dar*: *ela dá aulas de voz e ela dá interpretação*. Da mesma forma, a cadeia analisou (17) como uma coordenação entre *vantagem* e *rentabilidade*, e não entre *rapidez* e *rentabilidade*, considerando-se a coordenação entre dois complementos diretos do verbo *ter*: *essa solução teria a vantagem de rapidez e essa solução teria rentabilidade*.

Em outros casos, o problema resulta de uma incorreta atribuição das etiquetas de categorias gramaticais ou da sua inadequada desambiguação. A STRING também extraiu incorretamente a dependência de SUPPORT [vsup-standard] de frases como:

(18) (**dar, saída**) *À noite, feito criança no mato, ele dá uma saidinha e volta com duas rãs e um sapo.*

SUPPORT [vsup-standard] (volta,dá)

Nessa frase, a forma diminutiva de *saída* (*saidinha*) não foi reconhecida pelo sistema, pelo que, embora lhe tenha sido atribuída a categoria nome, não foi possível extrair a dependência de SUPPORT, a qual requer a identificação do lema. Por outro lado, a desambiguação de *volta* não foi feita adequadamente e a palavra foi etiquetada

como nome, quando deveria ter sido escolhida a etiqueta verbo. Ora, como se verifica a conjunção aditiva (*e*) entre *saidinha* e *volta*, e este último foi marcado como nome, então o sistema analisou essa sequência como a coordenação de dois nomes. No segundo momento, a dependência de complemento direto (CDIR) entre *dar* e *saidinha* é percolada para o nome coordenado com este último, o que desencadeia a regra que extrai a dependência SUPPORT entre *dar* e *volta*.

Também consideram-se problemas de processamento os casos em que a CVS é parcialmente idêntica a uma expressão fixa e a cadeia extrai duas dependências para os mesmos constituintes. A STRING possui um módulo de análise das expressões fixas (BAPTISTA *et al.*, 2014), que contém alguns milhares de expressões idiomáticas e as regras de extração da dependência FIXED que capturam o verbo e os elementos fixos da construção.

(19) (**dar, volta**) *Até lá, não custa nada ter esperança de que pelo menos um grande clube carioca está dando a volta por cima e reconquistando seu lugar de honra na elite do futebol nacional.*

SUPPORT [vsup-standard](volta,dando)

FIXED(dando,volta,cima)

Nessa frase, a expressão *dar a volta por cima* foi analisada pela STRING de duas formas diferentes, e foram extraídas duas dependências diferentes para os mesmos constituintes: (i) como SUPPORT [vsup-standard], semelhante ao predicado *dar um passeio*; e (ii) como uma construção fixa (FIXED). Recorde-se que a maioria dos anotadores atribuiu, para essa frase, a etiqueta OTHER, que pode corresponder a uma expressão fixa.

Para corrigir esses problemas, foi criada uma regra geral de “limpeza” que dá preferência à extração da dependência FIXED e exclui a dependência SUPPORT. No final do processamento, deverá permanecer apenas a segunda dependência (como expressão fixa), que é a análise correta.

Outras expressões fixas foram analisadas incorretamente tanto pelo sistema STRING quanto pela maioria dos anotadores.

(20) (**dar, tiro**) *O PT está dando um tiro no próprio pé ao tentar abortar a CPI do caso Waldomiro Diniz.*

SUPPORT[vsup-standard](tiro,dando)

(21) (**dar, passo**) *Lee-Huang deu um passo à frente em relação à pesquisa de Gallo, diz David Lewi, infectologista da Unifesp.*

SUPPORT[vsup-standard](passo,deu)

Em (20), os elementos da CVS (*dar* e *tiro*) formam um subconjunto da expressão fixa *dar tiro no pé*. Em (21), a expressão fixa *dar um passo à frente* é completamente

ambígua com a *CVS dar um passo*. Do ponto de vista semântico, ambas podem significar literalmente “mover uma perna em direção à frente” ou metaforicamente “seguir adiante, superar algum desafio”. O mesmo problema ocorre com outras expressões, tais como *dar o primeiro passo, dar um passo decisivo, dar passos firmes etc.*, em que o nome *passo* está, provavelmente, na origem dessas construções idiomáticas.

Tanto a anotação manual quanto a classificação automática desses casos deverão ser revistas, a fim de manter a consistência da descrição linguística. As expressões fixas do Português Brasileiro foram descritas por Vale (2001) e muitas delas já foram classificadas também no Português Europeu (BAPTISTA et al., 2004) e inseridas no léxico da STRING (BAPTISTA et al., 2014).

Outro caso de falso-positivo diz respeito à classificação de construções com verbo-operador de ligação como se fossem construções com verbo-suporte. Os dois exemplos que se seguem são casos de construções com verbo-operador de ligação:

(22) (*ter, nome*) *Em 94, vários delegados denunciados por Luz tiveram os nomes encontrados nos livros de contabilidade do jogo do bicho.*

SUPPORT [vsup-standard](nomes,tiveram)

(23) (*ter, nome*) *O participante que tiver o nome confirmado deverá se dirigir à Bovespa, rua XV de novembro, 275, centro, São Paulo, no horário marcado, munido de identidade.*

SUPPORT [vsup-standard](nome,tiver)

Nos dois casos, o *Npred nome* foi identificado como complemento direto (CDIR) do verbo *ter*, pelo que dispararam as duas regras de extração da dependência SUPPORT [vsup-standard=+] e SUPPORT [vsup-converse=+]. Por causa da regra de seleção da dependência *standard* nos casos ambíguos, o sistema extrai apenas a dependência SUPPORT [vsup-standard=+]. Esses casos, porém, correspondem a construções com o verbo-operador de ligação, conforme foi anotado manualmente pela maioria dos anotadores.

O verbo-operador de ligação é um conceito introduzido por Gross (1981) e, posteriormente, estudado por Ranchhod (1990), para o Português Europeu, para se referir a verbos que operam sobre construções de base, acrescentando-lhes um argumento o qual já se encontra presente na frase de base na posição de complemento.

(24) [*Exemplo construído*]: *O Rui tem # A Ana está sob o controle do Rui.*

(24a) *O Rui_i tem a Ana sob o (seu_i + *meu + *teu) controle.*

Há alguns casos que haviam sido classificados tanto pelos humanos quanto pela STRING, na primeira avaliação, como SUPPORT [vsup-standard]. Após uma revisão sistemática das anotações do *corpus* de referência, porém, consideramos que trata-se de outros casos de verbo-operador de ligação. Em geral, o problema está

relacionado a nomes como *notícia*, *orientação*, *informação*, *explicação*, *opinião*, *solução*, *resposta*, *exemplo*, *definição*, *dica*, *pista*, *sugestão*, *argumento*, *parecer etc.*, associados ao *Vsup ter*, que admitem duas interpretações diferentes, uma de sentido passivo, em (25), e outra de sentido ativo, em (26), como se observa em:

(25) [Exemplo construído]: *Zé teve uma notícia ruim <quando Ana lhe contou sobre sua doença>*.

(26) [Exemplo construído]: *Zé tem uma notícia ruim <para dar à Ana>*.

Os tempos verbais, em rigor o aspecto “pontual” do pretérito perfeito, em (25), e o aspecto “durativo” do presente (ou do imperfeito), em (26), permitem distinguir esses dois empregos. O exemplo (25) é menos controverso, sendo claramente considerado como uma *CVS* conversa, já que tem como contraparte a construção *standard*:

(25a) \equiv *A Ana deu uma notícia ruim ao Zé*.

O estatuto dessa construção conversa não gerou dúvidas entre os anotadores. Em contrapartida, o mesmo par (*ter*, *notícia*), em (26), parece ter um estatuto especial, pois se assemelha a uma construção de orientação ativa (e.g. *Ana deu uma notícia ruim ao Zé*), mas a ação não chega a se concretizar (aspecto imperfectivo).

O predicado de base em (26) é *dar uma notícia*, já que pode ser reconstituído na oração infinitiva introduzida por *para* (e.g. *Zé tem uma notícia ruim para dar à Ana*). O verbo *ter*, nesse sentido, serve apenas para ligar o argumento (*Zé*) ao predicado *dar uma notícia*. Esse argumento (*Zé*) não é novo, ele já existia na frase de base. Nessas condições, o verbo *ter*, em (26), também tem o estatuto de um verbo-operador de ligação.

O mesmo fenômeno pode ser observado em vários outros *Npred* associados ao verbo *ter*. As frases de (27) a (32), retiradas do *corpus* de referência, exemplificam o problema.

(27) (*ter*, *notícia*) *Segundo Zeca, o Estado vizinho de Mato Grosso tem “quase uma dezena de usinas instaladas na bacia do Paraguai sem que se tenha tido notícia de um único acidente ambiental”*.

SUPPORT [vsup-standard] (*notícia,tenha*)

(28) (*ter*, *informação*) *A delegada diz que é importante que os passageiros que sejam furtados ou roubados registrem a ocorrência na delegacia do aeroporto, para que a polícia tenha mais informações sobre o modo como os bandidos agem*.

SUPPORT [vsup-standard] (*informações,tenha*)

(29) (*ter*, *solução*) *A disputa entre juízes e a direção da liga, que aparentemente teria uma solução rápida, deve durar algumas rodadas*.

SUPPORT [vsup-standard] (*solução,teria*)

(30) (**ter, notícia**) O “The Wall Street Journal” **tem** boas **notícias** para todos vocês, ratos de sofá.

SUPPORT [vsup-standard] (notícias,tem)

(31) (**ter, informação**) A página **tem informações** sobre o clube, fotos e os nomes dos membros.

SUPPORT [vsup-standard] (informações,tem)

(32) (**ter, solução**) Quem ousaria dizer que **tem a solução** para o caso?

SUPPORT [vsup-standard] (solução,tem)

Para todos esses casos, a STRING extrai a dependência SUPPORT [vsup-standard]. Os três primeiros exemplos (27), (28) e (29), no entanto, são CVS conversas e os três últimos (30), (31) e (32) não deveriam ter sido extraídos, já que correspondem a construções com verbo-operador de ligação. Como o próprio *corpus* de referência também estava incorreto em relação a esses casos, ele foi posteriormente revisado e corrigido.

b) Falsos-Negativos

Conforme explicitado na Tabela 5, não foi extraída a dependência de SUPPORT em 114 frases. As principais causas da não-identificação da dependência pretendida é a distância existente entre o verbo-suporte e o nome predicativo ou falha em alguma etapa anterior da cadeia de processamento.

(33) (**dar, mostra**) Para fortalecer essa espécie de revolução democrática que, iniciada com a decisão de desalojar um usurpador do poder Executivo, **dá mostras** agora de que deseja ir fundo na moralização e na republicanização do Poder Legislativo.

O predicado nominal *dar mostras* encontra-se numa oração relativa restritiva, mas o pronome relativo *que* encontra-se separado do verbo-suporte por uma oração encaixada (oração reduzida de particípio). Dada a complexidade da frase e a interação das regras da gramática, o *parser* analisa *mostras* como sujeito e não como complemento direto (CDIR) de *dar*. Por essa razão, a dependência SUPPORT não foi extraída. Note-se que, numa frase mais simples, a análise já é adequada:

(33a) [**Exemplo simplificado**] A revolução democrática **dá mostras** de que deseja ir fundo na moralização.

SUPPORT [vsup-standard] (mostras,dá)

Em outros casos, o sistema não extraiu adequadamente a dependência SUPPORT, devido a falha no processamento de algum tipo de anáfora, que ocorre em uma etapa da cadeia anterior à etapa de extração da dependência SUPPORT:

(34) (**dar, declaração**) *A declaração não tem valor legal, já que não foi dada em um depoimento formal.*

O *Npred declaração* é o sujeito de uma construção passiva que se encontra subordinada à oração principal. Contudo, o sujeito (*já que essa declaração não foi dada*) encontra-se elidido, pois já ocorre como sujeito da oração principal. Apesar de a STRING conter um módulo de resolução desse tipo de anáforas (PEREIRA; ZAC, 2010), neste caso o sistema não conseguiu capturar adequadamente o sujeito elíptico e, por isso, não extraiu a dependência SUPPORT da construção com verbo-suporte. No entanto, o sistema captura adequadamente a construção nominal passiva em uma frase cujo sujeito esteja explícito:

(34a) [**Exemplo simplificado**] *A declaração não foi dada em um depoimento formal.*
SUPPORT [vsup-standard] (declaração,dada)

Os 114 predicados nominais foram testados individualmente na cadeia de processamento, utilizando-se frases simples como exemplos (exemplos simplificados). Para todos eles, foi possível obter a análise adequada, o que significa que o problema não está nos dados linguísticos do L-G, mas resulta do complexo processo de análise do *parser*.

Em alguns casos em que a conjunção coordenativa não está explícita, tendo sido substituída por uma vírgula, o sistema não conseguiu extrair a dependência:

(35) (**dar, amasso**) *Ah, Lorena, você só dá uns beijinhos nele, uns amassos e pronto.*
SUPPORT [vsup-standard] (beijinhos,dá)

Nessa frase, apenas a dependência entre *dar* e *beijinhos* foi extraída. A dependência entre o par-alvo (*dar, amasso*) não foi identificada pela STRING. Acontece que, nesse exemplo, a palavra *pronto* foi analisada como um adjetivo e não está em um contexto formal que permita formar um grupo nominal que ficaria então coordenado com os nomes *beijinhos* e *amassos*, pelo que as regras de coordenação não disparam; por isso, também não foi extraída a coordenação entre *beijinhos* e *amassos*.

A coordenação, tal como está implementada na STRING neste momento, é tratada como um fenômeno estritamente local, ligando grupos nominais e/ou preposicionais, incluindo os casos de enumeração de 3 ou mais elementos, em que há elipse das conjunções intermédias (*e.g. laranjas, bananas e maçãs*). Se explicitarmos a conjunção coordenativa da frase (35) entre os grupos nominais *uns beijinhos* e *uns amassos*, então o sistema extrai as duas dependências corretamente:

(35a) [Exemplo simplificado] Ah, Lorena, você só dá uns **beijinhos** e uns **amassos** nele e pronto.

SUPPORT [vsup-standard] (amassos,dá)

SUPPORT [vsup-standard] (beijinhos,dá)

Note-se que, em outros casos de coordenação entre nomes predicativos com o mesmo verbo-suporte, a STRING extraiu a dependência de SUPPORT corretamente, como em:

(36) (**ter, aprovação**) *Três cadernos „Guerra na América“ (12/9, 13/9 e 14/9), contados à parte, tiveram a maior leitura e a maior aprovação da semana (média de 95% do ótimo/bom).*

SUPPORT [vsup-converse] (aprovação,tiveram)

SUPPORT [vsup-converse] (leitura,tiveram)

(37) (**receber, confirmação**) *Até hoje e apesar do prazo fixado para este efeito em 20 de junho de 2005, este Ofício não recebeu nem resposta nem a confirmação de procedimentos feitos pelas autoridades brasileiras competentes necessários à retirada da documentação suíça.*

SUPPORT [vsup-converse] (confirmação,recebeu)

SUPPORT [vsup-converse] (resposta,recebeu)

Nos dois exemplos, as dependências de complemento direto (CDIR) que foram extraídas entre {ter, leitura} e {receber, resposta} foram percoladas para os outros grupos nominais com que estes nomes se encontram coordenados, nomeadamente {ter, aprovação} e {receber, confirmação}, respectivamente.

c) Verdadeiros-Negativos

Dos 139 casos em que a STRING não extraiu dependência SUPPORT, há 25 frases das quais o sistema, de fato, não deveria ter extraído a dependência, pois não há relação sintática entre o *Vsup* e o *Npred*. Os anotadores humanos também não consideraram que, nessas frases, houvesse uma construção com verbo-suporte; são, portanto, verdadeiros-negativos.

(38) (**receber, título**) *Por exemplo, no documento dizia que foi recebido a título de horas extras CR\$ 200 mil.*

(39) (**levar, ponto**) *Roteiro de um dia leva aos pontos altos de San Francisco.*

(40) (**ter, sorte**) *Sua sorte foi ter sido socorrido com rapidez.*

(41) (**ter, aula**) *Quando estiver pronto será a sede da administração do campus e também terá salas de aula.*

Como dissemos acima, a extração das frases a partir do *corpus* PLN.Br apenas se baseou no fato de o par *Vsup Npred* se encontrar presente na frase e não levou em conta quaisquer relações sintáticas. Por essa razão, tais frases selecionadas para a amostra constituem contra-exemplos que contribuem para a aferição da qualidade do processamento.

Casos particulares de Verdadeiros-Positivos

A seção anterior apresentou os principais problemas de extração automática da dependência SUPPORT nas frases retiradas do *corpus*. Além daqueles, deve-se destacar ainda o conjunto de dependências que, mesmo não sendo o alvo pelo qual a frase fora extraída do *corpus*, ainda assim o sistema detectou uma relação de SUPPORT.

Nos exemplos abaixo, indica-se em negrito tanto o par-alvo quanto o par extraído pela STRING. O par-alvo (extraído automaticamente do *corpus*, usando Unitex) está inserido no início do exemplo, entre parênteses; já o par {*Vsup,Npred*}, analisado adequadamente pela STRING, encontra-se sublinhado no corpo do exemplo.

(42) (**dar, show**) *Os ingressos custam R\$ 30,00 e darão direito a diversos **shows** de dança e música e a um jantar típico com especialidades da China, Japão, Coréia, Tailândia, Indonésia e Índia.*

SUPPORT [*vsup-standard*] (direito,darão)

(43) (**dar, nome**) *Segundo Vassoureiro, esse costume, que ainda persiste, deu origem ao nome „papangu“.*

SUPPORT [*vsup-standard*] (origem,deu)

(44) (**ter, nó**) *Pollack - Os europeus têm as mesmas **informações** que nós temos.*

SUPPORT [*vsup-converse*] (informações,têm)

SUPPORT [*vsup-converse*] (informações,temos)

(45) (**receber, comissão**) *Sua candidatura ao COI recebeu o aval da **comissão** executiva da entidade, que é formada por 11 pessoas, entre elas o presidente, Juan Antonio Samaranch.*

SUPPORT [*vsup-converse*] (aval,recebeu)

Como a STRING executa um processamento sintático tanto superficial (*chunking*) quanto profundo (com extração de dependências entre constituintes), o sistema reconhece os constituintes que, de fato, possuem alguma relação e ignora os que não possuem.

Ressalte-se ainda que, em (44), a cadeia extraiu corretamente duas dependências: uma em que *informações* é complemento direto de *têm*, e outra em que *informações* é o antecedente do pronome relativo *que*, o qual é complemento direto de *temos*.

Por meio da integração dos dados do L-G na STRING e da análise sintática automática, também foi possível identificar outros pares de *Vsup* e *Npred* que não haviam sido considerados anteriormente, como, por exemplo:

(46) (*ter, condição*) Como o MEC não **tem condições** de fiscalizar todos os 5.506 municípios brasileiros, pretende **contar com a ajuda** dos Estados.

SUPPORT [vsup-converse] (ajuda, contar)

Além do par-alvo (*ter, condição*) que permitiu que essa frase fosse extraída automaticamente do *corpus* com recurso ao Unitex, a STRING identificou também o par {*contar com, ajuda*} para o qual extraiu corretamente a dependência SUPPORT [vsup-converse].

Segunda avaliação da performance do sistema

Após a análise de erros, os dados linguísticos do Léxico-Gramática foram corrigidos na matriz e as frases da subamostra foram processados novamente.

A Tabela 6 apresenta e compara os resultados da primeira com a segunda avaliação.

Tabela 6 – Resultado da primeira e segunda avaliações da performance da STRING.

	TP	FP	FN	TN	Precisão	Cobertura	Acurácia	Medida-F
Primeira avaliação	350	91	114	25	79%	75%	65%	77%
Segunda avaliação	325	56	84	115	85%	87%	80%	86%

Fonte: Elaboração própria.

Como se nota, a performance do sistema melhorou na segunda avaliação: a precisão aumentou em 6%, a cobertura aumentou em 12%, a acurácia subiu 15% e, consequentemente, a medida-F também subiu 9%.

Vale destacar o aumento significativo no número de verdadeiros-negativos da primeira (TN=25) para a segunda avaliação (TN=115). A primeira avaliação considerou como *golden standard* a anotação da maioria ou unanimidade dos anotadores, sem verificar se aquela anotação estava consistente ou não. Ao revisar sistematicamente as anotações, identificamos todos os casos em que o verbo *ter* funciona como verbo-operador de ligação e corrigimos esses dados no *corpus* de referência, por isso aumentou significativamente o número de frases em que a STRING acertadamente não extraiu suas dependências de SUPPORT.

A melhoria na performance do sistema se deve também à correção dos dados do L-G, pois as dependências que estavam sendo extraídas como SUPPORT [vsup-converse] passaram a ser SUPPORT [vsup-standard].

Além de corrigir o *corpus* de referência e os dados linguísticos do L-G, inserimos, no dicionário (PB.dic) usado pela STRING, as informações de flexão/derivação de grau dos nomes terminados em *-ada/-ida*. As dependências de nomes como *saidinha*, *fugidinha* e *arrumadinha* não estavam sendo extraídas porque o sistema não reconhecia os nomes no diminutivo como formas flexionadas/derivadas dos nomes predicativos *sáida*, *fugida* e *arrumada*, respectivamente. Ao associar o paradigma de flexão/derivação a esses nomes, a STRING passou a extrair corretamente suas dependências.

Ademais, foi criada uma regra de “limpeza” para os casos de expressões fixas. A STRING extraía, ao mesmo tempo, as dependências de *FIXED* e de *SUPPORT* para as construções cujos constituintes ora são fixos ora formam uma *CVS*. A regra criada para a cadeia dá preferência à extração da dependência *FIXED* e exclui a dependência *SUPPORT*, nos casos de duplicação de dependências entre os mesmos constituintes.

Conclusão e trabalhos futuros

Como resultado desse trabalho, produzimos um *golden standard* de construções com o verbo-suporte *dar* e suas variantes para o Português. Esse *golden standard* consiste em um *corpus* anotado automaticamente com as dependências *SUPPORT*[*vsup-standard*] e *SUPPORT*[*vsup-converse*] pela STRING e revisado manualmente por uma equipe de linguistas.

Os resultados da tarefa indicam ganhos na diferente parametrização das regras. Ressalva-se, no entanto, que os experimentos foram feitos para um pequeno conjunto de *CVS*, envolvendo apenas um *Vsup* elementar e suas variantes.

Num futuro próximo, pretende-se integrar também à STRING as matrizes do Léxico-Gramática referentes às construções nominais com os *Vsup* *fazer* e *ter* e avaliar, de forma mais abrangente, a performance do sistema, utilizando na íntegra as 2.646 frases anotadas manualmente.

Uma das especificidades do Português Brasileiro em relação ao Português Europeu é a grande produtividade de nomes predicativos que podem ser criados por derivação com o sufixo *-ada/ida*. Praticamente todos os verbos de ação e muitos verbos de processo podem dar origem a nomes predicativos com o sufixo *-ada/ida* (SCHER, 2004), os quais selecionam prioritariamente o verbo-suporte *dar* (como *abandar* = *dar uma abanada*, *enxugar* = *dar uma enxugada*, *enrugar* = *dar uma enrugada*, *crescer* = *dar uma crescida*, *sumir* = *dar uma sumida* etc.). Da mesma forma, alguns nomes de objetos, instrumentos e nomes parte-do-corpo também podem ser acrescidos do sufixo *-ada* para formar nomes predicativos (BAPTISTA, 2004) (*bater com uma cadeira* = *dar uma cadeirada*, *bater com o cinzeiro* = *dar uma cinzeirada*, *bater com o ombro* = *dar uma ombrada* etc.). Esse fenômeno é bastante produtivo nas construções nominais com o *Vsup dar*. Nesse sentido, pretende-se, em trabalhos futuros, expandir a lista dos nomes predicativos e integrá-los aos dicionários da STRING para que mais construções possam ser identificadas em textos reais.

Contudo, esses *N-ada* são muitas vezes ambíguos com verbos no particípio passado, o que levanta diversos problemas de processamento, em especial pela dificuldade na desambiguação de *part-of-speech* (POS).

Agradecimentos

Os autores agradecem a contribuição de Cláudia Dias de Barros e Maria Cristina Andrade dos Santos, na tarefa de anotação do *corpus*, bem como pela disponibilização de seus dados, e ainda ao apoio financeiro da Capes - Coordenação de Apoio à Pesquisa, sob o processo BEX 12751/13-8 e do Fundo Nacional da FCT - Fundação para a Ciência e a Tecnologia, sob o projeto PEst-OE/EEI/LA0021/2013.

RASSI, A.; BAPTISTA, J.; VALE, O.; MAMEDE, N. Integration of nominal predicates in parser: an experiment in constructions with the support verb 'give' in Brazilian Portuguese. *Alfa*, São Paulo, v.62, n.3, p.543-571, 2018.

- *ABSTRACT: This paper describes the methodology for the integration of nominal predicates, like support verb constructions (SVC), in XIP parser, which is used by the processing chain for Portuguese named STRING. It presents, more specifically, 580 SVC with the verb ,give', which were manually annotated and then integrated into the rule-based XIP grammar in order to extract the SUPPORT dependency between the predicative noun (Npred) and the support verb (Vsup). It is necessary to analyze automatically SVC because they are different from full verb constructions, they have complex syntactic structures, specific syntactic-semantic properties and they admit systematic syntactic transformations, although lexically determined. The concept of SVC and the lexical-syntactic approach adopted follow the theoretical and methodological principles of Lexicon-Grammar. As a result of integration of such data to the XIP parser, the system achieved 85% precision, 87% recall, and 80% accuracy and 86% F-measure.*
- *KEYWORDS: Support verb. Predicative noun. Support verb constructions. Causative operator verb. XIP parser.*

REFERÊNCIAS

BAPTISTA, J. Instrument nouns and fusion. Predicative nouns designating violent actions. In: LECLÈRE, C.; LAPORTE, E.; PIOT, M.; SILBERZTEIN, M. (Eds.). (Eds.). *Lexique, Syntaxe et Lexique-Grammaire (Syntax, Lexis & Lexicon-Grammar)*, Homenagem a Maurice Gross, *Linguisticae Investigationes Supplementa* Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Comp, 2004. p.31-40.

BAPTISTA, J. **Sintaxe dos predicados nominais com *SER DE***. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e Tecnologia, 2005.

BAPTISTA, J.; CORREIA, A.; FERNANDES, G. Frozen Sentences of Portuguese: Formal Descriptions for NLP. In: **Proceedings of the Workshop on Multiword Expressions: Integrating Processing**, EACL. Barcelona, Spain, July, 2004, p.72-79.

BAPTISTA, J.; MAMEDE, N.; MARKOV, I. Integrating a lexicon-grammar of verbal idioms in a Portuguese NLP system. In: **WG2: Parsing techniques for MWEs**, PARSEME meeting, 10-11 March, Athens, 2014.

BARREIRO, A.; MONTI, J.; ORLIAC, B.; PREUß, S.; ARRIETA, K.; LING, W.; BATISTA, F.; TRANCOSO, I. Linguistic Evaluation of Support Verb Constructions by OpenLogos and Google Translate. In: CALZOLARI, N.; CHOUKRI, K.; DECLERCK, T.; LOFTSSON, H.; MAEGAARD, B.; MARIANI, J.; MORENO, A.; ODIJK, J.; PIPERIDIS, S. (Eds.). **Proceedings of LREC'14**. Ninth International Conference on Language Resources and Evaluation. European Language Resources Association (ELRA), May, Reykjavik, Iceland. 2014, p.35-40.

BARROS, C. D. de. **Descrição e classificação dos predicados nominais com o verbo- suporte FAZER em Português do Brasil**. 2014. 270 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2014.

BICK, E. **The Parsing System Palavras, Automatic Grammatical Analysis of Portuguese in a Constraint Grammar Framework**, Aarhus University Press, 2000.

BRUCKSCHEN, M.; MUNIZ, F.; SOUZA, J. G. C.; FUCHS, J. T.; INFANTE, K.; MUNIZ, M.; GONÇALVES, P. N.; VIEIRA, R.; ALUISIO, S. Anotação linguística em XML do *corpus* PLN-BR. **Série de relatórios do NILC**, NILC- ICMC – USP, 2008.

BUTT, M.; GEUDER, W. On the (semi)lexical status of light verbs. In: CORVER, N.; RIEMSDIJK, H. (Eds.). **Semi-lexical categories**. Berlin, Germany: Mouton de Gruyter, 2001. p.323-370.

CALZOLARI, N.; FILLMORE, C. J.; GRISHMAN, R.; IDE, N.; LENCI, A.; MACLEOD, C.; ZAMPOLLI, A. Towards best practice for Multiword Expressions in Computational Lexicons. In: **Third International Conference on Language Resources and Evaluation**, LREC. Las Palmas, Canary Islands – Spain, May, 2002. p.1934-1940.

COHEN, J. A coefficient of agreement for nominal scales. **Educational and Psychological Measurement**, 20 (1), p.37-46, 1960.

DIAB, M.; BHUTADA, P. Verb Noun Construction MWE Token Supervised Classification. In: **Proceedings of the Workshop on Multiword Expressions: identification, interpretation, disambiguation and applications**, MWE'09. Association for Computational Linguistics, Stroudsburg, PA, USA, 2009. p.17-22.

DURAN, M.; RAMISCH, C.; ALUISIO, S.; VILLAVICENCIO, A. Identifying and analyzing Brazilian Portuguese complex predicates. In: **Proceedings of MWE'11**. Workshop from Parsing and Generation to the Real World. Association for Computational Linguistics, 2011. p.74-82.

GIRY-SCHNEIDER, J. **Les nominalisations en français: l'opérateur *faire* dans le lexique**. Genève: Librairie Droz, 1978.

GIRY-SCHNEIDER, J. **Les prédicats nominaux en français: les phrases simples à verbes support**. Genève: Librairie Droz, 1987.

GREFENSTETTE, G.; TEUFEL, S. *Corpus*-based method for automatic identification of support verbs for nominalizations. In: **Proceedings of EACL'95**. 7th Conference of the European Chapter of the Association for Computational Linguistics, March, Stuttgart, Germany, 1995.

GROSS, M. **Méthodes en syntaxe**. Paris: Hermann, 1975.

GROSS, M. Les bases empiriques de la notion de prédicat sémantique. **Langages**, 63 (15), p.7-52, 1981.

GROSS, M. The lexicon grammar of a language: application to french. In: ASHER, R. E. **Encyclopedia of Language and Linguistics**. London: Pergamon, 1994. p.2195-2205.

GROSS, M. La fonction sémantique des verbes supports. **Travaux de linguistique**, 37, p.25-46, 1998.

HARRIS, Z. **A Theory of Language and Information: a mathematical approach**. New York: Oxford University Press, 1991.

ISTVÁN, N.; VINCZE, V.; FARKAS, R. Full-coverage Identification of English Light Verb Constructions. In: **Proceedings of IJCNLP**, 2013.

LAMIROY, B. Le Lexique-grammaire: Essai de synthèse. In: LAMIROY, B. (Ed.). **Travaux de Linguistique**, 37, p.7-23, 1998.

MAMEDE, N.; BAPTISTA, J.; DINIZ, C.; CABARRÃO, V. String: an hybrid statistical and rule-based natural language processing chain for Portuguese. **International Conference on Computational Processing of Portuguese (Propor 2012), Demo Session**. Coimbra, Portugal, April, 2012.

MEUNIER, A. **Nominalisations d'adjectifs par verbes supports**. 1981. 215 f. Tese (Thèse de Troisième cycle) – Laboratoire Automatique Documentaire et Linguistique, Université Paris 7, 1981.

MOKHTAR, S. A.; CHANOD, J. P.; ROUX, C. Robustness beyond shallowness: Incremental dependency parsing. **Natural Language Engineering**, p.121-144, 2002.

PÁEZ, S. M. C. Extraction et représentation des constructions à verbe support en Espagnol. In: **Proceedings of ACL**. 21ème Traitement Automatique des Langues Naturelles, Marseille, 2014. p.419-424.

PEREIRA, S.; ZAC, P. B. An Annotated *Corpus* for Zero Anaphora Resolution in Portuguese. In: **Proceedings of the Student Research Workshop. Association for Computational Linguistics**, Borovets, Bulgaria, p.53-59, 2010.

RANCHHOD, E. M. **Sintaxe dos predicados nominais com *ESTAR***. INIC – Instituto Nacional de Investigação Científica, Lisboa, 1990.

RANCHHOD, E. M. Groupes nominaux négatifs issus de la réduction de verbes supports: Exemples du portugais, de l'anglais et du français. **Linguisticae Investigationes**, 27 (2), p.283-294, 2005.

RASSI, A. P. **Descrição, classificação e processamento automático das construções com o verbo DAR em Português Brasileiro**. 2015. 327 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2015.

RASSI, A. P.; BAPTISTA, J.; MAMEDE, N.; VALE, O. A. Integrating support verb constructions into a parser. In: **Atas do Symposium in Information and Human Language Technology (STIL'2015)**, 04-06 November 2015, Natal, Rio Grande do Norte, Brazil, 2015.

RASSI, A. P.; BAPTISTA, J.; VALE, O. A. Um corpus anotado de construções com verbo-suporte em Português. **Revista Gragoatá**, v.20, n.38, p.207-230, 2015.

SAG, I. A.; BALDWIN, T.; BOND, F.; COPESTAKE, A. A.; FLICKINGER, D. Multiword Expressions: A Pain in the Neck for NLP. In: GELBUKH, A. (Ed.) **Proceedings of the Third International Conference, CICLing - Computational Linguistics and Intelligent Text Processing**. Mexico City, Mexico, February 17-23, 2002. p.1-15.

SANTOS, M. C. A. dos. **Descrição e classificação dos predicados nominais com o verbo-suporte TER em Português do Brasil**. 2015. 215 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2015.

SCHER, A. P. **As construções com o verbo leve *dar* e nominalizações em *-ADA* no Português do Brasil**. 2004. 234 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

SILVA, J.; BRANCO, A.; CASTRO, S.; REIS, R. Out-of-the-Box Robust Parsing of Portuguese. In: **Proceedings of the 9th International Conference on the Computational Processing of Portuguese (PROPOR'10)**, 2010, p.75-85.

SUÍSSAS, G. **Verb Sense Disambiguation**. Dissertation Project. Universidade de Lisboa – Instituto Superior Técnico/INESC-ID Lisboa – Spoken Language Laboratory, 2014.

TU, Y.; ROTH, D. Learning English Light Verb Constructions: Contextual or Statistics. **Proceedings of ACL'11**. Workshop on Multiword Expressions: from Parsing and Generation to the Real World, 2011.

VALE, O. A. **Expressões Cristalizadas do Português do Brasil**: uma proposta de tipologia. 2001. 250 f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2001.

VIVÈS, R. **Avoir, prendre, perdre**: Constructions à verbe support et extensions aspectuelles. 1983. 388 f. Tese (Thèse de Troisième cycle), Laboratoire Automatique Documentaire et Linguistique, Université Paris 8, Paris, 1983.

Recebido em 1 de novembro de 2017

Aprovado em 7 de maio de 2018

PARA COMPREENDER UMA INTUIÇÃO: CRITÉRIOS PARA DISTINGUIR ARGUMENTOS DE ADJUNTOS VERBAIS

Heronides MOURA *
Rafaela MILIORINI**

- **RESUMO:** A distinção entre argumentos e adjuntos verbais é fundamental para alicerçar diferentes teorias linguísticas. Entretanto, ainda que nossa intuição seja segura para analisar os casos mais prototípicos, ela falha no julgamento de algumas relações verbais. Precisamos, pois, de um critério seguro (e não apenas intuitivo) que seja capaz de diferenciar todos os casos de complementação dos de adjunção verbal. Portanto, o objetivo deste trabalho é apresentar e discutir alguns dos principais testes que buscam diferenciar argumentos de adjuntos verbais (JACKENDOFF, 1977; DOWTY, 1982; CAPPELEN; LEPORÉ, 2005; HAEGEMAN, 2006; KENEDY, 2013; MIOTO; FIGUEIREDO SILVA; LOPES, 2013), especialmente quando temos os papéis temáticos de benefactivo e de locativo – pois são papéis que ocorrem tanto na posição de argumento interno quanto na de adjunto. Vamos apresentar os seguintes testes: (i) opcionalidade do termo, (ii) subcategorização, (iii) s-seleção, (iv) acarretamento e (v) retomada anafórica, e tentar mostrar quais são os problemas que cada um deles enfrenta. Surpreendentemente, a distinção argumento–adjunto parece não encontrar suporte consistente e definitivo em nenhum teste proposto pela literatura. O último deles, entretanto, a retomada anafórica, é o único que parece capturar essa distinção, embora diagnostique como transitivos alguns verbos classicamente considerados inergativos (como *viajar* e *telefonar*).
- **PALAVRAS-CHAVE:** Verbos. Estrutura argumental. Adjunção. Testes Sintáticos. Locativo. Benefactivo.

Introdução

A antiga distinção entre os chamados *termos essenciais* e *termos acessórios* compõe o conjunto das definições fundamentais e estruturantes de quase todas as

* Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Programa de Pós-graduação em Linguística, Florianópolis – Santa Catarina – Brasil. Departamento de Língua e Literatura Vernáculas. heronides@uol.com.br. ORCID: 0000-0002-8087-6998

** Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Programa de Pós-graduação em Linguística, Florianópolis – Santa Catarina – Brasil. Departamento de Língua e Literatura Vernáculas. rafaelamiliorini@gmail.com. ORCID: 0000-0001-5198-8125

teorias linguísticas. Essa dicotomia provém de noções bastante intuitivas que dividem os termos entre aqueles que são considerados indispensáveis para compor a cena verbal e aqueles que apenas a modificam. Entretanto, quando passamos a aplicar essa distinção irrestritamente, verificamos que ela não é tão simples.

(1) João deu o bolo para Maria.

(2) João cozinhou o bolo para Maria.

O mesmo sintagma, *para Maria*, funciona como argumento em (1) e como modificador, ou adjunto, em (2). Sabemos disso porque o verbo *dar* é triargumental, enquanto *cozinhar* seleciona dois argumentos. Ambos os sintagmas recebem papel temático de benefactivo – embora sejam subcategorizados por núcleos distintos¹; entretanto, estão em diferentes relações sintáticas com o verbo. Mas como definir seguramente essa distinção?

Nossa intuição é muito clara a respeito de casos simples e prototípicos como

(3) Ana conheceu João durante as férias.

Em (3), sabemos que *Ana* e *João* são argumentos do verbo e que *durante as férias* é um adjunto temporal. Entretanto, nossa intuição oscila quando precisamos analisar sentenças como

(4) Ana viajou para a Bahia.

Para a Bahia é um termo essencial ou um modificador? O papel temático de locativo não resolve o problema, pois ele pode tanto ser atribuído pela preposição quanto pelo verbo. A questão é que precisamos de um critério seguro – não apenas intuitivo – que seja capaz de explicar e diferenciar os casos de complementação dos de adjunção verbal. Para que esse critério seja eficaz, ele deve dar conta de explicar (quase) todos os casos.

O objetivo deste trabalho, portanto, é apresentar e discutir alguns dos principais testes que buscam diferenciar argumentos de adjuntos verbais², especialmente quando temos os papéis temáticos benefactivo e locativo – pois são papéis que ocorrem tanto na posição de argumento interno quanto na de adjunto.³

Surpreendentemente, essa distinção fundamental e amplamente utilizada pelas teorias linguísticas parece não encontrar suporte consistente e definitivo em nenhum teste proposto pela literatura. Vamos apresentar os seguintes testes: (i) opcionalidade do termo, (ii) subcategorização, (iii) s-seleção, (iv) acarretamento e (v) retomada anafórica, e tentar mostrar quais são os problemas que cada um deles enfrenta. O último teste discutido, a retomada anafórica, é o único que parece funcionar para diferenciar adjuntos de complementos, ainda que haja algumas ressalvas a esse respeito.

¹ Mais especificamente, [_{pp} para Maria] é benefactivo na sentença (1) e [_{NP} Maria] é benefactivo na sentença (2). Em (1), o verbo *dar* é triargumental e distribui os papéis temáticos aos seus três argumentos, [João], [o bolo] e [para Maria]; *para*, aqui, é uma preposição funcional. Em (2), o verbo *cozinhar* é biargumental e atribui papel temático aos seus argumentos [João] e [o bolo]; enquanto [Maria], por ser parte do adjunto [para Maria], é subcategorizado pela preposição lexical *para* e recebe dela o papel temático. (Cf. MIOTO; FIGUEIREDO SILVA; LOPES, 2013)

² Ao longo do artigo, vamos utilizar os termos *adjunto* e *modificador* como sinônimos; quanto ao *argumento*, quando ele for interno, será chamado também de *complemento* do verbo.

³ A diferença entre as sentenças relativas que cumprem função de argumento ou de adjunto não serão tratadas aqui.

Embora a distinção entre argumentos e modificadores verbais seja bastante intuitiva, ela não se mostra muito sólida quando tentamos defini-la com critérios teóricos precisos. Qualquer teoria sintática (ou sintático-semântica) precisa lidar com essas categorias, diferenciando-as ou não, formalizando-as na sintaxe ou não. É importante ressaltar que o problema a ser enfrentado aqui não é de *notação*. Ou seja, o objetivo deste trabalho não é questionar a formalização dessas duas categorias, mas discutir o modo insatisfatório com que elas vêm sendo definidas na literatura.

A depender da teoria, há diversas propostas de como formalizar argumentos e adjuntos. Dentro da própria teoria X-barra há diferentes propostas de formalização: na versão inicial de Jackendoff (1977), por exemplo, o autor propõe que os adjuntos (ou “modificadores restritivos”) sejam projetados no nível específico v'' ; Carnie (2006) sugere a duplicação do nível intermediário v' para pendurar os modificadores; Haegeman (2006) opta por duplicar o nível mais alto do sintagma verbal, VP, para que o adjunto não esteja incluído em VP. Já a teoria da Sintaxe mais Simples (CULICOVER; JACKENDOFF, 2005) não diferencia argumentos de adjuntos no componente sintagmático, mas formaliza a distinção no subnível sintático da Camada de Funções Gramaticais⁴ e também na estrutura semântica, adicionando os modificadores como constituintes conceituais adicionais em uma estrutura proposicional já formada pelas contrapartes semânticas do verbo e do seu(s) argumento(s) (JACKENDOFF, 2002).

A questão, portanto, é saber identificar e diferenciar essas duas categorias. Uma vez feito isso, pode-se trabalhar a proposta de notação desejada, o que não será foco de discussão neste trabalho.

Os testes

Opcionalidade do termo

Partindo da noção intuitiva de que argumentos são essenciais e adjuntos são acessórios, propõe-se (JACKENDOFF, 1977; KENEDY, 2013, e. g.) que a retirada de um argumento tornaria a sentença agramatical, enquanto a retirada de um adjunto seria admitida pelo sistema sem comprometer a gramaticalidade da estrutura⁵. O primeiro teste é, a nosso ver, o mais simples deles: a *retirada* do sintagma a ser testado. Caso a sentença resultante seja agramatical, isso indica que o sintagma retirado é um argumento; caso contrário, é um adjunto. Vejamos os exemplos contrastantes abaixo, retirados de Kenedy (2013, p.156):

(5) O manobrista colocou o carro na vaga.

⁴ A Camada Funções Gramaticais (Grammatical Function Tier) é postulada, dentro da Sintaxe mais Simples, para dar conta de fenômenos sintáticos tradicionalmente (em Gramática Gerativa tradicional) explicados através de operações de movimento, como alocamento, marcação de caso e concordância. Para maiores detalhes, cf. Culicover e Jackendoff (2005, cap. 6).

⁵ Caso se adote uma teoria transformacional de gramática, a *retirada do argumento* é feita apenas na estrutura superficial.

- (5a) *O manobrista colocou o carro.
(6) O manobrista estacionou o carro na vaga.
(6a) O manobrista estacionou o carro.

Quando retiramos o sintagma *na vaga* em (5a), a sentença resultante é agramatical, o que comprovaria o status de argumento do PP que, por ser um “termo essencial”, uma vez retirado compromete a gramaticalidade da sentença. Em contraste, quando retiramos o mesmo sintagma em (6a), a sentença continua gramatical, o que seria uma evidência de que *na vaga*, aqui, é um adjunto, ou seja, um “termo acessório”. Segundo Kenedy (2013), isso se deve ao fato de a grade argumental do verbo ser definida no léxico, e não no discurso; os argumentos, portanto, seriam licenciados pela semântica lexical do verbo (cf. JACKENDOFF, 1990).

Entretanto, como lembra Jackendoff (1977), esse teste, embora seja um candidato à condição suficiente para verificar a natureza de argumento do sintagma, não é uma condição necessária, pois muitos verbos aparecem com um dos argumentos elididos. Por exemplo⁶:

- (7) João contou uma mentira pro Pedro.
(7a) João contou uma mentira.
(7b) João contou pro Pedro.

Nas sentenças acima, podemos retirar tanto o PP *pro Pedro*, como em (7a), quanto o NP *uma mentira*, em (7b), sem comprometer a gramaticalidade das sentenças resultantes. Entretanto, ambos os sintagmas continuam sendo argumentos de *contar*, mas aparecem elididos. Para o autor, eles são subcategorizados pelo verbo, projetados na estrutura sintática e posteriormente apagados na passagem para a superfície⁷. Na maior parte dos casos, basta que imaginemos um contexto que supra o constituinte elidido, que normalmente pode ser recuperado no discurso. Jackendoff (1977) não fornece, contudo, nenhum teste que diferencie um argumento elidido de um adjunto.

Renzi et al. (1988 apud PERINI, 2008, p.268), ao analisar casos como (8) e (9) abaixo, afirmam que o mesmo verbo pode aparecer em duas construções distintas:

- (8) Piero está comendo a sopa.
(9) O menino está comendo.

Segundo os autores, na sentença (8), o verbo *comer* é transitivo, subcategorizando dois argumentos, enquanto em (9) aparece em construção intransitiva, apenas com argumento externo. Perini (2008, p.268) coloca a mesma questão que tentamos discutir aqui: “Mas como distinguir casos em que um constituinte é de ocorrência opcional de casos em que ele é obrigatório, mas existe outra construção idêntica, só que sem ele? Os autores não discutem esse problema, nem parecem se dar conta dele.”

O teste falha não somente porque deixa de capturar ocorrências de argumentos elididos, mas também por considerar que adjuntos são sempre opcionais. Esses casos

⁶ Exemplos adaptados de Jackendoff (1977, p.58).

⁷ Nesta obra, Jackendoff trabalha com o estágio da Teoria Padrão Estendida Revisada (Cf. CHOMSKY, 1975), ainda com o modelo transformacional de gramática.

mostram que a noção de opcionalidade não é nem sequer suficiente para distinguir adjuntos de argumentos. Bosque (1989 apud PERINI, 2008, p.267) traz os seguintes exemplos:

(10) As igrejas dos países escandinavos são feitas de madeira.

(11) ?As igrejas dos países são feitas de madeira.

Na sentença (10), *escandinavos* é certamente um adjunto nominal de *países*, ou seja, está apenas cumprindo o papel de restringir e qualificar o nome. Ainda assim, quando retiramos esse adjetivo, como em (11), a sentença resultante é, no mínimo, anômala.

Culicover (1997, p.159-160) também cita exemplos de adjuntos verbais obrigatórios no inglês: (12) Bill worded the letter *very carefully*.

(‘Bill redigiu a carta *com muito cuidado* (escolhendo as palavras).’)

(12a) *Bill worded the letter.

(‘Bill redigiu a carta.’)

(13) Mary weighs *too much*.

(‘Maria pesa *muito*.’)

(13a) *Mary weighs.

(‘*Maria pesa.’)

Nos exemplos (12) e (13), os verbos ocorrem com os adjuntos *very carefully* e *too much*. Entretanto, quando retiramos esses modificadores, as sentenças resultantes em (12a) e (13a) são agramaticais. O verbo *to word* não tem um correspondente em português brasileiro (PB), mas *to weight* (pesar) tem uma contraparte equivalente, ainda que não se comporte exatamente da mesma forma. A retirada do adjunto *muito*, em (14a) compromete nossa aceitabilidade:

(14) Maria pesa *muito*.

(14a) ?Maria pesa.

Outro exemplo, retirado de Grimshaw e Vikner (1993, p.146), ilustra a obrigatoriedade do adjunto em estruturas passivas com determinados tipos semânticos de verbo (veja que em (16a) a inserção do adjunto torna a sentença gramatical):

(15) Guess what? John was murdered.

(‘Adivinha só? João foi assassinado.’)

(16) Guess what? *Syntactic Structures was written.

(‘Adivinha só? *Estruturas Sintáticas foi escrito.’)

(16a) Adivinha só? Estruturas Sintáticas foi escrito *para alunos de engenharia*.

Esse primeiro teste, portanto, não é eficiente, pois não dá conta de explicar um grande número de casos em que a sentença continua gramatical, mesmo com um argumento elidido, além de pressupor a não-obrigatoriedade de qualquer modificador.

Subcategorização

Isso nos leva ao segundo teste, discutido por Dowty (1982), que envolve subcategorização. Segundo o autor, os modificadores podem ocorrer livremente na

sentença, unindo-se a um número indefinido de verbos, enquanto os argumentos se comportam de maneira bem mais restrita. Assim, benefactivos como [para Maria] poderiam ocorrer com verbos inergativos, como em (17), transitivos diretos, como em (18) ou transitivos indiretos, como em (19):

(17) João sorriu *para Maria*.

(18) João pescou o peixe *para Maria*.

(19) João compareceu à reunião *para Maria*.

Nas três sentenças acima, [para Maria] é um modificador. Entretanto, o mesmo sintagma pode figurar também como argumento:

(20) João deu o livro *para Maria*.

Nas sentenças (17), (18) e (19), o PP não integra a seleção verbal e recebe papel temático de benefactivo da preposição lexical que o seleciona. Já em (20), *para Maria* continua sendo benefactivo, mas em relação de argumento com o verbo. Isso se dá devido à subcategorização de três argumentos pelo núcleo verbal, sendo um deles o referido PP. Entretanto, se aplicarmos o teste, veremos que *para Maria* pode ocorrer com quase todos os tipos de verbo, o que seria comportamento de modificador.

A questão se mantém: como definir seguramente a relação que *para Maria* estabelece com o verbo em cada uma dessas sentenças? Certamente a resposta envolve a subcategorização feita pelo núcleo verbal; entretanto, o que precisamos é de uma regra ou um teste que seja capaz de identificar claramente a grade argumental do verbo.

Veja que a questão não é puramente descritiva. Não se trata de categorizarmos os verbos de acordo com o número de argumentos que cada um seleciona e, então, definirmos se o sintagma analisado é ou não subcategorizado pelo verbo. O problema é justamente definir a valência sem considerá-la conhecimento dado, por meio de uma regra que consiga capturar essa relação.

Ainda no âmbito descritivo, uma possibilidade de estudo envolve a análise exaustiva de dados e o levantamento da frequência de uso. Ou seja, poderíamos verificar, em um dado corpus, qual é a construção (quais são os argumentos ou adjuntos) em que determinado verbo aparece com maior frequência e definir, por meio de estatística, que os termos de maior ocorrência são argumentos e os de menor ocorrência são adjuntos. Entretanto, essa análise não é eficaz para os propósitos aqui almejados, pois efeitos de frequência não definem a estrutura da língua para o caso do objeto analisado. É muito provável, por exemplo, que encontremos um alto número de ocorrências de sentenças como *João comeu muito ontem* e um menor número de *João comeu bolo* – ainda que *muito* e *ontem* sejam adjuntos e *bolo*, complemento.

S-seleção

Outro teste, muito semelhante ao anterior, diz respeito à s-seleção. De acordo com Dowty (1982) e Miotto, Figueiredo Silva e Lopes (2013), os verbos não impõem restrição semântica aos adjuntos, somente aos argumentos. Assim, podemos ter:

(21) João correu.

(22) João correu ontem.

(23) João correu até as 18h.

(24) João correu ontem, até as 18h, no parque, usando roupas vermelhas.

Mas não:

(25) *A pedra correu.

Os sintagmas modificadores *ontem*, *até as 18h*, *no parque* e *usando roupas vermelhas* são semanticamente distintos entre si. Isso parece indicar que o verbo não s-seleciona o adjunto, que pode marcar tempo, local, modo etc. Contudo, o mesmo não acontece em (25), pois, sendo *a pedra* um argumento, ela deve ser selecionada semanticamente pelo verbo que, nesse caso, exige um agente [+animado].

Esse teste parece seguro, até que nos deparemos com os seguintes exemplos:

(26) João correu no parque.

(27) João colocou o livro na estante.

(28) *João correu na estante.

No exemplo (26), o verbo inergativo *correr* aparece com o adjunto *no parque* e em (27) o triargumental *colocar* seleciona *o livro* e *na estante* como argumentos internos. Entretanto, quando tentamos inserir *na estante* em (28) a sentença fica agramatical, embora esse sintagma seja claramente um adjunto locativo, da mesma forma que *no parque* em (26). Parece, pois, que o verbo seleciona semanticamente também seus adjuntos, o que torna o teste insuficiente para diferenciá-los.

Veja que, mesmo considerando que a s-seleção de *a estante* em (27) e em (28) é feita pela preposição *em*, a questão não é resolvida, pois *em* pode selecionar lugar como complemento. O problema não é, então, uma incompatibilidade temática entre a proposição e o NP que ela subcategoriza.

Outro ponto interessante que esses exemplos revelam é que sintagmas locativos podem funcionar tanto como adjuntos quanto como argumentos. Isso borra ainda mais as fronteiras entre essas duas categorias. Além disso, bem como os locativos, os benefactivos podem também exercer funções sintáticas diferentes a depender do núcleo selecionador da sentença.

(29) Maria tocou violão *pra Júlia*.

(30) Maria emprestou o violão *pra Júlia*.

Em (29) e (30) temos, novamente, um mesmo sintagma exercendo função de adjunto e argumento, respectivamente, em sentenças diferentes.

Torres Morais e Berlinck (2006) argumentam que critérios morfológicos podem ser relevantes na definição dos argumentos na língua portuguesa, em especial o chamado objeto indireto. Num sentido estrito, o objeto indireto, no português, é um argumento que é introduzido por uma preposição, que tem a função de marcador de caso dativo. Sendo assim o objeto indireto “refere-se ao conjunto dos argumentos plenos introduzidos exclusivamente pela preposição *a* e, neste caso, está em distribuição complementar com a forma cliticizada *lhe/lhes*”. (TORRES MORAIS; BERLINCK, 2006, p.100).

Este critério morfológico só se aplica plenamente no português europeu (PE), pois no PB duas mudanças levaram a uma reestruturação da marcação do caso dativo. Essas mudanças foram as seguintes: a substituição da preposição *a* pela preposição *para* e a “perda da estratégia de expressão morfológica dos complementos dativos, ou seja, do uso dos dativos anafóricos de 3ª pessoa, *lhe/lhes*” (TORRES MORAIS; BERLINCK, 2006, p.102).

A perda da expressão morfológica do caso dativo, realizado pela preposição *a*, leva, no PB, a uma competição entre muitas preposições com valor semântico de direção: as expressões *ir na floresta*, *ir no banco*, *ir na escola*, muito comuns no PB, concorrem não apenas com as formas mais cultas *ir à floresta*, *ir ao banco*, *ir ao cinema* (TORRES MORAIS; BERLINCK, 2006, p.99), mas também com as formas *ir para a floresta*, *ir para o banco* e *ir para o cinema*.

Parece, portanto, que o critério morfológico, no PB, não é mais determinante para a distinção entre argumentos plenos e adjuntos. De fato, os sintagmas preposicionais com valor locativo ou direcional podem ser analisados tanto como argumentos quanto como adjuntos, sendo comutáveis com advérbios (os exemplos são de Bechara (2009, p.347)):

(31) Seus parentes moram *no Rio*. / Seus parentes moram *aqui*.

(32) O artista já não vive *em São Paulo*. / O artista já não vive *lá*.

(33) Iremos *a Petrópolis*. / Iremos *ai (ali)*.

Note-se que, no PB, seria muito comum dizer *Iremos para Petrópolis*, que teria como equivalente *Iremos lá*. Portanto, os sintagmas preposicionados, que Bechara (2009) chama de complementos relativos, têm uma natureza sintática um tanto dúbia, entre argumentos e adjuntos.

Ou seja, ainda que o caso dativo tenha recebido expressão morfológica no português, nos usos atuais uma gama de preposições locativas e diretivas marca uma série ampla de funções semânticas, cuja função sintática não é bem definida.

Acarretamento

O quarto teste a ser discutido aqui, apresentado por Dowty (1982), é o do acarretamento. Os argumentos, por serem essenciais ao evento, seriam acarretados pelo verbo⁸.

(34) Ana comeu o bolo.

O verbo *comer*, em (34), acarreta que houve um agente, que executa a ação, e um objeto, que, nessa sentença, é afetado pelo verbo. Teríamos, portanto, dois argumentos. Entretanto, como observam Cappelen e Lepore (2005) e Moura (2017), *comer* acarreta também, por exemplo, que esse evento ocorreu em algum lugar no espaço e em algum momento no tempo:

(34a) Ana comeu o bolo *na confeitaria às 16h*.

⁸ Tecnicamente, o teste não deveria ser formulado dessa maneira, pois a relação de acarretamento é estabelecida entre proposições, mas não entre itens lexicais ou sintagmas.

A existência de um lugar e de um tempo para o evento, que, no caso, é expressa pelos sintagmas *na confeitaria* e *às 16h*, é também acarretada pelo verbo, embora esses sintagmas sejam adjuntos sentenciais. Até mesmo verbos de valência zero possuíam argumentos, caso utilizássemos esse teste como critério:

(35) Chove.

(35a) Chove *granizo hoje em Florianópolis*.

Segundo Dowty (1982), os argumentos são termos indispensáveis para a completude do sentido expresso pelo verbo, enquanto os modificadores expressam apenas informações acessórias. Mas a noção de “completude”, embora bastante intuitiva, é muito vaga. Como definir quando o sentido do verbo está completo? *Viajar*, por exemplo, é considerado um verbo inergativo, embora o local para onde se viaja seja fundamental para completar o evento.

Cappelen e Lepore (2005) argumentam que alegações de incompletude e testes como o do acarretamento, que as fundamentam, não dizem respeito à estrutura linguística. Do fato de que o evento de chuva, como em (35a), requer um objeto (*granizo*), um tempo (*hoje*) e um lugar (*Florianópolis*), nada podemos inferir sobre a estrutura argumental do verbo que expressa esse evento no PB.

Esses argumentos não são sobre linguagem; são sobre vários aspectos não-linguísticos do mundo. Ainda que eles fossem argumentos bons, nada decorreria das sentenças em questão, de modo mais geral, nenhuma conclusão semântica decorreria desses argumentos, ainda que eles fossem válidos. (CAPPELEN; LEPORE, 2005, p.11, tradução nossa)

Essa cisão radical entre a linguagem e o mundo talvez não seja desejável, mas o isomorfismo perfeito certamente não pode ser tomado como dado, como mostram as inconveniências na proliferação de argumentos para o exemplo (35a).

O teste do acarretamento, portanto, não é seguro, pois diagnostica modificadores como argumentos. A falha acontece porque tentamos capturar uma distinção *sintática* por meio de uma relação *semântica*, o acarretamento (e a própria noção de completude, ainda que vaga, certamente não é um conceito sintático), que pode apenas incidir sobre categorias semânticas. Ainda assim, esse teste é muito utilizado na literatura, devido à adoção, ainda que implícita, do que Culicover e Jackendoff (2005, p.6, tradução nossa) denominam Princípio da Uniformidade de Interface⁹:

Uniformidade de interface

A interface sintaxe-semântica é simples ao máximo, de modo que o significado é mapeado de modo transparente na estrutura sintática; e é uniforme ao máximo, de forma que o mesmo significado é sempre mapeado com a mesma estrutura sintática.

⁹ Cf. também Moura (2018) e Miliorini (2016).

O fato de considerar semântica e sintaxe como níveis uniformes pode acabar resultando em uma confusão acerca da natureza de cada fenômeno linguístico – como parece ser o caso do uso do teste do acarretamento para detectar relações sintáticas. A adoção desse princípio traz problemas, também, quando analisamos sentenças como (36), mencionada por Dalrymple (2001):

(36) Maria está procurando uma solução para o problema.

Embora o verbo *procurar* selecione um argumento interno, se Maria procura por uma solução, isso não significa que tal solução exista. Temos, pois, como lembra Moura (2017), uma não-equivalência entre sintaxe e semântica: em (36), ainda que *uma solução para o problema* seja um argumento, a sua existência certamente não é acarretada pelo verbo. O teste do acarretamento, portanto, falha também para exemplos como esse, pois há um argumento sintático que não é acarretado pelo verbo, ou seja, não pode ser definido através de um critério semântico.

Esse resultado, contudo, poderia indicar que os sintagmas acarretados pelo verbo são argumentos da *função semântica* (Cf. JACKENDOFF, 2007), independentemente da relação sintática que estabeleçam com o núcleo. Entretanto, como discutem Cappelen e Lepore (2005), a aceitação desse tratamento acabaria levando as análises a proliferarem quase que infinitamente a quantidade de argumentos semânticos, onerando também esse nível de análise da língua.¹⁰

Retomada anafórica

O quinto teste sugerido na literatura (JACKENDOFF, 1977; HAEGEMAN, 2006) é o da retomada anafórica através de *do so* – ou, adaptando para o português, *fez isso*. Considerando que o verbo e seu argumento interno formam um único constituinte e que o adjunto, embora contido em VP, não está incluído nele¹¹, podemos utilizar esse teste para verificar se o sintagma em questão está ou não incluído em VP. A expressão *fez isso*, como retoma VP, não pode ser seguida de argumento, apenas de adjunto. Para os propósitos desta discussão, caso o sintagma testado não possa seguir a expressão *fez isso*, significa que esse sintagma é um argumento – que está incluído em VP e foi “quebrado” na tentativa de retomada anafórica.

(37) Pedro leu o livro na internet e João *fez isso* na biblioteca.

(38) *Pedro colocou o livro na estante e João *fez isso* na mesa.

A sentença (37) é possível, evidenciando que *fez isso* está retomando todo o VP *leu o livro*, enquanto “na internet” e “na biblioteca” figuram como adjuntos. Já (38) é agramatical porque “na mesa” é um argumento, está incluído em VP e não pode ser extraído dele e posposto a *fez isso*.

¹⁰ Os autores reduzem ao máximo os componentes que integram o chamado *basic set* semântico, resolvendo a questão na pragmática: defendem o Minimalismo Semântico e o Pluralismo dos Atos de Fala. Essa discussão, entretanto, não faz parte do escopo deste artigo. Para a proposta, cf. Cappelen e Lepore (2005).

¹¹ Cf. Mioto, Figueiredo Silva e Lopes (2013, p.67-68) para a distinção entre *continência* e *inclusão*.

Outra possibilidade é a utilização de *e isso aconteceu* para retomar anaforicamente VP. Essa versão do teste é mais abrangente, por não impor restrições de agentividade; entretanto, como essa propriedade não é relevante para o que estamos analisando, o uso de uma ou outra expressão fornecerá o mesmo diagnóstico – desde que se adequa a expressão ao tipo semântico do verbo em teste.

(39) Ele dançou no quarto.

(40) Ele colocou o livro no quarto.

(39a) Ele dançou *e isso aconteceu* no quarto.

(39b) Ele dançou no quarto *e isso aconteceu* na quarta-feira.

(39c) Ele dançou no quarto, na quarta-feira *e isso aconteceu* às 15h.

(39d) Ele dançou no quarto, na quarta-feira, às 15h *e isso aconteceu* secretamente.

(40a) *Ele colocou o livro *e isso aconteceu* no quarto.

Em (39), o PP [no quarto] pode permanecer junto do VP e pode também ser deslocado para fora desse constituinte, como em (39a). As demais sentenças (39b, 39c, 39d) evidenciam uma outra característica bem comum aos adjuntos, a de poderem ocorrer livremente na sentença (Cf. DALRYMPLE, 2001). Ademais, os exemplos são todos possíveis porque o pronome *isso* é capaz de recuperar tanto um único sintagma como uma parte maior do discurso. Entretanto, quando tentamos mover [no quarto] em (40a), utilizando *isso* para retomar o constituinte anterior, a sentença fica agramatical, pois, nessa sentença, o PP está incluído em VP, ou seja, é um argumento. A agramaticalidade se dá, novamente, pelo fato de estarmos tentando mover parte de um VP e também por tentarmos substituir parte dele, através do pronome *isso*.

Esse teste funciona também com verbos biargumentais com complemento dativo:

(41) Ana resistiu à agressão ontem.

(41a) Ana resistiu à agressão *e isso aconteceu* ontem.

(41b) *Ana resistiu *e isso aconteceu* à agressão ontem.

(42) Ana confiou em João ontem.

(42a) Ana confiou em João *e isso aconteceu* ontem.

(42b) *Ana confiou *e isso aconteceu* em João ontem.

(43) Ana precisou de ajuda ontem.

(43a) Ana precisou de ajuda *e isso aconteceu* ontem.

(43b) *Ana precisou *e isso aconteceu* de ajuda ontem.

Os verbos *resistir*, *confiar* e *precisar* selecionam dois argumentos, sendo o interno um dativo. Conseguimos retomar anaforicamente o VP inteiro em (41a, 42a, 43a), deixando *ontem* no fim, prova de que esse advérbio é um adjunto – como esperado. Entretanto, quando tentamos, em (41b, 42b, 43b), deslocar para o final da sentença *à agressão*, *em João* e *de ajuda*, respectivamente, o resultado é a agramaticalidade da sentença, pois estamos rompendo a estrutura interna do VP, ao tentarmos retirar o complemento do verbo.

(44) Ana torceu pelo Neymar ontem.

(44a) Ana torceu pelo Neymar *e fez isso* ontem.

(44b) Ana torceu *e fez isso* pelo Neymar ontem.

Em (44b), parece que só conseguimos ter uma leitura gramatical da sentença quando consideramos *pelo Neymar* como benefactivo (Ana torceu e fez isso pelo Neymar). Nesse caso, o sintagma é adjunto e o verbo ocorre com elipse do complemento. Veja que podemos preencher esse espaço argumental:

(45) Ana torceu para o Barcelona pelo Neymar.

No exemplo acima, *pelo Neymar* é claramente um adjunto, o que fica evidenciado quando temos *para o Barcelona* ocupando a posição de complemento. O mesmo acontece com o verbo *telefonar*. Na sentença (44), é possível preencher o espaço argumental com *pro médico*, deixando *pra Maria* na posição de adjunto.

(46) Ana telefonou pra Maria.

(46a) Ana telefonou e fez isso pra Maria.

(47) Ana telefonou pro médico pra Maria.

Tanto o exemplo (44) quanto o (46) são ambíguos: a leitura mais saliente é aquela que toma *pelo Neymar* e *pra Maria* como complementos com papel temático de paciente (ou tema)¹²; entretanto, quando preenchemos o argumento interno com outro sintagma, a única interpretação possível para esses PPs é de benefactivo. Se tentarmos manter a leitura de paciente depois de mover o sintagma para o fim da sentença, como foi feito com os exemplos anteriores, a sentença resultante é agramatical. Ou seja, *Ana telefonou e fez isso pra Maria* e *Ana torceu e fez isso pelo Neymar* com leitura de paciente é agramatical, pois nesses casos o paciente precisaria ocupar a posição de argumento. Ambas as sentenças são possíveis apenas com leitura benefactiva.

O mesmo ocorre com o verbo *vender*:

(48) Ana vendeu o carro pra Maria.

(48a) Ana vendeu o carro e fez isso pra Maria.

(49) Ana vendeu o carro pro João pra Maria.

Novamente, aqui, (48a) só é possível com leitura benefactiva (ainda que essa interpretação seja pouco saliente), o que fica evidenciado quando preenchemos o espaço argumental com *pro João* em (49). Em consonância com a proposta de Raposo (1992), portanto, o verbo *vender* é atestado como triargumental, embora outros autores considerem *vender* como selecionador de apenas dois argumentos.

(50) Ana viajou pra Bahia ontem.

(50a) Ana viajou pra Bahia e fez isso ontem.

(50b) *Ana viajou e fez isso pra Bahia ontem.

O verbo *viajar*, diferentemente de *torcer*, *telefonar* e *vender*, não apresenta ambiguidade: a sentença (50b) não é possível, pois o sintagma *pra Bahia* não pode ter leitura benefactiva, apenas locativa. Esse resultado é interessante, pois serve também para reforçar a análise anterior: os verbos *torcer* e *telefonar*, assim como *viajar* aparecem como transitivos, selecionando dois argumentos. Isso fica evidente quando aplicamos

¹² O debate envolvendo a diferença entre os papéis temáticos de paciente e de tema não será considerado aqui. Utilizaremos “paciente” como um termo genérico, podendo indicar paciente ou tema.

o teste e tentamos deslocar o sintagma testado para o final, retomando anaforicamente o que deveria ser VP, e a sentença resulta agramatical.

Esse último teste, portanto, parece ser o único, dentre os discutidos aqui, capaz de diferenciar complementos de adjuntos verbais – para sintagmas preposicionais simples. Ele diagnostica, contudo, verbos como *viajar* e *telefonar* como selecionadores de complemento e, portanto, transitivos, enquanto grande parte da literatura (BURZIO, 1986; LEVIN; RAPPAPORT HOVAV, 1995) os considera inergativos – além de identificar *vender* como triargumental, ainda que não haja consenso na literatura a respeito da grade temática desse verbo. Para pesquisa futura, seria necessário verificar a discussão mais ampla em torno dos inergativos (inclusive as propostas que questionam sua existência, como a proposta de VP-shells em Larson (1988) e em Hale e Keyser (1993)¹³) e investigar os casos específicos dos verbos que tradicionalmente se inserem nessa categoria, contrapondo esses resultados aos obtidos por meio do teste da retomada anafórica.

Considerações finais

Foram discutidos cinco dos principais testes utilizados para diferenciar complementos de modificadores verbais. Todos eles apresentam problemas: o teste da opcionalidade não funciona porque, além de pressupor que modificadores são sempre opcionais, não captura os casos de elipse do complemento; o teste da subcategorização falha ao considerar que apenas os adjuntos podem ocorrer irrestritamente com qualquer classe verbal; o teste do acarretamento apresenta resultados falsos – diagnosticando, em muitos casos, adjuntos como argumentos e argumentos como adjuntos –, pois embaralha os níveis linguísticos na análise, ao assumir isomorfismo entre sintaxe e semântica; o teste da s-seleção não é seguro, uma vez que os adjuntos parecem também sofrer restrições semânticas impostas pelo núcleo verbal; por fim, o teste da retomada anafórica é o mais seguro deles e parece funcionar, embora diagnostique como transitivos alguns verbos classicamente considerados inergativos.

Os testes apresentados aqui servem apenas para detectar a diferença entre sintagmas preposicionais simples, que subcategorizam nomes. Para verificar o estatuto das *sentenças* que exercem função sintática de adjunto ou de complemento, existem outros testes mais apropriados, que envolvem extração de ilha e movimento A-barra. Outra questão deixada em aberto aqui seria uma possível unificação dos testes para verificar a natureza de argumento ou adjunto de qualquer sintagma (seja simples ou sentencial) irrestritamente.

¹³ Cf. também Roberge (2002). O autor propõe o Requisito de Transitividade (Transitivity Requirement – TR) que, analogamente ao Princípio da Projeção Estendido (Extended Projection Principle – EPP), postula a obrigatoriedade sintática de projeção de argumento interno a qualquer VP, independentemente do tipo semântico do verbo selecionador. Entretanto, enquanto EPP é requerido no nível funcional, TR é requerido no nível temático.

Uma alternativa possível seria considerar válidos todos os testes, assumindo seus resultados, e afirmar que não há, portanto, distinção entre argumentos e modificadores – ambos fariam parte da composição da cena verbal e seriam igualmente “essenciais” (como é o caso da teoria de Frames (FILLMORE, 1982)). Entretanto, além de caminharmos na direção oposta de uma dicotomia bastante intuitiva, estaríamos abandonarmos uma distinção sobre a qual se fundamentam muitos princípios da linguística e as análises construídas com base em tais princípios.

Caso consideremos os resultados de todos os testes válidos, acabaríamos, pouco a pouco, sendo compelidos a integrar alguns modificadores no rol de argumentos, até chegarmos ao ponto de assumir que cada verbo seleciona um número indefinido de argumentos. Seguindo os critérios dos testes discutidos, aumentaríamos exponencialmente a quantidade de argumentos que um verbo pode ter – ou *precisa ter* para que a sentença comunique uma proposição completa. Incorreríamos, então, em um problema semelhante ao discutido por Cappelen e Lepore (2005), citado anteriormente: a semântica (ou, mais gravemente, a sintaxe) ficaria sobrecarregada, pois precisaria comportar todas as informações necessárias para atingir um sentido completo. Todo verbo precisaria ocorrer com, além de agente e paciente, um sintagma locativo, um temporal, outro de modo etc.

Ademais, caso considerássemos que não há diferença entre argumentos e adjuntos – ou que não há como diferenciá-los com segurança –, não seríamos capazes de capturar a ambiguidade de casos como (44) e (46) acima (*Ana torceu pelo Neymar* e *Ana telefoou pra Maria*).

Acreditamos, pois, que a distinção entre argumentos e adjuntos verbais seja essencial para a compreensão do funcionamento das estruturas da língua como um todo. Ainda que, aparentemente, não tenhamos, ainda, testes extremamente confiáveis, a busca por diagnósticos cada vez mais sólidos é fundamental e deve ser uma das prioridades para a teoria linguística.

MOURA, H.; MILIORINI, R. Towards a comprehension of an intuition: criteria to distinguish verbal complementation from adjunction. *Alfa*, São Paulo, v.62, n.3, p.573-589, 2018.

- *ABSTRACT: The distinction between verbal arguments and adjuncts is essential to ground various linguistic theories. However, although we may have reliable intuitions regarding prototypical cases, such intuitions fail us in the judgment of certain verbal relations. We are, thus, in need of a reliable criterion (beyond mere intuition) that is capable of differentiating verb complementation from adjunction. Therefore, our goal here is to present and to discuss some of the main tests that purport to distinguish verb arguments from adjuncts (JACKENDOFF, 1977; DOWTY, 1982; CAPPELEN; LEPORE, 2005; HAEGEMAN, 2006; KENEDY, 2013; MIOTO; FIGUEIREDO SILVA; LOPES, 2013), especially concerning the thematic roles of beneficiary and locative – because they occur both in internal argument and in adjunct positions. We are going to present the following tests: (i) term optionality, (ii) subcategorization,*

(iii) *s-selection*, (iv) *entailment* and (v) *anaphora*, and try to indicate what problems each one of them faces. Surprisingly, the argument–adjunct distinction does not seem to find any consistent and definitive support in any of the tests found in the literature. The last one, however, anaphora, is the only one that seems capable of capturing this distinction, although it diagnoses as transitives some verbs usually considered to be unergative (like “to travel” (*viajar*) and “to phone” (*telefonar*)).

- **KEY-WORDS:** *Verbs. Argument Structure. Adjunction. Syntactic Tests. Locative. Beneficiary.*

REFERÊNCIAS

BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BURZIO, L. **Italian Syntax: a government-binding approach**. Dordrecht: D. Reidel Publishing Company, 1986.

CAPPELEN, H.; LEPORÉ, E. **Insensitive Semantics: A Defense of Semantic Minimalism and Speech Act Pluralism**. Oxford: Blackwell Publishing, 2005.

CARNIE, A. **Syntax: A Generative Introduction**. 2. ed. Oxford: Blackwell Publishing, 2006.

CHOMSKY, N. **Reflections on language**. New York: Pantheon, 1975.

CHOMSKY, N. **Lectures on Government and Binding**. Dordrecht: Foris, 1981.

CULICOVER, P. W. **Principles and Parameters Theory: An introduction to syntactic theory**. New York: Oxford University Press, 1997.

CULICOVER, P. W.; JACKENDOFF, R. **Simpler Syntax**. New York: Oxford University Press, 2005.

DALRYMPLE, M. **Syntax and Semantics: Lexical Functional Grammar**. v.34. New York: Academic Press, 2001.

DOWTY, D. Grammatical Relations and Montague Grammar. In: JACOBSON, P.; PULLUM, G. K. (Eds.). **The nature of syntactic representation**. v.15. Dordrecht: D Reidel Publishing Company, 1982. p.79-130.

FILLMORE, C. J. Frame Semantics. In: THE LINGUISTICS SOCIETY OF KOREA, Linguistics in the morning calm. Seoul, Hashin, 1982. p.111-137.

GRIMSHAW, J. **Argument Structure**. Cambridge: MIT Press, 1994.

GRIMSHAW, J.; VIKNER, S. Obligatory adjuncts and the structure of events. In: REULAND, E.; ABRAHAM, W. (Eds.). **Knowledge and language**. v.2. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1993. p.143-155.

HAEGEMAN, L. **Thinking syntactically: a guide to argumentation and analysis.** Cornwell: Blackwell Publishing, 2006.

HALE, K.; KEYSER, S. J. On argument structure and the lexical expression of syntactic relations. In: HALE, K.; KEYSER, S. J. **The view from Building 20: Essays in linguistics in honor of Sylvain Bromberger.** Cambridge: MIT Press, 1993. p.53-110.

JACKENDOFF, R. **X Syntax: A Study of Phrase Structure.** Cambridge: MIT Press, 1977.

JACKENDOFF, R. **Semantic Structures.** Cambridge: MIT Press, 1990.

JACKENDOFF, R. **Foundations of Language: Brain, Meaning, Grammar, Evolution.** New York: Oxford University Press, 2002.

JACKENDOFF, R. **Language, Consciousness, Culture: Essays on mental structure.** Cambridge: MIT Press, 2007.

KENEDY, E. **Curso básico de linguística gerativa.** São Paulo: Editora Contexto, 2013.

LARSON, R. K. On the Double Object Construction. **Linguistic Inquiry**, v.19, n.3, p.335-391, 1988.

LEVIN, B.; RAPPAPORT HOVAV, M. **Unaccusativity: At the syntax-lexical semantics interface.** Cambridge: MIT Press, 1995.

MILIORINI, R. **As representações sintáticas da subpredicação em PB: a não-uniformidade entre forma e sentido.** 2016. 111 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

MIOTO, C.; FIGUEIREDO SILVA, M. C.; LOPES, R. E. **Novo Manual de Sintaxe.** São Paulo: Contexto, 2013.

MOURA, H. **A linguagem não é transparente: um estudo sobre a relação entre forma e sentido.** Florianópolis: Editora da UFSC, 2018.

MOURA, H. O papel da pragmática na interpretação do sentido das formas gramaticais. In: PEREIRA, V. W. et alii. (Orgs.). **Gate to pragmatics: uma introdução a abordagens, conceitos e teorias da pragmática.** v.1. Porto Alegre: EDIPUC, 2017. p.99-115. Disponível em: <<http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/projetos/251115-001/app/#!/capitulos/8>>. Acesso em: 21 maio 2018.

PERINI, M. A. **Estudos de Gramática Descritiva: as valências verbais.** São Paulo: Parábola, 2008.

RAPOSO, E. P. **Teoria da gramática: a faculdade da linguagem.** 2. ed. Lisboa: Caminho, 1992.

ROBERGE, Y. Transitivity requirement effects and the EPP. In: **Western Conference on Linguistics**. 2002. Disponível em: <https://www.researchgate.net/profile/Yves_Roberge/publication/228777346_Transitivity_requirement_effects_and_the_EPP/links/0a85e537cbd42057b4000000.pdf>. Acesso em: 20 maio 2018.

TORRES MORAIS, M. A.; BERLINCK, R. A caracterização do objeto indireto no português: aspectos sincrônicos e diacrônicos. In: LOBO, T. et alii. (Orgs.). **Para a História do Português Brasileiro**. v.6, Tomo 1. Salvador: EDUFBA, 2006. p.73-106.

Recebido em 14 de agosto de 2017

Aprovado em 12 de maio de 2018

AQUISIÇÃO FONOLÓGICA TÍPICA E ATÍPICA DO PADRÃO SILÁBICO CCV: DADOS ACÚSTICOS E ARTICULATÓRIOS

Aline Mara de OLIVEIRA *
Larissa Cristina BERTI**

- **RESUMO:** O objetivo principal deste estudo é caracterizar a produção de palavras com as sílabas-alvo do tipo CCV e CV em crianças com desenvolvimento fonológico típico e atípico. As hipóteses foram: H1 - a produção de palavras-alvo com sílaba CV e CCV das crianças típicas apresentariam diferentes medidas ultrassonográficas e acústica; H2 - as medidas ultrassonográficas e acústica poderiam diferenciar a condição clínica das crianças; H3 - as crianças com produção atípica poderiam apresentar diferenças nas medidas ultrassonográficas e acústica entre os alvos CCV (sendo o tepe na posição de C2) e CV (CCV julgadas auditivamente como CV). Dez crianças gravaram palavras com as sílabas-alvo CCV e CV. Em seguida, foram feitas análise de oitiva, análise acústica e ultrassonográficas (razões entre ponta e lâmina da língua (PL/LL), ponta e dorso da língua (PL/DL), e a lâmina e dorso da língua (LL/DL)), sendo analisadas pela ANOVA de medidas repetidas. A H1 foi corroborada pelas razões entre PL/LL, PL/DL e LL/DL, indicando que as crianças típicas produzem maior elevação de ponta e lâmina de língua na sílaba-alvo CCV se comparado à sílaba-alvo CV. As H2 e H3 foram parcialmente confirmadas pelas razões entre PL/DL e LL/DL e entre PL/DL e LL/DL, respectivamente. Os resultados sugerem que as crianças com desenvolvimento típico parecem estar em direção da produção-alvo, já que, em CCV, ocorre maior elevação da PL e de duração se comparado à sílaba CV. Para as crianças atípicas, as razões entre a PL/DL mostram que têm elevação de ponta de língua em 18,23% nas sílabas-alvo CCV, enquanto na sílaba-alvo CV é de 13,58%, sugerindo a presença de elevação da PL para produzir o tepe com magnitude reduzida e a não sobreposição dos gestos do alvo CCV, bem como gestos indiferenciados.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Análise Articulatória. Aquisição da linguagem. Fonética acústica. Português brasileiro.

* Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Centro de Ciências da Saúde, Florianópolis – Santa Catarina – Brasil. Departamento de Fonoaudiologia. alineoliveiravassoler@gmail.com. ORCID: 0000-0002-4002-6382

** Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília – São Paulo – Brasil. Departamento de Fonoaudiologia. berti.larissa@gmail.com. ORCID: 0000-0002-4144-2804

Introdução

A versão atual da Fonologia Gestual¹ propõe um padrão de coordenação intergestual específico para cada tipo de padrão silábico, modelado a partir de osciladores acoplados (NAM; GOLDSTEIN; SALTZMAN, 2003; GOLDSTEIN *et al.*, 2007a). Nesse modelo, cada gesto estaria associado ao planejamento de um oscilador não linear². Utilizando metaforicamente o exemplo dos pêndulos de um relógio para explicar esse efeito, observa-se que um pêndulo não trabalha sozinho, ao contrário, está sempre ligado a outro pêndulo. Isto significa dizer, em termos gestuais, que um gesto sempre está “unido” a outro gesto. Quando os pêndulos se movimentam simultaneamente na mesma direção, diz-se que eles se coordenam em fase ou em sincronia; já quando eles se movimentam em direções opostas, diz-se que eles se coordenam em antifase (ALBANO, 2012).

Assim, a Fonologia Gestual estabelece um modo de organização entre os gestos, a depender do tipo de padrão silábico (consoante vogal – CV; vogal consoante – VC; e consoante, consoante e vogal - CCV), preconizando relações de faseamento entre os gestos envolvidos e um modo de organização específico para cada tipo de sílaba. Há três padrões de coordenação intergestual envolvendo a estrutura silábica, a saber: a coordenação da sílaba-alvo CV, a coordenação da sílaba-alvo VC e a coordenação envolvendo a sílaba-alvo CCV (NAM; GOLDSTEIN; SALTZMAN, 2003).

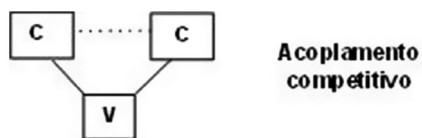
Na sílaba-alvo CV, as constrictões que configuram o trato vocal na produção da consoante e da vogal se iniciam de modo sincrônico ou em fase. Por exemplo: ao produzir a sílaba /ba/, os gestos envolvidos na produção da consoante e da vogal iniciam-se concomitantemente, ou seja, o fechamento labial para o /b/ e o estreitamento faríngeo para a produção de /a/ iniciam-se ao mesmo tempo, estabelecendo uma relação de fase entre esses dois gestos envolvidos. Já na sílaba-alvo VC, os gestos envolvidos na produção de V e de C apresentam uma relação de faseamento em antifase. Isso ocorre porque a ativação do gesto de C é acionada depois da ativação do gesto de V (NAM; GOLDSTEIN; SALTZMAN, 2003; GOLDSTEIN *et al.*, 2007a).

Nas produções das sílabas-alvo com ataques complexos do tipo CCV, prevê-se que ambos os tipos de coordenação estejam presentes: tanto a coordenação em fase quanto a coordenação em antifase (NAM; SALTZMAN, 2003; GOLDSTEIN *et al.*, 2007a). O modo como os gestos se coordenam nas sílabas-alvo do tipo CCV pode ser ilustrado na Figura 1, a seguir.

¹ A Fonologia Gestual, proposta inicialmente por Browman e Goldstein (1986, 1989, 1990, 1992, 2000), elenca como unidade primitiva da produção de fala o chamado gesto articulatório, que é dotado simultaneamente por natureza física e simbólica.

² O exemplo clássico é o movimento pendular dos relógios.

Figura 1 – Organização gestual para ataques complexos. As linhas contínuas representam em fase, enquanto as linhas pontilhadas se referem à antifase.



Fonte: Adaptado de Marin e Pouplier (2010).

A Figura 1 ilustra como se dá a coordenação intergestual na produção da sílaba-alvo CCV: enquanto as consoantes estabelecem uma relação de antifase entre si (linhas pontilhadas), ambas as consoantes (C1 e C2) têm uma relação de fase com relação à vogal (linha contínua) (MARIN; POUPLIER, 2010). A relação antifase é decorrente do acoplamento competitivo dos gestos consonantais, os quais não podem acontecer de forma simultânea, a fim de resgatar a distintividade entre os gestos (BROWMAN; GOLDSTEIN, 2000).

A partir do exposto, pode-se inferir que a produção de sílabas consoante vogal (CV) envolve um padrão de coordenação mais estável entre os gestos articulatórios da C e da V, enquanto a produção de sílabas consoante, consoante e vogal (CCV) envolve um padrão de coordenação gestual mais complexo e menos estável.

Do ponto de vista da aquisição silábica, o acoplamento entre os gestos articulatórios que envolvem a produção de sílaba-alvo CV resulta em um padrão de coordenação mais estável na medida em que os gestos de C e de V são produzidos em fase ou sincronicamente. Isso significa que o gesto consonantal inicia a trajetória ao mesmo tempo em que o gesto vocálico, o que torna uma coordenação mais estável e mais fácil de adquiri-lo, se comparado aos padrões silábicos mais complexos (coda (VC) e aos ataques complexos (CCV)) (GOLDSTEIN et al., 2007a). Já nas sílabas-alvo (CCV) complexas, como visto, há concorrência entre as consoantes C1 e C2, acarretada pelo forte acoplamento entre a CV, dificultando a aprendizagem dessa coordenação entre as CCs (NAM et al., 2009).

Esses pressupostos universais sobre a coordenação intergestual no interior da sílaba corroboram a premissa de que exista uma preferência para o padrão silábico CV na maioria das línguas, somada às evidências de que, durante a aquisição fonológica, a estrutura CV é tipicamente adquirida anteriormente às estruturas do tipo VC (NAM et al., 2009, p.3) e CCV (LAMPRECHT et al., 2004), o que pode ser também justificado pela estabilidade entre os gestos envolvidos na produção da sílaba CV. De acordo com a Fonologia Gestual, as simplificações da sílaba-alvo CCV para CV poderiam estar associadas à sobreposição dos gestos adjacentes e/ou à redução da magnitude dos gestos relativos à produção de C2 (BROWMAN e GOLDSTEIN, 1992, 2001).

Para estudar esse fenômeno de simplificação de encontros consonantais, Ardestani (2013) analisou palavras na posição de rima da língua persa, por meio de dados acústicos

e de dados ultrassonográficos provenientes da fala de dez adultos. O pesquisador investigou a produção da fala habitual que ocorre nos encontros consonantais envolvendo a coronal [t] precedida de obstruintes ou nasais (CC) /ræbt/ → [ræb], /zæbt/ → [zæb], /væqt/ → [væχ]. Para tanto, a medida articulatória utilizada (a distância entre a trajetória da língua e palato) permitiu mensurar a magnitude do gesto de /t/, que auditivamente parecia excluído, porém ainda estava presente, ora com a magnitude do gesto articulatório reduzida, corroborando a previsão da Fonologia Gestual (BROWMAN e GOLDSTEIN, 1992, 2001) acerca da simplificação de sílabas cujo alvo é CCV para CV (descritas acima). O autor encontrou, ainda, diferentes graus de redução do gesto /t/: completo, parcial e zero. O estudo mostrou que, nesse fenômeno fonológico da língua persa, aparece tanto a sobreposição gestual como gesto de [t] com magnitude reduzida. O estudo de Ardestani (2013) corrobora dois princípios da Fonologia Gestual: o uso de unidades gestuais como primitivo de um modelo fonológico, com a incorporação das propriedades dinâmicas dessas unidades; e seu processo de coordenação.

Analogamente, os processos de simplificação de encontro consonantal ocorrem na aquisição fonológica típica e atípica. Dessa forma, como o padrão-alvo CCV exige maior grau de complexidade articulatória e fonológica - se comparado a outros tipos silábicos, seja CV ou VC - algumas crianças não conseguem adquirir o padrão CCV na idade esperada (entre 5³ a 7⁴ anos de idade), reduzindo o alvo CCV para a sílaba-alvo CV, ocorrendo a chamada “simplificação de encontro consonantal”.

O uso de instrumentos para análise articulatória possibilita uma análise mais minuciosa da produção de fala, permitindo a incorporação do detalhe fonético na análise da fala (ALBANO, 2001), como no estudo citado anteriormente (ARDESTANI, 2013). Dentre as análises articulatórias existentes para análise da produção da fala (Imagem de Ressonância Magnética (MRI), os Raios-X, o Micro raio-X e a Ressonância Magnética) (STONE, 2005; RIDOUANE, 2006), as análises ultrassonográficas do movimento da língua são altamente recomendadas para investigar os “erros” de fala, uma vez que a imagem do contorno da língua propicia informações para a visualização direta dos articuladores, especificamente da língua, envolvidos durante as produções fônicas. Adicionalmente, trata-se de uma técnica não invasiva, segura, rápida e de baixo custo.

Em virtude da escassez de estudos articulatórios envolvendo a simplificação do alvo CCV para CV durante o processo de aquisição fonológica, o objetivo do presente estudo é o de caracterizar a produção de palavras-alvo com os padrões silábicos CCV *versus* CV em crianças com desenvolvimento fonológico típico e atípico. Para tanto, procurar-se-á confirmar as seguintes hipóteses:

H1: A produção de palavras-alvo com os padrões silábicos CV e CCV em crianças típicas apresentaria diferentes medidas ultrassonográficas e acústica (duração). Uma vez que essas crianças produzem efetivamente o contraste entre CV e CCV, espera-se que as medidas articulatórias e acústicas diferenciem a produção das palavras-alvo

³ Lamprecht et al. (2004).

⁴ Wertzner (2000).

que contêm essas estruturas silábicas. H2: As medidas ultrassonográficas (razão entre ponta e lâmina da língua, entre a ponta e o dorso da língua e entre a lâmina e o dorso da língua) e acústicas (duração) das palavras-alvo com as estruturas silábicas CV e CCV poderiam diferenciar a condição clínica das crianças, demonstrando ou revelando as diferenças nas coordenadas gestuais.

H3: Crianças com produção atípica poderiam apresentar diferenças nas medidas ultrassonográficas e acústica (duração) na comparação da produção das palavras-alvo com as sílabas CCV e CV, ainda que CCV tenha sido julgada auditivamente como CV. De acordo com a Fonologia Gestual, é possível registrar a presença de gestos articulatorios de magnitude reduzida mesmo em produções julgadas auditivamente como simplificadas. Então, espera-se encontrar alguma diferença nas medidas articulatórias e/ou acústica entre os alvos CCV e CV na produção das crianças com desenvolvimento fonológico atípico.

Método

Participantes

Participaram do estudo dez crianças falantes do português brasileiro (PB), residentes na cidade de Marília (São Paulo), sendo cinco crianças com desenvolvimento fonológico típico (CT) e cinco com desenvolvimento fonológico atípico (CA) (apresentando redução dos encontros consonantais, conforme julgamento perceptivo-auditivo). Para ambos os grupos de crianças, os critérios de exclusão foram: ausência de alterações intelectuais e neurológicas; ausência de alterações anatomomorfológicas que comprometam o processo de produção de fala (como, por exemplo, fissura lábio-palatina); ausência de alterações otológico/auditivas. O Quadro 1 apresenta a caracterização das dez crianças participantes desta pesquisa.

Quadro 1 – Caracterização das crianças que participaram da pesquisa.

Condição Clínica das Crianças	Sujeitos	Gênero	Faixa Etária
Típica	E.C.F.S.	Feminino	5 anos 4 meses
Típica	K.C.F.S.	Feminino	6 anos 8 meses
Típica	L.	Feminino	5 anos 6 meses
Típica	L.F.O.V.	Masculino	6 anos 3 meses
Típica	M.O.C.	Feminino	6 anos 2 meses
Atípica	B.F.	Feminino	6 anos 0 meses
Atípica	E.M.P.D.	Masculino	6 anos e 9 meses
Atípica	G.D.O.	Masculino	6 anos e 7 meses
Atípica	N.G.F.S.	Masculino	5 anos 5 meses
Atípica	M.F.	Feminino	5 anos 0 meses

Fonte: Elaboração própria.

O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Filosofia e Ciências – UNESP/Marília, sob o protocolo de nº 0974/2014.

Material e corpus

Os sujeitos foram gravados individualmente em uma única sessão de, aproximadamente, 30 minutos, no Laboratório de Análise Acústica – LAAC da UNESP no *campus* de Marília (São Paulo, Brasil).

As gravações foram realizadas utilizando um aparelho de ultrassom portátil (modelo DP 6600), localizado numa cabine tratada acusticamente com os seguintes equipamentos: microfone unidirecional, transdutor micro-convexo acoplado a um computador e um estabilizador de cabeça (SCOBIE *et al.*, 2008). A captação dos dados foi feita pelo *software AAA (Articulate Assistant Advanced)* (ARTICULATE INSTRUMENTS, 2014), que hospeda o aparelho de ultrassom e permite analisar os sinais ultrassonográficos e acústicos obtidos da gravação de fala, em tempo real (RIDOUANE, 2006).

As crianças gravaram um *corpus* com nove pares de palavras contendo as sílabas-alvo CCV e CV: broa/boa, prato/pato, prego/pego, pressa/peça, bruxa/bucha, frita/fita, grato/gato, troca/toca, troco/toco (MIRANDA; SILVA, 2011). Optou-se por elencar o *corpus* proposto por Miranda e Silva (2011), uma vez que o par de palavras elencado obedeceu à alta frequência lexical na língua.

Ressalta-se que, no Português Brasileiro, a segunda consoante dos grupos consonantais pode ser preenchida pela líquida lateral (/l/) ou pela líquida não lateral (/r/). Há um consenso na literatura (RIBAS, 2004; MEZZOMO *et al.*, 2013) que as líquidas laterais são adquiridas antes das líquidas não laterais, sendo estas estabilizadas no sistema fonológico da criança por volta dos cinco anos de idade. Por essas razões, neste estudo, optou-se por realizar um recorte metodológico e aprofundar-se na aquisição do encontro consonantal composto pelo rótico denominado tepe.

As palavras-alvo foram representadas por meio de figuras e apresentadas no *software AAA*. Inicialmente, todas as figuras foram apresentadas com o objetivo de certificar a compreensão da palavra-alvo. Para cada palavra, solicitou-se que os sujeitos realizassem três repetições, totalizando-se 540 estímulos (3 repetições x 5 CTs x 5 CAs x 9 palavras com CCV + 9 palavras com CV). Os estímulos foram organizados aleatoriamente, na tentativa de se evitar padrões de respostas no julgamento.

Análise dos dados

Análise de oitiva

As produções de fala gravadas pelo *software AAA* foram submetidas ao julgamento de oitiva realizado por juízes especialistas residentes na mesma região dialetal dos

participantes. Três fonoaudiólogos(as) com experiência em transcrição fonética realizaram o julgamento de oitiva dos dados. A amostra de fala disponibilizada para os juízes foram as palavras gravadas contendo os pares mínimos (CV x CCV) produzidos pelas crianças com desenvolvimento fonológico atípico.

Cada juiz recebeu um total de 540 palavras (18 palavras – CV e CCV x 3 repetições x 10 sujeitos) organizadas em uma planilha de Excel com os arquivos de sons anexados na própria planilha. Ao ouvir o estímulo sonoro, o juiz foi orientado a responder entre CCV, CV ou a opção outro (nesse caso, seria necessário transcrever o som percebido pelo juiz). Foi considerada a concordância de pelo menos 2 (66%) juízes para cada estímulo avaliado.

Análise da duração

Os arquivos sonoros foram editados e fichados no *software AAA* e, em seguida, exportados e analisados pelo *software PRAAT* (BOERSMA; WEENINK, 2014). Os parâmetros acústicos adotados na análise foram a duração absoluta das sílabas CCV e CV e a duração relativa dos pares silábicos analisados.

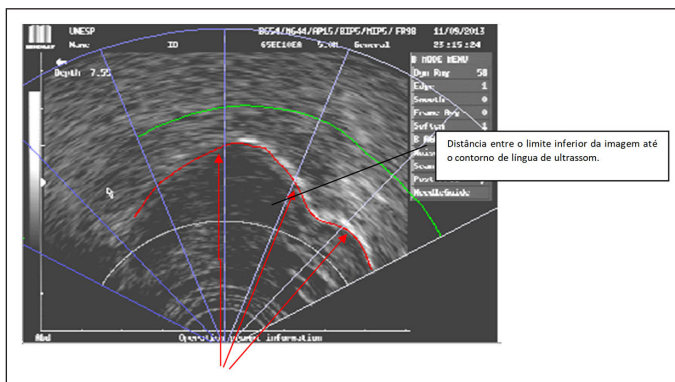
No *software PRAAT*, foi realizada a inspeção, a etiquetagem e a segmentação dos arquivos de áudio. A segmentação foi realizada a partir dos seguintes critérios: /p/, /t/, /g/: foi extraída a medida de duração do trecho compreendido entre o registro acústico do *burst* da consoante plosiva até o fim da vogal subsequente, que corresponde ao final dos formantes; /b/: o início da segmentação para esse som também iniciou no *burst* e o final foi delimitado pelos formantes das vogais; e /f/: o início da segmentação para esse som também iniciou no ruído fricativo e o final foi delimitado pelos formantes das vogais.

Análise articulatória

Para a análise ultrassonográfica, inicialmente, realizou-se uma inspeção visual das gravações a fim de descartar os arquivos de ultrassonografia com problemas na qualidade da imagem. Em seguida, o contorno da língua foi desenhado de forma semiautomática por meio de recursos proporcionados pelo *AAA*.

As medidas articulatórias extraídas foram: distâncias da língua até o limite da imagem do ultrassom e área entre a ponta e o dorso de língua. As medidas de distância da língua até o limite da imagem do ultrassom foram: (i) entre a ponta da língua até o limite inferior da imagem de ultrassom; (ii) entre a lâmina da língua até o limite inferior da imagem de ultrassom; (iii) entre o dorso da língua até o limite inferior da imagem de ultrassom, sendo que o ponto de referência fixo adotado para as medidas foi o limite inferior da imagem do ultrassom, uma vez que esse ponto é sempre o mesmo em todos os sujeitos, independente do tamanho do trato vocal, como pode ser visto na Figura 2:

Figura 2 – As setas indicam a distância mensurada pelo AAA, sendo da direita para a esquerda; as *fans* correspondem à ponta de língua, lâmina da língua e dorso da língua.



Fonte: Elaboração própria.

Para cada medida de distância, desenvolveu-se uma medida relativa, que visa normalizar os diferentes tamanhos dos tratos vocais das crianças. Para tanto, foram calculadas três razões considerando a relação entre a ponta da língua e a lâmina da língua; entre a ponta da língua e o dorso da língua; e a lâmina e o dorso da língua. Assim, para obter a medida da razão, dividiu-se a medida de distância da ponta da língua pela medida de distância da lâmina da língua, sendo que esse resultado da razão (R_r) é multiplicado por 100 e, em seguida, subtraído de 100 ($Razão = R_r * 100 - 100$). As demais medidas (ponta da língua/dorso da língua; e lâmina da língua/dorso da língua) também foram submetidas a esse cálculo matemático. A equação descrita anteriormente vislumbra transformar o valor bruto (em distância) para um valor normalizado (uma relação entre duas distâncias). Assim, a razão consiste em dividir uma medida de distância pela outra (ponta da língua e dorso da língua, por exemplo), indicando a relação entre a primeira e a segunda medida; em seguida, ao multiplicar o resultado da razão por 100, modifica-se o número decimal em porcentagem. Finalmente, ao subtrair o valor de 100, ajusta-se o valor em positivo ou negativo dependendo do denominador, se for maior ou menor⁵ que o numerador. Por exemplo, o valor positivo da razão entre a ponta e a língua da lâmina significa que a ponta da língua está em uma posição mais alta se comparada à lâmina da língua, enquanto o valor negativo da relação significa que a ponta da língua está menos elevada que a lâmina da língua.

⁵ Caso a medida da distância da ponta da língua até o limite inferior do ultrassom seja 40,70 mm e o dorso da língua seja mensurado por 41,84 mm, a razão dos dois valores mencionados é 0,97. Em seguida, ao multiplicar por 100, transforma-se o valor em porcentagem, porém não significa que a relação seja de 97%. Por isso faz-se necessário subtrair de 100 para se obter o valor referente à relação entre as duas medidas, resultando -2,71. Neste caso, o dorso da língua encontra-se mais elevado que a ponta da língua.

O parâmetro temporal selecionado para a extração das medidas de distância corresponde a sete *frames*⁶ antes do *burst* e três depois *burst*. Selecionado este período, as medidas articulatórias foram extraídas do ponto máximo de constrição da língua.

Análise estatística

O *software* utilizado na análise estatística foi o SPSS (versão 22.0). Para a estatística descritiva, extraíram-se os valores de média, desvio padrão e coeficiente de variação das medidas de duração e das medidas articulatórias.

No tocante às análises quantitativas dos dados acústicos e articulatórios, realizou-se a análise de Variância de dois fatores (ANOVA) para medidas repetidas. Para as medidas acústicas e articulatórias, utilizaram-se os padrões silábicos (CCV e CV) como variável inter-sujeito; e como variável intra-sujeito, a condição clínica (típico e atípico) das crianças.

Resultados

Análise de oitiva

As crianças com desenvolvimento fonológico típico produziram 135 palavras-alvo cujo início é formado por CCV e 135 palavras-alvo cujo início é formado por CV. Os julgamentos feitos pelos juízes confirmaram a produção típica deste grupo, uma vez que 135 (100%) das produções da estrutura-alvo CCV foram avaliadas como CCV, ao passo que 135 (100%) das produções do alvo CV foram avaliadas como CV.

Analogamente, as crianças com desenvolvimento fonológico atípico produziram 270 palavras-alvo. Todavia, das 135 (100%) produções cuja estrutura-alvo é composta por CCV, 135 (100%) foram julgadas como CV; e 135 (100%) das produções da estrutura-alvo compostas por CV também foram avaliadas como CV.

Análise duração

Foi realizada a medida da duração absoluta (em milissegundos) e da duração relativa da produção fônica das sílabas-alvo CCV e CV das três repetições selecionadas de cada sujeito. As medidas foram submetidas à estatística descritiva (média, desvio padrão e coeficiente de variação) e ao teste estatístico Anova para Medidas Repetidas. Na Tabela 1, estão dispostos os valores das médias e desvio padrão de ambos os grupos.

⁶ Refere-se a cada uma das imagens que compõe o vídeo de ultrassom.

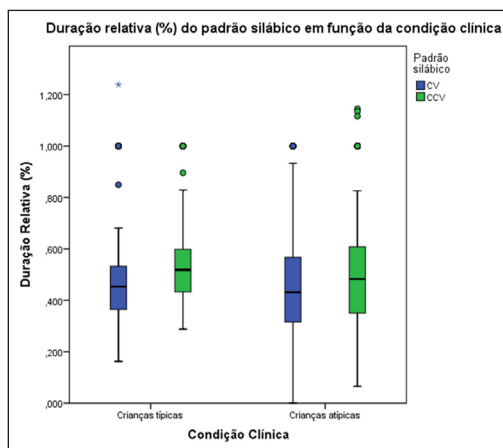
Tabela 1 – Estatística descritiva (média e desvio padrão) da duração absoluta e relativa dos padrões silábicos de cada grupo de crianças.

	Crianças Típicas			Crianças Atípicas		
	Duração absoluta (ms)	Duração relativa (%)	Desvio Padrão	Duração absoluta (ms)	Duração relativa (%)	Desvio Padrão
CCV	317	0,54	95	249	0,49	82
CV	265	0,50	95	227	0,46	62

Fonte: Elaboração própria.

Para a duração relativa, a ANOVA de medidas repetidas demonstrou diferença significativa no efeito principal do padrão silábico ($F=8,85$, $df=1,6$, $p<0,00$) e na condição clínica ($F=6,61$, $df=1,6$, $p<0,01$). A interação entre o padrão silábico e a condição clínica não mostrou diferença significativa ($F=0,15$, $df=1,6$, $p=0,7$). O teste post hoc demonstrou que as sílabas-alvo CCV são maiores que CV em ambas as condições clínicas, o que pode ser evidenciado na Figura 3:

Figura 3 – Box plot da duração relativa dos padrões silábicos (CV em azul e CCV em verde) produzidos pelas crianças típicas e atípicas. O eixo x representa a condição clínica dos sujeitos e no eixo y encontram-se os valores da duração relativa (%).



Fonte: Elaboração própria.

Análise articulatória

Os resultados referentes à análise ultrassonográfica das medidas que envolvem a razão entre a ponta e a lâmina da língua, a ponta e o dorso da língua, bem como a lâmina e o dorso de língua estão dispostos na Tabela 2.

Tabela 2 – Estatística descritiva (média e desvio padrão) das medidas ultrassonográficas dos padrões silábicos de cada grupo de crianças.

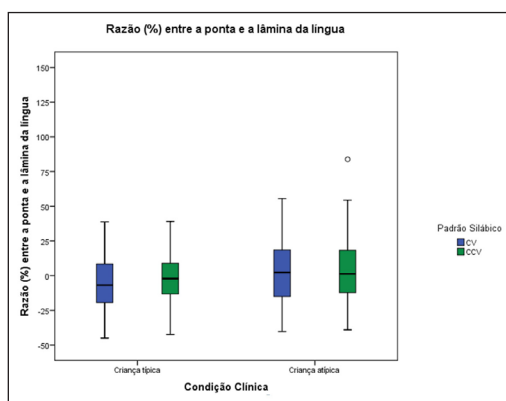
Corpus	Crianças Típicas						Crianças Atípicas					
	Ponta/Lâmina da língua		Ponta/Dorso da língua		Lâmina/Dorso da língua		Ponta/Lâmina da língua		Ponta/Dorso da língua		Lâmina/Dorso da língua	
	Média	Desvio padrão	Média	Desvio padrão	Média	Desvio padrão	Média	Desvio padrão	Média	Desvio padrão	Média	Desvio padrão
CCV	-2	16,86	18,23	21,16	20,94	9,38	4,38	20,97	35,02	26,91	30,07	12,46
CV	-5,56	19,27	13,58	24,89	19,9	11,03	3,17	20,07	33,4	25,89	29,97	12,35

Fonte: Elaboração própria.

O valor positivo da razão entre a ponta e a lâmina da língua significa que a ponta da língua está em uma posição mais elevada se comparada à lâmina (como é o caso da produção do tepe em alvos CCV e CV na criança atípica), enquanto o valor negativo da razão significa que a ponta da língua se encontra em uma posição inferior à lâmina da língua (como é o caso da criança típica).

Para a razão entre a ponta e a lâmina da língua, a ANOVA de medidas repetidas demonstrou diferença significativa no efeito principal do padrão silábico ($F=4,75$, $df=1,7$, $p<0,03$), porém não houve diferença para o efeito da condição clínica ($F=3,63$, $df=1,7$, $p<0,06$). A interação entre o padrão silábico e a condição clínica não mostrou diferença significativa ($F=0,61$, $df=1,7$, $p=0,43$). Os valores descritivos (Tabela 2) e do boxplot (Figura 4) demonstram que a razão entre a ponta e a lâmina da língua é maior na sílaba cujo alvo é a estrutura CCV se for comparada ao que ocorre na sílaba-alvo com estrutura CV ($p < 0,05$).

Figura 4 – Box plot da razão entre a ponta e a lâmina da língua das crianças típicas e atípica nos dois padrões silábicos (CV em azul e CCV em verde). O eixo x representa a condição clínica dos sujeitos e no eixo y encontram-se os valores (em porcentagem) da razão entre a ponta e a lâmina da língua.

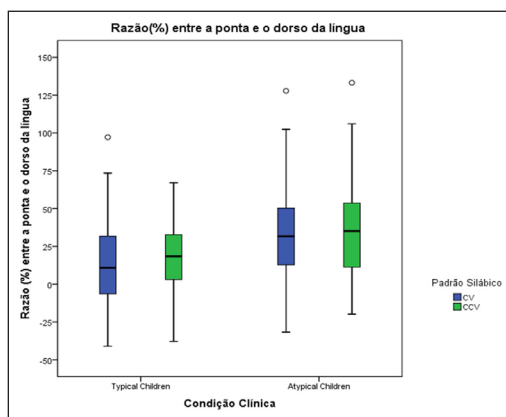


Fonte: Elaboração própria.

Para a razão entre a ponta e o dorso da língua, a ANOVA de medidas repetidas mostrou efeito o padrão de sílaba ($F=9,81$, $df=1,7$, $p = 0,00$) e para a condição clínica ($F=13,99$, $df=1,7$, $p=0,00$). A interação entre o padrão silábico e a condição clínica não mostrou diferença significativa ($F=1,07$, $df=1,7$, $p=0,30$). Por meio de uma inspeção dos valores descritivos (Tabela 2) e do boxplot (Figura 5), é possível verificar que a estrutura-alvo CCV apresenta maior razão entre a ponta e o dorso da língua se comparado à CV, ou seja, as crianças, independentemente da condição clínica, apresentam maior elevação do dorso durante a produção de alvo CCV.

Além disso, ao comparar a condição clínica das crianças, foi possível identificar que a razão PL/DL é menor nas crianças típicas se comparada aos valores obtidos para as crianças atípicas, ou seja, as crianças atípicas apresentam maior elevação do dorso se comparadas às crianças com desenvolvimento fonológico esperado, como pode ser evidenciado na Figura 5.

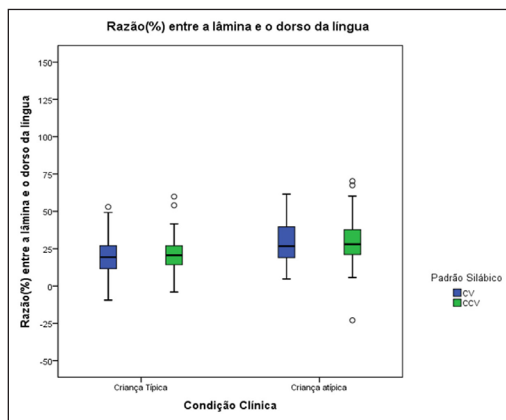
Figura 5 – Box plot da razão entre a ponta e o dorso da língua das crianças típicas e atípica nos dois padrões silábicos (CV em azul e CCV em verde). O eixo x representa a condição clínica dos sujeitos e no eixo y encontram-se os valores (em porcentagem) da razão entre a ponta e o dorso da língua.



Fonte: Elaboração própria.

A ANOVA de medidas repetidas mostrou um efeito significativo para o padrão de sílaba ($F=4,54$, $df=1,7$, $p = 0,03$), para a condição clínica ($F=35,6$, $df=1,7$, $p=0,00$) e para a medida da razão entre a lâmina e o dorso da língua; já a interação entre o padrão silábico e a condição clínica não mostrou diferença significativa ($F=0,61$, $df=1,7$, $p=0,43$). Ao analisar os valores descritivos e o boxplot (Figura 6) comparando-se a condição clínica das crianças, foi possível identificar que a razão LL/DL é menor nas crianças típicas se comparada aos valores obtidos para as crianças atípicas, ou seja, as crianças atípicas apresentam maior elevação do dorso com relação à lâmina da língua se comparadas às crianças com desenvolvimento fonológico típico.

Figura 6 – Box plot da razão entre a lâmina e o dorso da língua das crianças típicas e atípica nos dois padrões silábicos (CV em azul e CCV em verde). O eixo x representa a condição clínica dos sujeitos e no eixo y encontram-se os valores (em porcentagem) da razão entre a lâmina e o dorso da língua.



Fonte: Elaboração própria.

Discussão

Como já explicitado na introdução do presente artigo, o objetivo deste estudo foi caracterizar a produção de palavras-alvo com os padrões silábicos CCV versus CV em crianças com desenvolvimento fonológico típico e atípico. A primeira hipótese (H1) – que as crianças com produção típica apresentariam diferentes medidas ultrassonográficas e acústica na comparação da produção de alvos com as sílabas CCV e CV – foi confirmada integralmente por todas as medidas: razões entre a PL/LL, PL/DL e LL/DL, além da medida de duração relativa.

O fato de o valor médio da razão entre PL/LL relativo ao alvo CCV (-2,00%) ter sido maior do que o valor médio para o alvo CV (-5,56%) significa que houve maior elevação da lâmina da língua durante a produção do encontro consonantal como alvo. Da mesma forma, para PL/DL, os valores médios das razões na sílaba CCV foram de 18,23% e de 13,58% para CV. Por fim, para a razão LL/DL, os valores médios das razões na sílaba-alvo CCV foram de 20,94% e para a sílaba-alvo CV foram de 19,9%.

Dessa forma, a análise conjunta das razões entre PL/LL, PL/DL e LL/DL durante a produção de alvos CCV em crianças típicas permite afirmar que existe elevação da lâmina e da ponta da língua simultaneamente durante a produção de CCV.

Com relação à medida de duração, as sílabas-alvo CCV também apresentaram medidas superiores (54%) aos valores médios das razões para CV (50%) para o grupo de crianças típicas e para o grupo de crianças atípicas (49% e 46%), sugerindo diferenciação quanto ao padrão silábico para ambos os grupos de crianças.

O objeto do estudo aqui relatado está relacionado com a estrutura-alvo CCV, sendo que o tepe encontra-se na posição de C2. Dessa maneira, recorre-se às caracterizações acústico-articulatórias já descritas na literatura, ainda que as mesmas descrevam o tepe na estrutura-alvo CV. Albano (2001), Silva (2003) e Silva, Clemente e Nishida (2006) descrevem que, no Português Brasileiro (PB), os róticos, como no caso do tepe, apresentam uma dupla especificação gestual em diferentes regiões acústico-articulatórias. Estudos envolvendo a produção fônica de adultos apontam a presença da bigestualidade composta por dois gestos orais simultâneos: um relativo à região coronal e o outro relativo à região dorso-faríngeo.

Um estudo envolvendo uma análise ultrassonográfica e dinâmica da produção das líquidas na língua malaiala (língua falada no estado de Kerala, no sul da Índia), também identificou, especificamente para o tepe, um avanço da raiz da língua juntamente a uma independente elevação da língua em direção ao palato, resultando em dois gestos simultâneos durante a produção do /r/ (SCOBIE; PUNNOOSE; KHATTAB, , 2013).

Berti (2010) analisou, por meio de imagens de ultrassom da língua, a produção das líquidas /r/ e /l/ inseridas na sílaba-alvo CV do PB produzidos por um adulto e identificou a presença de dois gestos articulatórios simultâneos: um gesto de ponta de língua e um gesto de corpo de língua. A presença de dois gestos pode, assim, causar maior dificuldade de coordenação dos movimentos da língua. Outro estudo brasileiro (BARBERENA; KESKE-SOARES; BERTI, 2014) também utilizou dados ultrassonográficos para investigar os segmentos /r/ e /l/ na fala de adultos falantes do PB e constatou que tanto o /r/ quanto e /l/ apresentam dois gestos simultâneos: ponta e corpo da língua, confirmando as descrições acústicas de Silva (2003) e os achados ultrassonográficos de Berti (2010). Além disso, as autoras mostraram que o contexto vocálico de /i/ favorece maior grau de constrição à ponta da língua se comparado aos demais contextos vocálicos.

As crianças com desenvolvimento típico parecem estar em direção da produção-alvo, ou seja, buscando a produção fônica semelhante à do adulto, já que durante a produção de alvos com CCV ocorre maior elevação da ponta da língua se comparado à sílaba CV. As razões entre a ponta e o dorso da língua mostram que têm elevação de ponta de língua em 18,23% nas sílabas-alvo CCV, enquanto na sílaba CV é de 13,58%.

A hipótese (H2) postula que as medidas ultrassonográficas poderiam diferenciar a condição clínica das crianças. Das quatro medidas articulatórias analisadas, duas foram capazes de diferenciar a condição clínica das crianças: as medidas da razão entre PL/DL e LL/DL. Para todas as medidas, as produções das crianças atípicas apresentaram valores maiores comparativamente às produções das crianças típicas (ver na Tabela 1), indicando maior uso da língua na produção das sílabas analisadas para as crianças atípicas.

O estudo de Gick et al. (2007), que analisou processos fonológicos de substituição que envolvem as líquidas no inglês em padrões silábicos com alvo CV, concluiu que, para adquirir o /r/ ou /l/, se faz necessário coordenar refinados movimentos dissociados da língua (ponta e corpo da língua), além de simultâneos. Em decorrência das múltiplas

constrições da língua, associadas às limitações anatômicas nas crianças (língua volumosa e uma pequena cavidade faríngea), as líquidas tendem a ser adquiridas mais tardiamente.

Apesar de as crianças possuírem estruturas anatômicas semelhantes em termos de tamanho do trato, independente da condição clínica, foi possível verificar diferenças na coordenação dos gestos de /r/ entre os grupos de crianças. A hipótese explicativa para a diferença na produção de crianças típicas e atípicas pode estar associada à presença de gestos indiferenciados (GI) (GIBBON, 1999a, 1999b) na produção da fala das crianças atípicas. Os GIs se manifestam quando a língua entra em contato simultaneamente com a região anterior e posterior do palato ou quando toda a superfície da língua entra em contato com o palato, ocorrendo uma falta de distinção entre os gestos da ponta da língua, do corpo da língua e das margens laterais da língua contra o palato (GIBBON, 1999a).

Na produção da fala de crianças com desenvolvimento esperado, a ponta da língua e o corpo da língua são articuladores quase independentes, sendo capazes de produzir padrões bem definidos contra o palato. Entretanto, quando apresentam os GIs, as crianças são incapazes de diferenciar gestos de ponta e o corpo anterior da língua. Os GIs podem ser interpretados como indícios de restrições motoras na fala presentes em decorrência de atrasos ou desvios no controle dessas regiões da língua (GIBBON, 1999b).

Possivelmente, as crianças com produções atípicas para as sílabas CCVs apresentam GIs, mantendo a língua mais próxima do palato, o que explica a maior razão entre PL/DL e LL/DL comparativamente aos valores apresentados pelas crianças típicas, como apontaram os resultados deste estudo.

Em um estudo envolvendo a eletropalatografia, Goozée et al. (2007) identificaram com gestos indiferenciados um movimento excessivo do corpo da língua durante a produção da consoante /t/. Neste estudo, as crianças atípicas parecem não coordenar o gesto de ponta e do corpo de língua durante a produção de CCV, o que pode ser interpretado como um uso maior da língua em decorrência dos GIs. Os autores acreditam que esse excesso de movimento do corpo da língua pode decorrer de um controle motor pobre, imaturo ou desviante ao sistema de alavanca e/ou do mecanismo de compensação para neutralizar os distúrbios do controle motor fino da ponta da língua. Os resultados desta pesquisa, especialmente a medida da razão entre PL/DL, corroboram o achado de Goozée et al. (2007).

A hipótese (H3) sustenta que crianças com produção atípica poderiam apresentar diferenças nas medidas ultrassonográficas na comparação da produção das sílabas-alvo CCV e CV, ainda que CCV tenha sido julgada auditivamente como CV. De acordo com a Fonologia Gestual, é possível registrar a presença de gestos articulatórios de magnitude reduzida ou sobrepostos, mesmo em produções julgadas auditivamente como simplificadas. Então, esperava-se encontrar alguma diferença nas medidas articulatória e acústica entre os alvos CCV e CV na produção das crianças com desenvolvimento fonológico atípico.

Como a medida de duração relativa diferenciou o padrão silábico (alvo CCV *versus* CV), independentemente da condição clínica dos sujeitos, verifica-se que, no grupo de

crianças estudadas, tanto típica quanto atípica, não há sobreposição gestual, uma vez que é mantida a duração maior para o alvo CCV.

Dentre as três medidas ultrassonográficas utilizadas, duas foram capazes de diferenciar o padrão silábico e a condição clínica das crianças. As medidas de razões entre PL/DL e a LL/DL diferenciaram as sílabas-alvo CCV e CV realizadas pelos dois grupos de crianças. Especificamente no grupo de crianças com desenvolvimento fonológico atípico, o valor médio da razão entre PL/DL para o alvo CCV foi superior ao valor médio obtido para o alvo CV, sugerindo que as crianças atípicas elevam a ponta de língua; porém, em decorrência da reduzida magnitude do gesto, o ouvido não detecta o tepe, o que, conseqüentemente, confirma a presença de contrastes encobertos na fala das crianças atípicas.

Embora a literatura não tenha reportado estudos ultrassonográficos brasileiros que comparem os alvos CCV com os alvos CV em crianças com desenvolvimento fonológico típico e atípico, é possível recorrer às pesquisas anteriores (MIRANDA; SILVA, 2011; MEZZOMO; MOTA; GIACCHINI, 2008), que analisaram a produção de CCV e CV por meio de dados acústicos e identificaram a presença das estratégias de alongamento compensatório da vogal (EAC) para diferenciar CCV de CV. Na tentativa de estabelecer contrastes fonológicos na língua, as crianças com desenvolvimento fonológico atípico fazem uso de estratégias de reparo a fim de adequar a produção ao sistema-alvo. Neste caso, o uso do alongamento da vogal nas sílabas CCV indica a categorização dos padrões silábicos CCV e CV de maneira diferente daquele esperado pela comunidade de fala.

A presença do EAC é interpretada pelos autores como uma estratégia reparadora para aquelas crianças que ainda não produzem o ataque complexo de forma adequada, porém já possuem um conhecimento fonológico a respeito da estrutura silábica (MEZZOMO; MOTA; GIACCHINI, 2008, MIRANDA; SILVA, 2011; GIACCHINI et al., 2011). Isso significa dizer que essas crianças possuem conhecimento fonológico da estrutura CCV, porém não conseguem produzi-la apenas por razões motoras (MEZZOMO; MOTA; GIACCHINI, 2008).

Acredita-se que as dificuldades motoras descritas por Mezzomo, Mota e Giacchini (2008) e corroboradas nesta pesquisa podem ser decorrentes dos gestos indiferenciados presentes na língua das crianças desviantes, como explicitado anteriormente.

Os dados acústicos deste estudo corroboram os estudos citados anteriormente, uma vez que a duração relativa foi capaz de diferenciar as sílabas-alvo CCV das sílabas-alvo CV, embora não tenha sido capaz de segregar a condição clínica das crianças estudadas. A explicação da Fonologia Gestual para a diferenciação dos padrões silábicos, do ponto de vista temporal, se dá na coordenação dos gestos presentes nessas sílabas.

Como já mencionado anteriormente, a coordenação dos gestos se dá pela relação de faseamento entre os gestos presentes no interior da sílaba, no caso, em CV e em CCV. Para a sílaba CV, os gestos consonantais e vocálicos são coordenados em fase, ou seja, os gestos de C e V são ativados simultaneamente. Já no caso das sílabas do tipo CCV, estão presentes dois tipos de coordenações gestuais: em fase e em antifase. Os gestos relativos às consoantes estabelecem uma relação de antifase entre si, ao

passo que ambas as consoantes estão em fase com a vogal. A relação antifase entre as consoantes de CCV faz-se necessária a fim de atingir a distintividade entre os gestos consonantais (BROWMAN; GOLDSTEIN, 2000; MARIN; POUPLIER, 2010). Em termos temporais, a sílaba-alvo CCV apresentou maior duração do que CV, uma vez que, no primeiro caso, são necessárias a ativação e a coordenação de três/quatro gestos simultâneos (a depender da C1)⁷, o que despenderia mais tempo, ou seja, independentemente da condição clínica, as crianças buscam atingir o contraste entre CCV e CV.

Assim, os resultados, tomados juntos, confirmam parcialmente as hipóteses assumidas, uma vez que as medidas ultrassonográficas analisadas diferenciaram a produção silábica CV e CCV em crianças típicas e atípicas (PL/LL, PL/DL e LL/DL). Além disso, algumas das medidas ultrassonográficas (razões entre PL/DL e LL/DL) diferenciaram a condição clínica dos sujeitos (as crianças típicas das atípicas). A medida acústica (duração relativa) foi capaz de diferenciar o padrão silábico (CCV de CV), independentemente da condição clínica das crianças.

As crianças atípicas parecem estar ainda “no meio do caminho” para atingir a produção-alvo; aparentemente, estão em uma fase ainda mais imatura em termos de maturação motora se comparadas às crianças típicas. Em relação à estrutura do aparato vocal, as crianças possuem língua volumosa e uma pequena cavidade faríngea, o que dificultaria as múltiplas constrições simultâneas da língua, necessárias para a produção do /r/, que pode manifestar-se como a segunda consoante da sequência CCV. Entretanto, as crianças classificadas como atípicas teriam restrições motoras que impedem que os gestos de ponta e de corpo de língua se dissociem e ocorram simultaneamente.

Conclusões

Este trabalho caracterizou a produção de palavras-alvo com padrões silábicos do tipo CCV *versus* CV em crianças com desenvolvimento fonológico típico e atípico. Para tanto, o instrumento para aferir os gestos envolvidos nos padrões silábicos foi a ultrassonografia, que é capaz de captar simultaneamente e sincronicamente o som da fala e as imagens do contorno da língua.

Das medidas ultrassonográficas utilizadas, as medidas de distância que envolvem as razões entre PL/LL, PL/DL e LL/DL foram sensíveis para diferenciar a produção de CCV e CV nas produções de crianças típicas e atípicas. A condição clínica das crianças foi diferenciada pelas medidas das razões (PL/DL e LL/DL), e as sílabas CCV e CV produzidas pelas crianças atípicas, ainda que CCV tenha sido julgada como CV, em análise de oitava, foram diferenciadas pelas razões entre PL/DL e LL/DL.

Os resultados articulatórios sugerem a presença de elevação da ponta da língua para produzir a tepe (o qual está posicionado na C2 da estrutura-alvo CCV) com magnitude

⁷ No caso do fonema /b/, por exemplo, são acionados três gestos: labial, vélico para o fechamento da cavidade oro-nasal e laríngeo para realizar a vibração das pregas vocais.

reduzida, e os achados acústicos sugerem a não sobreposição dos gestos na produção de CCV. Adicionalmente, no grupo de crianças atípicas, os resultados revelam a presença de gestos indissociados na produção de palavras-alvo com estrutura silábica CCV.

Os resultados mostram que as crianças atípicas produzem as sílabas-alvo CCV e CV de maneira diferente das produções do grupo de crianças típicas, o que pode ser elucidado pela presença de gestos indissociados na produção do alvo CCV. As crianças atípicas parecem apresentar GIs, pois as medidas ultrassonográficas indicaram que esse grupo apresenta restrições em diferenciar os gestos de ponta e do corpo anterior da língua. Os GIs podem estar associados às restrições motoras na fala, presentes em decorrência de atrasos ou desvios no controle dessas regiões da língua no grupo de crianças com dificuldades na produção de palavras-alvo com a estrutura CCV.

Pretende-se, no futuro, investigar a presença de gestos indissociados em outros segmentos do PB, como já identificados em outras línguas. Se presentes, buscar-se-á em que medida o aspecto motor e/ou simbólico está influenciando nos padrões incoordenados da língua. Para tanto, o uso da ultrassonografia se tornará indispensável para o estudo da produção da fala infantil. Isto auxiliará na compreensão de como as crianças atípicas apreendem os contrastes fonológicos, especialmente no que se refere aos padrões silábicos.

Agradecimentos

Expressamos o agradecimento pelo apoio financeiro à Fundação de Amparo à Pesquisa (FAPESP 2013/00513-8 e 2014/09605-5). Agradecemos a importante contribuição do Prof. Dr. Tim Bressmann no processo de normatização dos valores oriundos das medidas ultrassonográficas absolutas (descritas na metodologia deste trabalho), que ocorreu durante sua visita técnica na Universidade Estadual Paulista (Campus Marília) (processo FAPESP 2016/01583-8).

OLIVEIRA, A.; BERTI, L. Typical and atypical phonological acquisition of the CCV syllabic pattern: acoustic and articulatory data. *Alfa*, São Paulo, v.62, n.3, p.591-612.

- *ABSTRACT: To characterize the production of syllabic patterns of the CCV and CV type in children with typical and atypical phonological development. The hypotheses were: H1 - the CV and CCV production of the typical children would present different ultrasonographic and acoustic measurements; H2 - the ultrasonographic and acoustic measurements could differentiate the clinical condition of the children; H3 – the children with atypical production could present differences in the ultrasonographic and acoustic measurements between CCV and CV (CCV judged aurally as CV). Ten children recorded words with CCV and CV syllables, and then, it was made octave analysis, acoustic and ultrasonographic analysis (ratios between tip and lamina of the tongue (TT/LT), tip and dorsum of the tongue (TT/DT) and the lamina*

and dorsum of the tongue (LT/DT)), being analyzed by ANOVA of repeated measures. The H1 was corroborated by the ratios among TT/LT, TT/DT and LT/DT, indicating that typical children produce the CCV syllable different than CV. H2 and H3 were partially confirmed by the ratio between TT/DT and LT/DT and between TT/DT and LT/DT, respectively. The results suggest that the children with typical development seem to be in the direction of the target production, since in CCV, there is a higher TT elevation and duration when compared to the CV syllable. For atypical children, the ratios between TT/DT show that there is a tip of the tongue elevation of 18.23% in the CCV syllables, while in the CV syllable it was 13.58%, suggesting the presence of TT elevation to produce the tap with reduced magnitude and non-overlapping of CCV gestures, as well as undifferentiated gestures.

- **KEYWORDS:** *Articulatory Analysis. Language Acquisition. Acoustic phonetics. Brazilian Portuguese.*

REFERÊNCIAS

ALBANO, E. C. **O Gesto e suas Bordas. Esboço de Fonologia Acústico-Articulatória do Português Brasileiro.** Campinas: Mercado de Letras, 2001.

ALBANO, E. C. Uma introdução à dinâmica em fonologia, com foco nos trabalhos desta coletânea. **Revista da Abralín**, v.11, n.2. p.1-30, ago. 2012.

ARDESTANI, R. F. **Gradient and Categorical Consonant Cluster Simplification in Persian: An Ultrasound and Acoustic Study.** 2013. 183 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Artes, Universidade de Ottawa, Canadá, 2013.

BARBERENA, L. S.; KESKE-SOARES, M.; BERTI, L.C. Descrição dos gestos articulatorios envolvidos na produção dos sons /r/ e /l/. **Audiology – Communication Research**, v.19, n.4, p.338-344, 2014.

BERTI, L. C. Investigação da produção de fala a partir da ultrassonografia do movimento de língua. In: 8º Congresso Brasileiro de Fonoaudiologia. **Anais 8º Congresso Brasileiro de Fonoaudiologia**, Curitiba, Brasil, 2010. p.22-25.

BOERSMA, P.; WEENINK, D. **Praat: Doing Phonetics by Computer.** Versão 5.3.01, 2014.

BROWMAN, C.; GOLDSTEIN, L. Articulatory Phonology: an overview. **Phonetica**, 49, p.155-180, 1992.

BROWMAN, C.; GOLDSTEIN, L. Towards an articulatory phonology. **Phonology Yearbook**, v 3, p.219-252, 1986.

BROWMAN, C.; GOLDSTEIN, L. Articulatory gestures as phonological units. **Phonology**, v.6, p.201-251, 1989.

BROWMAN, C.; GOLDSTEIN, L. Tiers in articulatory phonology, with some implications for casual speech. In: KINGSTON, T.; BECKMAN, M. E. (Ed.). **Papers in Laboratory Phonology I: Between the Grammar and Physics of Speech**. Cambridge University Press, 1990. p.341-376.

BROWMAN, C.; GOLDSTEIN, L. Competing constraints on intergestural coordination and self-organization of phonological structures. **Les Cahiers de l'ICP, Bulletin de la Communication Parlée**, n.5, p.25-34, 2000.

GIACCHINI, V.; MOTA, H. B.; MEZZOMO, C. L. Diferentes modelos de terapia fonoaudiológica: os casos de simplificação do onset complexo com alongamento compensatório. **Revista CEFAC**, v.13, n.1, p.57-64, 2011.

GIBBON, F. E. Undifferentiated gestures and their implications for speech disorders in children. **Paper presented at the Proceedings of the ICPHS**, San Francisco, CA, USA, p.1913-1916, 1999a.

GIBBON, F. E. Undifferentiated lingual gestures in children with articulation/phonological disorders. **Journal of Speech, Language, and Hearing Research**, v.42, p.382-397, 1999b.

GICK, B.; BACSFALVI, P.; BERNHARDT, B. M.; OH, S.; STOLAR, S.; WILSON, I. A motor differentiation model for liquid substitutions in children's speech. **Proceedings of Meetings on Acoustics**, v.1, p.1-7, 2007.

GOLDSTEIN, L.; CHITORAN, I.; SELKIRK, E. Syllable structure as coupled oscillator modes: Evidence from Georgian vs. Tashlhiyt Berber. In: XVIth The International Congress of Phonetic Sciences. **Proceedings of the XVIth International Congress of Phonetic Sciences**, p.2153-2156, 2007a.

GOLDSTEIN, L.; POUPLIER, M.; CHEN, L.; SALTZMAN, E.; BYRD, D. Dynamic action units slip in speech production "errors". **Cognition**, v.103, p.386-412, 2007b.

GOOZÉE, J.; MURDOCH, B.; OZANNE, A.; CHENG, Y.; HILL, A.; GIBBON, F. Lingual kinematics and coordination in speech-disordered children exhibiting differentiated versus undifferentiated lingual gestures. **International Journal of Language & Communication Disorders**, v.42, p.703-724, 2007.

LAMPRECHT, R.; BONILHA, G.; FREITAS, G.; MATZENAUER, C. M.; MEZZOMO, C.; RIBAS, L. **Aquisição Fonológica do Português: perfil de desenvolvimento e subsídios para terapia**. Porto Alegre: ARTMED, 2004.

MARIN, S.; POUPLIER, M. Temporal organization of complex onsets and codas in American English: Testing the predictions of a gestural coupling model. **Motor Control**, v.14, n.3, p.380-407, 2010.

MEZZOMO, C.; MOTA, R. D.; GIACCHINI, V. O uso da estratégia de alongamento compensatório em crianças com desenvolvimento fonológico normal e desviante. **Letras de Hoje**, v.43, p.35-41, 2008.

MIRANDA, A. R. M. Aquisição das líquidas não laterais no português do Brasil. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v.33, n.2, p.123-131, 1998.

MIRANDA, I. C. C.; SILVA, T. C. Aquisição de encontros consonantais tautossilábicos: uma abordagem multirrepresentacional. **Revista Lingüística** / Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro, v.7, n.1, p.1-17, 2011.

MEZZOMO, C. L.; VARGAS, D. Z.; CUTI, L. K.; LOPES, S. G. As variáveis intervenientes na produção do onset complexo mediante uma análise silábica. **Revista CEFAC**, v.15, n.5, p.1247-1258, 2013.

NAM, H.; GOLDSTEIN, L.; SALTZMANN, E. Self-organization of syllable structure: A coupled oscillator model. In: PELLEGRINO, F.; MARISCO, E.; CHITORAN, I. (Ed.). **Approaches to Phonological Complexity**, Mouton de Gruyter, p.1-28, 2009.

RIBAS, L. P. Sobre a aquisição do Onset complexo. In: LAMPRECHT, R. R. **Aquisição fonológica do Português: perfil de desenvolvimento e subsídios para terapia**. Porto Alegre: Artmed, 2004. p.151-64.

RIDOUANE, R. **Investigating speech production: A review of some techniques**. 2006. Disponível em: <http://lpp.univ-paris3.fr/equipe/rachid_ridouane/Ridouane_Investigating.pdf>. Acesso em: 25 out. 2018.

SCOBIE, J. M.; WRENCH, A. A.; VAN DER LINDEN, M. Headprobestabilisation in ultrasound tongue imaging using a headset to permit natural head movement. **Proceedings of the 8th International Seminar on Speech Production**, p.373-376, 2008.

SCOBIE, J. M.; PUNNOOSE, R.; KHATTAB, G. Articulating five liquids: a single speaker ultrasound study of Malayalam. In: SPREAFICO, L.; VIETTI, A. **Rhotics: New Data and Perspectives**. Bozen-Bolzano: BU Press, 2013. p.99-124.

SILVA, A. H. P. Pela incorporação de informação fonética aos modelos fonológicos. **Revista Letras**, v.60, p.319-333, 2003.

SILVA, A. H. P.; CLEMENTE, F. C.; NISHIDA, G. Para a representação dinâmica do *tap* em grupos e codas: evidências acústicas. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL**, v.4, n.7, p.1-26, 2006.

STONE, M. A guide to analysing tongue motion from ultrasound images. **Clinical Linguistics and Phonetics**, v.19, p.455-501, 2005.

WERTZNER, H. F. Fonologia. In: ANDRADE, C. R. F.; BEFI-LOPES, D. M.; FERNANDES, F. D. M.; WERTZNER, H. F. **ABFW**: Teste de linguagem infantil nas áreas de fonologia, vocabulário, fluência e pragmática. Carapicuíba: Pró-Fono, 2000. p.5-40.

Recebido em 27 de novembro de 2017

Aprovado em 09 de março de 2018

SOBRE A ICONICIDADE DA FORMA DE MÃO Y

Maria MERTZANI*

- RESUMO: Como parte de um projeto de pesquisa de dois anos, o estudo examina a iconicidade diagramática da forma de mão Y de duas línguas de sinais não-cognatas; a língua de sinais americana e a língua de sinais grega. Em uma amostra de sessenta e quatro sinais, e através de uma metodologia de leitura próxima, o estudo demonstra a associação da forma de mão específica com referentes do mundo real que têm simultaneamente forma redonda e angular (por exemplo, cilíndrica, cônica), ou apenas forma angular/linear. Também apoia a sua associação histórica com o antigo signo *mano cornuta*, abordando sua metonímia em significados relativos à quantidade, terra, vida, perda, luz e cavidade.
- PALAVRAS-CHAVE: forma de mão Y. *mano cornuta*. iconicidade. língua de sinais americana. língua de sinais grega.

Introdução

O estudo faz parte de um projeto de pós-doutorado de dois anos (fevereiro de 2014 a março de 2016) sobre o simbolismo da fonologia fechada de línguas naturais (orais e de sinais), que foi realizado na Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), Pelotas - RS, Brasil. Em particular, examinou a forma de mão Y como um fonema fechado de línguas de sinus (SLs), ao lado de forma de mão A e suas alofones (por exemplo, as formas de mão S e Å), com base na *iconicidade diagramática*, de acordo com a qual formas (por exemplo, fonemas) são *diagramas* ou *ícones* que “representam as relações das partes de uma coisa por relações análogas em suas próprias partes” (WAUGH, 1994, p.56), assemelhando-se e/ou imitando objetos em relação à similaridade de relações entre suas partes. Assim, nas SLs e nas línguas orais há iconicidade em seu léxico, e a chave para sua compreensão é comparar suas correspondências estruturadas. (EMMOREY, 2014).

Uma conexão entre a forma, o significado e os referentes do mundo real é possível através do simbolismo quando as unidades livres de conteúdo transmitem significado em certos contextos lingüísticos (AURACHER et al.2011; PERNISS; THOMPSON;

* Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), Centro de Letras e Comunicação, Pelotas – Rio Grande do Sul – Brasil. maria.d.mertzani@gmail.com. ORCID: 0000-0002-4617-9144

VIGLIOCCO, 2010). Portanto, cada objeto pode ter um nome inerentemente correto conhecido a partir do próprio objeto, a partir de seus dados denotados (PERNISS; THOMPSON; VIGLIOCCO, 2010). O estudo adota a tipologia do simbolismo de Hinton, Nichols e Ohala (1994) como a união direta entre forma e significado, onde certos fonemas e supra-segmentais “são escolhidos para representar consistentemente propriedades visuais, táteis ou proprioceptivas de objetos, como tamanho ou forma”. Essa relação é mais transparente nas SLs, já que eles fazem uso da iconicidade em uma extensão muito maior do que as línguas faladas (TAUB, 2001). Sua modalidade visual-manual fornece “recursos mais ricos para criar semelhanças estruturais entre forma e significado fonológico,” já que sua modalidade tridimensional visual “permite a expressão icônica de uma ampla gama de estruturas conceituais básicas, como ações humanas, movimentos, locais e formas de objetos” (EMMOREY, 2014, p.1574).

A investigação de tal analogia baseia-se no fato de que objetos visuais são caracterizados por fronteiras ou contornos que delimitam suas propriedades geométricas no espaço visual (por exemplo, tamanho, forma, localização) (BREITMEYER; TAPIA, 2011), e sua codificação deriva de combinações “de um número modesto de primitivos categorizados baseados em contrastes perceptivos simples” (BIEDERMAN, 1987, p.145), que podem permitir configurações canônicas. Foi então hipotetizado que a forma de Y é culturalmente selecionada para se assemelhar aos contornos encontrados em cenas naturais, especialmente aquelas de referenciais do mundo real.

O Estudo

Embora a forma de Y seja uma forma de mão *marcada* (em termos de sua frequência proporcional; não ocorre com frequência) na maioria das SLs (cf. VAN DER KOOIJ; CRASBORN, 2016) como na Língua Americana de Sinais (ASL) e na Língua Grega de Sinais (GSL), o estudo tem como objetivo mostrar alguns mapeamentos convergentes em determinado contexto e para semelhantes e/ou os mesmos referentes. Para os fins deste exame, foram utilizados os seguintes dicionários: (i) o *Online Dictionary of Concepts in GSL* pelo Educational Policy Institute (2013), e o *Dictionary of Sign Language* por Magganaris (1998); e (ii) o *American Sign Language handshape dictionary* por Tennant e Gluzak Brown (1998), dos quais 64 sinais envolvendo a forma de mão Y (nas mãos dominantes e não dominantes) foram extraídos (veja o Apêndice), seguindo a ordem de aparição nos dicionários.

Os sinais coletados também foram cruzados com os seguintes dicionários: para GSL, com o *Dictionary of Sign Language* por Logiadis e Logiadi (1985), e o *System of Greek Signs* por Triantafyllides (1990); e para ASL, com o *American Sign Language dictionary* por Costello (2008), e o *A historical and etymological dictionary of American Sign Language* por Shaw e Delaporte (2015). Além disso, foi utilizado o dicionário online *Spreadthesign* (2012), permitindo que os itens lexicais das duas SLs sejam comparados globalmente.

Os dados são relatados qualitativamente, com base numa abordagem de *leitura atenta* (close reading approach) (KANEKO; SUTTON-SPENCE, 2012) que envolveu o *modelo de construção analógica de três estágios* (TAUB, 2004) para demonstrar a relação entre a forma de mão Y, seu significado e referentes. Ao fazer isso, três etapas foram seguidas: a *seleção* de uma imagem mental associada ao conceito/referente original; a *esquematisação* de características essenciais da imagem; e a *codificação* do esquema resultante, a própria forma de mão Y. Os dados também envolveram estatística descritiva devido à pequena amostra do estudo.

Tabela 1 – Significados de ASL e sua frequência.

SIGNIFICADOS DE ASL	TOTAL
Quantidade, medida, similaridade, tempo	10
Terra, país, lugar, presença	5
Cabeça, atividade mental, borda	4
Cavidade, volume	4
Perda, ruim, negatividade	4
Vida, animais	3
Luz, cor	2
Movimento	2
Outro: líquidos; felicidade	2
TOTAL:	36

Fonte: Elaboração própria.

Resultados

Conforme as Tabelas 1 e 2, a forma Y em ASL (n = 36) e GSL (n = 28) é usada em quase os mesmos domínios semânticos, embora sua frequência seja diferenciada em cada SL. Na ASL, a forma refere-se mais frequentemente aos significados de ‘quantidade, medição e tempo’ (por exemplo, MEDIDA, ONTEM, OBESO), e ‘terra, localização, referência e presença’ (por exemplo, PAÍS, NOVA-IORQUE, PRESENTEMENTE), enquanto na GSL, aparece com mais frequência nos significados de ‘movimento’ (por exemplo, BRINCAR, DAR-UM-PASSEIO, TRICOTAR), ‘quantidade, medição e tempo’ (por exemplo, ETERNIDADE QUINTA-FEIRA), e ‘vida / animais’ (por exemplo, VACA, ANIMAIS, MAMÍFERO). A comparação revela domínios comuns, embora a articulação da maioria dos sinais seja diferente.

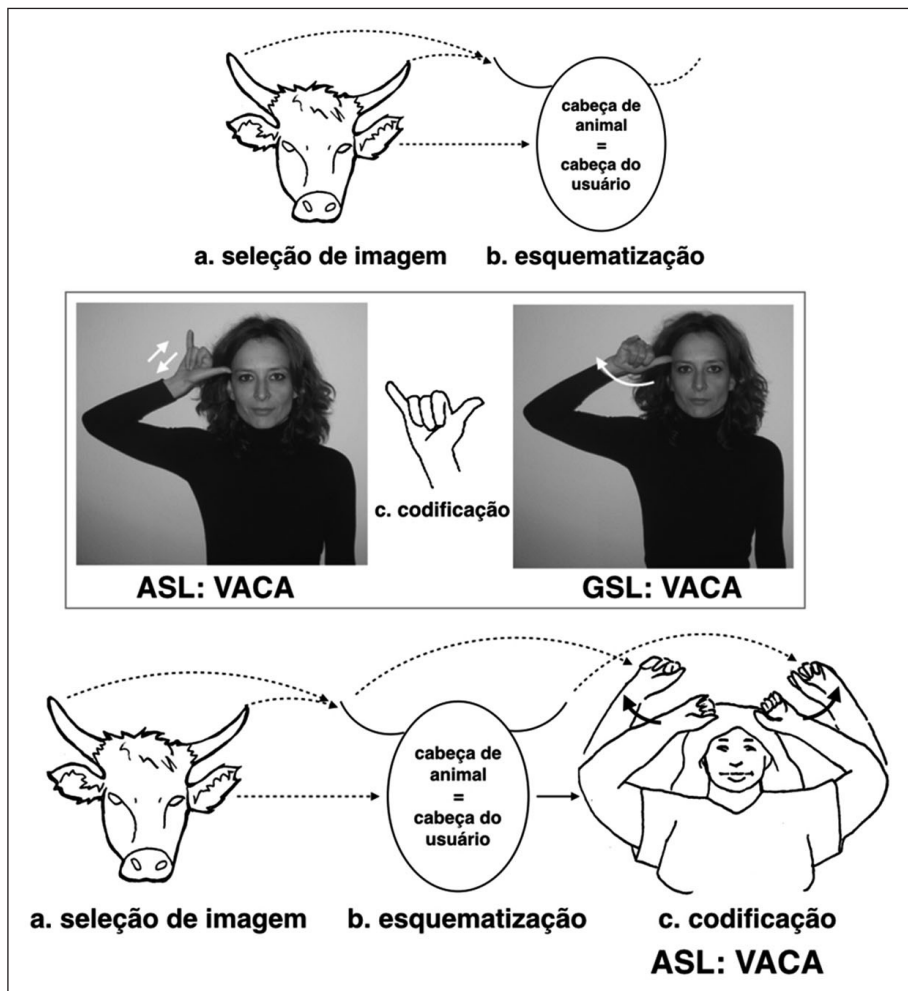
Tabela 2 – Significados de GSL e sua frequência.

SIGNIFICADOS DE GSL	TOTAL
Movimento	5
Quantidade, medida, tempo	5
Vida, animais	4
Terra, lugar, presença	3
Perda, ruim, negatividade	3
Comunidade	3
Outro: cavidade, felicidade, cabeça	3
Luz, cor	2
TOTAL:	28

Fonte: Elaboração própria.

A exceção é o sinal de VACA, pois é o mesmo em ambas as SLs, embora sua execução seja ligeiramente diferente no movimento da forma de mão (Fig. 1). No geral, a forma Y parece expressar animais, especialmente mamíferos (por exemplo, em ASL, TOURO, HIPOPÓTAMO, RINOCERONTE), um resultado que também indica uma preferência tanto pela ASL quanto pela GSL em relação à fonologia fechada para a representação de animais e organismos vivos. Neste caso, a forma Y corresponde, por exemplo, a boca aberta do animal (o hipopótamo), ao chifre de rinoceronte e/ou aos chifres de uma vaca ou touro (Fig. 2), em outras palavras, aos referentes cujos contornos visualmente formam um esquema arredondado e/ou carregam a redondeza, como os chifres cônicos dos animais. Na GSL, os sinais ANIMAIS e MAMÍFEROS são realizadas por essa forma específica, talvez devido à metonímia referente ao gado. Em ASL, os chifres também são executados pela forma de mão S (COSTELLO, 2008), um alofone da forma de mão A, que também imita a redondeza de seu referente. Ambas as mãos em uma forma O fechada imitam a exploração dos chifres, movidas para cima enquanto forma um pequeno arco, e terminam na forma S (veja a Fig. 1).

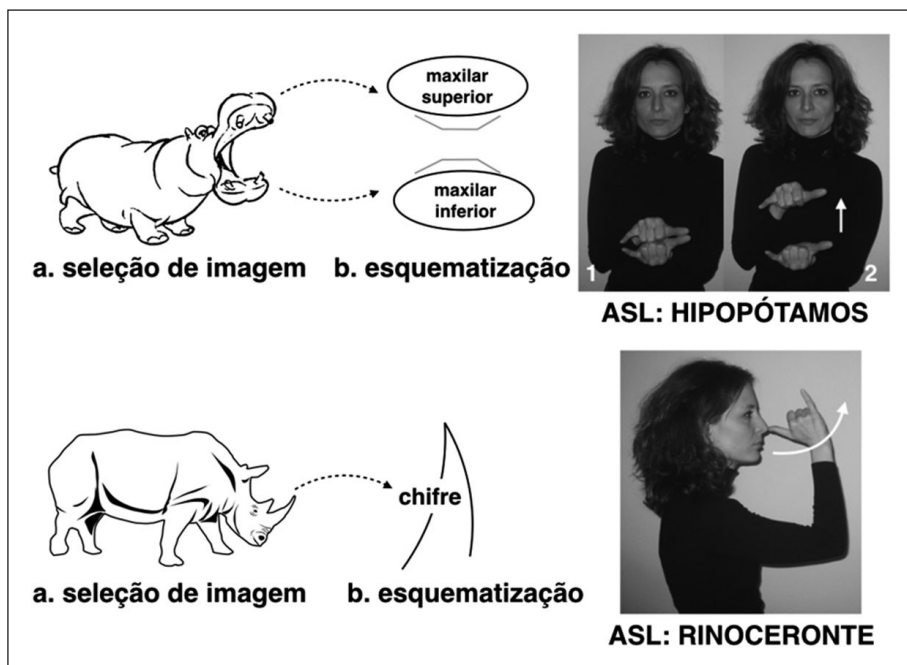
Figura 1 – O modelo de construção analógico para o sinal cow¹



Fonte: Elaboração própria.

¹ Em ambos os SLs, o sinal VACA também é de duas mãos, normalmente, porém, é executado como uma mão. Na GSL, também é um composto pelos sinais de CHIFRE (articulado com a forma Y) e LEITE (articulado com a forma S), descrevendo a cabeça do animal e sua ordenha.

Figura 2 – O modelo de construção analógico para os sinais em ASL, HIPOPÓTAMO e RINOCERONTE²



Fonte: Elaboração própria.

Baseado no modelo de construção analógica de três estágios, a forma Y no domínio ‘terra, localização, referência e presença’, demonstra sua associação com o simbolismo ‘animal / vida’. Por exemplo, nos sinais ESPANHA³ (na GSL) e HOLANDA⁴ (na ASL), representa a cabeça de uma vaca/touro, referindo-se, assim, à tourada na Espanha e ao gado para a pecuária leiteira na Holanda. Na GSL, o sinal ATENAS é gravado para ser expresso por tanto a forma Y (LOGIADIS; LOGIADI, 1985) e/ou por a forma A (Fig. 3), uma descoberta que atesta sua função alternativa. Nesse caso, sua fonologia fechada representa o lugar, a cidade (Atenas) no meio da forma B,⁵ denotando coletividade (por exemplo, a cidade como um grupo de pessoas) e, portanto, entidade. A sua indicação para o centro da forma B indica o epicentro do país como capital.

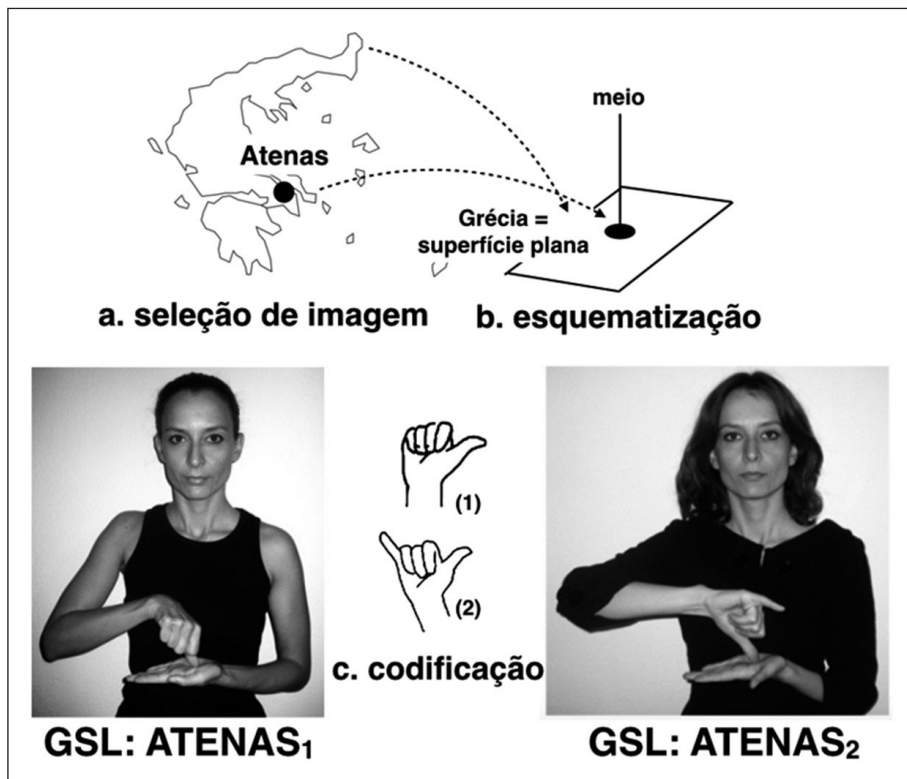
² No hipopótamo, os dedos da forma Y combinam com os dentes salientes do animal.

³ Este é um sinal antigo registrado por Triantafyllides (1991, p. 104). Atualmente, o sinal mudou e é articulado com a forma A.

⁴ Outra versão deste signo refere-se ao chapéu tradicional de seu povo.

⁵ Ambas as formas de mão denotam “terra/lugar”, mas a diferença está na primazia da mão. A forma de mão B tem um papel explicativo secundário em relação à forma em Y da mão principal. É subordinada, servindo como o locus onde o principal referencial (Atenas) está localizado.

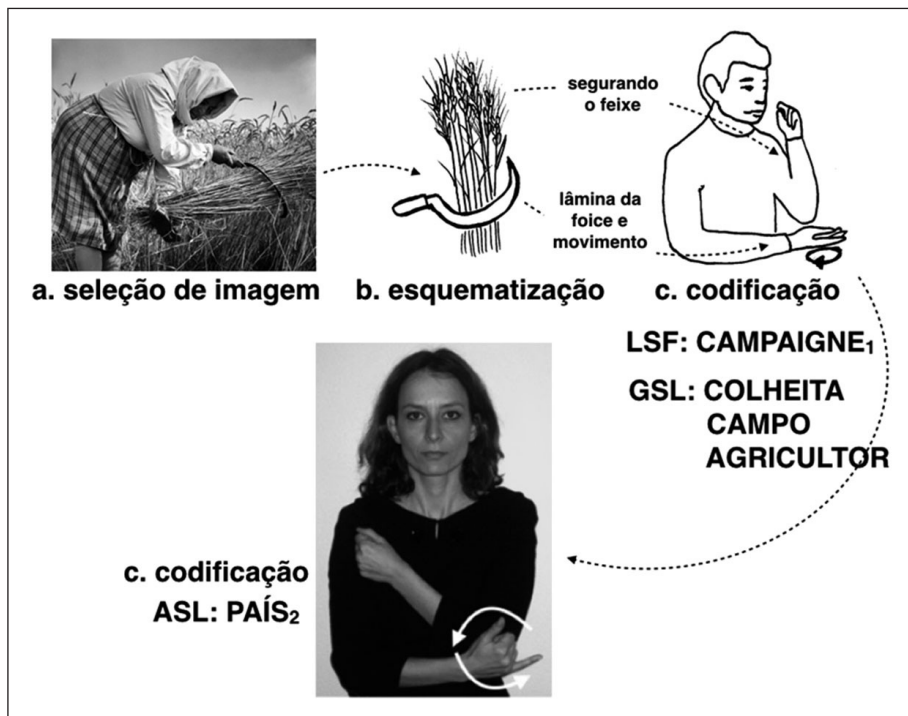
Figura 3 – O modelo de construção analógico para o sinal ATENAS em GSL



Fonte: Elaboração própria.

Na ASL, o sinal PAÍS (ou TERRA) refere-se a um estado ou nação ou seu território, e a áreas rurais, ao contrário de cidades e vilas (COSTELLO, 2008). De fato, sua etimologia é baseada no sinal francês CAMPAIGNE (campo), que imita a ação de colheita, o corte de trigo com uma foice (veja a Fig. 4). Este sinal de ASL (PAÍS) com a forma Y é a segunda e alternativa versão daquele com a forma B, que também vem do seu correspondente francês (cf. SHAW; DELAPORTE, 2015), imitando a superfície da lâmina da foice. O fato de que o domínio ‘terra’ é expresso por uma forma fechada (como a forma Y), corrobora com a pesquisa atual de simbolismo sonoro que mostra fonemas fechados (meio-para-trás) para se conectar a significados de terra, grandeza e/ou magnitude (MIALL, 2001; NOBILE, 2011).

Figura 4 – A etimologia do sinal PAÍS em ASL⁶



Fonte: Elaboração própria.

O domínio ‘comunidade’ aparece apenas na GSL, em que a forma Y denota relações familiares, como PRIMO e PARENTES. Essa é mais uma indicação do mapeamento da fonologia fechada para significados de grupos e relações sociais (veja acima para ATENAS), que, em certa medida, se associam ao domínio ‘vida’, como se referem ao *homem* em geral (e assim, para uma entidade). Para a GSL, quanto mais próxima é a relação familiar, mais fechada é a fonologia do sinal. Por exemplo, relações familiares de primeiro grau (por exemplo, MÃE, PAI) são executadas pela forma de mão A (na cabeça), fonologicamente uma forma mais fechada do que a forma Y, que expressa o segundo e/ou terceiro grau relativo (Fig. 5).

⁶ O sinal é originário do francês CAMPAIGNE (campo), que é exatamente o mesmo na GSL para COLHEITA, CAMPO, e AGRICULTOR.

Figura 5 – Exemplos da forma de mão Y no domínio da comunidade⁷

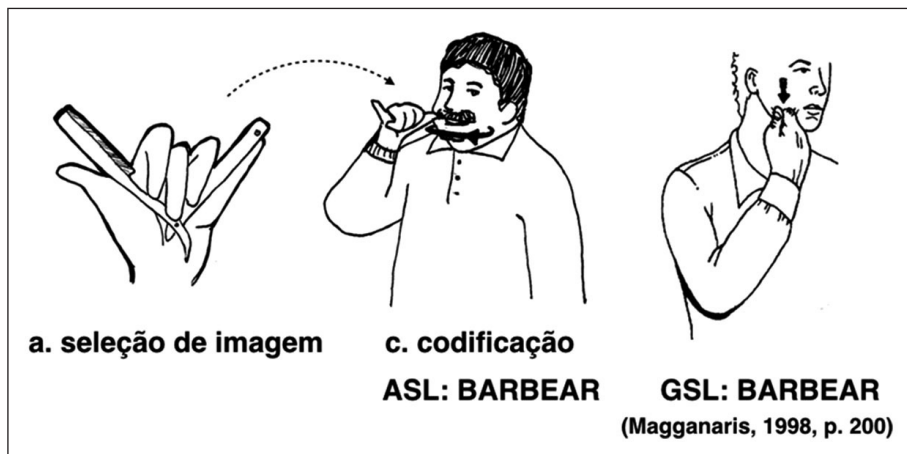


Fonte: Elaboração própria.

A correspondência fonológica também ocorre no domínio ‘cavidade-volume’ para os sinais AVIÃO e TELEFONE, em que a parte fechada da forma imita o volume do corpo das referências específicas, e seus dedos estendidos, as asas da aeronave e/ou o telefone. Na ASL, a forma H também se alterna com a forma Y para a articulação de AVIÃO. Neste domínio, a forma Y também imita a manipulação do referente (por exemplo, em ASL, FERRO e BARBEAR), mapeando assim parcialmente a sua redondeza, considerando, por exemplo, a forma redonda da pegada de um ferro e/ou a forma cilíndrica da aeronave (cf. BIEDERMAN, 1987, p.132). Embora haja alguma variedade no desempenho do FERRO em ASL, na GSL ele é assinado com a forma de mão Â, mostrando esse manuseio exato. Para o sinal BARBEAR, ambas as formas de mão aparecem, dependendo da forma da navalha, embora o movimento difira (Fig. 6). Essa alternância de configuração de mão também demonstra a forte analogia da forma Y com a forma do referente.

⁷ O fechamento da forma da mão indica uma direção centrípeta em direção ao usuário, e na cabeça (por exemplo, segurando a colher para alimentar no sinal MÃE). A forma de mão Y é fonologicamente mais aberta do que a forma de mão A, denotando direção longe de si mesmo, e facção.

Figura 6 – Os sinais BARBEAR em ASL e GSL⁸



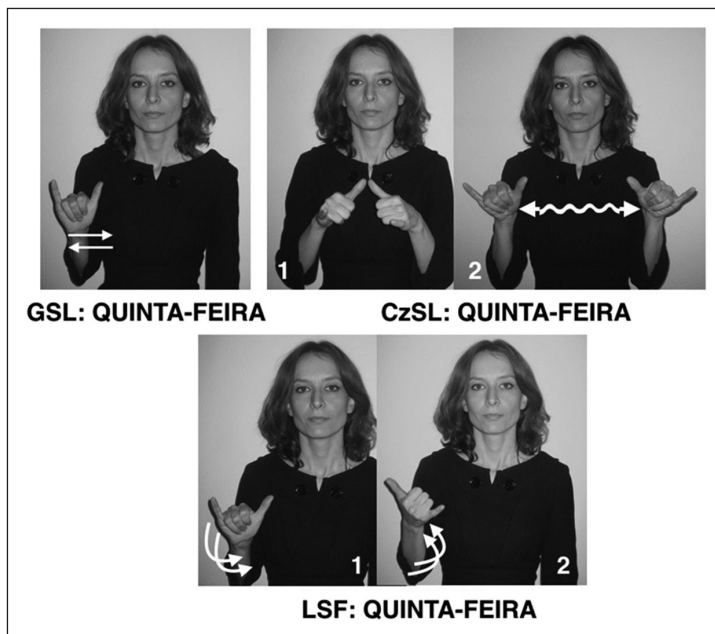
Fonte: Elaboração própria.

No domínio ‘quantidade, medida e tempo’, a forma Y aparece em primeiro lugar nos conceitos de tempo. Por exemplo, o sinal AINDA (transmite o conceito de continuidade no futuro; cf. COSTELLO, 2008; SHAW; DELAPORTE, 2015) aparece em ambas as SLs independentemente da sua articulação diferente. Além disso, o sinal ONTEM em ASL aparece com a forma de mão A e Y, enquanto na GSL, apenas com a forma A. Em outros casos, como na GSL para QUINTA-FEIRA, a forma Y é suportada para representar uma forma antiga do número cinco (TRANTAFYLLIDES, 1990), que é encontrada em outras SLs europeias (por exemplo, romena, checa, francesa; cf. SPREADTHESIGN, 2012) (Fig. 7), e no tradicional *shaka* havaiano que também representa o número cinco. A explicação mais provável para tal correspondência foi a antiga adoração generalizada de Vênus⁹ (como uma estrela da manhã e da noite, correspondendo ao sol e à lua), cujo símbolo de estrela de cinco pontas representava o número cinco. Portanto, a forma de mão, a *mano cornuta* bem conhecida, representava-a como a deusa da vaca (cf. MERTZANI, 2017). Curiosamente, o sinal de ASL QUINTA-FEIRA (e TERÇA) é realizado com a forma de mão T (também uma forma fechada) (COSTELLO, 2008), que na antiguidade era conhecida como *mano fico* (> Latin, *fica*: vulva), a forma de mão de Vênus também.

⁸ Em GSL, a forma de mão A é usada quando o sinal se refere à máquina de barbear. Quando a articulação se refere à navalha da imagem, a forma Y é usada.

⁹ Artefatos arqueológicos mostram que o polegar e o dedo mínimo, partes da forma de Y, eram dedicados a Vênus, o sol e a lua, e envolviam representações com chifres, como uma cabeça feminina com chifres (ELWORTHY, 1900).

Figura 7 – A forma de mão Y no sinal QUINTA-FEIRA



Fonte: Elaboração própria.

Na GSL, os meses de verão JUNHO e JULHO são gravados para serem assinados pela forma Y (LOGIADIS; LOGIADI, 1985, p.72), embora suas formas inicializadas sejam preferidas atualmente. Além disso, Triantafyllides (1990) documentou junho com a forma \hat{A} , sugerindo sua origem na competição¹⁰ escolar no final do ano letivo. Seguindo essa interpretação, as formas de mão parecem significar duas entidades opostas, muito provavelmente, considerando a gravação mais antiga da forma Y, dois animais com chifres, como ocorre no sinal de ASL ANTAGÔNICO (ver abaixo). Esta noção de entidade pode ser reivindicada para o sinal ETERNIDADE, como se alguém se movesse para frente no futuro. Sob os significados da ‘medida’ (em ASL, MEDIDA, RÉGUA, TAMANHO), a forma Y se relaciona novamente com unidades padrão, como na GSL para o número cinco, e/ou para instrumentos marcando as unidades (por exemplo, a régua).

No domínio ‘movimento’, a forma Y se associa a significados como ‘caminhar’ e ‘brincar’ (por exemplo, DAR-UM-PASSEIO, BRINCAR). Nestes, a forma Y representa a entidade inteira agindo (um humano, um animal, etc.), como é encontrada em outras SLs (FRISBERG, 1979; HERLOFSKY, 2007; TANG; YANG, 2007; TANG, 2003). A iconicidade é mais forte quando a representação envolve máquinas/instrumentos (cf. PADDEN; MEIR; HWANG, et al., 2014), como dos sinais de ASL ELABORAÇÃO/

¹⁰ Em língua de sinais italiana, junho também denota competição, realizado por mãos fechadas; seja pela forma A ou pela X (SPREADTHESIGN, 2012).

ENGENHARIA e TRICOTAR, onde o manuseio também está envolvido (por exemplo, o manuseio de agulhas de tricô ou parafusamento). Com relação ao sinal BRINCAR em ASL, Shaw e Delaporte (2015, p.203) associam sua etimologia ao sinal francês JOUER (brincar) representando os dois Js (como formas de mão inicializadas). O sinal, porém, é executado quase da mesma maneira em outras SLs (por exemplo, brasileira, turca, indiana; cf. SPREADTHESIGN, 2012), que não estão relacionadas com a Língua Francesa de Sinais (LSF), como GSL, dentro de uma grande distância geográfica.

Menos frequentemente, o exame semântico de GSL e ASL demonstrou que a forma Y denota conceitos de ‘luz’ em termos do espectro de luz. Assim, a forma de mão refere-se a cores brilhantes como AMARELO e LOIRO em ASL, e AZUL e BEGE em GSL (Fig. 8). O resultado dessa comparação corrobora a pesquisa psicolinguística que associa a fonologia fechada (por exemplo, as vogais redondas /o/ e /u/) para as mesmas cores (MARKS, 1982; TAMBOVTSEV, 1988). Em ASL, o sinal AMARELO também é usado como a segunda forma de mão para o sinal OURO, que, por sua vez, é usado para o sinal CALIFÓRNIA, devido à conexão do estado com a extração de ouro (COSTELLO, 2008; SHAW; DELAPORTE, 2008). Neste sinal, a forma de mão Y refere-se etimologicamente à inicialização do francês <J> da palavra *jaune* (amarelo) (SHAW; DELAPORTE, 2008), que, posteriormente, leva à palavra *iaune* e, portanto, a Io ou a Vênus (cf. MERTZANI, 2017), cujo símbolo foi a vaca como acima mencionado.

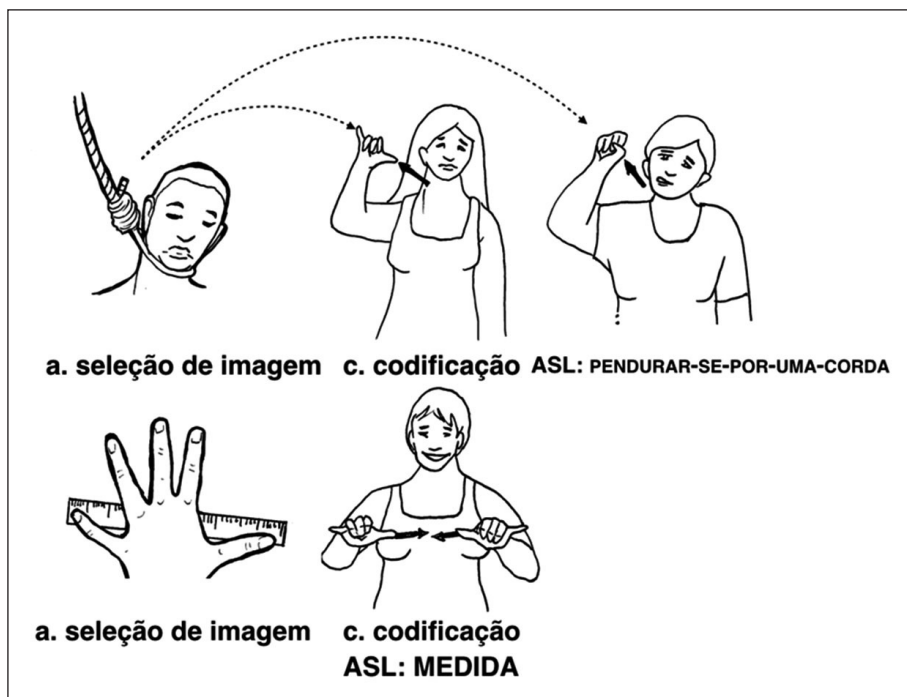
Figura 8 – A forma de mão Y no domínio luz e cores



Fonte: Elaboração própria.

No domínio ‘perda/dano’, a forma Y se refere ao manuseio de objetos como em ASL, o sinal **PENDURAR-SE-POR-UMA-CORDA**, que é executado tanto pela forma de mão A quanto pela forma de mão Y. Neste caso, a extensão dos dedos corresponde à linearidade do referente (por exemplo, a corda), como ocorre no domínio ‘quantidade, medição e tempo’ para **MEDIDA**, **TAMANHO** e **RÉGUA** em ASL (cf. COSTELLO, 2008; SHAW; DELAPORTE, 2015) (Fig. 9). Outra representação mimética é o sinal **ANTAGÔNICO** (cf. CONTRÁRIO, **CABEÇA-DURA**, **RABUGENTO**), cuja forma Y representa dois animais se opondo um ao outro, com suas cabeças e chifres se encontrando (COSTELLO, 2008), correspondendo assim aos domínios ‘vida/animal’ e ‘cabeça/borda’ (Fig. 10).

Figura 9 – Exemplos de uso de forma Y nos domínios ‘perda/dano’ e ‘quantidade, medição e tempo’



Fonte: Elaboração própria.

Figura 10 – A forma de mão Y no sinal de ASL ANTAGÔNICO e seus sinônimos



Fonte: Elaboração do autor.

Em ASL, IMPOSSÍVEL está etimologicamente ligado ao seu signo cognato francês (SHAW; DELAPORTE, 2015), em que a forma Y parece representar a cabeça, correspondendo, portanto, à 'borda/cabeça' e, por extensão, aos domínios 'vida/animal'. O sinal sob o mesmo conceito existe na GSL (por exemplo, na GSL, IMPOSSÍVEL, NUNCA), embora a execução seja diferente (Fig. 11). Curiosamente, a etimologia de ERRADO em ASL (cf. ACIDENTALMENTE, POR-ENGANO; COSTELLO, 2008), também mostra sua conexão com o sinal francês TROMPER (enganar), que foi baseado na mano cornuta. Além disso, sob este mesmo domínio de 'perda/dano', esta conexão com a mano cornuta é mostrada para o sinal de ASL BOBO (SHAW; DELAPORTE, 2015), bem como para os sinais IRONIA e SARCÁSTICO (COSTELLO, 2008), que são executados tanto pela forma Y como pela forma H.

Figura 11 – A forma de mão no sinal IMPOSSÍVEL



Fonte: Elaboração própria.

Embora seja encontrada uma vez em ASL e GSL no domínio ‘felicidade’, a articulação do sinal ENTRETENIMENTO concorda com o sinal DAR-UM-PASSEIO (cf. domínio do movimento) e sua etimologia dada através do sinal BRINCAR. Além disso, o sinal de ASL CÔMICO/HUMOROSO é etimologicamente explicado pela mano cornuta, justificando assim a sua fonologia fechada para os domínios ‘cabeça/borda’ e/ou ‘animal/vida’.

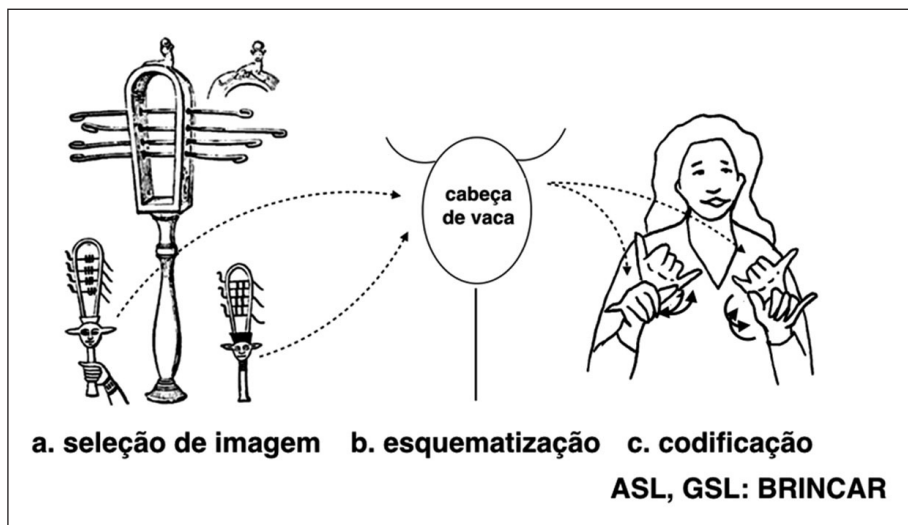
O significado ‘líquidos’ foi encontrado apenas no ASL, como no sinal BÊBADO, em que a forma Y representa a ação física de beber de uma garrafa. Representações similares são documentadas em ASL para os sinais LOÇÃO e PERFUME (COSTELLO, 2008), enquanto em GSL, a forma de mão A° é preferida (por exemplo, ÓLEO, BEBER) imitando a forma redonda de garrafas, copos e vasos (cf. also BAKER; COKELY, 1980).

Discussão e conclusão

Embora a frequência da forma Y seja rara, sua comparação em ASL e GSL demonstrou convergência fonológica quase sob os mesmos domínios semânticos. De fato, essa correspondência parece ser devida à função metonímica da forma Y, sob o significado principal de uma vaca. Seguindo a etimologia do ASL na LSF, o sinal VACA encontra-se no domínio ‘terra’ (por exemplo, ESPANHA, HOLANDA, CALIFÓRNIA); no domínio ‘luz’ (OURO, AMARELO, LOIRO); no domínio ‘perda/dano’ (ANTAGÔNICO, IMPOSSÍVEL, BOBO, ERRADO); e nos domínios ‘felicidade’ (CÔMICO, HUMOROSO) e ‘movimento’ (ENTRETENIMENTO). Da mesma forma, GSL usou este sinal nos significados de ‘animal/vida’, ‘quantidade/medida’ (por exemplo, QUINTA-FEIRA), e nos domínios ‘luz’ (AZUL, BEGE) e ‘movimento’ (BRINCAR). Sob todos esses significados, o sinal VACA está ligado ao antigo mano cornuta, que era sagrado para Vênus e Deusa Mãe em geral. Esta explicação também confirma a conexão francesa e as etimologias de Y na letra <J> (cf. SHAW; DELAPORTE, 2015).

Por exemplo, a etimologia do sinal BRINCAR de *jouer* (> Latim *iocārī* > *iocus* > AG: *ἰωγῆ*: um grito de alegria ou dor) leva à vaca Io (cf. além disso *íó*: exclamação de alegria ou tristeza), à mano cornuta, e seu sistrum, que este estudo sugere ser representado pelos sinais DAR-UM-PASSEIO (cf. também *ἰω*, to go), e BRINCAR (e ENTRETENIMENTO). Da mesma forma, para a etimologia dos franceses *jaune-iaune* para os sinais AMARELO, OURO e CALIFÓRNIA. Nesses casos, a forma Y representa a vaca (sua cabeça) e o manuseio e rotação do instrumento (o sistrum). Na verdade, o cabo do sistrum usado para representar a face da vaca da deusa (Fig. 12). Além disso, suas cores sagradas foram as deste estudo (por exemplo, azul¹¹ e branco) (GUBERNATIS, 1872), que também são denotados nos significados de aloha¹² (por exemplo, brilhar, luz branca; cf. ANDREWS, 1922) com o qual o shaka havaiano se associa. Em outras culturas, como nos aborígenes australianos (o povo Walmajarri), a forma Y do sinal KUNGA significa mulher, que também concorda com os significados em discussão. Mais uma vez, a conexão da mulher com este sinal é explicada pela antiga representação do triângulo púbico (o útero e as trompas de falópio) como a cabeça da vaca (MERTZANI, 2017).

Figura 12 – A associação do BRINCAR com o sistrum



Fonte: Elaboração própria.

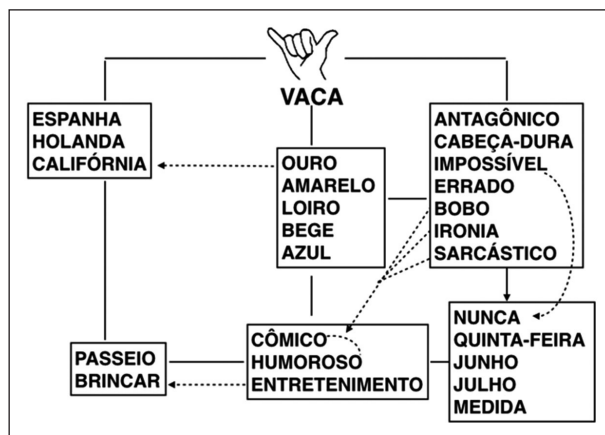
No geral, a forma Y mapeia as formas de seus referentes. Na maioria dos casos, corresponde ao semicírculo e/ou à forma U, isto é, a foice da lua, os chifres, as mandíbulas e o tubo; em outras palavras, aos referentes que carregam simultaneamente redondeza e angularidade/linearidade, ou apenas angularidade/linearidade (Fig. 13).

¹¹ Na Língua de Sinais Espanhola, a cor azul é articulada com as formas Y e H.

¹² A etimologia de aloha (e seus derivados, *alohi*, *alohikea*, etc.) envolve as palavras: *alo*, a face; *ha*, a cor azul; e *oi*, o fluxo de água, o mar (ANDREWS, 1922).

No que diz respeito a este último, os dedos estendidos da mão Y correspondem à forma linear de, isto é, a corda, a régua e a lâmina, um resultado que lembra Gibson (1929) argumentando sobre a representação da angularidade e/ou linearidade através da redondeza, mas não o contrário. Ou seja, uma forma redonda não pode ser representada por formas lineares/angulares. Neste caso, o fechamento da forma Y é análoga ao fechamento do círculo, que, nos sinais em estudo, corresponde, por exemplo, ao volume de uma pessoa obesa, ao corpo cilíndrico do plano, e ao manejo dos itens (o telefone, ferro, garrafa, etc.). Essa relação é mais clara em sinais articulados tanto pela forma Y quanto pela forma A (ou seus alofones), já que a segunda é uma forma de fechamento completa e, portanto, análoga ao círculo.

Figura 13 – Sinais produzidos pela forma Y como mano cornuta



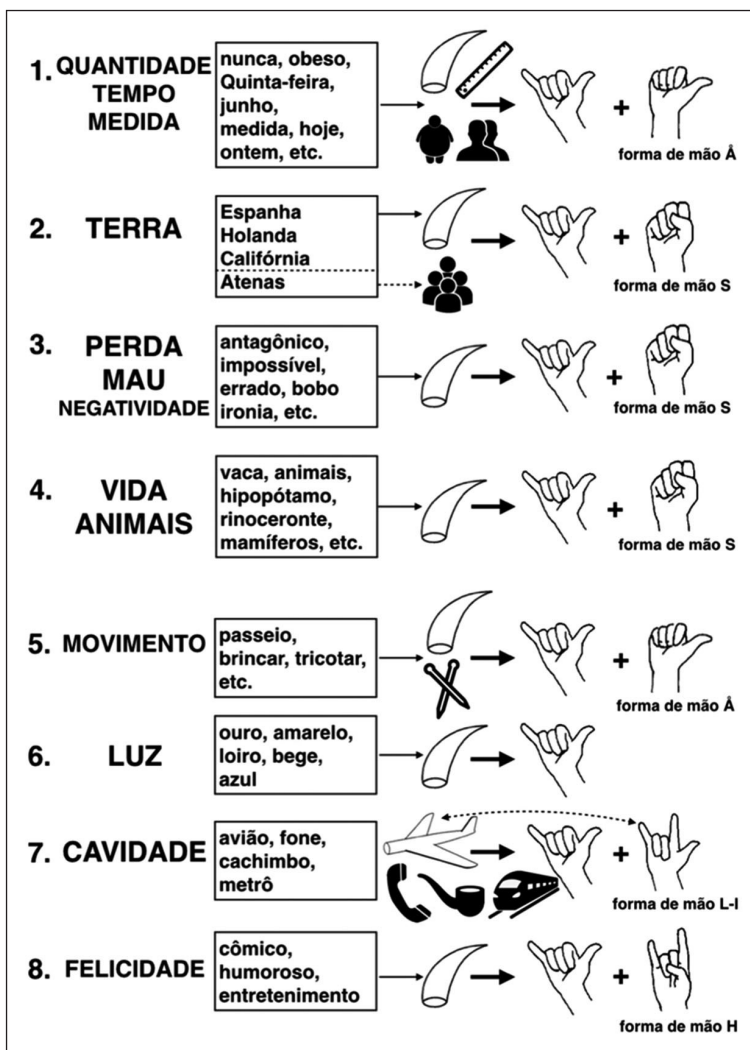
Fonte: Elaboração própria.

Há também poucas ocasiões em que a forma Y se alterna com a forma H que também se conecta à mano cornuta. Devido a essas associações, o estudo aborda a necessidade de estabelecer um quadro comparativo em que lingüística, arqueologia e/ou antropologia possam fornecer evidências pertinentes para melhor compreensão de tal convergência transcultural dentro de um continuum histórico. Tal análise, especialmente onde a forma Y é considerada para representar as letras das línguas orais (por exemplo, <J>), sugere um exame cuidadoso da etimologia dos signos lexicalizados, consultando a lingüística histórica e comparativa. A mano cornuta é um exemplo ilustrativo, pois compartilha um passado histórico e cultural com as SLs modernas, cognatas e não-cognatas.

Baseada em abundante iconografia arqueológica e artefatos, a forma de mão específica (como uma forma Y e H) é registrada não apenas na Europa e no Mediterrâneo, mas também nas Américas do Norte, Central e do Sul, e em Ásia (China, Índia, etc.) através da história. Além disso, pessoas surdas usaram línguas de sinais indígenas na América do Norte antes de entrar em contato com a LSF (MCKEE; KENNEDY, 2000;

STOKOE, 2001), enquanto, baseado em fontes gregas antigas (por exemplo, Platão), os surdos da época deveriam estar familiarizados com o contexto e o uso de mano cornuta. Como resultado, ao longo do processo de convencionalização diacrônica (DEMEY; VAN HERREWEGHE; VERMEERBERGEN, 2008), parte de suas qualidades icônicas permaneceu intacta e, à medida que seu léxico se desenvolveu, analogias estruturais foram criadas (principalmente por causa da polissemia lexical) de acordo com fatores contextuais, devido aos quais ela perdeu sua iconicidade original. A Fig. 14 exibe tais conexões em ASL e GSL, com base nos resultados deste estudo para a forma Y.

Figura 14 – Resumo da forma Y nos domínios semânticos



Fonte: Elaboração própria.

O estudo limitou-se a examinar as categorias conceituais sob as quais os sinais de mãos Y das duas SLs foram classificados. Assim, o objetivo não foi revelar - em uma comparação sinal-sinal (como na metodologia da lexicostatística) - sinais idênticos e/ou similares, principalmente porque a pequena amostra não permitiria tal conduta de pesquisa. No entanto, sua metodologia de leitura atenta permitiu a compreensão profunda das conexões semânticas, determinando possíveis relações históricas dos signos e analogias significativas no vocabulário das duas SLs.

Agradecimento

Este estudo foi financiado pela CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Código: 42003016039P5). Agradeço à minha colega Mirna Xavier Gonçalves UFPEL, de Pelotas - RS, por suas ilustrações em língua de sinais neste estudo. Ela possui os direitos autorais deste trabalho.

MERTZANI, M. On the iconicity of the y-handshape. *Alfa*, São Paulo, v.62, n.3, p.613-635, 2018.

- *ABSTRACT: As part of a two-year research project, the study examines the diagrammatic iconicity of the Y-handshape of two non-cognate sign languages; the American Sign Language and Greek Sign Language. In a sample of sixty-four signs, and through a close reading approach, it demonstrates the association of the specific handshape with real-world referents that have simultaneously a round and angular form (e.g. cylinder; cone), or only an angular/linear shape. It also shows its historic association with the ancient traditional sign mano cornuta, addressing its metonymy in meanings relating to quantity, earth, life, loss, light and cavity.*
- *KEYWORDS: Y-handshape. mano cornuta. iconicity. American Sign Language. Greek Sign Language.*

REFERÊNCIAS

ANDREWS, L. **A Dictionary of the Hawaiian language**. Honolulu, Hawaii: The Board of Commissioners of Public Archives of the Territory of Hawaii, 1922.

AURACHER, J.; Albers, S.; Zhai, Y.; Gareeva, G.; Stavniychuk, T. P is for Happiness, N is for Sadness: Universals in Sound Iconicity to Detect Emotions in Poetry. **Discourse Processes**, n.48, p.1-25, 2011.

BAKER-SHENK, C. L.; COKELY, D. **American Sign Language: A Teacher's Resource Text on Grammar and Culture**. Washington, DC: Gallaudet University Press, 1980.

BIEDERMAN, I. Recognition-by-Components: A Theory of Human Image Understanding. **Psychological Review**, n.94(2), p.115-147, 1987.

BREITMEYER, B. G.; TAPIA, E. Roles of Contour and Surface Processing in Microgenesis of Object Perception and Visual Consciousness. **Advances in Cognitive Psychology**, n.7, p.68-81, 2011.

COSTELLO, E. **American Sign Language Dictionary**. New York, NY: Random House, 2008.

DEMEY, E.; VAN HERREWEGHE, M.; VERMEERBERGEN, M. Iconicity in Sign Languages. In: WILLEMS, K.; DE CUYPERE, L. (Ed.). **Naturalness and Iconicity in Language**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2008. p.189-214.

EDUCATIONAL POLICY INSTITUTE. **Online Dictionary of Concepts in GSL**. Athens, Greece: National Strategic Reference Framework ESPA 2007-2013, Operational Programme "Education and Lifelong Learning," 2013. Disponível em: <<http://prosvasimo.gr/el/online-lexiko-ennoiwn>>. Acesso em: 1 mar. 2016.

ELWORTHY, F. T. **Horns of Honour and Other Studies in the By-Ways of Archaeology**. London: John Murray, 1900.

EMMOREY, K. Iconicity as Structure Mapping. **Philosophical Transactions of the Royal Society B**, n.369, ago. 2014. Disponível em: <<http://rstb.royalsocietypublishing.org/content/369/1651/20130301>>. Acesso em: 15 mar. 2016.

FRISBERG, N. Arbitrariness and Iconicity: Historical Change in American Sign Language. **Language**, n.51(3), p.696-719, 1979.

GIBSON, J. J. The Reproduction of Visually Perceived Forms. **Journal of Experimental Psychology**, n.12(1), p.1-39, 1929.

GUBERNATIS, A. **Zoological Mythology or the Legends of Animals**. v.I. London: Trubner & Co, 1872.

HERLOFSKY, W. J. Iconic Thumbs, Pinkies and Pointers. The Grammaticalization of Animate-Entity Handshapes in Japan Sign Language. In: TABAKOWSKA, E.; LJUNGBERG, C.; FISCHER, O. (Ed.). **Insistent Images**. Amsterdam, The Netherlands: John Benjamins, 2007. p.37-53.

HINTON, L.; NICHOLS, J.; OHALA, J. J. Introduction: Sound-Symbolism Processes. In: OHALA, J. J.; HINTON, L.; NICHOLS, J. (Ed.). **Sound Symbolism**. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1994. p.1-12.

KANEKO, M.; SUTTON-SPENCE, R. Iconicity and Metaphor in Sign Language Poetry. **Metaphor and Symbol**, n.27(2), p.107-130, 2012.

LOGIADIS, N.; LOGIADI, M. N. **Dictionary of Sign Language**. Λεξικό νοηματικής γλώσσας (in Greek). Athens: Potamitis Press, 1985.

MAGGANARIS, T. **Sign Language Dictionary**. Εγχειρίδιο νοηματικής γλώσσας (in Greek). Thessaloniki: European Social Fund “Employment – HORIZON” & Aristotle University of Thessaloniki, 1998.

MARKS, L. E. Bright Sneezes and Dark Coughs, Loud Sunlight and Soft Moonlight. **Journal of Experimental Psychology: Human Perception and Performance**, n.8(2), p.177-193, 1982.

MCKEE, D.; KENNEDY, G. Lexical Comparison of Signs from American, Australian, British, and New Zealand Sign Languages. In: EMMOREY, K.; LANE, H. (Ed.). **The Signs of Language Revisited: An Anthology to Honor Ursula Bellugi and Edward Klima**. Mahwah, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 2000. p.49-76.

MERTZANI, M. Iconicity in Ancient Languages. A Case Study of KA-RA in Greek. **Cadernos do LEPAARQ**, n.14(27), p.72-88, 2017.

MIALL, D. S. Sounds of Contrast: An Empirical Approach to Phonemic Iconicity. **Poetics**, n.29, p.55-70, 2001.

NOBILE, L. Words in the mirror: Analysing the sensorimotor interface between phonetics and semantics in Italian. In: MICHELUCCI, P.; FISCHER, O.; LJUNGBERG, C. (Ed.). **Iconicity in Language and Literature 10: Semblance and Signification**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2011. p.101-132.

Padden, C.; Meir, I.; Hwang, S.; Lepic, R.; Seegers, S.; Sampson, T. Patterned Iconicity in Sign Language Lexicons. **Gesture**, n.13(3), p.287-308, 2013.

PERNISS, P.; THOMPSON, R. L.; VIGLIOCCO, G. Iconicity as a General Property of Language: Evidence from Spoken and Signed Languages. **Frontiers in Psychology**, n.1(227), dez. 2010. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3153832/>>. Acesso em: 15 mar. 2016.

SHAW, E.; DELAPORTE, Y. **A Historical and Etymological Dictionary of American Sign Language**. Washington, DC: Gallaudet University Press, 2015.

SPREADTHESIGN. Örebro, Sweden: European Sign Language Centre, 2012. Disponível em: <www.spreadthesign.com>. Acesso em: 1 mar. 2016.

STOKOE, W. C. **Language in Hand. Why Sign Came Before Speech**. Washington, DC.: Gallaudet University Press, 2001.

SUPALLA, T. Revisiting Visual Analogy in ASL Classifier Predicates. In: EMMOREY, K. (Ed.). **Perspectives von Classifier Constructions in Sign Language**. Mahwah, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 2003. p.249-258.

TAMBOVTSEV, Y. A. Associations of Colors with Russian Vowels. **Bulletin of the Psychonomic Society**, n.26(4). p.353-354, 1988.

TANG, G. Verbs of Motion and Location in Hong Kong Sign Language: Conflation and lexicalization. In: EMMOREY, K. (Ed.). **Perspectives on Classifier Constructions in Sign Language**. Mahwah, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 2003. p.143-166.

TANG, G.; YANG, GU. Events of Motion and Causation in Hong Kong Sign Language. **Lingua**, n.117, p.1216-1257, 2007.

TAUB, S. F. **Language from the Body: Iconicity and Metaphor in American Sign Language**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

TENNANT, R. A.; GLUSZAK BROWN, M. **The American Sign Language Handshape Dictionary**. Washington, D.C.: Gallaudet University Press, 1998.

TRIANAFYLLIDES, G. **System of Greek signs**. Σύστημα ελληνικών νευμάτων (in Greek). Thessaloniki: “The friends of the Deaf in Thessaloniki” Club, 1990.

VAN DER KOOIJ, E.; CRASBORN, O. A. Chapter 11: Phonology. In: BAKER, A.; VAN DEN BOGAERTE, B.; PFAU, R.; SCHERMER, T. (Ed.). **The Linguistics of Sign Languages: An Introduction**. Amsterdam: John Benjamins, 2016. p.251-278.

WAUGH, L. R. Degrees of Iconicity in the Lexicon. **Journal of Pragmatics**, n.22, p.55-70. 1994.

Apêndice

SINAIS DE ASL	SINAIS DE GSL
AH-EU-VEJO	VACA
AMARELO	IMPOSSÍVEL
FICAR, PERMANECER, AINDA	AVIÃO
EU-TAMBÉM, EM-COMUM, MESMO, SIMILAR	SOBRINHO
VACA, TOURO	DAR-UM-PASSEIO
BÊBADO	ENTRETENIMENTO
LOIRO	ANIMAIS
TELEFONE	AZUL
HOLANDA, HOLANDÊS	PRIMO
BOBO, ABSURDO, LOUCURA, TOLO, RIDÍCULO	JOGO, BRINCAR
PENDURAR-SE-POR-CORDA	QUINTA-FEIRA
BARBEAR	CACHIMBO
ERRO, ERRADO	NUNCA
ONTEM	POUSAR (AVIÃO)
AQUELE	PARENTES
IMPOSSÍVEL	BANHEIRO, WC
HIPOPÓTAMO	AINDA
PASSAR-ROUPA	ETERNIDADE, CONTINUAMENTE
MEDIR	TRICOTAR
NOVA-YORK	TOURO
RINOCERONTE	ESPANHA
METRÔ	JUNHO
PORQUE	LENTO
JOGAR	PASSEIO
AGORA, PRESENTEMENTE	ÂTENAS
CONTRÁRIO, ANTAGÔNICO, CABEÇA-DURA, RABUGENTO	MAMÍFEROS
MEDIDA, RÉGUA, TAMANHO	PRESA
AINDA-ASSIM, AINDA	BEGE
UNIFORME, UNIVERSAL	
HUMOROSO, CÔMICO	
ELABORAÇÃO, ENGENHARIA	
GORDO, OBESO	
PAÍS	
PALAVRA-GRANDE	
JURAR, AMALDIÇOAR	
HOJE	

ÍNDICE DE ASSUNTOS

- Adjunção, p. 573
- Análise Articulatória, p. 591
- Análise do discurso, p. 447
- Aquisição da linguagem, p. 591
- Benefactivo, p. 573
- Bluteau, p. 513
- Brasileirismos, p. 513
- Comparação de discursos, p. 447
- Comunicação de Massa, p. 469
- Construção com verbo-suporte, p. 543
- Discurso científico tradicional, p. 447
- Discurso científico-político-empresarial, p. 447
- Discurso Político, p. 469
- Estrutura argumental, p. 573
- Fernando Collor, p. 469
- Fonética acústica, p. 591
- Forma de mão Y, p. 613
- Iconicidade, p. 613
- Língua de sinais americana, p. 613
- Língua de sinais grega, p. 613
- Locativo, p. 573
- Mano cornuta, p. 613
- Manutenção e Mudança linguística, p. 487
- Mesclagem Conceptual, p. 469
- Nome predicativo, p. 543
- Paralelismo Sintático, p. 469
- Parser* XIP, p. 543
- Português brasileiro, p. 591
- Redes Sociais de Interação, p. 487
- Sociolinguística, p. 487
- Testes Sintáticos, p. 573
- Tupí Antigo, p. 513
- Verbos, p. 573
- Verbo-operador causativo, p. 543
- Verbo-suporte, p. 543
- Vocabulário Português, e Latino, p. 513

SUBJECT INDEX

- Acoustic phonetics*, p. 591
- Adjunction*, p. 573
- American Sign Language*, p. 613
- Argument Structure*, p. 573
- Articulatory Analysis*, p. 591
- Beneficiary*, p. 573
- Bluteau*, p. 513
- Brasilianisms*, p. 513
- Brazilian Portuguese*, p. 591
- Causative operator verb*, p. 543
- Comparison of discourses*, p. 447
- Conceptual Blending*, p. 469
- Discourse analysis*, p. 447
- Fernando Collor*, p. 469
- Greek Sign Language*, p. 613
- Iconicity*, p. 613
- Language Acquisition*, p. 591
- Locative*, p. 573
- Mano cornuta*, p. 613
- Mass Media*, p. 469
- Old Tupi*, p. 513
- Political Discourse*, p. 469
- Predicative noun*, p. 543
- Scientific-political-business discourse*, p. 447
- Social Networks*, p. 487
- Sociolinguistics*, p. 487
- Support verb*, p. 543
- Support verb constructions*, p. 543
- Syntactic Tests*, p. 573
- Syntatic Parallelism*, p. 469
- Variation and change*, p. 487
- Verbs*, p. 573
- Vocabulario Portuguez, and Latin*, p. 513
- XIP parser*, p. 543
- Y-handshape*, p. 613

ÍNDICE DE AUTORES
AUTHOR INDEX

BAPTISTA, J., p. 543
BERLINCK, R. de A., p. 439
BERTI, L. C., p. 591
BIAR, L. de A., p. 469
CABRAL, A. S. A. C., p. 543
GLUSHKOVA, M., p. 447
LOPES, J. D., p. 513
MAMEDE, N., p. 543
MERTZANI, M., p. 613
MILIORINI, R., p. 573
MOURA, H., p. 573
OLIVEIRA, A. M. de, p. 591
OLIVEIRA, E. V. de M., p. 487
PINHEIRO, D., p. 469
RASSI, A., p. 543
VALE, O., p. 543

NORMAS PARA APRESENTAÇÃO DE ORIGINAIS DA

Alfa: Revista de Linguística

1. Informações gerais

A *Alfa*: Revista de Linguística, financiada pela Pró-Reitoria de Pesquisa da UNESP – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” –, Brasil, publica, em edições *online*, bilíngues e quadrimestrais, trabalhos inéditos de professores e pesquisadores, com titulação mínima de doutor, e de doutorandos em coautoria com professores e pesquisadores doutores vinculados a instituições de ensino e pesquisa nacionais ou internacionais. O número máximo de coautores não deve ser maior que três. Os números regulares são organizados com base no sistema de fluxo contínuo, e os números especiais, quando editados, são organizados em chamadas específicas, de acordo com a conveniência do(s) organizador(es). A revista publica artigos, resenhas, entrevistas e traduções vinculados a todas as linhas de pesquisa dos estudos linguísticos.

A contribuição dos artigos deve ser original e inédita e não pode ser avaliada simultaneamente para publicação por outra revista. As resenhas devem referir-se somente a obras recentemente publicadas: no Brasil, nos dois últimos anos e, no exterior, nos quatro últimos anos; as traduções devem ser, de preferência, de artigos científicos e de capítulos de livros publicados até doze meses antes da data da submissão; as entrevistas devem ser realizadas com pesquisadores de prestígio

acadêmico reconhecido tanto no Brasil quanto no exterior.

Sem o conhecimento da autoria, dois membros do Conselho Editorial emitem parecer sobre os trabalhos. Em caso de um parecer ser favorável e outro contrário, o trabalho é enviado a um terceiro parecerista, que também não tem acesso ao nome do(s) autor(es). Depois da análise, cópias dos pareceres são encaminhadas ao(s) autor(es) juntamente com instruções para modificações, quando for o caso.

Os trabalhos podem ser redigidos em português, francês, inglês, espanhol ou italiano. Para artigos escritos em português, *TÍTULO, RESUMO* e *PALAVRAS-CHAVE* precedem o texto e *TITLE, ABSTRACT* e *KEYWORDS* sucedem o texto. Para artigos escritos em outros idiomas, *TÍTULO, RESUMO* e *PALAVRAS-CHAVE* que precedem o texto devem ser escritos no idioma do artigo; os que sucedem o texto devem ser em português, no caso de artigos em inglês; e em inglês, no caso de artigos em francês, espanhol ou italiano.

Todos os artigos são publicados num formato bilíngue tendo, necessariamente, o inglês como língua da segunda versão. Os autores que submeterem à aprovação um artigo originalmente em inglês devem, caso ele seja aceito, providenciar sua versão em português, seguindo as mesmas orientações indicadas para a versão em língua inglesa. Só são publicados os artigos que tiverem aceitas as versões em português (ou outra língua escolhida)

e em inglês. A não aceitação de uma das versões por parte dos revisores implica a não publicação do artigo.

Os trabalhos que não se enquadrarem nas normas da revista são devolvidos aos autores, ou são solicitadas adaptações, indicadas em carta pessoal.

Dados e conceitos emitidos nos trabalhos, bem como a exatidão das referências bibliográficas, são de inteira responsabilidade dos autores.

2. Apresentação dos trabalhos

Encaminhamento: O(s) autor(es) deve(m) realizar o cadastro (Login/Senha) no site da revista, na seção Submissões Online, preencher corretamente o perfil e escolher a opção “AUTOR”. Após haver realizado esses passos, deve(m) ir para “SUBMISSÕES ATIVAS” e iniciar o processo de submissão através do link “CLIQUE AQUI PARA INICIAR O PROCESSO DE SUBMISSÃO”, no qual irá realizar os cinco passos básicos:

1. Início: Iniciar o processo de submissão, confirmando se está(ão) de acordo com as condições estabelecidas pela revista (marcando as caixas de seleção das condições e da declaração de direito autoral) e selecionar a seção artigos;
2. Inclusão de metadados: indicar os dados principais – nome, sobrenome, e-mail, instituição, resumo da biografia com a titulação completa do(s) autor(es), título e resumo;
3. Transferência de manuscritos: realizar a transferência do arquivo para o sistema;
4. Transferência de documentos suple-

mentares: realizar a transferência de arquivos com informações suplementares, que funcionam como um apêndice do texto principal ou como anexo a ele, tais como instrumentos de pesquisa, conjuntos de dados e tabelas, que seguem os padrões de ética de avaliação, fontes de informação normalmente não disponíveis para leitores, ou figuras e/ou tabelas que não podem ser integradas ao texto em si;

5. Confirmação: concluir a submissão.

Após concluir os cinco passos descritos, o(s) autor(es) deve(m) aguardar o e-mail do editor e, nesse ínterim, pode(m) acompanhar todo o fluxo de seu trabalho, da submissão, aceite, avaliação, reedição do original até a publicação. Os artigos, após a submissão, são designados aos avaliadores definidos pelo conselho ou pelos editores da revista. A política de seleção dos artigos é definida pelos membros do Conselho Editorial, Consultivo e Editores da revista, disponibilizadas na seção “Sobre a Revista”, “Processo de Avaliação por Pares”.

3. Preparação dos originais

3.1. Apresentação

A preparação do texto deve obedecer aos seguintes parâmetros: *Word for Windows*, fonte *Times New Roman*, tamanho 12, espaçamento 1,5 no corpo do texto, papel tamanho A4 (21 cm x 29,7 cm), margens esquerda e superior 3,0 cm, direita e inferior 2,0 cm e extensão mínima de 15 e máxima de 30 páginas, incluindo referências e anexos e/ou apêndices. O texto deve atender

as regras do novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, que passou a ser obrigatório no Brasil a partir de janeiro de 2016. Devem ser submetidas duas versões do trabalho: uma contendo o nome e a filiação do(s) autor(es) e outra em que estejam apagadas todas as menções ao(s) autor(es), inclusive citações e referências bibliográficas.

3.2. Estrutura do trabalho

Para elaboração do artigo, o(s) autor(es) deve(m) obedecer à seguinte sequência:

Título: o título do artigo deve aparecer em caixa alta e em negrito, centralizado no alto da primeira página, em espaçamento simples;

Nome do(s) autor(es): o(s) nome(s) do(s) autor(es) devem vir à direita da página, na terceira linha abaixo do título, com asterisco remetendo à nota de rodapé para apresentação dos metadados do(s) autor(es). Esses metadados correspondem às seguintes informações, na ordem: sigla e nome por extenso da instituição a que o(s) autor(es) está(ão) vinculado(s); cidade; estado; país; CEP; e-mail;

Resumo: texto, de, no mínimo, 150 palavras e, no máximo, 200, contendo resumo do artigo, que indique seus objetivos, referencial teórico utilizado, resultados obtidos e conclusão, precedido da palavra RESUMO, em caixa alta, na terceira linha abaixo do nome do autor, sem adentramento e em espaçamento simples;

Palavras-chave: inserir um máximo de sete palavras-chave, separadas por ponto, precedidas do termo PALAVRAS-CHAVE, em caixa alta, mantendo-se o espaçamento simples, na segunda linha abaixo do resumo. Para maior facilidade

de localização do trabalho em consultas bibliográficas, as palavras-chave devem corresponder a conceitos mais gerais da área do trabalho;

Texto: o corpo do texto inicia-se na terceira linha abaixo das palavras-chave, em espaçamento um e meio;

Subtítulos: os subtítulos correspondentes a cada parte do trabalho, referenciados a critério do(s) autor(es), devem estar alinhados à margem esquerda, em negrito, sem numeração, com dois espaços de 1,5 depois do texto que os precede e um espaço 1,5 antes do texto que os segue;

Agradecimentos: quando houver, os agradecimentos seguem a mesma diagramação dos subtítulos, precedidos da palavra “**Agradecimentos**” destacada em negrito;

Título do artigo em inglês: para artigos redigidos em português, francês, espanhol e italiano, insere-se o título em inglês duas linhas abaixo do final do texto, em espaçamento simples, sem caixa alta e negrito;

Abstract: versão do resumo, em inglês (para artigos redigidos em português, francês, espanhol e italiano), em itálico, precedida da palavra *ABSTRACT*, em caixa alta e em itálico, em espaçamento simples, na terceira linha depois do título do artigo em inglês;

Keywords: versão das palavras-chave, em inglês (para artigos redigidos em português, francês, espanhol e italiano), em itálico, precedida da expressão *KEYWORDS*, em caixa alta e em itálico, em espaçamento simples, na terceira linha depois do abstract;

OBS.: No tocante às três últimas instruções, artigos redigidos em inglês devem inserir a versão em português do título, do *resumo* e das palavras-chave.

Referências: sob o subtítulo **REFERÊNCIAS, em caixa alta**, alinhado à esquerda, em negrito e sem adentramento, devem ser mencionadas as referências em ordem alfabética e cronológica, indicando-se as obras de autores citados no corpo do texto, separadas por espaço simples, na terceira linha abaixo das palavras-chave em inglês (cf. 3.3.1 a seguir);

Bibliografia consultada: na terceira linha abaixo das referências, se considerado imprescindível, sob o subtítulo **BIBLIOGRAFIA CONSULTADA**, em caixa alta, alinhado à esquerda, em negrito e sem adentramento, na terceira linha abaixo das Referências, podem ser indicadas, também em ordem alfabética e cronológica, obras consultadas ou recomendadas, não referenciadas no texto.

3.3. Outras instruções

3.3.1. Normas para referências

As referências devem ser dispostas em ordem alfabética pelo sobrenome do primeiro autor e seguir a NBR 6023 da ABNT, de agosto de 2002: espaço simples e um espaço entre cada obra. Caso a obra seja traduzida, é necessário informar o nome do tradutor.

Exemplos:

Livro

AUTHIER-REVUZ, J. **Palavras incertas:** as não coincidências do dizer. Tradução de Cláudia Pfeiffer et al. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1998.

CORACINI, M. J.; BERTOLDO, E. S. (Org.). **O desejo da teoria e a contin-**

gência da prática. Campinas: Mercado das Letras, 2003.

LUCHESE, D. **Sistema, mudança e linguagem:** um percurso na história da linguística moderna. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

Capítulos de livro

PÊCHEUX, M. Ler o arquivo hoje. In: ORLANDI, E. P. (Org.). **Gestos de leitura: da história no discurso.** Tradução de Maria das Graças Lopes Morin do Amaral. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1994. p.15-50.

Dissertações e tese

BITENCOURT, C. M. F. **Pátria, civilização e trabalho:** o ensino nas escolas paulista (1917-1939). 1998. 256 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

Artigos em periódicos

SCLIAR-CABRAL, L.; RODRIGUES, B. B. Discrepâncias entre a pontuação e as pausas. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, n.26, p.63-77, 1994.

Artigos em periódicos online

SOUZA, F. C. Formação de bibliotecários para uma sociedade livre. **Revista de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, n.11, p.1-13, jun. 2001. Disponível em: <...>. Acesso em: 30 jun. 2001.

Artigos em jornal

BURKE, P. Misturando os idiomas. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 13 abr. 2003. Mais!, p.3.

EDITORA plagiou traduções de clássicos. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 4 nov. 2007. Ilustrada, p.6.

Documento eletrônico

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. Coordenadoria Geral de Bibliotecas. Grupo de Trabalho Normalização Documentária da UNESP. Normalização Documentária para a produção científica da UNESP: normas para apresentação de referências. São Paulo, 2003. Disponível em: <...>. Acesso em: 15 jul. 2004.

Trabalho de congresso ou similar (publicado)

MARIN, A. J. Educação continuada. In: CONGRESSO ESTADUAL PAULISTA SOBRE FORMAÇÃO DE EDUCADORES, 1., 1990. **Anais...**São Paulo: UNESP, 1990. p.114-118.

Filmes

Macunaíma. Direção (roteiro e adaptação) de Joaquim Pedro de Andrade. Filmes do Serro/Grupo Filmes/Condor Filmes. Brasil: 1969. Rio de Janeiro: Videofilmes, 1969. Versão restaurada digitalmente, 2004. 1 DVD (105 minutos), color.

Pinturas, fotos, gravuras, desenhos:

ALMEIDA JÚNIOR. **Caipira picando fumo**. 1893. Óleo sobre tela. 17 cm X

23,5 cm. Pintura pertencente ao acervo da Pinacoteca do Estado de São Paulo. PICASSO, Pablo. [**Sem título**]. [1948]. 1 gravura. Disponível em: <<http://belgaleria.com.br>>. Acesso em 19 ago. 2015.

Discos e partes de discos:

CALAZANS, T. **Teca Calazans canta Villa Lobos**. Rio de Janeiro: Kuarup Discos, 1999. 1 CD.

CALAZANS, T. Modinha. In: CALAZANS, T. **Teca Calazans canta Villa Lobos**. Rio de Janeiro: Kuarup Discos, 1999. 1 CD.

3.3.2. Citação no texto

O autor deve ser citado entre parênteses pelo sobrenome, em letras maiúsculas, separado, por vírgula, da data de publicação (BARBOSA, 1980). Se o nome do autor estiver citado no texto, indica-se apenas a data entre parênteses: “Morais (1955) assinala...”.

Quando for necessário especificar página(s) (citações diretas), esta(s) deve(m) seguir a data, separada(s) por vírgula e precedida(s) de “p.” (MUNFORD, 1949, p.513).

As citações de diversas obras de um mesmo autor, publicadas no mesmo ano, devem ser discriminadas por letras minúsculas após a data, sem espaçamento (PESIDE, 1927a; 1927b). Quando a obra tiver dois ou três autores, todos podem ser indicados, separados por ponto e vírgula (OLIVEIRA; MATEUS; SILVA, 1943), e quando houver mais de 3 autores, indica-se o primeiro seguido de “et al.” (GILLE et al., 1960).

Citações diretas com mais de três linhas devem ser destacadas com recuo de 4 cm da margem esquerda, com letra tamanho 11, sem aspas e espaçamento simples. Citações com menos de três linhas devem seguir o fluxo normal do texto e vir destacadas apenas entre aspas. As citações de textos estrangeiros devem ser traduzidas para o português. Usar, sempre que possível, as traduções já existentes. O original deve aparecer em nota de rodapé.

3.3.3. Uso de recursos tipográficos: **itálico, negrito, sublinhado e aspas**

Itálico: deverá ser utilizado em três situações: palavras de língua estrangeira, citação de títulos de obras no corpo do texto, ênfase ou destaque de palavra ou trecho do texto.

Negrito: evitar esse recurso tipográfico. Utilizá-lo apenas no título do artigo, nas seções e subseções.

Sublinhado: evitar esse recurso tipográfico.

Aspas: podem ser usadas para destacar partes de obras principais, como títulos de poemas, artigos, capítulos. As obras principais devem ser destacadas em itálico conforme a indicação acima. As aspas devem ser empregadas no corpo do texto para citações de trechos de obras.

Exemplo:

A linguística é uma disciplina que “[...] se baseia na observação dos factos e se abstém de propor qualquer escolha entre tais factos, em nome de certos princípios estéticos e morais.” (MARTINET, 1972, p.3).

3.3.4. Notas

Notas devem ser reduzidas ao mínimo e colocadas no pé da página; remissões para o rodapé devem ser feitas por números, na entrelinha superior, após o sinal de pontuação, quando for o caso.

3.3.5. Ilustrações

Ilustrações compreendem figuras, desenhos, gráficos, quadros, mapas, esquemas, fórmulas, modelos, fotografias, radiografias. As legendas devem ser inseridas abaixo das ilustrações, numeradas consecutivamente em algarismos arábicos e centralizadas, na mesma fonte e tamanho do corpo do texto. As figuras, os desenhos, os gráficos, os quadros, os esquemas, as fórmulas e os modelos devem ser enviados em arquivo separado, no programa em que foram gerados. Os mapas, as fotografias e as radiografias também devem ser enviadas em arquivos separados e em alta resolução (300 dpi). As ilustrações devem ser designadas, no texto, na forma abreviada da palavra “Figura”: Fig. 1, Fig. 2 etc. É inteiramente do(s) autor(es) a responsabilidade pela veiculação de imagens, inclusive as que envolvem direitos autorais.

3.3.6. Tabelas e quadros

Tabelas devem ser usadas para apresentação de informações tratadas estatisticamente e quadros para sintetizar e organizar informações textuais. O título de tabelas insere-se na parte superior, centralizado, iniciado pela expressão “**Tabela 1**” em negrito, seguido por hífen e pelo título sem destaque,

na mesma fonte e tamanho do corpo do texto; o título de **ilustrações e quadros** deve ser apresentado na parte superior, centralizado, iniciado pela expressão designativa, como por exemplo, “**Quadro 1**” em negrito, seguido por hífen e pelo título sem destaque, na mesma fonte e tamanho do corpo do texto. A numeração é consecutiva, em algarismos arábicos; caso seja necessário especificar a fonte de dados, esta deverá ser colocada abaixo da tabela ou do quadro e o texto, alinhado à esquerda. Tabelas devem ser construídas com as bordas laterais abertas e sem linhas de separação de colunas. Quadros devem ter as bordas fechadas e apresentarem linhas de separação de colunas.

3.3.7. Anexos e/ou Apêndices

Quando imprescindíveis à compreensão do texto, e dentro do limite de 30 páginas, **Anexos e/ou apêndices**, seguindo a formatação dos subtítulos, devem ser incluídos no final do artigo, após as referências ou a bibliografia consultada.

3.3.8. Formato da resenha

A resenha deve conter, no início, a referência completa da obra resenhada, incluindo o número de páginas, em fonte *Times New Roman*, tamanho 14, espaçamento simples, sem título, sem resumo, sem palavras-chave. O(s) nome(s) do(s) autor(es) da resenha, em corpo 12, deve(m) vir na terceira linha abaixo da referência da obra resenhada, precedido(s) pela expressão “Resenhado por [nome(s) do(s) autor(es)]”. Deve(m) ser seguido(s) de asterisco(s) que remeta(m) a uma nota de rodapé contendo as seguintes informações: sigla e nome por extenso da

instituição a que o(s) autor(es) está(ão) vinculado(s); cidade; estado; país; CEP; e-mail. O texto da resenha deve vir na terceira linha abaixo do(s) nome(s) do(s) autor(es) em *Times New Roman*, corpo 12 e espaço 1,5.

A configuração da página é a seguinte: tamanho do papel: A4 (21,0x 29,7 cm); margens esquerda e superior 3,0 cm, direita e inferior 2,0 cm; extensão mínima de 4 e máxima de 8 páginas, incluindo referências bibliográficas e anexos e/ou apêndices; adentramento: 1,25cm para assinalar início de parágrafo; espaçamento: 1,5.

3.3.9. Formato da tradução

Os artigos traduzidos são submetidos ao processo de avaliação pelos pares, que decidem sobre a oportunidade e a conveniência de sua publicação. Devem seguir o formato de artigo, no que couber. Na segunda linha abaixo do nome do autor do texto traduzido, alinhado à direita, deve(m) aparecer o(s) nome(s) do(s) tradutor(es) no seguinte formato: “Traduzido por [nome(s) do(s) tradutor(es)]”, com asterisco que remeta a uma nota de rodapé com as seguintes informações: sigla e nome por extenso da instituição a que o(s) tradutor(es) está(ão) vinculados; cidade; estado; país; CEP; e-mail.

3.3.10. Formato da entrevista

As entrevistas são submetidas ao processo de avaliação pelos pares, que decidem sobre a oportunidade e a conveniência de sua publicação. A configuração formal da entrevista é a mesma que se requer para artigos, mas o título deve conter, além do tema geral, a expressão “Entrevista com [nome do entrevistado]”, sem destaque, com asterisco remetendo a uma

nota de rodapé que contenha uma breve resenha da biografia do entrevistado, que demonstre claramente sua relevância científica. O(s) autor(es) da entrevista deve(m) aparecer em seguida, de acordo com as normas estabelecidas para Artigos.

3.3.11. Normas para a versão em inglês

O(s) autor(es) de artigo aceito para a publicação em português, francês, espanhol ou italiano deve(m) providenciar a versão em inglês do texto até o dia estipulado no e-mail de notificação da aceitação. As normas para citação de autores no corpo do texto e para as referências bibliográficas da versão em inglês são as mesmas da versão em português. A *Alfa* designa revisores para a avaliação da versão em inglês do artigo. A revisão se restringe a conferir a qualidade da tradução, isto é, sua adequação ao padrão de uso da língua inglesa no gênero artigo científico.

Nas citações no corpo do texto de obras que têm edição publicada em língua inglesa, deve ser utilizada essa edição tanto no corpo do texto como nas referências bibliográficas. Em caso de não haver edição em inglês, o texto citado deve receber versão em inglês, e o texto na língua original da edição utilizada deve constar em nota de rodapé. Todas as traduções da versão em língua inglesa são de inteira responsabilidade do autor do texto.

Quando o artigo contiver figuras digitalizadas de anúncios em jornais e revistas ou similares, em português ou em outra língua, é necessário incluir a versão em inglês dos textos em nota de rodapé.

Quando o texto contiver exemplos cuja compreensão envolva a necessidade de

esclarecer traços morfossintáticos, é necessário incluir uma versão literal deles em glosa, seguida pela tradução em inglês comum entre aspas simples. Exemplo:

- (1) isso signific-a um aument-o de vencimento-s(D2-SP-360)
this mean-IND.PRS.3.SG a.M raise-NMLZ of salary-PL
'this means a raise in salary.'

Convenções para as glosas: ***The Leipzig Glossing Rules: conventions for interlinear morpheme-by-morpheme glosses***, editada pelo Departamento de Linguística do Max Planck Institute for Evolutionary Anthropology (Bernard Comrie, Martin Haspelmath) e pelo Departamento de Linguística da University of Leipzig (Balthasar Bickel); disponível em <http://www.eva.mpg.de/lingua/resources/glossing-rules.php>.

3.3.12. Transferência de direitos autorais – Autorização para publicação

Caso o artigo submetido seja aprovado para publicação, JÁ FICA ACORDADO QUE o(s) autor(es) AUTORIZA(M) a UNESP a reproduzi-lo e publicá-lo na *Alfa*: Revista de Linguística, entendendo-se os termos “reprodução” e “publicação” conforme definição respectivamente dos incisos VI e I do artigo 5º da Lei 9610/98. O ARTIGO poderá ser acessado pela rede mundial de computadores (WWW – Internet), sendo permitidas, A TÍTULO GRATUITO, a consulta e a reprodução de exemplar do ARTIGO para uso próprio de quem a consulta, desde que haja a citação ao texto consultado. ESSA autorização de publicação não tem limitação de tempo, FICANDO A UNESP responsável pela manutenção da identificação DO(S) AUTOR(ES) do ARTIGO.

3.3.13. Política de Privacidade

Os nomes e endereços informados nesta revista são usados exclusivamente para os serviços prestados por esta publicação, não sendo disponibilizados para outras finalidades ou a terceiros.

STAEPE – Seção Técnica de Apoio ao Ensino, Pesquisa e Extensão
Laboratório Editorial
Rodovia Araraquara-Jaú, km 01
14800-901 – Araraquara
Fone: (16) 3334-6275
e-mail: laboratorioeditorial@fclar.unesp.br
site: <http://www.fclar.unesp.br/laboratorioeditorial>

Produção Editorial:



